

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

CENTRO DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**MOBILIDADE ASCENDENTE, IDENTIDADE E ESTILOS DE VIDA DO
NEGRO (A) NO INTERIOR PAULISTA: O CASO DE SÃO CARLOS E
ARARAQUARA**

Thais Joi Martins

São Carlos

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

CENTRO DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**MOBILIDADE ASCENDENTE, IDENTIDADE E ESTILO DE VIDA DO
NEGRO (A) NO INTERIOR PAULISTA: O CASO DE SÃO CARLOS E
ARARAQUARA**

Thais Joi Martins

Dissertação apresentada à Banca de defesa do programa de pós-graduação em sociologia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Sociologia.

São Carlos

2009

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

M386ma

Martins, Thais Joi.

Mobilidade ascendente, identidade e estilos de vida do negro (a) no interior paulista : o caso de São Carlos e Araraquara / Thais Joi Martins. -- São Carlos : UFSCar, 2010.
205 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2009.

1. Relações raciais. 2. Negros - identidade racial. 3. Mobilidade social. 4. Trajetória social. I. Título.

CDD: 305 (20^a)



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

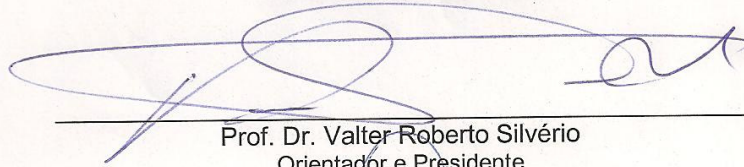
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676 13565-905 São Carlos - SP
Fone/Fax: (16) 3351.8673 www.ppgs.ufscar.br Endereço eletrônico: ppgs@ufscar.br

Thais Joi Martins

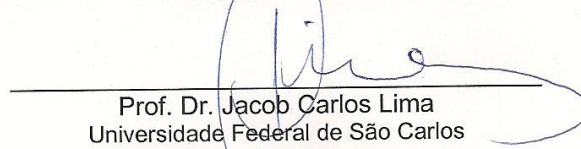
Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, no dia 25 de setembro de 2009 às 14h00, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em 25 de setembro de 2009

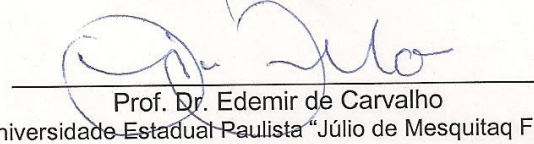
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Valter Roberto Silvério
Orientador e Presidente



Prof. Dr. Jacob Carlos Lima
Universidade Federal de São Carlos



Prof. Dr. Edemir de Carvalho
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Para uso da CPG

Homologado na ____ª Reunião da CPG-
Sociologia, realizada em ____/____/____

Profa. Dra. Maria da Glória Bonelli
Coordenadora do PPGS

Dedicatória

A meu bisavô Manuel Machado da Silva, Baiano e filho da escravidão.

A minha avó Maria Aparecida Martins, Baiana, neta de escravidão.

A meu pai Waldir Silva Martins, Paulista, bisneto da escravidão.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, pois sem o suporte financeiro e afetivo eu não teria tido fôlego suficiente para realizar este trabalho.

Agradeço também aos meus irmãos e a Cristina por terem a paciência de ficarem ouvindo os meus discursos.

Às minhas amigas de infância (Fernanda, Maria Fernanda, Raquel, Talita) que me traziam alegrias em todos os momentos em que eu me encontrava esgotada.

Aos meus colegas do Neab (Priscila, Paulo, Elaine, Thais Moya, Dita, Dener, Marisa) pelas longas conversas, pelo incentivo, pela força e pelas trocas intelectuais.

Agradeço as minhas duas amigas, Natália Silveira e Raquel Duaibs pela companhia, pelas conversas, pelos congressos e pela amizade que não terminará por aqui.

Aos amigos que fiz no MQ na UFMG e ao excelente curso de metodologia quantitativa.

Aos empresários e profissionais liberais de São Carlos e Araraquara que gentilmente me concederam as entrevistas e sem as quais este trabalho não teria sido realizado.

Ao centro de referências Afro de Araraquara e a Marcinha que muito me ajudou na seleção dos entrevistados e me recebeu com muita atenção no centro.

Ao meu orientador, Valter Roberto Silvério, pelas longas conversas, pelas trocas teóricas, pela paciência em me receber sempre quando eu estava ansiosa com meu trabalho.

Ao meu companheiro Mauro, pelos conselhos, pelo aprendizado, pela paciência de agüentar as minhas lamentações e alegrias e por me escutar horas e horas sem reclamar.

À Deus que me deu forças e inspiração nos piores momentos e que me concedeu imensas descobertas e muito aprendizado nestes dois anos.

RESUMO

Este trabalho tem como foco trazer algumas reflexões sobre a identidade e a trajetória de alguns profissionais liberais e empresários negros do Oeste Paulista. O objetivo é saber como estes negros (as) traçam suas trajetórias e estilos de vida e significam e resignificam as suas identidades ao alcançarem cargos e posições importantes no mercado de trabalho, ou seja, quando adquirem uma mobilidade social e econômica ascendente. Desta forma, o estudo contará primeiramente com uma revisão bibliográfica parcial sobre as temáticas supracitadas e, posteriormente, com uma descrição analítica dos dados obtidos nas entrevistas realizadas com sujeitos da pesquisa dos municípios de São Carlos e Araraquara. Terá também como objetivo específico fazer uma análise qualitativa com o propósito de se obter resultados mais precisos para a reflexão de forma não conclusiva sobre a construção da identidade e a inserção do negro (a) em uma posição não típica, para este grupo, no mercado de trabalho brasileiro.

Palavras-chave: Identidade negra; Mobilidade ascendente; Estilos de vida

ABSTRACT

This work has the focus to bring reflection about identity and trajectory of some black professionals and businessman from west of the State of Sao Paulo. We search to know how these black people walk their path and lifestyle and meaning and remaining their identity when reach important posts and positions at the work market, that is, when reach a raising social and economic mobility. In this way, first counting on a bibliographic review about the thematics cited above and subsequently with an analytic descriptive moment that will count on exposition and analysis of the data obtained in interviews made with middle class black people from local authority of Sao Carlos and Araraquara. It has also the intention to do a qualitative analysis so we can get more precisely results for reflection in a conclusive way about the construction of the black people's identity and insertion in the Brazilian work market.

Keywords: Black Identity; Upward mobility; Lifestyles

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Ficha escolar do entrevistados e seus pais	104
Quadro 2 -	Trajetória profissional	110
Quadro 3 -	Profissão dos entrevistados.....	113
Quadro 4 -	Estilos de vida e ascensão social	133
Quadro 5 -	Estilos de vida	134
Quadro 6 -	Gosto e estilos de vida dos epesários	136
Quadro 7 -	Gostos e estilos de vida dos profissionais liberais	139

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO:	9
INTRODUÇÃO: CADERNO DE CAMPO E METODOLOGIA	10
AS ENTREVISTAS	12
A ESTRUTURA DO TEXTO	16
1 PENSANDO A PESQUISA TEÓRICA E CONCEITUALMENTE: MOBILIDADE SOCIAL NEGRA, TRAJETÓRIAS E ESTILOS DE VIDA	18
1.1 Mobilidade social dos negros nos Brasil: Reflexões conflituosas sobre raça e classe social	21
1.2 Condições de vida e mobilidade social ascendente dos negros (as) brasileiros (as): Dados que caracterizam a população negra	27
2 A IDENTIDADE NEGRA EM CONSTRUÇÃO	32
2.1 O negro (a) na contemporaneidade: Como pensar o negro inserido na classe média.....	38
2.2 A conformação do processo de identificação e a força dos vínculos de afiliação: pessoas versus grupo.....	43
2.3 O processo das afiliações.....	46
2.4 Tradição africana, a cultura popular negra e suas implicações para a configuração da uma nova identidade negra na pós-modernidade	50
3 CARACTERIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS E DE SUA POPULAÇÃO NEGRA	55
3.1 As organizações negras de São Carlos.....	57
3.2 O município de Araraquara.....	59
3.3 As organizações negras de Araraquara e a relação entre negros e brancos .	62
4 TRABALHANDO COM DEZ HISTÓRIAS DE VIDA	66

4.1	Recorrendo aos entrevistados.....	70
4.2	O caso dos profissionais liberais entrevistados	74
4.3	O caso dos empresários (as) e profissionais liberais negros ou o caso de negros empresários (as) e profissionais liberais.....	77
4.4	Trabalhando com propriedades constitutivas da mobilidade social e da identidade: A negociação entre classe e raça	95
4.4.1	A trajetória escolar.....	99
4.4.2	Ascensão social e as dificuldades na Trajetória dos entrevistados.....	115
4.4.3	Um paralelo com as condições do negro no mercado de trabalho.....	117
4.4.4	O preconceito racial e a discriminação nas trajetórias de vida dos entrevistados	119
4.5	Interpretando a interpretação da experiência negra no Brasil.....	123
4.6	Gostos e estilos de vida: Um modo de conceituar a classe social dos entrevistados	131
4.7	Considerações finais	142
	REFERÊNCIAS.....	151
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	156
	APÊNDICE B – ENTREVISTAS.....	160

APRESENTAÇÃO:

A idéia do tema desta dissertação veio à tona logo na graduação. Sempre tive que conviver com a inquietação de ter um avô e um bisavô negros que me deixaram como herança algumas marcas fenotípicas e conseqüentemente emocionais. Tudo começou na época do colégio onde meus colegas sempre davam um jeito de me chamar de “pretinha”, entre outros apelidos. Até então, eu não tinha consciência de que eu não era branca como os outros da sala. Sempre me perguntei o porquê dessas brincadeiras já que eu não me considerava negra, eu era morena, em última instância “mulata”.

Com o passar do tempo essa inquietação fez com que eu me interessasse mais pelas minhas raízes, pelos meus antepassados e pela parte negra da minha família. Passei a estudar a temática racial por conta desta inquietação e consegui trazer as discussões e a ansiedade que eu sentia para meu ambiente familiar.

Meu pai era o único que não concordava com as minhas colocações e com a idéia de assumirmos uma identidade que até então a desconhecíamos ou ignorávamos. Minha luta então durante os últimos sete anos foi mostrar para ele que a nossa ancestralidade negra era algo bom, bonito, e algo que deveríamos nos orgulhar e não rejeitar.

No momento inicial de minha inquietação, meu pai era um empresário afro-descendente na cidade de São Carlos, contudo, ele se assumia como empresário, mas nunca como afro-descendente, por mais que seu fenótipo evidenciasse este fato.

O fato de meu pai não assumir a sua real identidade, ou por medo, desconhecimento e até pelo fato de mencionar sempre que as pessoas não o viam como afro-descendente, era algo que me angustiava.

Logo, a temática desenvolvida nesta dissertação está diretamente relacionada a uma inquietação pessoal, por isso, esta pesquisa foi realizada com o objetivo de dar respostas, também, para algumas interrogações pessoais.

INTRODUÇÃO: CADERNO DE CAMPO E METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa é descrever as trajetórias de alguns empresários e profissionais liberais negros¹ da cidade de São Carlos e Araraquara a fim de podermos traçar os seus estilos de vida, suas inquietações, a construção de suas identidades, sempre tendo em mente as suas escolhas e envoltimentos profissionais dentro do processo de mobilidade social ascendente.

Para selecionarmos estes entrevistados entramos em contato com associação dos pensadores negros de São Carlos (APENSC)². Lá conseguimos a listagem de todos os profissionais liberais e empresários da cidade de São Carlos.

Em Araraquara entramos em contato com o Centro de Referências Afro e obtivemos uma listagem de grande parte dos empresários e profissionais liberais da cidade.

O centro de Referências afro de Araraquara foi criado quando um diagnóstico feito pela AEPIR (Assessoria Especial de Promoção para a Igualdade Racial) - sobre a relação existente entre o governo municipal e a temática afrodescendente - constatou a urgência de colocar em prática as propostas votadas no orçamento participativo do município em 2002. Para que fossem implementadas as propostas, foi criado um lugar físico onde poderia se dar início a atividades importantes relacionadas a temática afro-brasileira.

Logo, o Centro de Referências é uma reivindicação legítima da comunidade negra³ votada no Orçamento participativo de 2003. Sendo assim, os objetivos do centro estariam ligados a importantes demandas. A Primeira seria um espaço para reuniões,

1 Ser negro na presente pesquisa é ser classificado como tal através de uma auto-atribuição e de uma heteroatribuição. Ou seja, todos os entrevistados foram indicados como negros (as) e se auto-intitulam negros (as).

2 Procuramos a APENSC (Associação de Pensadores negros de São Carlos) Durante o período de um ano e nenhum dos membros nos forneceu nenhum dado contendo data de fundação e as demais características sobre a associação.

3 Por comunidade negra entendemos um conjunto de pessoas que formam famílias de descendência afro-brasileira e que compartilham uma história e que tenham laços de afinidade em comum devido ao seu histórico de repressão racial e outros demais tipos de vínculos.

exposições e para o desenvolvimento da cultura afro. A segunda seria uma biblioteca cuja documentação histórica apoiaria a implementação da lei 10.639⁴, servindo de auxílio para professores, alunos, pesquisadores e para a comunidade como um todo.

A terceira seria uma sala para a capacitação de servidores e para reuniões dos conselhos municipais conectados a temática racial.

A quarta demanda seria a de uma sala para o NUPE (Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão) que teria como função o desenvolvimento de atividades de extensão, de ensino e pesquisa para temas atinentes a questão da população negra.

A última demanda seria a sala da AEPIR (Assessoria Especial de Promoção para a Igualdade Racial) que teria a finalidade de fortalecer institucionalmente a promoção da igualdade racial, bem como incentivar as ações afirmativas nos setores públicos e privados e dar prioridade para o desenvolvimento da cultura Afro em Araraquara.

O centro de Referências possui a listagem de endereços e telefones de todos os empresários e profissionais liberais negros de Araraquara, sendo que os mesmos se vinculam a comunidade negra da cidade, e a uma rede de famílias negras que se conhecem entre si e possuem muita afinidade e amizade. Alguns representantes destas famílias negras trabalham no centro de referências, isso facilitou o contato com todas as outras famílias negras da cidade, o que possibilitou meu conhecimento dos nomes e referências dos profissionais liberais e empresários de toda a cidade.

4 A lei 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação do ensino fundamental e médio e foi fruto de uma luta do movimento negro contra quaisquer formas de preconceitos sofridas pelos negros (as) nos Brasil desde os tempos de escravidão até os dias atuais.

AS ENTREVISTAS

Logo no início da pesquisa obtive uma lista de empresários (as) e profissionais liberais de cada cidade. A lista disponibilizada pelo Centro de Referências Afro de Araraquara possuía 17 nomes e me foi dito que haviam cerca de uns 30 profissionais liberais e empresários negros em Araraquara. Desses 17 indivíduos listados, constavam 11 empresários e 6 profissionais liberais de diferentes seguimentos, a saber, um psiquiatra, uma psicóloga, uma farmacêutica, um dentista, e dois advogados.⁵

Já a listagem da APENSC (Associação de pensadores negros de São Carlos) contava com 30 dos quais 22 eram empresários e profissionais liberais negros. Do total de 22 indivíduos, 12 se identificavam como empresários e 10 como profissionais liberais, sendo que os 10 eram advogados.⁶

No total de 39 indivíduos que constavam das listas por mim recebidas, das duas cidades, foram realizadas 13 entrevistas por meio de história de vida. Pensamos em fazer mais algumas, porém as entrevistas realizadas foram muito densas e conseguiram resolver os questionamentos da pesquisa, na medida em que as respostas foram se repetindo.

Devido a contingências internas à própria amostra não foi possível estabelecer o mesmo número de entrevistados entre os sexos. O número de homens é maior que o número de mulheres e o número de empresários entrevistados é maior que o número de profissionais liberais. Entre esses últimos buscou-se escolher um profissional de cada área para que a variabilidade de respostas em contextos profissionais diferentes fosse alcançada. Outro fato importante é que se há uma variabilidade de idades entre os profissionais liberais, o mesmo não ocorreu entre os empresários devido a concentração em uma faixa etária única contando com apenas uma exceção.

⁵ É importante ressaltar que três deles não quiseram participar das entrevistas.

⁶ Este quadro nos gerou ainda menos possibilidades de entrevistas dentro do quadro de profissionais liberais pois buscávamos uma variabilidade de seguimentos entre os profissionais liberais entrevistados.

O contato com os indivíduos das listas das duas cidades representou um momento no qual as dificuldades da pesquisa se revelaram, além de algumas recusas vários contratempos como, por exemplo, reagendamentos de entrevistas constantes e inúmeros outros que não retornaram as ligações ou colocavam impedimentos quaisquer para não ceder a entrevista.

Os demais contatados foram muito receptivos e gostaram da idéia da pesquisa. Muitas vezes parte deles dizia sentir-se lisonjeada por poder participar da pesquisa.

Cada entrevista teve seu caráter único, ou seja, foram distintas umas das outras; algumas trouxeram um grande “saia justa”⁷ e outras foram muito prazerosas e nos abriram caminhos para muitas reflexões importantes.

Após escolher o tema, decidi que a primeira parte da dissertação seria qualitativa e contaria com a metodologia de história de vida. Esta seria a mais condizente para se chegar aos meus objetivos.

De acordo com Chizotti (1991) a utilização da história de vida como abordagem metodológica foi introduzida em 1920 pela escola de Chicago. A partir da década de 1960 este método buscou analisar estratégias de análise do vivido.

Para o autor, a história de vida permite penetrar nas trajetórias históricas de um indivíduo e compreender a dinâmica das relações que acontecem ao longo de sua existência.

De acordo com Cipriani (1983), o nosso cotidiano é cheio de significações, é um conjunto de situações que são vivenciadas no dia a dia, que são percebidas individualmente e que se renovam a cada instante. É por isso que a vida cotidiana pode ser caracterizada “como o lugar das negociações do acontecimento pelos seres humanos e, ainda, como o lugar da disposição da existência pela construção sempre renovada da interface da natureza e da cultura” (D’EPINAY, 1983, p. 14)

Outro fato importante dentro da metodologia de história de vida é que uma narrativa pode ter estratégias descritivas e avaliadoras, pois quando relatamos um fato, temos a oportunidade de refletir sobre ele, já que “o sujeito não relata simplesmente a

7 Alguns entrevistados diziam que eu não podia compreender a situação deles, pois eu me caracterizavam como branca. Outros me caracterizavam como mulata. Nenhum deles se referia a minha afro-descendência. Este foi um fator importante que pode ter influenciado nas respostas dos entrevistados. Todavia não tive tempo nem instrumentos metodológicos suficientes para fazê-lo.

sua vida, ele reflete sobre ela enquanto conta”. Sendo assim o pesquisador respeita a abordagem daquele que conta e acredita no que ele diz. (BERTRAUX, 1980, p.69)

O questionário utilizado na pesquisa foi construído meses antes da realização das entrevistas e baseou-se em leituras e apontamentos bibliográficos importantes que poderiam se adequar a inúmeras situações práticas da vida pessoal e profissional dos entrevistados.

Foi realizado um pré-teste para que fossem observadas as inconsistências do questionário antes das entrevistas reais. Todavia por mais bem construído que fosse o questionário apresentou algumas limitações.

Algumas questões elaboradas perderam a sua importância com o passar das entrevistas e outras tiveram que ser incorporadas ao questionário. Este foi um problema enfrentado ao longo das entrevistas que não deveria ter ocorrido. Mas não foi possível evitar alguns imprevistos.⁸

No entanto Fowler (1995) aponta que é literalmente impossível identificar a melhor questão para um propósito particular, neste sentido há algumas regras gerais e princípios que podem afetar a qualidade das respostas obtidas. Neste aspecto podemos dizer que essas regras gerais foram cumpridas na elaboração das questões.⁹

É importante mencionar que as entrevistas foram semi-estruturadas¹⁰ contando com algumas questões abertas que se adequavam à metodologia de história de vida e, também, questões fechadas que orientavam as percepções e estilos de vida.

Algo bastante inesperado aconteceu também na gravação das entrevistas. Dois momentos em duas entrevistas não foram gravados devido a problemas técnicos de gravação. Isto impossibilitou a fidedignidade de duas respostas a duas questões importantes. Mas de uma forma geral as entrevistas foram bem sucedidas e pudemos obter informações imprescindíveis para a viabilidade da pesquisa.

A grande parte das entrevistas foram realizadas no ambiente de trabalho dos depoentes, portanto, algumas entrevistas foram marcadas com as secretárias dos empresários e dos profissionais liberais. Com algumas delas criou-se uma grande

8 No apêndice final os leitores poderão encontrar algumas respostas não sistematizadas e algumas perguntas não realizadas para alguns dos entrevistados.

9 Utilizamos alguns textos metodológicos importantes para a construção do questionário a saber, a obra de Fowler denominada some general rules for designing good survey instruments e um capítulo da obra de Sudman que denominado Methods for Determining cognitive processes and Questionnaire problems.

10 Refere-se a algumas questões definidas, mas o entrevistador possui a liberdade de fazer outras questões caso surja o interesse de outras abordagens durante a entrevista.

intimidade, pois eram muitas as vezes que precisávamos entrar em contato até podermos marcar um horário propício para a entrevista definitiva.

Somente duas secretárias (da mesma empresa) eram negras. O meu contato com elas foi bastante interessante e merece menção. No dia da entrevista o empresário que marcou a mesma para o começo da tarde, só apareceu na empresa ao final da tarde. Por isso, tive de passar bastante tempo dentro da empresa na companhia das secretárias.

Quando me identifiquei como pesquisadora, ambas se mantiveram distantes e analisavam o meu comportamento, e as minhas vestimentas o tempo todo. O clima não estava nada agradável, pois me olhavam com bastante desprezo. Foi assim que resolvi começar a conversar, a fazer perguntas sobre as suas vidas e tentar explicar qual era o meu trabalho.

Logo em seguida o clima melhorou e começamos a ficar próximas. Uma delas usava uma camiseta da APENSC (Associação de Pesquisadores Negros de São Carlos). Fiquei muito surpresa, elogiei a camiseta e perguntei se ela fazia parte da associação. A secretária respondeu que nem sabia qual era o significado da sigla, que estava usando a camiseta, pois havia ganhado de presente em um desfile.

Este acontecimento me deixou bastante pensativa e deixou mais claro o fato de que o pesquisador não deve tirar suas conclusões simplesmente pelo modo como as situações e comportamentos se apresentam. O meu papel ali iria muito além da observação.

A minha primeira impressão era a de que aquela seria uma empresa de um empresário negro que contratava funcionários negros e que o fato de uma delas estar utilizando uma camiseta de uma organização negra da cidade seria um forte indício do vínculo que a secretária possuía com a comunidade negra e talvez com a luta anti-racista. Ao final da conversa, pude perceber que não era isso que ocorria.

A outra parte das entrevistas foram realizadas no centro de referências Afro de Araraquara. Quando eu conversava ao telefone com os possíveis entrevistados e relatava o fato de que o centro de referências havia indicado os nomes dos futuros depoentes, algumas pessoas resolviam marcar as entrevistas no próprio centro de referências.

Por este fato, passei alguns dias no centro, para realizar as entrevistas. Neste momento conheci muitas pessoas e todos me tratavam muito bem quando eu me apresentava como pesquisadora da UFSCar.

Algumas dessas pessoas (mesmo quando não eram o público alvo da pesquisa) faziam de tudo para serem entrevistadas ou para conversarem um pouco comigo sobre as suas trajetórias de vida (na maioria das vezes sem que eu ao menos perguntasse nada). Essas situações eram bastante delicadas e muitas vezes tive que contorná-las por meio de longas conversas e com respostas muito pacientes.

No centro de referências de Araraquara passam muitas pessoas durante o dia todo, e todas elas ligadas a algum projeto realizado no centro. Passam empresários, cantores, esportistas, músicos, cabeleireiros, escultores, ou seja, profissionais negros de áreas diversificadas.

Muitas dessas pessoas pareciam muito carentes de atenção, queriam mostrar o seu trabalho e de alguma forma buscavam o reconhecimento de suas atividades.

A ESTRUTURA DO TEXTO

A presente descrição da pesquisa contará com quatro capítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo da pesquisa se preocupa com uma revisão bibliográfica sobre mobilidade social e mobilidade social negra e o vínculo desta com os conceitos e idéias presentes nas discussões sobre trajetórias, estilos de vida e o gosto.

No segundo capítulo traz uma revisão bibliográfica sobre identidade e identidade negra e articulá-la com estudos que enfocam o negro na contemporaneidade (modernidade tardia ou na pós-modernidade). Posteriormente analisaremos a forma como esta se vinculará posteriormente com estudos que fazem a conexão entre identidade negra e a formação de uma classe média negra brasileira.

No terceiro capítulo desenvolve uma caracterização da população negra e das organizações negras nos municípios estudados. Posteriormente será feita a descrição e a análise das entrevistas realizadas com os profissionais liberais e os empresários (as)

de São Carlos e Araraquara.¹¹ É importante ressaltar que no quarto capítulo, a condução e a organização das entrevistas concomitantemente com sua análise estão diretamente ligadas à temática da construção das identidades e das identidades negras bem como com a temática da mobilidade social, em específico a da mobilidade ascendente da população negra. Nas considerações finais a tentativa foi de realizar uma conclusão que articulasse os dados empíricos da pesquisa e as, ou seja, das entrevistas propriamente ditas.

11 Esta divisão foi feita baseada em direcionamentos apontados pela banca de qualificação.

PENSANDO A PESQUISA TEÓRICA E CONCEITUALMENTE: MOBILIDADE SOCIAL NEGRA, TRAJETÓRIAS E ESTILOS DE VIDA

Pensar em empresários e profissionais liberais negros implica diretamente na reflexão sobre um arcabouço teórico conceitual por meio do qual se pode articular as preocupações centrais da pesquisa, a saber, mobilidade social, trajetórias, estilos de vida e identidade.

Logo, pensar em nosso objeto de estudo implica no esclarecimento teórico-conceitual de algumas palavras-chave importantes, tais como, mobilidade social e identidade e as suas respectivas relações com as trajetórias, gostos e estilos de vida.

O conceito de mobilidade social de que se parte é o utilizado por Pastore (1979), pois o nosso estudo se circunscreve em um espaço social onde esses empresários (as) e profissionais liberais negros migraram de um tipo de origem social para um destino social distinto no que diz respeito a sua classe social, o que caracteriza uma mobilidade ascendente.

Deste modo, a mobilidade social para o autor nada mais é do que uma corrente de acontecimentos que governa o acesso às posições sociais.

Por sua vez as classes sociais que são partes constitutivas da mobilidade se caracterizam, de acordo com Bourdieu (2008), não só por sua posição nas relações de produção, mas por um conjunto de propriedades ou características auxiliares que podem funcionar como princípios de seleção ou de exclusão sem serem formalmente enunciados. Isto significa que propriedades como a idade, sexo, origem étnica, origem social, orientam as escolhas de cooptação desde a entrada em uma profissão e ao longo de toda carreira.

Mas, a classe - que se circunscreve e é circunscrita pela mobilidade social – não é definida por uma cadeia de propriedades, e sim pela estrutura das relações entre todas as propriedades e aos efeitos que elas exercem sobre as práticas.

Portanto no presente estudo será importante comparar e analisar as práticas de agentes que possuem a mesma propriedade socialmente construída (raça) ocupam a mesma posição social em determinado momento, mas possuem origens sociais distintas de seu destino ocupacional. Ou seja, possuem uma condição de existência, ou uma trajetória social diferente da trajetória modal da maioria dos negros brasileiros.

Bourdieu (2008) ressalta que não é por acaso que os indivíduos se deslocam no espaço social. Eles se deslocam devido às forças que conferem a sua estrutura a este espaço e também a sua inércia própria, ou melhor, as propriedades podem ser incorporadas através das disposições, ou no estado objetivado.

Um determinado volume de capital herdado corresponde a um feixe de trajetórias equiprováveis que levaram os indivíduos a adquirirem determinada posição social. Já a passagem de uma trajetória para outra, depende de acontecimentos coletivos ou individuais apesar de dependerem da posição e das disposições daqueles que vivenciam esses eventos.

A homogeneidade das disposições associadas a uma posição social podem se dar a partir de um sentimento de que aquele indivíduo foi feito para aquele cargo ou como se tivesse vocação para o cargo.

No caso dos negros brasileiros inseridos na classe média, esta identificação com o cargo ou com a profissão se dá de forma conflituosa, pois os mesmos encontram-se fora do lugar, ou seja, o lugar destinado a maior porcentagem de negros no Brasil é um espaço de subalternidade e não um espaço de prestígio como, por exemplo, o que circunscreve as posições e cargos de destaque na sociedade.

Bourdieu (2008) pontua a existência das trajetórias não modais de uma forma geral, ou seja, as trajetórias que estão destinadas a se desviar das trajetórias mais frequentes para uma determinada classe.¹²

A correlação existente, neste caso, entre prática e origem social pode ser resultante de dois efeitos distintos. Primeiro, a inculcação exercida pela família ou pelas condições originais de existência e, em segundo lugar, pelo efeito da trajetória social propriamente dita. Ou seja, o efeito que é exercido sobre as disposições e as opiniões pela experiência da ascensão social ou do declínio.

¹² Entendemos por trajetória “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou por um mesmo grupo), num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (Bourdieu, 2008)

Isto acontece com membros da mesma fração ou da mesma família que são inclinados a tomadas de posições divergentes, no caso de política ou religião, e isto acontece porque tiveram uma trajetória individual divergente.

A saber, este efeito acaba por embaralhar a relação entre a classe social e as opiniões religiosas ou políticas¹³. O autor ainda pontua que o lugar onde isso ocorre constantemente é em meio às classes médias. Estas repletas de instabilidade em sua estrutura social, fazem com que coexistam indivíduos cujas trajetórias são extremamente dispersas dentro do próprio grupo.

Apesar da existência do fato de que determinados membros de uma fração de classe pode ter depreendido uma trajetória individual oposta a da fração em seu todo, existe a possibilidade de ainda estarem marcadas por seu destino coletivo.

Devido a esta explicação bourdieusiana, se pode refletir sobre o fato de que, um indivíduo pode estar representado dentro de uma classe dominante ou uma fração de classe dominante, e nesta ocasião pode acionar uma determinada forma identitária¹⁴, ou uma determinada disposição de acordo com a situação vivida, ou com as circunstâncias dadas em determinado momento.

Por exemplo, pode-se encontrar um empresário ou profissional liberal negro que ora acione a sua identidade de classe ou um habitus de classe, ora acione uma forma identitária negra, ou a vivência de sua negritude em forma de uma disposição¹⁵.

A fim de discorrermos sobre o “acionamento” de uma possível “identidade negra” ou uma “identidade de classe” em um determinado momento, deve-se recorrer aos estilos de vida e aos gostos¹⁶ que serão identificados através das trajetórias de vida.

Logo, tanto as formas identitárias ou disposições acionadas pelos indivíduos estudados, como também o processo de mobilidade social no decorrer da vida dos entrevistados poderão ser analisados através das relações existentes entre as diferentes trajetórias de vida que foram estudadas bem como de seus gostos e estilos de vida.

13 Estas poderiam ser vistas como afinidades identitárias e podem levar os indivíduos a estabelecer vínculos afiliativos.

14 Sempre que recorrermos no texto a denominação “formas identitárias” estaremos refletindo sobre os estudos de Claude Dubar onde o autor retoma o conceito de identidade de um ponto de vista processual no qual os percursos são pensados a partir do movimento de (re) construção permanente, ou seja, a partir de “formas identitárias” e não de identidades propriamente ditas.

15 Quando mencionamos disposições nos referimos há algo que possui movimento, que não é estático e que se dá por meio de negociações.

16 De acordo com Bourdieu (2008, p.165), “O gosto é uma propensão ou aptidão para a apropriação – material e/ou simbólica- de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes, é a fórmula geradora que se encontra na origem do estilo de vida, conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem ou hexis corporal – a mesma intenção expressiva.”

Em um primeiro momento, buscou-se refletir sobre a caracterização da mobilidade social dos negros no Brasil e como é situada a discussão sobre as clivagens raça e classe em nosso país. Esta discussão abriu novos caminhos para se pensar a classe social não somente no viés dos meios de produção, mas como constituinte de outras propriedades (idade, sexo, raça) e de práticas (demarcadas pelo gosto).

Desta forma pode se pensar a mobilidade social - vista a partir da análise das clivagens classe social e da raça - dentro de uma definição distinta da que foi pensada por alguns autores estudiosos das relações raciais.

Além de que, pode se desenvolver outras possibilidades teóricas criativas para se pensar na questão do “acionamento” de disposições repletas de negritude (contidas nos gostos e nos estilos de vida), ou de disposições de classes (contidas nos gostos e nos estilos de vida) em diferentes momentos e circunstâncias, dadas na trajetória de vida dos entrevistados.

1.1 Mobilidade social dos negros nos Brasil: Reflexões conflituosas sobre raça e classe social

Os estudos sobre mobilidade social no Brasil tiveram como grandes parceiros os estudiosos das relações raciais. Osório (2003) faz um apanhado geral dos estudos sobre a mobilidade social do negro (a) no Brasil que tornou-se referência.

De acordo com Osório (2003) a democracia racial trouxe consigo a idéia de que o preconceito racial seria algo inexistente enquanto o preconceito de classe seria o principal fator que respaldaria as desigualdades sociais no Brasil. A partir dos anos 1940 e 1950 surgiram a partir da contratação da UNESCO, alguns estudos que contestaram esta idéia inicial.

Pierson (1942), em sua obra *Negroes in Brazil* , afirmava que em suas pesquisas realizadas na região de Salvador não havia se cristalizado o preconceito racial como nos Estados Unidos, mas sim o preconceito de classe. Neste sentido a

mobilidade ascendente dos mulatos seria um argumento forte para reforçar a tese da ausência do preconceito racial no país.

Seguindo a linha deste autor, Azevedo (1953) também realiza seus estudos na Bahia e publica *As elites de cor em uma cidade Brasileira*. O autor assinala a existência do preconceito racial no país, todavia considera o preconceito de raça mais ameno do que o de classe. Assinala que a Bahia era considerada uma sociedade multirracial de classes onde negros e brancos competiam igualmente. A afirmação da existência do racismo viria, portanto por parte de negros e mestiços que não eram considerados “socialmente brancos”.

Outra pesquisa alicerçada pela Unesco foi a coordenada por Charles Wagley. Juntamente com ele outros pesquisadores como Marvin Harris, Harry Hutchinson e Bem Zimmerman estudaram comunidades rurais levando em consideração as relações existentes entre raça e classe. (OSÓRIO, 2003)

Estes autores compactuavam com a tese de Pierson (1942) de que o preconceito de classe seria preponderante sobre o de raça. Wagley (1952) assinalavam que a presença de pretos e pardos entre as elites confirmava o fato de que a sociedade brasileira havia deixado de ser uma sociedade de castas e haveria se transformado em uma sociedade de classes.¹⁷

Apesar da sobre-representação dos negros nos estratos inferiores e da sub-representação destes nos estratos mais altos da sociedade, o autor afirmava que o desenvolvimento econômico do país poderia propiciar a ascensão destes negros às camadas médias da sociedade. Contudo, este fato acabaria por acirrar as tensões entre negros e brancos no país.

Mas nem todos os estudos patrocinados pela Unesco que tiveram este viés teórico. As análises de Costa Pinto (1952) em *O negro no Rio de Janeiro: relações de raças em uma sociedade de mudanças* configuram-se um pouco distintas. (COSTA PINTO, 1952 apud OSÓRIO, 2003)

O autor observa que a relação entre a sociedade de castas e a de classes não é uma relação independente apesar de advirem de períodos históricos diferentes. Logo o acirramento da competição entre negros e brancos dentro da sociedade de

¹⁷ Embora houvessem observado algumas castas brancas aristocratas fechando suas portas para a entrada de negros em seus ambientes cotidianos.

classes acabaria culminando na instabilidade do *establishment*, o que provocaria o recuo de alguns elementos da estratificação por castas.

Costa Pinto (1952) assinala também que as barreiras étnicas estão mascaradas por barreiras não-étnicas, por isso não atribui à situação subjugada dos negros da época à proximidade com a escravidão. Acentua ainda que a única mobilidade que os negros obtiveram no Rio de Janeiro em 70 anos foi a de escravo para proletário.

Nogueira (1962) chega a conclusões parecidas com as de Costa Pinto em seu estudo em Itapetininga. O autor percebe que a mobilidade ascendente de alguns negros no município ocorre, pois estes eram filhos da elite branca. A maioria dos pretos e pardos encontrava-se sobre-representados nas camadas inferiores. Isso era um sinal de que a cor era muito importante na determinação do status e nas oportunidades de ascensão social.

Em 1960 Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni direcionaram suas pesquisas no mesmo sentido que os autores precedentes. Afirmam que na cidade de Florianópolis negros continuam prestando os mesmos serviços “para os quais a ideologia racial os considerava ‘naturalmente’ adequada” (OSÓRIO, 2003, p.12) Contudo esta situação poderia ser modificada com o crescimento econômico e com o desenvolvimento gerando oportunidades para os grupos sobre-representados.

Com o advento da urbanização e da industrialização e conseqüentemente com o aumento das oportunidades no mercado de trabalho muitos estudiosos acreditaram que os negros seriam integrados progressivamente ao mercado de trabalho e que os preconceitos do passado seriam esquecidos.

Essas mudanças intensas no cenário brasileiro induziram o país a uma elevada mobilidade social. No final da década de 70 a viabilização da Pnad de 1973 sobre a responsabilidade do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) deu estímulos a estudos importantes de José Pastore (1979) e de Nelson do Vale Silva (1979).

De acordo com Osório (2003) estes estudos mostravam que a taxa de mobilidade intergeracional havia sido de 58%. Isto significava que pouco mais da metade da população situava-se em um estrato distinto do de seus pais. A taxa de mobilidade ascendente seria a de 47%.

No entanto, um fato importante foi observado pelos autores. As ocupações rurais foram consideradas como de status socioeconômicos inferiores aos das ocupações urbanas e as ocupações manuais seriam consideradas inferiores as não-manuais.

Logo, como naquele período ocorrera uma intensa urbanização e industrialização, todos aqueles que saíssem da zona rural para trabalhar na zona urbana seriam computados dentro de uma mobilidade social ascendente. A avaliação final de Pastore era a de que a sociedade brasileira ainda mostrava-se muito desigual, mas menos desigual do que no passado.

Os estudos de Carlos Hasenbalg (1979) também trouxeram muitas contribuições para as pesquisas sobre mobilidade social no Brasil apesar de analisar apenas seis estados do centro-sul do país e contar com uma amostra relativamente pequena.

Hasenbalg (1979) consegue provar a hipótese de que existem barreiras raciais que atuam no processo da mobilidade social, principalmente na ascendente. A maior porcentagem de negros nos escalões mais baixos da sociedade reduziria as chances dos mesmos ascenderem socialmente.

Quando o autor analisa o grau educacional observa que os negros possuem menor escolarização mesmo situados na mesma origem social que os brancos. O mesmo fato aconteceria com a ocupação, ou seja, os filhos dos negros apresentariam a tendência de se concentrarem nas ocupações de baixo prestígio densamente ocupadas pelo grupos inferiorizados.

Embora ele detectasse a desigualdade independente da origem social e da educação, era exatamente nos processos intergeracionais de transmissão de status e de realização educacional que os efeitos da cor se manifestavam mais fortemente e assim contribuía para a conservação do status socioeconômico inferior dos negros.

Posteriormente Nelson do Valle Silva (1988) trabalha com uma base empírica mais sólida para testar as hipóteses de Hasenbalg (1979). Valle Silva publica um estudo baseado nos dados da Pnad de 1976 que possuía uma cobertura nacional.

O modelo aplicado por Valle Silva possui quatro variáveis que designam o *background* familiar indicando a origem dos indivíduos nascidos em áreas urbanas ou rurais; a região do país; a escolaridade do pai; e a ocupação do pai. Entravam no modelo também a escolaridade dos indivíduos entrevistados e as suas ocupações.

A educação era medida pelos anos de estudo e a ocupação pelo status baseados na média dos rendimentos e da escolaridade dos ocupados. Acreditava-se, portanto que as bases: família, escolaridade e trabalho estavam encadeadas. Logo, as desvantagens transmitidas recairiam sobre os diferenciais de renda.

As conclusões de Hasenbalg (1979) e de Valle Silva (1988) convergiam para a presença de barreiras sociais que impossibilitava a invocação do passado escravocrata como cúmplice e responsável pelas diferenças presentes na sociedade.

Posteriormente Caillaux (1994) comparou os dados de mobilidade da Pnad de 1976 com os da de 1988 chegando as mesmas conclusões previstas nos estudos anteriores. A autora deu destaque à discriminação no processo educacional. Este fora considerado o principal fator que explicaria as desigualdades raciais.

Outros estudos de Hasenbalg e Valle Silva voltados para a Pnad de 1996 trazem as mesmas conclusões. Em um trabalho mais recente de Valle Silva (2000) ainda com dados da PNAD de 1996 lança mão de modelos estatísticos distintos. Passa-se a considerar que a cor não exerce influência sobre os destinos ocupacionais, apenas a origem social. Este modelo não se mostra adequado aos dados segundo Osório (2003), pois não é possível negar a ausência de barreiras raciais que atuam contrariamente a ascensão social dos negros.

Por fim, Osório (2003) analisando ainda dados da PNAD de 1996 constata o mesmo que os outros estudiosos. “Quando existem dois pais um negro e um branco ambos com exatamente a mesma condição social, se esta for baixa, o filho do branco terá melhores chances de ascender na estrutura social; se for elevada, o filho do negro correrá maior risco de descender na hierarquia”. (OSÓRIO, 2003, p.21)

Costa Ribeiro (2006) sua vez tem como objetivo de estudo verificar quantitativamente o que mais influencia a desigualdades de oportunidades de mobilidade ascendente: a classe de origem e/ ou a cor de pele.

As conclusões finais do autor dizem que não podemos dizer que a desproporção de pretos e pardos na classe de profissionais e pequenos empresários em 1996 é fruto de preconceito racial, pois, pretos e pardos se concentram mais do que brancos, nas classes de origens baixas, o que diminui suas chances de mobilidade ascendente. A desigualdade racial parece ser realmente mais forte para entrar nas classes mais altas do que para entrar nas classes mais baixas.

Ou seja, a entrada nas classes mais baixas é desigual antes em termos de origem de classe do que de raça, ao passo que para entrar nas classes mais altas, há desigualdades de oportunidades entre brancos e não-brancos (pardos + pretos) indicando que a discriminação racial fica mais forte a medida que se sobe na hierarquia de classes.

Independente das análises de Ribeiro (2006) e das demais que virão a ser realizadas, se sabe atualmente que dentro dos estudos de mobilidade social a classe não caminha sozinha. A raça é muito importante para se conferir resultados plausíveis nos estudos de mobilidade.

Assim como Bourdieu (2008) acredito que a classe não seja somente caracterizada pelos meios de produção, mas também por diferentes propriedades (que podem se dar no estado incorporado por meio das disposições ou no espaço objetivado por meio de bens e títulos) e a raça, ou etnia, com certeza podem ser uma delas.

Segundo o autor, existem trajetórias equiprováveis que levam a posições equivalentes, ou seja, existe um campo de possibilidades oferecido a um determinado agente. Todavia, existem casos raros denominados “casos de transversalidade”¹⁸, que acontecem quando um indivíduo tem a possibilidade de conservar ou de aumentar o seu capital social através de estratégias de reconversão.

Este caso raro é exatamente o que ocorre com os negros (as) brasileiros que possuem um capital social mais baixo e que por meio de trajetórias diferenciadas e de instrumentos de reconversão conseguem obter uma mobilidade social ascendente.

Os estudos quantitativos sobre mobilidade social buscam analisar a interação existente entre mobilidade e raça na produção das desigualdades sociais de forma estatística. Mas, não podemos saber ao certo o que ocorre ao longo de todo o processo de ascensão desde o momento em que um indivíduo nasce, até conseguir alcançar uma posição social de prestígio.

Para isto, os estudos qualitativos que podem desvendar essas trajetórias de forma significativa e aprofundada possuem grande relevância. Dentro destas trajetórias, os estudos sobre o gosto e os estilos de vida poderão nos abrir “portas” para a reflexão sobre quais são os momentos em que as disposições de classe e as disposições da

18 Pressupõe uma passagem para outro campo, portanto é a reconversão de uma espécie de capital para outra. A probabilidade de ter acesso a determinada fração da classe dominante a partir de outra classe, será tanto mais baixa, quanto mais elevada for a posição ocupada pela fração na hierarquia de frações segundo o capital econômico.

negritude ou de raça são acionadas em diferentes situações, e de que forma poderemos descrever este estado de negociações conflituosas. Logo, o tópico seguinte poderá nos auxiliar neste processo e nos trazer importantes reflexões sobre o tema.

1.2 Condições de vida e mobilidade social ascendente dos negros (as) brasileiros (as): Dados que caracterizam a população negra

Como estamos tratando da mobilidade dos negros (as) brasileiros (as) faz-se necessário trazer para a presente pesquisa alguns dados importantes que podem não só caracterizar a população negra brasileira como traz à tona as características fundamentais dos sujeitos de estudo, os negros (as) que ascenderam socialmente no país, nas cidades de Araraquara e São Carlos.

Um estudo do IPEA (Instituto de Pesquisa Estatística Aplicada) em parceria com o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a mulher e com a Secretaria Especial de Políticas para a mulher denominado “Retrato das desigualdades de gênero e raça”, publicado em setembro de 2008, pode ser útil para este mapeamento.¹⁹

As mulheres brancas possuem uma expectativa de vida maior do que as mulheres negras. Enquanto 9,3% das negras tinham 60 anos ou mais, entre as brancas esta proporção era de 12,5, no grupo masculino ocorre praticamente o mesmo. Os negros com 60 anos ou mais em 2006 eram 7,8%, enquanto os brancos da mesma faixa etária eram 10,6%.

Estes dados mostram a existência de uma imensa desigualdade racial no país e essas diferenças são justificadas, pois tanto negros como negras vivem em piores condições de vida do que homens e mulheres brancas.

Já no que se refere à educação, esta pesquisa mostra que os negros e as negras estão menos presentes nas escolas e apresentam médias de anos de estudo

¹⁹ Os números se referem até a PNAD de 2006 e faz um recorte inédito de microdados para traçar um perfil das desigualdades brasileiras a partir das variáveis gênero e raça/cor.

inferiores e taxas de analfabetismo superiores. É importante destacar que estas desigualdades são ampliadas conforme o aumento do nível de escolaridade.

No ensino fundamental, a taxa de escolaridade líquida (que mede a proporção da população matriculada no nível de ensino que é adequado a sua idade) a população branca era de 95,7% em 2006 enquanto a população negra era de 94,2% neste mesmo ano. Já no ensino médio estas taxas são respectivamente 58,4% e 37,4%.

Neste sentido, o estudo mostra que o acesso ao ensino médio é bastante restrito para a população negra, e por se encontrar em um estrato menor de renda, muitas vezes é obrigada a deixar a escola para entrar mais cedo no mercado de trabalho.

Já no que diz respeito à saúde tem-se que em 2003 o SUS foi responsável por 63,5% dos atendimentos e 69,3% das internações ocorridas no país. Quando são desagregados os dados por raça/cor, tem-se que para os brancos 54% dos atendimentos e 59% das internações foram cobertas pelo SUS, enquanto para os negros tem-se as proporções de 76% e 81,3% respectivamente. Isto nos mostra que a população negra depende mais do SUS do que a população branca.

Mesmo quando analisamos essas proporções por estratos de renda, a diferença entre brancos e negros persiste. Entre os indivíduos com rendimentos acima de três salários mínimos 21% dos atendimentos e 28,3% das internações da população negra são feitos pelo SUS enquanto essas proporções são de 14% e 13,5% para os brancos.

Já com relação aos planos de saúde privados 33,2% dos brancos os possui enquanto 14,7% dos negros possuem planos privados. Mesmo entre os que recebem mais de três salários mínimos, os brancos ainda são maioria, ou seja, 75% dos brancos possuem plano de saúde enquanto 66% negros possuem estes planos. Logo, conclui-se no estudo que a renda explica parte dos atendimentos realizados pelo SUS, mas não explica tudo.

Já os dados relativos à previdência e assistência social demonstram como essas desigualdades se expressam no mercado de trabalho. A PNAD de 2006 mostra que 76,8% da população idosa recebe algum tipo de benefício. Quando os dados são desagregados de acordo com sexo e raça/cor ocorrem variações. Os números mostram que 81% dos homens brancos recebem benefícios enquanto este número é de 75%

para as mulheres negras (que acumulam discriminações de gênero e raça no mercado de trabalho).

A diferença só não é maior porque são contabilizados também os benefícios de prestação continuada da assistência social as aposentadorias e pensões da previdência rural.

Quanto à proteção social o grupo que possui melhores condições é o dos homens brancos com cobertura de 64% em 2006, e as mulheres negras são as menos protegidas socialmente com 47% de cobertura.

A parcela da população que não está coberta pela previdência social é parte significativa do grupo atendido pela assistência social e a grande parte dos domicílios que recebem benefícios assistências é chefiada por negros.

Isto mostra que os negros são a grande maioria entre os mais pobres e estão em posições mais precárias no mercado de trabalho e possuem menores índices de educação formal.

No que se refere à habitação e ao saneamento, os domicílios chefiados por negros encontram-se na pior condição seja no que diz respeito ao esgotamento sanitário, ao abastecimento de água ou a coleta de lixo. Enquanto 2,4% dos domicílios chefiados por brancos encontravam-se em assentamentos subnormais²⁰, este valor para os negros é de 5% no ano de 2006, ou seja, o dobro.

No que diz respeito à desigualdade de gênero, os percentuais são de 3,2% para os chefiados por homens e 4,8% para os chefiados por mulheres. Os domicílios chefiados por homens e mulheres brancas correspondem a 3,6% enquanto os chefiados por homens e mulheres negras encontram-se acima deste valor chegando a 6,6% no caso da chefia das mulheres negras. Este fato segundo o estudo relaciona-se a pobreza acentuada deste grupo.

No que se refere ao mercado de trabalho, percebe-se que a entrada ocorre mais cedo para os negros e a saída mais tarde. Apesar de entrarem mais cedo, os negros do sexo masculino encontram-se sobre-representados entre os mais velhos que permanecem ocupados.

20 Conjuntos constituídos por unidades habitacionais (barracos ou casas) que ocupam ou ocuparam propriedades alheias e estão dispostos de forma desordenada (favelas).

Entre a população negra com 60 anos ou mais, 34,7% encontram-se ocupados ou desocupados enquanto encontramos 29,3% da população branca na mesma situação no ano de 2006. Este dado incorre no fato de que os negros trabalham mais tempo ao longo da vida.²¹

As mulheres e os negros são os que apresentam maior nível de desemprego, 11% e 7,1% respectivamente, comparado a 6,4% entre os homens e 5,7% entre os brancos.

Se compararmos homens brancos e homens negros, os últimos enfrentam mais a situação de trabalho sem carteira assinada que os outros e estão mais presentes nos empregos domésticos.

Existe uma alta proporção de mulheres negras de 16 a 29 anos que trabalham como domésticas, dentro destas faixas etárias elas perfazem o dobro das jovens brancas. Já as mulheres ocupadas são mais escolarizadas do que os homens ocupados, quanto aos brancos são mais escolarizados que os negros.

A distribuição de renda mostra que os negros encontram-se em postos de trabalho de menor qualidade. Os salários de homens e de brancos tendem a ser mais elevados do que os das mulheres e negros.

Os dados nos mostram que em 2006 os homens recebiam R\$ 885,6 ao mês enquanto as mulheres recebiam R\$ 577,00 o que equivale mais ou menos a 2/3 do salário masculino. Já os negros recebiam cerca de metade dos salários dos brancos perfazendo R\$ 502,00 reais por mês contra R\$ 986,5 dos brancos.

Este quadro nos mostra a discriminação sofrida pelas mulheres negras no mercado de trabalho. Enquanto as mulheres brancas ganham 63% do que ganham os homens brancos, as negras ganham 66% do que ganham os homens de seu mesmo grupo racial e apenas 32% dos rendimentos dos homens brancos.

É fato que os diferenciais de rendimento entre os grupos estudados vem caindo, a saber, de 1996 a 2006 as desigualdades salariais entre brancos e negros e entre mulheres e homens reduziu aproximadamente 10%.

A pesquisa ainda demonstra que quanto mais se avança no sentido dos grupos populacionais de maior renda, menor é a proporção de negros. Ou seja, quanto

21 É importante mencionar que nesta pesquisa o número de trabalhadores ocupados e desocupados foi contabilizado junto perfazendo a porcentagem daqueles homens que estão aptos a trabalhar.

mais se caminha dos décimos mais pobres para os décimos mais ricos, mais a distribuição encontra-se embranquecida.

Em 2006 entre os 10% mais pobres da população 63,4% eram negros; e esta proporção cai de 24,3% no grupo dos 10% mais ricos. Já no grupo dos 1% mais ricos da população somente 14,1% eram de indivíduos negros. No período em que foi realizada a mesma pesquisa com dados dos anos de 1992 e 2001 tinha-se que entre 1% das pessoas mais ricas no Brasil 9,17% eram negros. Observa-se, portanto que este número vem crescendo atualmente.

Segundo algumas pesquisas como a do IBMC (Instituto Brasileiro de Mercados de Capitais) respaldada pela Pesquisa Nacional por Amostras em Domicílios (PNAD) do IBGE entre 1992 e 2001 aponta que quase dobrou o número de chefes de família negros que ganham mais do que cinco salários mínimos. Os dados demonstram ainda que são cerca de 15% os brasileiros negros que ganham acima de R\$ 1.384 mensais.

O estudo do IBMC também revela o quão são grandes as dificuldades dos negros se manterem na classe média. Comparando os dados sobre renda, educação e etnia dos pais e dos filhos os pesquisadores conseguem chegar a algumas conclusões importantes.

A ascensão social é mais rápida para aqueles que ganham menos. Entre os filhos de negros com pais pobres, 55% melhoraram de vida de uma geração para outra. Entre os filhos de negros que ganham até R\$ 716 reais, um terço supera a renda dos pais. Na classe alta, um filho de um negro que ganha mais de R\$1.384 só tem 25% de chance de repetir a renda do pai. Entre os brancos a probabilidade do filho se manter na mesma faixa é de 53%.

Segundo o levantamento feito pelo Ipobe/Instituto Ethos em 2007, a presença de negros em cargos executivos nas maiores companhias brasileiras é de apenas 3,5% e as negras em cargos executivos perfazem 0,5%.

Esses números se destacam em meio a uma porcentagem de negros brasileiros que perfaz 49,5% e segundo as previsões demográficas do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) o número de negros e mulatos superará o número de brancos por uma diferença mínima ao final do ano de 2008.

Todo este panorama geral sobre as condições de vida dos negros brasileiros e sobre a mobilidade ascendente de parte da população negra mostra de maneira mais

caracterizada qual é o perfil da população presente nesta pesquisa. Por meio desses dados podemos perceber também o quão é relevante à propriedade²² raça nos estudos sobre mobilidade social no Brasil.

Capítulo

2

A IDENTIDADE NEGRA EM CONSTRUÇÃO

De acordo com Rezende (2007) a discussão sobre o conceito da identidade é bastante recente dentro das ciências sociais já que é discutida neste campo nos últimos 40 anos. Anteriormente a este fato, era a psicologia e a filosofia que se encarregavam de discutir esse conceito.

A identidade é pensada nas ciências sociais a partir do momento em que se estuda o sujeito juntamente com seus respectivos papéis. A teoria dos papéis visava à mediação entre o indivíduo e a sociedade partindo do pré-suposto de que esta relação não poderia ser essencializada ou biologizada.

Podemos dizer então que a ciências sociais retorna a discussão filosófica de Parmênides e Heráclito (século VII a.c) para conceituar o termo identidade.

Para Heráclito a identidade está sempre em constante movimento, possui uma dinâmica própria. Ele utiliza a metáfora das águas do rio para explicar este fato. Heráclito afirma que se uma pessoa se banha nas águas de um rio em um dia e novamente se banha no outro dia, tanto a água que ela utilizou para banhar-se, como também a pessoa que banhou-se no rio nunca serão as mesmas. Estarão sempre em constante mudança e transformação.

Para Parmênides ocorre o contrário, um indivíduo possui uma essência fixa, esta não poderá ser mudada conforme as situações e as conjunturas que ocorrerem na vida deste indivíduo.

A partir de 1950 e 1960 a ciências sociais trabalhará com o conceito de identidade tendo como propostas iniciais esses dois pontos de vista anteriores.

22 Este termo será utilizado respaldando-se nos apontamentos conceituais de Bourdieu (2008), quando o mesmo caracteriza a classe social composta por inúmeras propriedades que atribuem a mesma um aprofundamento conceitual e expressa de maneira mais completa o significado da classe social nos dias atuais.

Neste período tanto a sociologia como a antropologia passam a questionar conceitos relacionados com unidades auto-contidas, definidas e integradas.

O debate vai atribuir destaque as contradições e aos conflitos, a dinâmica e a fluidez existente dentro dessas unidades.

Logo, a identidade se definirá como algo que faz a relação entre o indivíduo e o grupo social e define o sujeito subjetivamente. Pensar na identidade para a maioria dos autores significará levar em consideração um modelo de sujeito.

A maior diferença entre os autores que estudaram o termo será a de que o modelo pode ser aceito como ontológico por alguns deles, ou seja, como algo que deve ser cindido da sociedade. Para outros autores, este modelo pode ser visto através de significados que se modificam e se transformam contextualmente.

Já o consenso existente entre alguns autores que estudam a temática é o de que dentro da modernidade a identidade implica em escolhas, “de outros significativos, de estilos de vida, de narrativas biográficas” (REZENDE, 2007, p.39) O que varia entre eles é como a relação entre indivíduo e sociedade poderá gerar uma nova construção subjetiva.

Ao se recorrer a exemplos de alguns autores e aos aspectos mais importantes de suas teorias sobre a identidade se pode entender melhor os conceitos supracitados.

Berger e Luckman, por exemplo, oscilarão entre uma visão processual de identidade e outra que se cristaliza na vida adulta do indivíduo. Por isso eles dividem as socializações em primárias (quando o indivíduo é criança) e secundárias (quando o indivíduo é adulto).

Logo a identidade para estes autores só se torna uma questão de escolhas e inconstâncias em determinados contextos e conjunturas.

Já para Giddens existe uma reflexividade do eu, todavia ele pensa na existência de um núcleo identitário fixo e coerente. Ou seja, ele advoga a manutenção da coerência de uma auto-identidade contrariamente aos autores que trabalham com a existência de múltiplos “eus” sem um núcleo identitário interior.

Por último, Hall vê o sujeito e a identidade como “celebrações móveis”, múltiplas e instáveis que localizam o indivíduo contextualmente. Para Hall não há um núcleo do sujeito, as identidades seriam transformadas no tempo e no espaço e entram em contradição com outras identidades.

No entanto, o conceito de identidade para a psicanálise²³ vai além do conceito de semelhança (daqueles que se assemelham em um grupo), ou seja, o conceito é caracterizado e advém da ordem da essência do indivíduo. A identidade é o que diferencia um indivíduo do outro.

Ela é, portanto o que existe de mais singular; é quando um indivíduo se coloca como único e diferente dos outros indivíduos.

Para tentar solucionar esta questão onde o conceito da identidade se remete a um sujeito uno e íntegro e fixo, Homi Bhabha, Stuart Hall e Paul Gilroy dão preferência ao termo “identificação”. Este termo na psicanálise está referido às pulsões, às demandas do mundo exterior, e do confronto entre o sujeito e a alteridade. A identificação é algo plural, mutável de acordo com o tempo e o espaço, pois é impregnada das distintas vontades contidas em um indivíduo e essas podem modificar-se contextualmente.

Essa breve incursão permite que se possa passar para a conceituação do termo “identidade negra”. Uma vez observado que a constituição da identidade é um processo dinâmico, portanto, em constante mudança, fica sobre uma dúvida: Existe uma identidade negra?

Stuart Hall (2008) afirma que existe uma cultura popular “negra” baseada na experiência “negra”, que possui uma estética “negra” e contranarrativas “negras”. Ou seja, existe um essencialismo estratégico contido na experiência negra, todavia, ele poder impor estratégias criativas, mas também pode ser muito criticado.

Esse essencialismo pode ocultar as estratégias dialógicas e as formas híbridas essenciais à estética diaspórica. Dentro desta lógica tende-se a afirmar a existência de um binarismo. Por exemplo, ou você é negro, ou é britânico.

O momento essencializante é fraco, pois ele des-historiciza a diferença, confunde o que é história e cultura com o que é natural, biológico e genético. Logo, fixamos um significante fora da história, fora da mudança e da intervenção política.

A identidade negra, portanto está contida e submetida a um emaranhado de outras identidades. Ela não possui uma pureza, é um produto de sincronizações, engajamentos, desengajamentos e de negociações. A identidade negra, portanto, não deixa de ser situacional, se adequando a diferentes contextos no tempo e no espaço.

Podemos dizer portanto que o fato de alguns negros (as) não se vincularem a condutas e comportamentos puramente étnicos pode estar relacionado às inúmeras

23 Uma das precursoras na discussão deste conceito.

dinâmicas e processos associativos e desassociativos que se pronunciam diretamente pelas escolhas, gostos e estilos de vida inseridos em uma modernidade tardia ou em uma pós-modernidade.

Ou seja, de acordo com Beck (1995, p.12) a modernização reflexiva é vista como a possibilidade de “[...] autodestruição criativa para toda uma era: aquela da sociedade industrial. O sujeito desta destruição criativa não é a revolução, não é a crise, mas a vitória da modernização ocidental.”

Neste sentido a noção de estilo de vida adquire um papel de destaque. As escolhas baseiam-se no modo como se pode conduzir nossas vidas a partir de um “leque” ou “cardápio” de opções que se mostra cada vez mais ampliado dentro da modernidade tardia.

Os modismos e as tendências fazem parte desta gama de opções marcadamente ocidentais. Portanto, os comportamentos autênticos que se vinculam a uma tradição qualquer não ocidental seriam a contrapartida das atitudes e valores ocidentalizados.²⁴

Logo, a biografia de cada um passa a ser um projeto não padronizado, fruto das escolhas e prioridades individuais. Na medida em que tais decisões passam a ser obrigatórias elas adquirem o sentido de perigo pessoal – na sociedade de risco – e obrigam as pessoas a conviver com a perspectiva do erro e fracasso auto-infligido. (GIDDENS, 2002)

Na presente pesquisa as falas da maior parte dos empresários (as) e profissionais liberais negros (as) revelam uma opção pelo distanciamento de movimentos sociais de afirmação étnico-racial.

Este distanciamento se dava muitas vezes pelo desconhecimento do funcionamento organizacional do movimento negro das cidades e pelo fato de atribuírem um caráter de radicalismo para grande parte das manifestações e condutas desse movimento. Sendo assim, suas escolhas se baseavam em outras opções, que não pela preferência e afirmação latente de sua etnicidade ou racialidade, e afiliação a quaisquer tipos de movimentos sociais.²⁵

24 Existem algumas exceções. Atualmente, o estilo de vida “afro” pode torna-se cada vez mais uma tendência.

25 De acordo com o que pudemos observar na pesquisa, a vigência das múltiplas escolhas não dá conta de explicar o distanciamento de certos indivíduos com relação aos movimentos negros. Existem algumas razões psicológicas, (individuais), adquiridas dentro de um contexto social, que podem influenciar este tipo de escolha. Logo em seguida trataremos deste aspecto.

Podemos perceber de acordo com o exemplo anterior, que além de ser uma construção social, a identidade não é um fenômeno estático, já que, está sempre em constante mudança. Stuart Hall defende a idéia de que “[...] as antigas identidades que estabilizaram o mundo social por tanto tempo, estão em declínio, dando espaços a novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno como um sujeito unificado...” (HALL, 1995, p.7)

Para Hall (1995), as identidades estão descentradas, ou fragmentadas. Este conjunto de descentramentos dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo cultural e social quando de si mesmos, estabelece a crise da identidade para o indivíduo. A época moderna fez surgir uma forma decisiva de individualismo, no centro do qual se erigiu uma nova concepção do sujeito individual e de sua identidade.

Neste sentido, concordamos com Hall no que diz respeito a esta fragmentação e ao descentramento das identidades. Pode-se dizer que, em determinadas situações cotidianas (grupais ou pessoais), algumas pessoas podem apresentar um tipo de identidade, e em outras situações, optam por recorrer à outra identidade.

Pode-se recorrer a um exemplo recente. No período de eleição nos Estados Unidos, uma mulher negra nascida neste mesmo país, poderia votar em Barack Obama Hussein (Candidato negro)²⁶ ou em Hilary Clinton (Candidata branca que representa o poder feminino). A expressão do voto desta mulher pode ser induzida neste momento pelo sentimento de identidade que conseguir mobilizá-la.²⁷

Outro exemplo mais próximo a esta pesquisa, é quando visualizamos um homem negro de classe média fazendo prevalecer, em determinados momentos, a sua identidade étnico/racial e em outros momentos, a sua identidade de classe, ou um habitus de classe ao qual ele está inserido. Entretanto, este fato não impede que em alguns momentos as duas identidades sejam acionadas.²⁸

De acordo com Lacan, a formação do “eu” no olhar do outro inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma, e é assim o momento

26 Apesar de Obama ser um candidato negro, sua plataforma política não faz menção às questões raciais.

27 Não excluimos a hipótese desta pessoa votar impulsionada por outro tipo de sentimento identitário.

28 É importante mencionarmos que o conceito de identidade de classe é distinto do conceito do habitus de classe. A identidade de classe seria marcada pela forma cujos indivíduos se auto-reconhecem e são reconhecidos pelos outros no que diz respeito a sua classe social. Já o conceito de habitus de classe leva em conta o gosto socialmente valorizado por uma classe social que são interiorizados por seus membros e influenciam suas práticas.

de sua entrada em vários sistemas de representação simbólica – incluindo a língua, a cultura e a diferenciação sexual. O sentimento contraditório e não resolvido que acompanha esta difícil entrada que são “aspectos chave da formação inconsciente do sujeito” e que deixam o sujeito dividido, permanecem pela vida toda. (HALL, 1995, p.38)

Entretanto embora o sujeito esteja dividido, age como se sua própria identidade estivesse, reunida, resolvida, unificada, como resultado de uma fantasia de si mesmo, ou como uma pessoa unificada que ele formou na fase do espelho²⁹. De acordo com este tipo de pensamento psicanalítico, essa seria a origem contraditória da identidade.

A identidade seria algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não inatos existentes na consciência no momento do nascimento e está em constante processo de formação por toda a vida. Desta forma pode-se avaliar o contraste desta forma de pensamento com os argumentos que vêem o sujeito racional e a identidade como fixos e estáveis. (HALL, 1995, p.40)

Concordamos com Hall quando ele ressalta que a experiência negra deve ser dirigida para a diversidade e não para a homogeneidade.

Segundo Hall (1995, P.345):

Não somente para apreciar as experiências históricas, entre as comunidades, regiões, campos e cidades, nas culturas nacionais e na diáspora, mas também reconhecer outros tipos de diferença que localizam o negro. Visto que nossas diferenças raciais não nos constituem inteiramente, somos sempre diferentes e estamos representando e negociando diferentes tipos de diferença.

29 A fase do espelho se remete a um conceito psicanalítico. Esta fase está presente na vida de uma criança na idade dos seis aos dezoito meses de idade quando a criança encontra e reconhece a sua imagem especular.

2.1 O negro (a) na contemporaneidade: Como pensar o negro inserido na classe média

Quando tratamos da questão do negro na pós-modernidade, ou da temática que aborda grupos étnico-raciais, as perspectivas levadas em conta são as que discutem os negros que se situam excluídos da modernidade capitalista, ou seja, visualiza-se frequentemente o negro pós-moderno inserido dentro de um descentramento, que tem como forma de contestação a identificação coletiva através da cultura popular e sua interação com os movimentos negros brasileiros.

Observa-se que quando a temática se relaciona a grupos étnico-raciais, existe uma tendência de que a análise seja homogeneizante em termos de classe. Neste sentido, os estudos sobre negritude são vistos através da ótica da coletividade e ainda existem poucos estudos que priorizam o indivíduo nas sociedades modernas. Como o diálogo normalmente é estabelecido com a tradição, prioriza-se o coletivo, ou a experiência coletiva dos negros no Brasil.

Neste contexto pode-se afirmar que são poucos os estudos que direcionam o olhar para a individualidade negra. Grande parte dos estudos que enfatizam o indivíduo provém da psicologia e mesmo dentro dos estudos dessa área há os que trabalham com a temática afro-descendente e poucos com o processo de identidade.³⁰

Todavia, se recorremos à análise das trajetórias de vida individuais de alguns negros³¹ que desfrutaram dos bens sociais e simbólicos associados a pessoas de poder aquisitivo mais elevado, ou melhor, a individualidade dos negros (as) inseridos na classe média brasileira³², obtém um panorama e uma análise distinta das análises feitas anteriormente por estudiosos das relações raciais no Brasil.

Quando se vê um negro situado na classe média brasileira, pensa-se certamente que ele está fora de lugar. Este fato é verificado quando negros que ocupam

30 Ricardo Ferreira Franklin, fez um levantamento bibliográfico de 4.911 títulos na área de psicologia em São Paulo, no período entre 1987 a 1997, e concluiu que apenas 12 tratavam dos afrodescendentes e outros 3 se detinham no tema da identidade. (Figueiredo, 2003)

31 O fato do termo "negro" ser utilizado no contexto deste trabalho implica na auto-classificação da maioria dos afro-brasileiros que ocupam posições na classe média. Segundo Sansone (1993), se afirmar como negro e não como preto implica na significação simbólica de que eles se inserem em posições de destaque no mercado de trabalho.

32 O termo classe média negra utilizado por Ângela Figueiredo é definido a partir de alguns critérios objetivos como, renda, escolaridade e ocupação.

posições elevadas sofrem preconceito racial e discriminação ao ocuparem espaços majoritariamente brancos.

De acordo com Figueiredo (2004), apesar de sofrerem algum tipo de discriminação racial ou preconceito – mesmo que de forma simbólica - grande parte dos negros inseridos na classe média, não toma decisões práticas contra situações de racismo.³³

A identificação étnico/racial dos negros inseridos em posições sociais mais elevadas, como resultante da experiência de estar “fora do lugar”, não implica necessariamente em estratégias políticas coletivas, mas está em consonância com as modernas teorias sociais. (FIGUEIREDO, 2002)

Esta afirmação feita por Figueiredo refuta a posição daqueles que acreditam na impossibilidade de se afirmar a existência de uma identificação ou de uma identidade étnico/racial tardia. No que se refere aos negros, parece existir uma crença na incompatibilidade da experiência negra na modernidade.

Assim como Figueiredo (2004), acreditamos que a idéia da experiência negra é compatível com a modernidade e está diretamente relacionada à construção das teorias sociais modernas.

Apesar de boa parte dos negros se filiarem a diversos movimentos negros ligados à questão da identidade negra, autores como Figueiredo afirmam que grande parte dos negros que se inserem na classe média, não compartilha desta mesma perspectiva.³⁴

Por isso podemos dizer que o negro de classe média brasileira está circunscrito em uma lógica onde a identidade negra não é a única que exerce uma função prioritária em suas vidas. Ele se encontra inserido em uma lógica da modernidade tardia ou da pós-modernidade caleidoscópica que tem como princípios básicos a resignificação das identidades e a pluralidade de escolhas. (MARTINS, 2007)

Trata-se do fato de que esses eixos se recusam a aglutinar-se em torno de um eixo único de diferenciação. “A questão mais difícil no campo das identidades é o fato de que elas se deslocam entre si”. (HALL, 2003, p.346)

33 Muitos negros (as) entrevistados nesta pesquisa não tomam iniciativas práticas relacionadas ao apelo a justiça ou a afiliação a movimentos sociais, mas apresentam outros tipos de comportamento de reivindicação. Poderíamos considerar estes comportamentos como atitudes e decisões individuais.

34 É importante dizer que conseguimos constatar este fato em nossa pesquisa também.

Michael Pollack também faz uma afirmação que se conecta aos argumentos citados anteriormente quando menciona que as “[...] identidades podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.” (1992, p.5)

É dentro da asserção anterior que Figueiredo discorre sobre os negros (as) inseridos em posições de destaque ou dentro da classe média brasileira:

[...] a identidade negra definitivamente resiste ao uso da identidade no sentido político/coletivo, indo mais na direção de uma identidade que serve aos propósitos individuais, sobretudo, para ter acesso à cidadania plena, ou seja, a ênfase recai no aspecto do direito individual e não das estratégias coletivas de mobilização de recursos étnicos. [...] Do mesmo modo, a identificação racial é uma das tantas identidades que estes atores assumem na pós-modernidade. Ser membro da classe média é também estar sujeito a compartilhar com uma visão de mundo daqueles que ocupam a mesma posição social, ou como nos ensina Bourdieu, é estar sujeito ao mesmo habitus de classe.”³⁵ (FIGUEIREDO, 2004, p.228)

Giddens (2002) ressalta que uma das características da modernidade tardia é a diversidade de opções que o indivíduo possui para a conformação de seus estilos de vida, em oposição às escolhas já estruturadas nas sociedades tradicionais. Ressalta também que, as experiências do cotidiano dizem respeito a algumas questões importantes ligadas ao eu e a identidade, mas também envolvem uma multiplicidade de mudanças e adaptações na vida cotidiana.

Na defesa deste argumento podemos explorar de maneira mais consistente o argumento anterior de Figueiredo (2004) e a partir disto, dar um direcionamento diferenciado para os estudos raciais dentro da modernidade tardia.

De acordo com Figueiredo (2004) se levarmos ao extremo suas colocações, pode-se dizer que a importância na construção da identidade racial na definição da auto-identidade reflexiva na modernidade tardia, é mais uma entre várias escolhas. Apesar

³⁵ Sobre as classes sociais, a postura de Lash (19995, p.189) é a de que “As classes sociais não são comunidades, mas certamente grupos de interesse. Segundo muitos registros a classe média pode ser atomizada, pois freqüentemente nem sequer percebe os interesses compartilhados. Em vez disso, as classes médias tem sido capazes de buscar seus interesses em uma base familiar.” O que entendo por esta citação é que a base familiar a que se refere o autor seria o padrão da família burguesa explicitado por Richard Miskolci (2003).

da afirmação anterior, Giddens (2002) não possui em seus escritos algo que se direcione exatamente as minorias étnico-raciais e suas escolhas individuais na modernidade tardia. Giddens (2002) menciona o indivíduo de forma genérica.

De acordo com Beck (1995, p.18), as fontes de significado coletivas e específicas de grupo (consciência de classe ou no progresso) na cultura da sociedade industrial estão sofrendo exaustão, desintegração e desencantamento³⁶. Estas deram apoio à democracia e as sociedades ocidentais no decorrer do século XX e sua perda conduz a imposição de todo esforço de definição sobre os indivíduos; o que significa o processo do conceito de individualização. Mas o conceito de individualização passa a ter um significado bastante diferente.

Individualização “significa primeiro a desincorporação e segundo a reincorporação dos modos de vida da sociedade industrial, por outros modos novos, o eu, os indivíduos devem produzir, representar e acomodar suas próprias biografias”. (Beck, 1995, p.18)

A reincorporação e desincorporação - nas palavras de Giddens-, não ocorrem por acaso, nem individualmente, nem voluntariamente, ou por diversos tipos de condições históricas, mas sim por condições gerais do *welfare state*, na sociedade desenvolvida do trabalho industrial, como vem se desenvolvendo desde a década de 1960 em muitos países industriais do Ocidente. (GIDDENS 1995, p. 24-25)

O *welfare state* considera o indivíduo como ator, planejador, prestigiador e diretor de cena de sua própria biografia, identidade, redes sociais, compromissos e convicções. A individualização neste sentido significa a desintegração das certezas da sociedade industrial, assim como a compulsão para encontrar e inventar, novas certezas para si e para os outros que não a possuem. (BECK, 1995, p.26)

Dentro do arcabouço dessas novas certezas e da invenção de suas próprias biografias, muitos negros da classe média brasileira, apesar de se autotransformarem individualmente como negros, não se baseiam necessariamente na escolha de uma religião de matriz africana, ou na participação e envolvimento direto com um movimento coletivo com o qual supostamente deveria estar identificado e nem usam penteados que

36 Esta exaustão, desintegração e desencantamento estão próximos ao conceito de fragmentação das identidades nos escritos de Stuart Hall.

valorizam o cabelo crespo. Ou seja, não dirigem suas experiências cotidianas para a vivência de uma identidade negra.³⁷

O fato corrente de que na modernidade tardia podemos encontrar uma pluralidade de identidades em um mesmo indivíduo, ou pluralidades de escolhas de vida está diretamente relacionado à personalidade da pessoa e a sua capacidade reflexiva de auto-identificação com os fatores mais próximos que lhe favorecem.

Todavia, na presente pesquisa percebemos que a existência de um indivíduo negro que possui múltiplas escolhas e diferentes gostos expressos em sua cotidianidade não consegue responder todos os questionamentos.

Ao analisarmos indivíduos negros da classe média brasileira juntamente com seus respectivos comportamentos e processos afiliativos (ou suas escolhas), não podemos afirmar categoricamente que grande parte deles costuma se distanciar de movimentos negros³⁸ apenas porque estão inseridos em um contexto moderno, alicerçado em princípios de individualização, múltiplas escolhas, e diferentes estilos de vida.

A saber, as razões pelas quais um dentista negro de classe média, busca não se afiliar a grupos de identificação afro-brasileira, não podem se resumir ao fato deste indivíduo estar conectado apenas a outras escolhas, gostos, e decisões, que se distanciam de vivências e escolhas baseadas no estilo de vida afrocêntrico.

Um dos objetivos centrais desta pesquisa será evidenciar a existência de outros fatores, ou outros motivos que poderiam influenciar este tipo de escolha ou decisão. É importante ressaltar que estes outros motivos não colocam em xeque a teoria utilizada anteriormente, pelo contrário, os novos fatores e atitudes verificadas tendem a acrescentar reflexões positivas para análise dos dados coletados.

Ou seja, será extremamente importante analisar o comportamento e os discursos de indivíduos negros da classe média, a fim de que possamos mapear e refletir sobre o processo de construção da significação e resignificação da identidade negra dentro da individualidade do negro de classe média. Dito de outro modo será imprescindível refletir sobre esta construção dentro da individualidade e da diversidade das representações figuradas por cada indivíduo negro entrevistado.

37 É importante mencionar que chegamos a esta conclusão através das argumentações de Ângela Figueiredo e também através de nosso trabalho de campo na presente pesquisa.

38 Optei por utilizar o termo "movimentos negros" para me referir a todos os grupos, instituições e filiações que possuem como princípio ideológico afirmar a sua identidade étnico-racial.

2.2 A conformação do processo de identificação e a força dos vínculos de afiliação: pessoas versus grupo

O fato de se optar por analisar a perspectiva do indivíduo nesta pesquisa não implica que a pessoa como ser individual se dissocie de sua existência enquanto ser social, pois o próprio conceito de identidade implica como ressalta Elias (1987), no fato de que uma identidade-eu não existe sem uma identidade-nós. Por isso busca-se averiguar sempre a relação existente entre os indivíduos entrevistados e seus respectivos grupos de afiliação.

A perspectiva analítica de Elias (1987) pode nos auxiliar na construção desta argumentação. A saber, as marcas biológicas, o rosto, a cor de pele, podem ser um meio de identificação entre indivíduos pertencentes a um mesmo grupo, portanto, os membros de todas as sociedades conhecidas presumem-se reconhecidos por todos os conhecidos de seu grupo, como pessoas particulares e únicas por meio de seus rostos.

O conceito mais concreto que se vincula a esta discussão e a questão da etnia é o conceito da “família de semelhanças” de Fisher (1986). Para este autor a etnia é “uma coisa reinventada e reinterpretada em cada geração por cada indivíduo [...] não é algo simplesmente transmitido de uma geração para outra, ensinado e aprendido; é uma coisa dinâmica muitas vezes reprimida ou evitada sem sucesso” (FISHER, 1986 apud HANCHARD, 2001, p.99)

De acordo com Hanchard (2001) a compreensão Fisheriana da assemelhação pode captar a dialética da identidade consciente afro-brasileira, o reconhecimento da semelhança, entre os não-brancos³⁹, de suas similaridades fenotípicas, vivenciais e situacionais, aliado a negação dessas similaridades por brancos e não-brancos.

³⁹ Termo usado por Michael Hanchard.

O autor ainda ressalta que tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo a identidade racial adquire uma forma de assemelhação entre os indivíduos de cor que é parecida, embora não seja idêntica.⁴⁰

A família de semelhanças de Fisher é composta por duas categorias fundamentais: as semelhanças fracas e fortes. As semelhanças fracas se baseiam em um olhar que pode despertar uma idéia de origem comum, ou de opressão compartilhada.

Os critérios deste tipo de semelhança são mais afetivos do que críticos e estratégicos. No geral, qualquer pessoa que se considerar parte de um grupo pode ser incluída nele. Por isso a semelhança fraca pode ser caracterizada por um ato de disposição ou de atitude.

Essa assemelhação, de acordo com Hanchard (2001, p.101), pode tender a ruir mediante uma diferenciação religiosa, geográfica ou ideológica. Ele ressalta que “[...] a história complica os padrões de assemelhação fraca uma vez que as escolhas e opções grupais fragmentam-se, invariavelmente as filiações de base geral”. Uma vez feitas as escolhas, a ênfase se desloca do “princípio raça” para uma outra questão ou complexo de questões, que ficam fora do espectro da semelhança fraca.

Um exemplo disto é o fato de que não se menciona mais a semelhança biológica, e supormos uma semelhança ou afinidade financeira, poderíamos dizer que a existência de um habitus propriamente financeiro ou de classe estaria fortemente vinculado a muitos comportamentos individuais e o mesmo poderia configurar-se como uma nova escolha.

Já a semelhança forte significa a mobilização estratégica de sentimentos experienciados no nível fraco. Ou seja, é a possibilidade de superar diferenças particulares, em uma coletividade social, para atingir objetivos políticos concretos, mesmo que sejam temporários.

Entretanto, Hanchard ressalta que mesmo dentro de um grupo que possua mentalidades parecidas e mesmo quando são formados pela solidariedade étnica e racial, ocorrem divergências relacionadas a ideologias, ao sexo, a região ou mesmo a estratégias. Essas divergências muitas vezes podem ser suspensas em nome de uma

40 Todavia, apesar desse processo estar inscrito à lógica brasileira, Hanchard (2001) a considera apolítica em termos de mobilização afro-brasileira.

comunidade. Todavia a filiação a raça e a etnia “são escolhas e não imperativos” (Hanchard, 2001, p.104)

A perspectiva de Hanchard (2001) é importante para se apreender a dialéticas dos tipos de semelhança e suas possíveis articulações e filiações, faz-se necessário lembrar dos argumentos críticos de Sérgio Costa (2006) referentes ao autor.

Se as semelhanças são pensadas como níveis de consciência negra, ou colocando a semelhança forte como uma consciência mais desenvolvida do que a semelhança fraca corre-se o risco de se ler os fatos numa perspectiva evolucionista.

Esta escala que permite verificar os diferentes níveis de consciência negra nada mais é do que fazer a comparação das relações sociais no Brasil com a experiência americana. Ou seja, a consciência racial superior seria aquela que se aproxima do afro-americano: que afirma sempre sua condição racial, a de ser negro.

Mantendo o padrão estadunidense como o modelo universal, faz com que as relações entre negros e brancos no Brasil sejam vistas, como “atraso” ou “falta”, ou como um momento cronológico a ser alcançado.

Segundo Costa (2006) ao se tratar os fatos dentro desta equação evolucionista, as opções e os próprios atores sociais passam a importar pouco, pois, se eles recusam o padrão identitário a ser seguido estariam imbuídos de um grau de subdesenvolvimento, político, cultural e axiológico.

Ao contrário da perspectiva acima descrita o presente estudo pretende pensar as identidades de uma maneira plural, respeitando as opções, escolhas de vida e diferentes experiências adquiridas em distintos contextos. Neste sentido, importa observar os processo de significação e resignificação da identidade dos negros (as) inseridos na classe média brasileira.

Logo, a pesquisa procurou não construir uma escala evolutiva de acordo com as diferentes formas culturais de existência e, também, não construir modelos identitários que sigam esta disposição.

2.3 O processo das afiliações

De acordo com Hanchard (2001) a solidariedade racial só pode aparecer no contexto político depois de atendidos os critérios de compatibilidade ideológica. Isto é, um negro só se une em coalizões com negros de mentalidades semelhantes quando tiver convicção do fato. Caso seja uma identificação de semelhança fraca na representação de uma identidade racial, embora possa haver o compartilhamento de traços comuns pode-se incorrer em traição.

Segundo Strauss, existe um aspecto dentro da experiência que pode ser considerado uma traição. Por exemplo, um negro americano acostumado com a comodidade de uma identidade dual descobre que outros negros importantes estão contestando uma das duas identidades.

Essa foi uma experiência desalentadora para muitos negros do norte dos Estados Unidos que fizeram visitas ao Sul. É possível que esta negação de parte da identidade não gere uma crise se a pessoa se afasta de seus contestadores. Mas se ficarem próximos de seus contestadores tem que acertar o passo com a platéia que o contesta. (STRAUSS, 1999, p.107)

Este seria um ótimo exemplo para pensar a situação de pesquisa a desenvolvida. É fato recorrente que grande parte dos negros de classe média no Brasil têm afinidades e convivem com brancos da mesma classe social. Muitos desses negros vivenciam um habitus de classe e acabam deixando de lado, ou em segundo plano, suas reivindicações de cunho racial.

Strauss (1999) se refere a estas filiações no interior dos grupos mencionadas anteriormente, como uma questão simbólica. Diz ainda que a vida em grupo está organizada em torno da comunicação e que esta não é somente a transmissão de idéias da mente de uma pessoa para outra, significa também sentidos compartilhados, e que os termos derivam de uma ação comunitária e por sua vez, permitem essa mesma ação.

“Os membros são autorizados a participar de várias atividades coordenadas porque partilham da terminologia em comum”. Os grupos se formam em torno de pontos

de consenso, e daí emergem novas classificações com base na experiência compartilhada ulterior. (STRAUSS, 1999, p.150)

No que diz respeito às filiações, Strauss ainda afirma que a filiação a um grupo ou a uma estrutura social permanente implica na passagem de um status para outro. Essa passagem não implica apenas mudanças de ação e de comportamento, mas também das ações verbalizadas que estão associadas a eles. Motivações apropriadas a um status anterior devem ser transmutadas e abandonadas e novas motivações devem ser acrescentadas para substituir às outras (STRAUSS, 1999).

De acordo com o autor, no decurso dos anos, muito do que uma pessoa identifica pertencente caracteristicamente a si mesmo, como, uma intensa preferência por comidas características de seu grupo étnico obscurece a identificação de outras mudanças de gosto e de conduta, aparentemente menos importantes. A consciência de uma mudança significativa é uma questão simbólica. O comportamento de cada um muda de alguma forma, mas não em todos os aspectos e, saber quais merecem ser consideradas importantes, não depende do aparecimento ou desaparecimento do comportamento real.

Assim a constituição de qualquer grupo não é um fato físico é antes simbólico. Um exemplo que Strauss (1999) menciona é o do negro norte americano. Uma família é mais do que membros de sangue e dificilmente depende do estreito contato de todos os seus membros. Um homem é negro apenas por sua cor de pele.

Outro exemplo dado pelo autor, é o que se refere a uma nação: Ele relata que 150 milhões de pessoas raramente são uma unidade apenas por causa da proximidade geográfica. Existem grupos que se formam apenas pela simbolização comum de seus membros. A natureza simbólica provoca questões relativas à afiliação. Ao se considerar a afiliação apenas uma associação formal ela não acarreta nenhuma grande questão.

Neste sentido, o autor relata que, pode-se fazer parte de um grupo sem revelar fidelidade a ele, e podemos não fazer parte dele, mas realmente participar de algum modo. Rotular uma pessoa afiliada a um grupo sugere apenas a natureza e a qualidade de suas lealdades. Em seguida, o autor levanta algumas questões importantes que merecem destaque: “Se um homem é católico, mas não frequenta a igreja há 20 anos, ele pode se denominar católico? Se um negro passa por branco durante vários anos, ele continua sendo negro, sobretudo se agora se nomeia e se identifica como branco?” (STRAUSS, 1999, p.151)

Para as indagações acima, o autor faz uma afirmação com outro exemplo, que de certa forma responde as mesmas. É possível a afiliação a grupos diferentes e o desenvolvimento de terminologias contraditórias. O autor afirma que é possível que um arquiteto discuta com artistas e entusiastas sobre arte moderna, mas ao mesmo tempo é possível que sua mulher cozinhe em sua casa uma comida simples como a que comiam quando moravam no cortiço anteriormente.

Neste sentido, Strauss argumenta que os grupos são constituídos de indivíduos que trazem consigo um corpo de símbolos derivado de suas afiliações a outros grupos. “Os símbolos estão prenes de possibilidades de convergência e divergência, de combinação e permuta. Os sentidos geram novos sentidos, segundo John Dewey.” (STRAUSS, 1999, p.155)

Sendo assim, o autor menciona que um status pode se transformar tanto em um modo de ser como em um modo de agir. Em todos os tipos de status está implícita a dimensão temporal. Ninguém pode obter ou assumir uma posição de status para sempre. Sempre pode ser destituída ou destituir-se do status.⁴¹

A questão da posse de uma identidade temporal se torna muito mais complicada porque existem tipos de status que possuem uma estrutura interna programada. As pessoas estão sempre ingressando nesses status e os deixando; e as pessoas estão sempre num ponto ou em outro de sua ocupação.

Estamos sempre mudando de fases, e as mais importantes estão associadas a mudanças importantes de identidade. A mudança de um tipo de mundo e de um tipo de identidade para outro ocorre sem provocar rupturas entre o passado e o presente.

Para se refletir sobre as questões anteriores, algumas palavras de Strauss são de suma importância:

Podem-se conciliar identidades passadas ou fazer com que pareçam uniformes apesar de sua aparente diversidade, se pelo menos puderem ser abarcadas em uma interpretação unificada. Um senso firme de unicidade significa “chegar a bons termos consigo mesmo”. Os termos do acordo nunca estão terminados ou concluídos. Constância da identidade reside mais no olho do observador do que no próprio comportamento. (STRAUSS, 1999, p.146)

41 Alguns status são programados socialmente como ressalta Nelson Foote. As pessoas os assumem e os abandonam em épocas programadas, e saem de outras posições enquanto se deslocam para outras. (Strauss, p.128)

É importante ressaltar que apesar da existência da mudança de um tipo de identidade para outro, Hanchard (2001) argumenta que é raro um indivíduo ou um grupo ter de optar categoricamente pela afiliação étnica em detrimento da afiliação de classe, ou vice-versa. Ele dá o exemplo de que um líder sindical Italiano pode tomar uma decisão simultaneamente baseada na classe e na etnia, sem determinar uma prioridade. Não é preciso determiná-la.

O que ocorre freqüentemente neste caso não é a assimilação ou a escolha de um ou de outro fator que se designe mais importante, mas a redefinição dessas identidades. Um caso bastante elucidativo que pode ter correlação com esta redefinição é o trabalho de Key Warren (1978). O autor observa que os camponeses maias da Guatemala estão sempre reformulando suas identidades étnicas de acordo com as circunstâncias históricas. Apesar de não haver uma separação entre etnia e classe, entre índios e mestiços. Suas identidades apenas se manifestam de outras maneiras.

Outro exemplo importante é que um determinado grupo pode ter fortes vínculos com um grupo que se identifique e ao mesmo tempo, desenvolver vínculos fracos com outro grupo pelo qual também se identifique. Uma autora que menciona bastante este tipo de questão é Avtar Brah. Ela assinala em sua obra a presença de africano-caribenhos, sul-asiáticos, e outros indivíduos de nacionalidades distintas associando-se ao movimento negro na Grã-Bretanha, e fazendo deste, sua morada e sua identidade⁴².

Neste caso essas pessoas de nacionalidades distintas se unem em torno de um único propósito e esta nova identidade neste momento pode exigir uma semelhança forte em torno deste grupo, uma vez que a conexão desses grupos com as suas raízes nacionais neste momento se tornam semelhanças fracas.⁴³

Exemplos como estes nos fazem ponderar e refletir até que ponto se pode afirmar a existência de uma cultura “puramente negra”, ou seja, haveria limites para se definir a “categoria negra”?

Figueiredo (2004) argumenta que existe uma situação peculiar no Brasil, em que, muitos negros acusam outros de não fazerem parte de uma “identidade negra”.

42“O conceito de “negro” surgia como um termo especificamente político envolvendo pessoas africano-caribenhas e sul-asiáticas. Ele constituiu um sujeito político inscrevendo a política de resistência contra racismos centrados na cor. O termo foi adotado pelas coalizões emergentes entre organizações e ativistas africano-caribenhos e asiáticos do sul no final dos anos 60 e nos 70”. (BRAH, 2006, p. 4)

43 Esta autora também utiliza os termos: semelhança forte e fraca. Às vezes penso ser inevitável falar de vínculos mais fortes e mais fracos com determinados grupos sem utilizar os conceitos Fisherianos. Porém, é preciso ter cuidado ao utilizá-los para não cair no “abismo” de empregar sentidos evolucionistas quando estes termos forem usados.

Figueiredo confirma por meio de inúmeras entrevistas que, os militantes negros priorizam a questão da raça e da cor em suas trajetórias pessoais e enfatizam a questão do preconceito racial e da discriminação, além disso eles consideram alienados os negros que não possuem o discurso racial como base fundamental em suas trajetórias pessoais.

Com base em todas os exemplos anteriores podemos nos perguntar: O que é realmente ser negro? Existe um lugar ou um espaço simbólico no qual os negros devem ser inseridos? Ser negro implica categoricamente viver uma identidade “puramente negra”? Quais seriam as implicações de se viver uma cultura propriamente negra na modernidade tardia ou na pós-modernidade?

No próximo tópico se tenta refletir sobre algumas dessas questões.

2.4 Tradição africana, a cultura popular negra e suas implicações para a configuração da uma nova identidade negra na pós-modernidade

Autores que estudam a identidade negra na pós-modernidade como Hall, desenvolvem uma perspectiva que considera a cultura popular, o universo “não letrado” ou os “negros marginalizados”⁴⁴.

A cultura popular tem sempre sua base em experiências, prazeres, memórias e tradições do povo. Tem ligações com as esperanças e tragédias e cenários locais que são práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns.

A cultura popular negra pode ser pensada a partir dessa perspectiva e, nesse sentido, está destinada a ser contraditória já que é um local de contestação estratégica que não pode ser explicada por lógicas binárias. As tradições da cultura popular negra são vistas em sua musicalidade, oralidade e em sua profunda e variada atenção à fala em suas inflexões vernaculares e locais. (HALL, 2003, p.342)

44 Termos utilizados por Clovis Moura.

Na opinião de Giddens (1995) a tradição de uma maneira geral está ligada à memória, especificamente ao que Maurice Halbwachs denomina memória coletiva; envolve ritual; está ligada ao que podemos chamar de noção formular de verdade; possui guardiões, e ao contrario do costume tem uma força de união, que combina conteúdo moral e emocional.

É fato bastante conhecido que esses meios de contestação desse tipo de cultura recorrem muitas vezes à ancestralidade africana, o retorno às raízes, o retorno às religiões e costumes de matriz africana, o fortalecimento de uma identidade coletiva⁴⁵ moral e emocional e este processo estaria, muitas vezes, vinculado à afiliação a movimentos sociais que dão sustentação a essas idéias de retorno a tradição e a cultura africana.

De acordo com Giddens (1995), as grandes tradições criam diásporas culturais que abarcam áreas muito extensas. O cristianismo e o islamismo são bons exemplos. Essas diásporas permanecem centralizadas, seja em um ponto isolado de origem, seja em regiões sagradas.

Ainda discorrendo sobre as comunidades diaspóricas o autor afirma que essas comunidades estão no mundo coletivo. Mas elas são reflexivas em um sentido: o estar no mundo corresponde a certa forma móvel, o que lhes empresta certa mediação com a relação à etnia original de seu país de origem. Para Giddens (1995, p. 101) essa comunidade é reflexiva porque o self diaspórico é consciente da heterodoxia e consciente da possibilidade de uma posição fora do mundo. O self diaspórico decide não se mover na posição do sujeito como oposta ao objeto, mas permanecer em seu estar no mundo da etnia.”

O self diaspórico da comunidade minoritária étnica é, portanto um pouco parecido com o antropólogo reflexivo, cujos hábitos classificatórios se misturam, entram em conflito e se intertraduzem com aqueles do outro estrangeiro. (GIDDENS, 1995, p.194)

Gilroy (2001) em sua obra “O Atlântico negro”, trabalha com as questões relacionadas à identidade negra a partir do conceito de diáspora. Com este autor pode se aprender os sentidos da pluralidade identitária a fim de que se possa ter outras bases para se pensar questão da construção da identidade do negro.

45 Por identidades coletivas, estou me referindo à denominação conceitual de Michael Pollack que assinala que o termo identidade coletiva se refere a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo - quer se trate de família ou de nação - o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência.

O autor demonstra que a idéia inicial sobre a Diáspora era uni-direcionada, vinculada a uma dispersão catastrófica. Ele menciona que o pertencimento e o desejo de reconhecimento com o passado traumático se transformaram uma vez que, a idéia de reconquistar a pátria africana foi tacitamente abandonada.

Gilroy (2001) dá uma resposta negativa àquela visão da África substituída por “significantes icônicos” de um passado genérico. Desta forma, o autor acaba por repudiar a pureza racial e assumir uma postura vinculada a inevitável hibridez e mistura de idéias. Sendo assim, propõe um distanciamento das identidades primordiais, e a busca por uma identidade voltada à indeterminação, a contingência e ao conflito.

Desta forma ele elimina a idéia da existência coerente de uma raça, de uma nação e de uma estabilidade étnica. A partir disso é possível se refletir sobre a questão do que é “ser negro” na contemporaneidade.

A perspectiva do autor permite observar que as populações dispersas interagem, se comunicam e sincronizam elementos importantes de suas vidas culturais e sociais.

A história do Atlântico negro pode levar à reflexão sobre o significado de um vasto acervo de opções, escolhas e sobre a instabilidade e a mutação das identidades que estão sempre inacabadas e sendo sempre refeitas.

Assim, a partir de Gilroy (2001) é possível pensar sobre algumas questões importantes, por exemplo, em seu prefácio a edição brasileira, ele faz menção ao fato que a cultura, a mistura, a diáspora, a história e a socialidade trans-africana tem uma ressonância diferente quando remetida a experiência brasileira. Para o autor:

Os pontos críticos que dominam as lutas políticas dos negros Europeus – como forçar o governo a reconhecer o enraizamento e a mistura, como defender a diferença que eles provocam em termos de cidadania – parecem ser irrelevantes num lugar onde o prejudicial ideal de pureza tem um sentido muito mais frouxo em relação à política cultural e uma relação totalmente diferente com as idéias de raça e de identidade nacional (GILROY, 2001, p.10)

Todavia, o autor mostra que o pensamento diaspórico tem como um de seus princípios a exclusão sistemática da vida política no âmbito dos Estados-nação. A lógica de uma cultura nacional coesa e de uma homogeneidade é posta sobre uma severa crítica.

Este último aspecto é bastante relevante para pensar a situação brasileira. Costa (2006), por exemplo, argumenta que os críticos dos Estudos Raciais no Brasil, ao enfatizarem um caráter inclusivo e integracionista da “cultura nacional brasileira”, acabam reificando a identidade nacional, “tratando-a como um repertório fixo de representações”. (COSTA, 2006, p.212)

Isto quer dizer que, embora a identidade nacional seja algo em constante movimento, muitos destes críticos fixam uma imagem de Brasil perdendo de vista uma heterogeneidade cultural interna e a ascensão de novas etnicidades negras e afro-brasileiras, que por sua vez, são inseparáveis dos movimentos transnacionais.

Pode-se perceber que o autor argumenta em torno de uma fronteira muito tênue e fluida entre a etnização (produção de sinais e identidades culturais) e as experiências humanas contingentes que o corpo pode carregar consigo. Logo, os fenômenos que apontam para a construção de novas etnicidades negras acabam por colocar em xeque a visão construída pelos antropólogos críticos de uma cultura nacional e integradora e oposta aos critérios de classificação racial.

Ou seja,

“[...] se os processos de etnização⁴⁶ negra não podem ser reduzidos a uma mera conscientização racial, não se pode desconsiderar as relações evidentes entre a cor de pele e o recurso ao legado cultural do atlântico negro. Trata-se, portanto, de discutir, como se procura fazer mais adiante, em que medida traços corporais, mobilização política e identificação cultural se articulam em torno da constituição das ‘novas etnicidades negras’” (COSTA, 2006, p.212)

Pode-se perceber que dentro desta idéia de “união” dos antropólogos críticos a ênfase dada é na questão da cidadania universal e a integração de todos os brasileiros dentro do conceito de “povo brasileiro”. A perspectiva da democracia racial, da mistura de raças, do cadinho brasileiro, tem o sentido de negligenciar a raça e afirmar a existência de um só povo brasileiro.

46 De acordo com Sérgio Costa, “A expressão etnicidade surge na língua inglesa nos anos 1950 como forma de denominar traços comuns entre os membros de um determinado grupo étnico. São distinguidas duas correntes no debate contemporâneo sobre a etnicidade, o primordialismo e o instrumentalismo. Para os primordialistas, conforme esta taxonomia, a etnicidade possui um caráter vinculante e involuntário, ela antecede, ontologicamente e cronologicamente, o próprio indivíduo. Os instrumentalistas, ao contrário, entendem que a etnicidade é um contexto social, político e cultural, do qual os indivíduos lançam mão, de acordo com suas habilidades pessoais para cortar e misturar, a partir de uma variedade de heranças étnicas e culturais, forjando, assim, suas identidades individuais e de grupo” (HUNTCHINSON; SMITH, 1996 apud COSTA, 2006, p.113-114) Segundo Costa (2006) Stuart Hall pertence à corrente instrumentalista (que em sua opinião não faz justiça ao trabalho do autor). Logo, ao analisarmos esta citação podemos entender também que Sérgio Costa está mencionando o conceito de etnização voltado para a corrente instrumentalista.

Deste modo, este retorno da perspectiva nacionalista dos anos 1930, elaborada através de uma fixidez nacional flui contraditoriamente aos preceitos do Atlântico negro.⁴⁷ Sendo assim, a proposta de Gilroy (2001) pode ser levada em conta neste trabalho e ilumina as limitações políticas expostas pelas formas essencialistas de conceituar a cultura, a identidade e a identificação.⁴⁸ No próximo capítulo, o estudo aborda questões menos teóricas e mais empíricas sobre os sujeitos da pesquisa.

47 Apesar de Gilroy propor a mistura e a hibridez devido ao contexto analisado por ele, podemos nos apoiar em sua proposta maior, que é a de não pensar a raça como verdade única e lembrar da existência das demais clivagens, das demais opções, escolhas e estilos de vida.

48 Neste sentido, usamos as palavras de Eufrázia Cristina Menezes Santos (2008, p.2 -3) para afirmarmos que utilizamos os argumentos de Paul Gilroy com o intuito de buscar “o caráter de novidade” que está “no uso político que faz desse referencial no seu trabalho, para pensar em novas bases a cultura e a(s) identidade(s) negra(s), enfatizando, sobretudo, o problema e os limites da identidade étnica e racial.” e também pelo motivo de que “O modelo do Atlântico Negro remete ao sentimento de desterritorialização da cultura em oposição à idéia de uma cultura territorial fechada e codificada no corpo”

CARACTERIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS E DE SUA POPULAÇÃO NEGRA

De acordo com os estudos de Stefanoni (2004), São Carlos surgiu a partir da concessão de terras a Carlos Bartolomeu de Arruda em 1781, e em 1831 nasceu a sesmaria do Pinhal Erigida por Carlos José Botelho filho mais jovem do concessionário.

São Carlos formou-se em 1856 com a construção da capela no caminho que ligava Rio Claro a Araraquara. Apenas em 1880 São Carlos foi elevada a categoria de cidade. É importante ressaltar que o complexo cafeeiro e a estrada de ferro impulsionaram muitas transformações na cidade.

Em 1881 Conde do Pinhal organizou sob sua direção uma companhia cujo nome era Companhia Rio Claro de Estradas de Ferro, que construiu um prolongamento até São Carlos sendo inaugurado em 15 de outubro de 1884. Em 1887 esta Companhia foi vendida aos Ingleses e sob esta direção foi feito o seu prolongamento até Araraquara, Jaboticabal, São Carlos, Santa Eudóxia, Ribeirão Bonito.

Uma outra companhia de estradas de ferro foi fundada no final do século XIX começo do século XX em Araraquara. Esta companhia conhecida como Araraquarense pretendia atingir o Mato Grosso. Inúmeros problemas foram enfrentados por esta companhia que acabou em 1919 sendo encampada pelo Estado.

Somente na década de 40 a Companhia Araraquarense conseguiu estender suas linhas e finalmente atingir seu objetivo de alcançar a divisa com o Mato Grosso do Sul.

De acordo com Lopes (1994) após a abolição da escravidão em São Carlos, os negros ficaram alijados do processo competitivo por conta dos trabalhadores estrangeiros que chegaram à cidade.

A população negra ficou responsável pelos trabalhos menores, a saber, as mulheres com empregos domésticos e os homens na estiva e em atividades avulsas. No trabalho avulso o negro exercitava as habilidades de quando era escravo e dessa forma podiam manter a sua unidade familiar.

Em São Carlos, boa parte dos escravos que pertenciam à fazenda Conde do Pinhal foram para a cidade e se fixaram no bairro da Vila Isabel que era um prolongamento da fazenda e de outros municípios.

Fixaram-se também no bairro da Vila Pureza, que se localizava na outra extremidade da cidade onde o prolongamento desta era a estrada para a cidade de Araraquara.

De acordo com Lopes (1994) esses dois bairros funcionavam como filtros, e impediam que a população negra se misturasse com os demais habitantes da cidade, e assim estabeleciam-se duas barragens simultâneas, a social e a racial.

É a partir dessas duas condições associadas que ocorre um controle dos processos econômicos e se constrói um conjunto de representações sobre o negro nesta sociedade local.

Após a implantação do campus da USP em 1961, e da ampliação do prédio da Santa Casa para a feitura da maternidade, modifica-se toda a estrutura daquela área. A antiga população – formada majoritariamente por negros e brancos pobres – seria projetada para áreas mais distantes.

Hoje a Vila Pureza é considerada um bairro de classe média embora ainda se possa encontrar antigas e pobres construções de tempos anteriores.

De acordo com Stefanoni (2004) com o advento da construção da ferrovia, muitos negros foram contratados para trabalhar neste local.

A maioria dos depoimentos coletados pela autora mostram que os negros ocupavam os cargos mais subalternos na ferrovia, como por exemplo, o serviço de via permanente que se caracterizava como trabalho pesado de carregar dormente e socar os trilhos.

Além de trabalharem em serviços de menor prestígio, os depoimentos mostram que os negros sofriam maus-tratos e eram abordados de maneira discriminatória.

Apesar de ocuparem cargos subalternos na ferrovia, ser ferroviário no Brasil nesta época significava ter uma profissão privilegiada. Todos os indivíduos entrevistados pela autora mostram-se orgulhosos por terem trabalhado naquele ambiente, além disso, diziam que a população os tratava com orgulho e prestígio. Muitos deles comentavam

que possuíam créditos em vários estabelecimentos da cidade devido à profissão que possuíam.

Neste sentido, Stefanoni (2004) faz uma importante afirmação sobre os trabalhadores ferroviários. A autora ressalta que apesar da diversidade de identidades, muitas vezes, a identidade do trabalhador ferroviário era mais perceptível do que a identidade étnico-racial.

Ou seja, no grupo dos trabalhadores brancos a primeira identidade era a mais aflorada (a de trabalhador da companhia), no caso dos trabalhadores negros as identidades recombinaem, ou seja, é demonstrada também traços de uma possível “identidade negra”.⁴⁹

A afirmação de Stefanoni (1994) é muito importante para a presente pesquisa pois se pretende verificar em quais momentos os negros empresários (as) e profissionais liberais costumam afirmar mais a sua identidade étnica ou a sua identidade profissional. Ou melhor, em quais momentos as duas identidades são negociadas.

Stefanoni afirma em poucas palavras⁵⁰ que os negros do passado, trabalhadores das ferrovias mostravam o afloramento de uma identidade étnica com o decorrer das entrevistas, enquanto os brancos entrevistados voltavam-se diretamente para uma identidade profissional.

Esta afirmação será de suma importância a título de comparação quando da análise das entrevistas da presente pesquisa.

3.1 As organizações negras de São Carlos

A cidade de São Carlos contou com algumas organizações negras que foram muito importantes para o município. Essas entidades tiveram como papel fundamental abrir um espaço para o negro na cidade – já que este era marginalizado de todo o processo econômico, cultural e social – e também tiveram a função de incentivar uma

49 A autora não trabalha nem especifica muito bem como esta identidade é caracterizada.

50 Ela não explora este importante fato durante a dissertação apesar de tratar diretamente da questão da identidade.

mudança na representação do negro nesta sociedade, ou seja, buscava caracterizar o negro de forma positiva.

As organizações negras de São Carlos são/foram: O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de maio, o Clube Aliança, o Centro de Cultura Afro-brasileira Congada, o Centro Cultural Negro Municipal, o Grupo de Cultura Afro da UFSCar, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar, a APENSC (Associação de Pensadores Negros de São Carlos), e o Centro de Cultura Afro-brasileira Odette dos Santos.

De acordo com Aguiar (1997) e Albano (1998) podemos caracterizar essas organizações da seguinte forma:

O Clube Recreativo Flor de maio foi fundado no dia 04 de maio de 1928 por trabalhadores da Companhia Paulista FEPASA, e tinha a finalidade recreativa de organizar bailes, festas e jogos para os sócios. Todavia, os fundadores e diretores tinham como objetivo um projeto de melhoria de vida e de oportunidades para a população negra local. O Clube continua sendo atualmente uma referência para a população negra São Carlense.

Já o Clube aliança, localizado no bairro da Vila Isabel (1930-1970) foi fundado a partir da crítica feita as regras do Clube Flor de maio que por um tempo permitia somente a entrada de negros no Clube. Sendo assim, o Clube Aliança foi fundado com intuito de fazer com que brancos e negros pudessem freqüentar o mesmo ambiente recreativo.

Neste sentido é importante se destacar o trabalho desses negros nas ferrovias, pois além de contribuir para que estes adquirissem uma base econômica diferenciada, colaborava muitas vezes para serem denominados “elite negra”, além de ter sido muito importante na viabilização das organizações recreativas negras em São Carlos.

Por volta de 1973, o grupo de universitários da cidade juntamente com membros da comunidade negra fundam o grupo de teatro “Rebú”. Este trazia a problemática do negro na sociedade através da apresentação de peças teatrais.

Este último passou a ser reestruturado, pois era pequeno e não conseguia com que um elevado número de pessoas da comunidade negra pudesse freqüentá-lo. Por isso, passa a ser criado o “Centro da Comunidade de Cultura afro-brasileira Congada”, (CECOM), em 14 de Abril de 1976.

Em 1984 é fundado o grupo de Cultura Afro-Brasileira da UFSCar sob o incentivo do Professor Eduardo Oliveira e como proposta do grupo CECOM. A entidade visava contribuir para a educação dos brasileiros valorizando a identidade e a cultura afro-brasileira. Entre outros objetivos, divulgava manifestações de várias culturas de origem africana e realizava atividades de combate ao racismo.

Em 1985 foi fundado o Centro Cultural Negro Municipal (CCNM) que foi criado a partir de uma crítica ao Centro de Cultura afro-brasileira da Congada. Muitos membros da última organização estavam descontentes com a Congada pois só aceitavam pessoas negras e não tinham uma boa relação com pessoas que alisavam o cabelo e que não enunciavam em suas vidas um padrão e um estilo de vida que priorizasse a vivência da negritude.

Em 1991 foi criado o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) com intuito de desenvolver estudos voltados para a temática Étnico-racial, além de manter um trabalho de extensão voltado para a comunidade como um todo.

É importante ressaltar que de acordo com Aguiar (1997) estas entidades surgem com o intuito primeiro de repensar os valores culturais africanos resgatando uma identidade étnica e cultural, e também buscando combater o racismo.

Essas organizações negras da cidade são importantes, pois representam uma resistência do negro na sociedade São Carlense e, por mais que tenham objetivos distintos ou atuem separadamente, possuem como temática central a problemática do negro na sociedade.

3.2 O município de Araraquara

De acordo com Silva (2002) foram as expedições a Cuiabá no século XVIII que foram as responsáveis pelo primeiro contato com os sertões de Aracoara (Morada do sol), que incluía Araraquara, Jaboticabal, São Carlos, Jaú, Brotas e Dois Córregos.

A Vila de Araraquara fundada em 1832 era pouco desenvolvida até a década de 1840. Foi marcada por muitas transformações devido a consolidação da cana-de-açúcar que vinha fixando-se nas terras posteriores a Rio Claro.

De acordo com Lopes (2002) Araraquara é uma das cidades mais prósperas do Estado de São Paulo, sede de região administrativa e se localiza a 273 km da capital.

A constituição do município se deu no final do século XVIII quando os primeiros exploradores chegaram a área dos “sertões de Araraquara”.

O governador da província de São Paulo mandou abrir um novo caminho que ia de São Paulo até Campinas, passando pelo triângulo mineiro. Este caminho deveria seguir do sertão de Itú até Cuiabá, caminho que recebeu o nome de “Picadão do Cuiabá”.

Esta região é caracterizada hoje pela região ocupada pelos municípios de Araraquara, Rio Claro, Descalvado, São Carlos, Brotas. Em 22 de agosto de 1817 foi criada a Freguesia de São Bento de Araraquara sendo desmembrada da Freguesia de Piracicaba, comarca de Itu, bispado de São Paulo. (Correa, 1967)

A criação do município se deu em 10 de julho de 1832 sendo instalado efetivamente em 24 de agosto de 1885.

Suas atividades iniciais se restringiam às fazendas de criação e a lavoura de subsistência. Posteriormente o café passou a ser atividade predominante constituindo um acelerador do desenvolvimento econômico do município e da urbanização que foi chegando até a região.

A mão-de-obra que abasteceu a região e impulsionou o crescimento do município foi o negro. Até a abolição legal Araraquara teve o negro como centro do sistema produtivo trabalhando nas fazendas cafeeiras. (Lopes, 2002, p.57)

No período da abolição que coincidiu com a introdução dos imigrantes europeus na região, a população não branca⁵¹ de homens livres e escravos se colocava marginalizada. Foi dentro deste contexto que surge Araraquara.

Um fato bastante inusitado que ocorreu na região é que apesar da fundação da cidade coincidir com a decadência do sistema escravista de produção, os

51 Lopes (2002) se refere aqui não somente aos negros libertos como também aos mestiços pobres, e todos aqueles que não faziam parte de uma elite branca.

fazendeiros da região continuaram utilizando a mão-de-obra escrava até a abolição de 1888.

O Processo de abolição da escravidão não representou uma mudança significativa na vida dos escravos, pois estes continuavam submetidos a condições de exploração.

Em muitos casos, não tinham seu pagamento efetuado, ou seja, usava-se o pagamento em espécies nos barracões das fazendas, assim o trabalho básico era trocado por substrato básico para a sobrevivência. (LOPES, 2002, p.66)

O ex-escravo deixava o trabalho forçado, mas perambulava pelas ruas da cidade, situando-se em uma relação de desigualdade comparado com a situação do imigrante europeu.

O imigrante tinha a preferência tanto na zona rural como na zona urbana e aos poucos assumia variadas atividades desde as mais modestas e menos remuneradas até as de caráter liberal remuneradas positivamente.

Assim como em São Carlos os negros ocupavam a “franja” da sociedade, e atuavam no trabalho avulso onde não existia a concorrência entre negros e imigrantes.

Assim como em outras cidades, em Araraquara reinava o racismo, a intolerância com relação aos negros, aos seus sentimentos, a sua religião, a suas festas e demonstrações culturais.

À medida que o processo de urbanização se intensificava, os novos comerciantes passam a investir mais na cidade. Surge então a figura do engenheiro que vai incorrer nesta urbanização, a figura do médico que vai cuidar da saúde e da higienização, e surgem também indivíduos que darão todo o respaldo jurídico-administrativo ao município. Todos estes, por sua vez se configurarão em benefício de uma casta que ascendia economicamente na cidade.

Dentro deste contexto, o espetáculo da pobreza, e do trabalho pesado deveria ser isolado, escondido, disciplinado e higienizado. Logo, os mecanismos de controle e preconceito são utilizados contra o “outro”, “pobre”, “estranho”, que não é só marginalizado fisicamente, mas também socialmente, sendo afastado de seus direitos políticos e sociais efetivos. (Lopes, 2002, p.70)

É dentro deste contexto que surge o bairro da Vila Xavier em Araraquara. Este era um bairro isolado de Araraquara que se transformou em distrito, ou seja, tinha vida própria e se desligava do restante da cidade.

Um fato interessante que ressalta este isolamento é que até no recenseamento do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) os habitantes da Vila Xavier são contados separadamente.

Outra região habitada por negros em Araraquara era o bairro do Carmo. Esta região era bastante afastada do centro e no início do século XX era uma grande região que agregava os atuais bairros São José e Santana.

De acordo com Tenório (2005) no caso de Araraquara, a ferrovia também colaborou com a ascensão econômica de muitos homens, dentre eles muitos negros que passaram a trabalhar na estrada de ferro, e por conta dela, tiveram uma melhora em sua condição de vida viabilizando a construção de uma nova imagem do negro.

O Trabalho de Tenório (2005) demonstra a ascensão desses negros ferroviários na primeira metade do século XX. As profissões dos entrevistados variavam entre ferroviários, funcionários públicos, costureira requisitada pela elite (modista), professoras, cabeleireiras, secretárias, empregadas domésticas, marceneiros e donas de casa.

A maioria conseguiu galgar posições sociais mais importantes, porém o preconceito e as divisões entre negros e brancos que ocorriam na cidade eram perceptíveis independente das posições sociais ocupadas.

3.3 As organizações negras de Araraquara e a relação entre negros e brancos

Araraquara também possuía suas organizações negras, todavia não se tem nada documentado a respeito dessas organizações a não ser algumas informações obtidas nas entrevistas realizadas Tenório na tese que denomina-se “Uma interpretação

do baile do Carmo: Memória sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara” (2005). De acordo com a autora, um exemplo de corporação negra ou que contava com a presença de negros era a Corporação Musical Carlos Gomes, e a Musical Lyra Araraquarense. As duas bandas contavam com músicos negros e apresentavam-se no jardim público, e no mesmo momento da apresentação eram realizados alguns passeios pelo jardim, o *footing*, uma outra alternativa de entretenimento no município.

Outra importante organização era a Sociedade Recreativa Cruzeiro do Sul que surge em 1923 ou 1924 com a intenção de preservar a festa dos folguedos, além de surgir como resposta da comunidade negra ao fato de não poderem participar das organizações sociais da cidade.

Esta associação de acordo com depoentes de Tenório (2005) seria responsável pela parte recreativa da população negra, como por exemplo, a organização de bailes.

Muitos membros desta associação eram ferroviários e funcionários públicos. Ela se extinguiu por volta da década de 1960 quando a maioria dos diretores falece e não há uma continuidade dentro da Associação.

Outra organização é a Academia A. (Araraquarense) do Samba fundada em 16 de julho de 1963, esta surge a partir do encerramento da “Cruzeiro do Sul”.

Esta organização tinha como finalidade proporcionar aos seus associados saraus, bailes, festas, desportos, e jogos variados. Ela possuía normas em seus estatutos que nos são apresentadas como formas de buscar uma outra imagem do negro e de romper com as representações que o depreciavam.

Além dos bailes, esta sociedade promovia chás para pessoas carentes, eventos para crianças que antecediam o natal, escolinhas de vôlei e futebol para os jovens e apresentações durante o carnaval no clube Araraquarense (clube denominado de elite).

Todavia, em novembro de 1987 o prédio da associação desabou, colocando fim a manutenção da associação.

Sobre as demais organizações negras da cidade como Castelões, ABC (Associação Brasileira de Crioulos) e ARCAD (Associação Recreativa Cultural Afro-brasileira), não se têm informações significativas a não ser o fato de serem citadas pelos depoentes de Tenório (2005).

O que se sabe é que a criação destas associações negras se davam a partir de conflitos internos e discordâncias dentro uma das associações anteriores, o que proporcionava o surgimento da outra que sucedia a anterior.

Existe uma grande falta de documentação e depoimentos para atestar as manifestações e lutas dos negros em Araraquara. Por isso para obtê-las Tenório (2005) foca o baile do Carmo.

Outro acontecimento na cidade que merece menção, pois denota a relação existente entre negros e brancos no município era o *footing*. Este caracterizava-se por um passeio feito por negros e brancos na cidade. Todavia, os depoentes de Tenório (2005) ressaltam que nestes passeios havia um lugar destinado para os negros e um lugar para os brancos.

Um exemplo disso é o que ocorria no Jardim da Independência, ou “Jardim Debaixo”. Havia três voltas para caminhar no jardim, e a mais externa era destinadas para negros, já a mais interna para brancos.

Havia também outros lugares para footing na cidade. Um deles localizava-se na Praça da Matriz e era destinado aos negros. Já o espaço próximo ao Teatro municipal era destinado aos brancos. Quando os negros caminhavam próximo ao Teatro, relata-se que eram abordados através de observações pejorativas feitas pelos brancos, como por exemplo, “Vai chover, está escurecendo”, etc.

Este tipo de comentário juntamente ao tratamento discriminatório realizado pelos brancos com relação aos negros acabavam por demarcar limites dentro do município, ou seja, era visível que a discriminação racial não era somente verbalizada mas também ocorria de forma física. Este fato nos faz recorrer aos acontecimentos segregatórios que ocorrem nos Estados Unidos até os dias atuais.

Pode-se perceber que apesar das diferenças existentes na formação de ambos municípios e na conformação da população local, algumas semelhanças merecem mais menções do que as diferenças.

É importante se levar em conta que a população negra de ambos os municípios passou por situações de marginalização e de discriminação.

Logo após a escravidão o racismo se tornava latente e não aparecia somente de forma velada, mas era vivido cotidianamente em diversas situações e circunstâncias.

Em um primeiro momento, as ferrovias abrem espaço para que o negro possa transformar-se não só social e economicamente mas também de se metamorfosear de forma a mudar a maneira pela qual a população em geral os via.

Neste momento eles possuem a oportunidade de mudar as suas vidas e mostrar que o negro deve buscar o seu lugar na sociedade.

Tanto os clubes, associações e o próprio baile do Carmo, vem mostrar que o negro apesar de marginalizado da atuação social e econômica e até mesmo marginalizado fisicamente (tendo que habitar em bairros mais afastados), luta para conseguir um espaço próprio na sociedade.

Todavia, apesar de ascenderem socialmente⁵² por conta das ferrovias, e de poderem criar espaços próprios para mostrar a cultura negra e para gerar mais oportunidades para a população negra, não se pode esquecer que esses negros continuam sendo discriminados.

O *footing* explicitado anteriormente é um exemplo forte de como estes negros eram tratados mesmo após a abolição da escravidão. O fato de não poderem frequentar clubes de brancos e de terem de criar o clube Flor de Maio em São Carlos não deixa de ser outro indício da forte discriminação existente nesses municípios.

Por este motivo será importante, na presente pesquisa, averiguar como continua a situação de alguns negros (as) que habitam esses dois municípios e que também ocupam cargos de destaque atualmente⁵³. Cabe descrever e analisar os estilos de vida e as trajetórias desses negros (as) que se tornaram empresários e profissionais liberais e verificar como é construído hoje o processo de negociação entre a representação de uma identidade racial e a identidade profissional e ocupacional dos sujeitos estudados.

52 Não se pode esquecer que apesar da ascensão desses negros eles ainda ocupavam cargos de baixo prestígio nas ferrovias segundo Lania Stefanoni (2004)

53 Não estamos querendo comparar os trabalhadores negros ferroviários com alguns profissionais negros que ocupam posições de destaque atualmente. Temos consciência de que as épocas são distintas e a atribuição de valor que se dá a essas profissões são distintas nos dois momentos. Todavia através das trajetórias desses negros podemos chegar a conclusões no que diz respeito ao significado de ser negro e obter um cargo de prestígio atualmente. As mudanças poderão ser fortemente demarcadas através das entrevistas realizadas.

TRABALHANDO COM DEZ HISTÓRIAS DE

VIDA

Ao analisarmos minuciosamente os perfis indicados nos quadros anteriores podemos fazer algumas conexões de sentido e chegar a algumas conclusões importantes.

A primeira delas diz respeito ao campo social, ou melhor, ao contexto social vivido pelos entrevistados. A segunda diz respeito ao campo psicológico, ou melhor, ao conceito de resiliência psicológica.

Ao nos atentarmos para a variável idade e para a data de nascimento dos entrevistados podemos chegar a algumas conclusões que dizem respeito ao contexto social vivido pelos entrevistados.

Ao analisar este aspecto no quadro dos empresários entrevistados percebemos que alguns deles viveram no período do milagre econômico e conseqüentemente poderiam ter sido afetados pelas medidas econômicas deste período.

Ao retomarmos não só o contexto histórico deste período, mas também alguns indicadores sociais da época pode-se afirmar que de 1968 a 1974 fomentou-se o crescimento econômico do país.

Simonsen e Campos (1974) atribuem parte do milagre econômico às reformas econômicas adotadas por Castello Branco. A partir de 1964 o modelo econômico brasileiro havia mudado no sentido de transformar a economia brasileira numa economia de mercado aberto para o exterior.

O período de 1964-1967 foi marcado por uma restauração mediante uma situação de descontrole inflacionário “déficits crônicos no balanço de pagamentos e colapso de investimento herdado do governo anterior”.

Em função desses ajustes macroeconômicos e de reformas institucionais criadas pela PAEG (Plano de ação econômica do governo) foram fomentadas algumas condições possíveis para a aceleração do crescimento no período de 1968-1973.

O período de 1968-1973 será o período de maior crescimento econômico em que iremos nos concentrar, por isso, é importante lembrarmos algumas características fundamentais dentro deste contexto para chegarmos a qualquer tipo de afirmação mais sólida.

Se formos comparar os dois períodos mencionados anteriormente respaldados por Simonsen e Campos (1974) podemos afirmar que o último foi bem mais frutífero do que o primeiro. A saber, de 1964-1967 o PIB brasileiro cresceu 4,2%, já no período de 1968-1973 ele cresce 11,1%.

Outro fato importante a ser mencionado é o de que no período de 1968-1973 as taxas de inflação foram declinantes para os padrões brasileiros e obtiveram-se superávits no balanço de pagamentos. Portanto a inflação declinou de 45,4% no período anterior para 19,1% no período posterior.

No que diz respeito à renda per capita também houve uma mudança bastante significativa. No primeiro período ela era de 2,1% ao ano. Já no período posterior ela elevou-se para 7,9%.

De acordo com Macari (2005) amplia-se o bloco de setores dinâmicos amplia-se no período de 1968-1973. Anteriormente ele limitava-se a indústria de bens de capital, de consumo, duráveis e intermediários. A ampliação abrangeria o setor agrícola, áreas da infra-estrutura da economia e da infra-estrutura social, a saber, habitação, educação e saneamento.

É importante mencionar que para gerar o crescimento esperado necessita-se de uma demanda de oferta capaz de sustentar um ritmo intenso, ou seja, faz-se necessário ampliar o mercado interno.

Este mercado interno ou “mercado de massa” seria uma das condições mais importantes para que se vislumbresse o desenvolvimento acelerado. Isto quer dizer que a população rural e urbana deve possuir uma renda capaz de permitir o consumo habitual de bens industriais principalmente de bens não duráveis.

Este desiderato não seria alcançado somente com a expansão do emprego, mas também de uma política de distribuição que pudesse gerar este “mercado de massa”.

O General Albuquerque de Lima (Ministro do Interior no período de 1967-1968) apesar de apoiar esta transformação social afirma que estas eram limitadas devido à concentração de renda e a pobreza que afetava o mercado interno. Deste modo, opunham-se os interesses nacionais aos oligárquicos.

Contudo, pode-se afirmar que algumas reformas do Estado estiveram intimamente ligadas a ascensão (mesmo que em pequena escala) de uma população urbana de classes mais populares.

Este fato pode ser constatado através de algumas análises dos mecanismos socioeconômicos do período.

A saber, o novo modelo econômico envolve tanto um investimento na indústria como também no setor agrícola. Ocorrem, portanto algumas projeções de crescimento tais como, para a lavoura de mercado interno que cresce 6,8% ao ano, para a pecuária, que cresce 9% ao ano, as exportações crescem cerca de 10% ao ano.

Os estímulos às atividades agrícolas atuarão como elementos importantes para a dinamização da demanda interna de produtos manufaturados e também estimulará o crescimento industrial.

Estes dois setores por sua vez, serão beneficiados com faixas de financiamento, com taxas de juros reduzidas, com melhorias nas condições de créditos, os bancos influenciarão com a liberação da taxa de juros nas operações de créditos e na eliminação nas restrições quanto aos prazos a serem pagos, etc.

Ocorrem também prazos maiores para o recolhimento de impostos como IPI (Imposto sobre Produto Industrializado) e ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) e em alguns casos como, por exemplo, no setor agrícola percebia-se a isenção desses impostos.

Ao refletirmos sobre estes aspectos podemos considerar alguns pontos importantes. A saber, todos estes ajustes e benefícios estatais podem incorrer indiretamente em uma maior contratação de indivíduos nas indústrias e no setor agrícola.

Outro fato importante é que quanto maior a redução dos impostos e com o aumento do número de produtos em circulação necessita-se de indivíduos com poder de compra, ou do chamado “mercado de massa” mencionado por Macari (2005).

Esses indivíduos, ou melhor, compradores de classes mais populares também estarão inseridos no processo. Por mais que possuam um poder de compra mais reduzido do que o da classe média, esse poder de compra não é inexistente.

Esses indivíduos que irão adquirir alguns bens materiais importantes e um emprego neste período são exatamente quem estávamos procurando dentro de todo este processo de aceleração econômica denominado período do milagre econômico.

Estes indivíduos que irão adquirir uma pequena ascensão (mesmo que mínima) podem ser talvez o nosso público alvo, ou seja, nossos entrevistados dentro desta pesquisa.

Ainda é importante lembrar que este crescimento econômico do período se deu em meio a uma elevada concentração de renda nas mãos da classe média e das classes mais altas. Todavia alguns indicadores econômicos do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) nos mostram que as camadas mais pobres da população (como os trabalhadores urbanos) tiveram um crescimento reduzido, mas não tiveram um crescimento zerado.

De acordo com o estudo de Bonelli (1982) realizado pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), entre os anos de 1970 e 1980 a renda média dos seis decis inferiores cresceu 44,1% (3,72% ao ano). Ao passo que nos dois decis superiores esta taxa alcança 59,5% (4,78% ao ano).

Isto significa que pode-se observar o ganho de renda média de todos os grupos sociais, todavia os grupos superiores crescem mais neste aspecto.

Outro estudo do IPEA realizado por Bonelli (1988) evidencia que de 1970 a 1980 passou-se por uma fase de desconcentração de renda. O período de recessão que aumentará a concentração de renda será o de 1981 a 1985.

Pode-se concluir que o período de 1970 a 1980 é marcado, portanto por uma deterioração (não muito significativa) da distribuição de renda seguido de uma redução dos índices de concentração de renda até o início dos anos 1980.

Este período onde as camadas mais pobres cresceram pouco (mas não deixaram de crescer economicamente) em relação às camadas mais abastadas, e em que a concentração de renda era mais reduzida, é exatamente o período no qual metade dos nossos empresários se encontram mais ou menos na idade dos 20 anos, momento em que começam a se inserir mais solidamente no mercado de trabalho.

Por isso, podemos inferir que alguns deles podem ter absorvido os benefícios econômicos apresentados pelo período marcado pelo “milagre econômico”.

4.1 Recorrendo aos entrevistados

É importante mencionar que a fim de nos certificarmos sobre a hipótese anterior recorreremos a alguns entrevistados que estavam se iniciando ou estavam ativos no mercado de trabalho neste período. Recorreremos também a algumas informações sobre os pais dos entrevistados que eram economicamente ativos no período.

Cabe mencionarmos que além do posicionamento dos entrevistados iremos levar em conta o posicionamento do pesquisador. É importante constatar que estes dois posicionamentos podem muitas vezes se dar de forma divergente.

Encontramos 4 empresários que poderiam ter alguma conexão, direta ou indireta com o período do milagre econômico.

Um deles possuía um pai militar o que acabou influenciando a entrada de seu filho no mercado de trabalho.⁵⁴

No que diz respeito ao segundo deles, foi difícil se chegar a alguma conclusão somente com os dados da pesquisa. Entramos em contato com o entrevistado novamente, fizemos uma série de perguntas sobre o período do milagre econômico já que tínhamos a suspeita de que seu pai poderia ter sido influenciado pelo período. Mas suas respostas foram sempre negativas. Ele negava qualquer influência do período em qualquer tipo de ascensão econômica de seu pai. Nega a facilidade dos créditos e a de consumo no período.

Todavia, o entrevistado nos dá uma pista. Diz que seu pai conseguiu abrir a sua firma após parar de trabalhar em uma multinacional. Se levarmos em conta o período da entrada nas multinacionais no Brasil e a instalação das grandes industriais, veremos que muitas vezes este período coincide com o do milagre econômico. Portanto

⁵⁴ Devido as influências e as amizades paternas esse entrevistado conseguiu seu primeiro emprego em uma indústria por indicação de seu pai que era militar.

podemos afirmar que de forma indireta uma das benesses econômicas do período induziu este indivíduo a abrir a sua própria empresa e posteriormente dar condições para que seu filho abrisse uma empresa na mesma área.

A conexão dos outros dois empresários mencionados ao período se dá por conta de seus pais. Podemos afirmar que as profissões dos pais de dois dos entrevistados podem ter influenciado de alguma forma nos processos ascensionais de seus filhos.

Esses dois pais mencionados eram ferroviários, ou seja, possuíam uma profissão que no período relatado impulsionou muitos negros pobres e brancos pobres a crescerem econômica e socialmente.⁵⁵

Não podemos deixar de lembrar que foi exatamente em 1971 que foi criada a FEPASA, onde o governo do Estado de São Paulo decidiu em uma só empresa, cinco estradas de ferro de sua propriedade.⁵⁶

Os outros 4 empresários entrevistados são marcados fortemente por um espírito empreendedor, possuem a idade de 20 anos localizada no pós-milagre econômico, não possuem a influência direta da escolaridade dos pais em sua ascensão, e a profissão de seus pais parece não ter também uma influência direta em suas ascensões.⁵⁷

Max Weber (1930) é um dos primeiros autores a trabalhar com o tema do empreendedorismo. Foi o autor que conseguiu expressar o que significa a real conduta do empreendedor que se manifesta como o verdadeiro “espírito do capitalismo” e é caracterizado como mais do que um sistema econômico ou modo de produção, logo, é uma cultura moderna vivenciada pelas pessoas na condução metódica do cotidiano.

O autor tenta mostrar um conflito fundamental que ocorre no século XIX: inovação versus tradição, a fim de pensar nas consequências que se seguem à sociedade industrial, pensa a modernidade como um contraponto de uma sociedade tradicional (“primitiva”).

55 Não podemos deixar nos remeter a experiências citadas em outros capítulos sobre a ascensão dos negros que trabalhavam nas ferrovias de São Carlos e Araraquara.

56 Duas delas eram exatamente a Estrada de Ferro Sorocabana e a Estrada de Ferro de Araraquara.

57 Este pai pode ter sido beneficiado no período do milagre econômico, mas não podemos afirmar este fato com certeza pois não possuímos estes dados.

O autor se prontifica a fazer tal análise quando ao mostrar as “afinidades eletivas” entra a ética protestante e o ethos capitalista. Logo a esse respeito o autor menciona:

Para saber quais as forças motrizes da expansão do capitalismo (moderno) não se precisa por em primeiro lugar a questão da origem das reservas monetárias valorizáveis como capital, e sim a questão do desenvolvimento do espírito capitalista (...) tal entrada em cena não foi pacífica. Uma onda de desconfiança, de ódio por vezes, sobretudo de indignação moral, levanta-se repetidamente contra o primeiro inovador (...) Dificilmente se permite reconhecer com suficiente imparcialidade que só uma extraordinária firmeza de caráter é capaz de resguardar um desses empresários `novo estilo´... juntamente com a clarividência e capacidade de ação (...) Ihes possibilitam angariar confiança desde logo indispensável dos clientes e operários (...) sobretudo para assumir o trabalho infinitamente mais intenso que agora é exigido do empresário e que é incompatível com um fácil gozo da vida – qualidades éticas, todavia, de um tipo especificamente diverso das que eram adequadas ao tradicionalismo de outrora. (WEBER, 1981, p.61).

A partir deste trecho, a estudiosa Ana Cristina Braga Martes (2006) aponta que nas entrelinhas existem algumas características importantes sobre o empreendedorismo.

Para a autora, esta nova mentalidade dos capitalistas cristaliza-se dentro de uma nova ordem de social. Ou seja, as qualidades individuais do empreendedor só podem ser vistas dentro de um capitalismo moderno.

Weber (1981) ressalta que o capitalista reinveste e faz sua empresa crescer. E este é o intuito de seu trabalho e não o seu lucro líquido. Este indivíduo possui uma racionalidade econômica e seu interesse baseado em valores modernos, por isso, ele não é um mero capitalista.

Martes (2006) acrescenta que Weber distingue o empreendedor do burguês, que usurpa, que visa o lucro. Já o empreendedor possui uma ética que é distinta da dos atores sociais pré-capitalistas. Ele possui “firmeza de caráter”, “clarividência e capacidade de ação”, ou seja, é um indivíduo obstinado pelo trabalho.

É importante mencionar que para Weber (1981) o empreendedor é um visto como tipo social, ou seja, não se trata de privilegiar o indivíduo com relação à coletividade neste caso. O empreendedor é fruto de uma sociedade que por sua vez é caracterizada pelo capitalismo moderno.

Mas é importante mencionar que o contexto social vivido por este empreendedor é marcado também pela resistência das condições econômicas mais tradicionais.

A oposição entre empreendedor e tradicionalismo também é discutida por Émile Durkheim em *As regras do método sociológico*.

Quando o autor menciona a coerção indireta para explicar os fatos sociais, recorre também ao capitalista industrial de velho e novo estilo. Logo o autor menciona que:

Se sou industrial, nada me proíbe de trabalhar utilizando processos e técnicas do século passado; mas, se o fizer, terei a ruína como resultado inevitável. Mesmo quando posso realmente me libertar destas regras e violá-las com sucesso, vejo-me sempre obrigado a lutar contra elas. E quando são finalmente vencidas, fazem sentir seu poderio de maneira suficientemente coercitiva, pela resistência que me opuseram. Nenhum inovador, por mais feliz, deixou de ver seus empreendimentos se chocarem contra oposições deste gênero (DURKHEIM, 1978, p.3)

Neste sentido Martes (2006) menciona que as instituições acabam pressionando os princípios de adaptação e inovação e ao mesmo tempo levanta barreiras para o indivíduo inovador. Ou seja, as instituições acabam se impondo ao indivíduo de fora pra dentro e este processo pode se dar em forma de sanção ou de estímulo.

Outro autor importante que caracteriza o homem empreendedor é Shumpeter (1985). Em sua obra *O fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico*, o autor argumenta igualmente a Weber que o empresário inovador é um tipo específico de agente que se distingue do mero capitalista.

O empreendedor toma as suas decisões baseando-se em valores (inovação) e também é guiado pela paixão (desejos e conquistas) sendo um líder nato.

Este empresário empreendedor é visto como um tipo ideal de vontade e de intencionalidade, sendo um indivíduo socializado e não atomizado.

De acordo com Shumpeter (1985) o crescimento de um negócio não é algo que se remeta ao ato de empreender, ou melhor, competir para sobreviver não é empreender. Esta última tarefa estaria relacionada ao ato de inovar a ponto de promover uma ruptura no fluxo econômico contínuo.

É importante mencionar também que para Shumpeter (1985) o empreendedor não pertence a uma classe social e nem a um estamento, pois sua posição não é fruto de heranças, mas de conquistas.

De acordo com Shumpeter (1985), para que um indivíduo exerça a função de empreender, ele encontrará riscos e incertezas que farão com que o empreendedor use sua intuição. Sempre haverá algumas dificuldades que os impelirão para grandes esforços e conseqüentemente à inovação.

Ao nos atentarmos para os nossos últimos 4 empresários entrevistados, para suas infâncias felizes (por mais que fossem repletas de pobreza), para suas famílias estáveis, e para suas falas positivas no sentido da superação, para a intensa busca de seus objetivos, para as suas grandes auto-estimas e empatias, podemos afirmar que se tratam de indivíduos altamente empreendedores.

Podemos inferir que o motivo que atinge mais diretamente a ascensão destes quatro entrevistados é o empreendedorismo.

Com a exceção de um deles que além de ser empreendedor possui um componente educacional, pois volta a estudar, faz graduação, mestrado e doutorado. Conseqüentemente sua ascensão é dada por este importante elemento e menos por seu empreendedorismo.

4.2 O caso dos profissionais liberais entrevistados

Ao analisarmos o quadro do perfil dos profissionais liberais conseguimos obter algumas inferências distintas das do quadro anterior.

Entre os 5 entrevistados todos eles ingressaram mais solidamente no mercado de trabalho no período posterior ao do “milagre econômico”, ou seja, num período de recessão.

Todavia podemos constatar que três deles possuem uma influência muito forte de pais em suas ascensões. Essas influências caracterizam-se pela melhor escolarização de seus pais e das profissões de seus pais. Ambas são melhores do que as dos pais dos empresários entrevistados.

Outro aspecto importante sobre esses três profissionais é que seus pais podem ter sido influenciados economicamente pelo período do “milagre econômico”.⁵⁸

Este fato consolida-se, pois os pais desses entrevistados viveram neste período ainda jovens e possivelmente nesse momento solidificaram as suas carreiras e tiveram a oportunidade de utilizar o ensino formal por mais tempo.

Ao investigarmos este fato mais profundamente (entrando novamente em contato com os 2 dos entrevistados) verificamos que 2 entrevistados afirmam que a ascensão de seus pais não possui conexões mais sólidas com o período do milagre. A primeira relata que este período foi o mais difícil para seu pai e o segundo relata que seu pai conseguiu tudo por esforço próprio e que fez um curso de contabilidade antes de começar a trabalhar.

Já que não possuímos dados mais sólidos que possam contradizer estas falas optamos por levá-las em consideração. Nos resta dizer que somente um dos entrevistados possui a interferência das benesses deste período através de seu pai, que no período era militar.

Portanto ficamos assim: dentre os três indivíduos que suspeitávamos alguma influência do período do milagre econômico, somente sobre um deles procede a nossa suspeita. Os outros dois possuem motivos distintos para a ascensão de seus pais, a saber, um deles foi empreendedor e o outro deles foi impulsionado por sua condição educacional.

Concluído o ponto anterior podemos afirmar que os últimos 2 profissionais liberais entrevistados que sobram na lista de entrevistados, solidificaram suas carreiras no pós-milagre econômico (período de recessão econômica), ou seja, não foram tocados pelas belas benesses do período, não foram influenciados diretamente pela escolarização e pela profissão de seus pais, mas são indivíduos totalmente empreendedores.

Apesar da pobreza de seus pais, esses indivíduos utilizaram-se de meios criativos para pagarem as suas faculdades, cultivaram a amizade de muitos indivíduos no ramo do direito (empatia), possuíam uma auto-estima elevada, e lutaram para superar as suas condições de baixa renda e adquirem por fim uma ascensão social e econômica.

⁵⁸ Os pais desses entrevistados tiveram condições financeiras de pagar parte dos estudos de seus filhos em colégios particulares e de pagar suas faculdades. Com exceção de um deles que cursou uma universidade pública.

É importante mencionar que apesar da característica do empreendedorismo, foram os estudos, ou melhor, a graduação que os levou a melhores condições de vida.

Podemos concluir que de todos os entrevistados, os possíveis motivos que influenciaram as suas ascensões sociais e econômicas foram:⁵⁹

A influência das benesses do período do milagre econômico (que podem ter influenciado os entrevistados que viveram neste período ou os pais dos entrevistados que passaram ainda jovens por este período)

A influência do empreendedorismo de alguns dos entrevistados.

Os estudos dos entrevistados que conseqüentemente os levaram a ascensão social.

De modo geral podemos inferir que entre os empresários:

Quatro deles são marcados pela influência das benesses do período do milagre econômico. Quatro deles são marcados fortemente por seu empreendedorismo, sendo que apenas um deles possui os estudos como marco mais importante e influenciador de sua ascensão.

Dentre os profissionais liberais temos 1 dos pais dos entrevistados pode ter sido influenciado pelas benesses do período do milagre econômico. O segundo deles foi influenciado diretamente pelo fator educacional e 3 entrevistados são extremamente empreendedores.

Esses foram os fatores que influenciaram a feitura de suas graduações. Após serem concluídas as graduações, o fator mais importante para a ascensão desses profissionais com certeza foi à qualificação educacional.

Ao todo temos a seguinte situação no que diz respeito aos fatores mais gerais que influenciaram a ascensão dos entrevistados: Entre os 13 empresários e profissionais entrevistados, 5 foram influenciados de alguma forma pelas benesses do período do milagre econômico, 6 deles desenvolveram fortemente o empreendedorismo e 2 deles teve sua ascensão devido aos seus estudos.

59 É importante notar que alguns deles possuem ao mesmo tempo duas das características apontadas. Todavia fizemos algumas conexões de sentido e voltamos às entrevistas para captar qual seria a característica que mais influenciou os entrevistados na ascensão. Ou seja, optamos pela característica mais marcante.

É importante lembrar que um fator mais específico (secundário, mas não menos importante) para que os 5 profissionais pudessem ascender com certeza foi o nível educacional mais elevado (curso universitário).

Podemos concluir, portanto que os motivos mais gerais que influenciaram a ascensão dos entrevistados foram tanto as primazias do período do milagre econômico como também a ação empreendedora dos indivíduos.⁶⁰

4.3 O caso dos empresários (as) e profissionais liberais negros ou o caso de negros empresários (as) e profissionais liberais

Este momento do texto contará com a descrição dos sujeitos desta pesquisa. Ou seja, buscaremos descrever, narrar e caracterizar de uma forma geral as dez histórias de vida dos indivíduos entrevistados nesta pesquisa. Esta explanação mais generalizante contará com a percepção do pesquisador, ou melhor, os fatos narrados serão aqueles que foram absorvidos a partir da representação e da fala dos depoentes, estes por sua vez, foram interpretados e reinterpretados a luz de um olhar mais crítico.⁶¹

A primeira entrevista

A primeira entrevistada na cidade de São Carlos foi Rosa, uma empresária negra de 45 anos, que é casada e possui 3 filhos.

A depoente começa nos contando que não teve uma infância feliz, pois aconteceram momentos turbulentos envolvendo separações e muitas brigas familiares. Ela conta que sempre estudou em escolas públicas e chegou a estudar até o ensino médio, apesar de ter feito alguns cursos técnicos.

60 Esta por sua vez é marcada por características socializadoras e não especificamente individualizadas e atomizadas.

61 É importante mencionar que os nomes dos depoentes são fictícios, a fim de não comprometer ou constranger nenhum deles. Ambos os municípios são pequenos, a personalidade é muito grande, e os entrevistados podem ser facilmente reconhecidos. Por este motivo preferimos não mencionar seus verdadeiros nomes por mais que a maioria deles tivesse autorizado este feito.

Rosa conta que tinha amigos, mas por ser uma criança quieta e depressiva apresentava alguns problemas de socialização no ambiente escolar. Ela remete a depressão a um problema congênito ou mesmo hereditária, já que, afirma que parte de sua família sofria deste tipo de doença.

Ela se apresenta como uma aluna mediana, pois os problemas da depressão acabavam impedindo-a de ter um desempenho melhor.

Rosa foi uma criança que não tinha condições de estudar, pois tinha que trabalhar muito. Sua família não possuía condições financeiras além do fato de que os pais tinham que sustentar seis filhos.

Neste sentido, Rosa compara a situação que viveu com a situação de crianças e adolescentes “mimados” de hoje, que possuem tudo ao seu alcance e que muitas vezes tornam-se “vagabundos”.

Rosa menciona que seus pais trabalhavam fabricando vassouras e que toda a família devia auxiliar neste ofício, além disso, ambos não haviam completado o ensino fundamental na escola.

Neste sentido, quando Rosa descreve o chefe de sua família, ou seja, a pessoa responsável pelas finanças e por ser o “cabeça de tudo”. Ela diz em tom contrariado que esse chefe era sua mãe.

Todavia, Rosa não concordava com este fato. Mostrando a sua intensa religiosidade dizia que o chefe da família deveria ser o pai, mas infelizmente no caso dela não era.

Fica bem claro que o homem neste caso não era o provedor da família mononuclear, e este fato faz com que a depoente conflitue-se consigo mesma.

Ela acusa a mãe de não ter sido uma mãe “padrão” como as outras. Logo, a figura materna é desclassificada, sendo representada de forma inferior pela depoente, e sendo acusada de boemia, ignorante, ou seja, uma pessoa que abandonou a família para viver sua própria vida.

Rosa é uma pessoa bastante ambiciosa e mostra que teve que passar por muitos obstáculos para chegar onde chegou e abrir a sua própria empresa. Sua trajetória é marcada pela persistência em seguir um caminho ocupacional que apesar de não exigir uma alta escolaridade exigia que ela se dedicasse a muitos cursos técnicos.

A novidade da podologia no interior do Estado de São Paulo foi algo que colaborou muito para que ela pudesse crescer nesta área, pois ela buscou alimentar uma ocupação que ainda não tinha sido disseminada e que não tinha muitos profissionais dedicados a este ramo.

Rosa pontua muitas dificuldades para chegar à posição que chegou, mas só fala da existência do preconceito racial quando ela é questionada a respeito disto.

Quando questionada sobre sua cor, Rosa se identifica com várias cores diferentes e faz um discurso concernente com a igualdade entre as raças e a democracia racial. Quanto aos critérios do IBGE, ela se classifica como negra e como preta.

Rosa diz nunca ter participado de nenhum movimento ou entidade ligada a questão racial, e ressalta que devemos misturar todas as raças. Um lugar somente para brancos, somente para japoneses ou para negros implicaria em um ambiente preconceituoso.

Apesar de citar situações de preconceito em sua vida pessoal e profissional, Rosa está imbuída de um discurso de exaltação da harmonia entre as raças. Ela visualiza o racismo, mas ressalta que no Brasil somos todos iguais.

Segunda entrevista

O segundo empresário entrevistado é o Fábio, formado em Química pela UFSCar e possui mestrado e doutorado nesta mesma área. Ele nasceu em Uberlândia, atualmente mora em São Carlos, é casado, tem mais ou menos 50 anos e possui 2 filhos.

Ele conta que teve uma infância feliz apesar de inúmeros contratemplos. Sempre estudou em escolas Estaduais. Diz que mesmo em sua infância era uma pessoa que selecionava seus amigos, não saía com qualquer pessoa.

Conta que seu pai era empresário e sua mãe do lar, ambos estudaram até o ensino fundamental incompleto.

Fábio começou a trabalhar aos 11 anos para ajudar a família e neste período estudava a noite. Trabalhou em algumas empresas, mas tinha a convicção de

que não queria trabalhar com carteira assinada, queria um dia montar o seu próprio negócio.

Depois de ter trabalhado como funcionário em empresas não gostou deste estilo de vida e voltou a estudar. Ele ressalta que o conhecimento acadêmico foi fundamental para que ele chegasse até o topo.

Fábio buscou um caminho diferente dos irmãos, que até hoje trabalham com o pai. O empresário não compactuava com as idéias e as propostas de vida do pai, e resolveu traçar uma trajetória diferenciada.

Ressalta que normalmente não conseguimos o que queremos porque não acreditamos na mudança. Neste sentido o empresário mostra-se muito empreendedor, criativo, possui personalidade forte, parece acreditar em si mesmo e sempre busca vencer obstáculos.

O empresário afirma a existência do preconceito racial no Brasil, mas diz nunca ter sofrido nenhum tipo de preconceito.

Classifica-se como negro e segundo os critérios do IBGE identifica-se como pardo.

Diz nunca ter participado de movimentos ou entidades voltadas para a questão racial e justifica este fato por achar que estes movimentos dividem as pessoas e dão prioridades para uns em detrimento de outros.

Assinala uma drástica mudança em seu estilo de vida após a sua ascensão social e econômica. E ressalta que durante o momento de ascensão nunca sofreu preconceito racial e nunca foi preconceituoso de forma alguma. Diz nunca ter se colocado em posição inferior e ressalta que este é um motivo dos quais o chamavam sempre de negro de alma branca.

Terceira entrevista

O terceiro entrevistado é o Márcio, um empresário do comércio de 33 anos, solteiro, possui 1 filho e mora atualmente na cidade de São Carlos.

Márcio diz que teve uma infância feliz, nasceu em Muarana, no Paraná. Ressalta que começou a trabalhar cedo e por isso foi vitorioso. Estudou em escolas públicas, e completou o ensino médio. Era um bom aluno e tirava boas notas.

Conta que sua mãe era doméstica e analfabeta, e que a luta dele sempre se dava no sentido de dar uma qualidade de vida melhor para sua mãe.

Márcio foi engraxate, sorveteiro, trabalhou em posto de gasolina, em lojas do comércio e posteriormente abriu seu próprio negócio. Sua empresa surge a partir de uma ajuda financeira de um sócio.

Márcio sempre foi uma pessoa muito carismática na cidade e aumentava sua rede de clientes devido a sua simpatia. Ele era responsável por cativar a clientela e seu sócio entrou na sociedade com o capital financeiro.

Márcio se define como negro e segundo os critérios do IBGE identifica-se como preto (mas contra a sua vontade, diz que o correto é negro).

Relata as dificuldades de ser negro e de chegar a ser empresário. Neste sentido diz que teve que se esforçar mais. Diz que tem orgulho de ser negro e que o preconceito parte de “uma certa” ignorância das pessoas.

Todavia assinala que o preconceito é algo cultural, que passa de pai para filho, ou seja, isso pode ocorrer quando um pai ensina para o seu filho que ser negro implica em ser ladrão, por exemplo.

Entretanto, Márcio é um pouco contraditório, apesar de afirmar que “se você chega com um carro importado numa loja irão te tratar bem”, também ressalta que ele mesmo apesar de ser um empresário bem sucedido social e economicamente, já sofreu preconceito, por exemplo, quando jogava bola entre os amigos.

Quarta entrevista

A quarta entrevista foi feita com Robson, empresário e Tenente da polícia militar, nascido em Araraquara, tem 53 anos, é viúvo, possui 2 filhas e mora atualmente na cidade de Araraquara.

Robson diz que teve uma infância feliz, e que apesar de não ter sido uma infância de luxo e de roupas boas não consegue se lembrar de momentos tão ruins.

Estudou em escolas públicas, cursou o ensino superior, mas não terminou a faculdade. Sempre foi um ótimo aluno, principalmente em matemática e sempre teve muitos amigos na escola, com os quais possui uma amizade muito grande até hoje.

Diz que na época da escola o preconceito não era tão divulgado, não se dava ênfase ao racismo.

Conta que seu pai era o chefe da família, sempre foi ferroviário, motorista de trem e nasceu em Taquaritinga. Seus pais não completaram o ensino fundamental.

Aos 13 anos teve que começar a trabalhar para ajudar sua família. Trabalhou em padaria, entregou jornal, trabalhou em lanchonete e por fim foi estudar em um colégio agrícola. Trabalhou também em lojas do comércio e depois prestou a prova para entrar na polícia militar.

Ele assinala que o estudo foi muito importante para que ele conseguisse chegar a ser tenente. Teve que estudar muito para passar nas provas, mas também era um aluno dedicado e inteligente.

Diz já ter sofrido preconceito racial como policial em algumas ocorrências. Ele se auto-define como negro e segundo os critérios do IBGE como preto.

O depoente diz não ter participado de nenhum movimento ou entidade voltada para a questão racial, mas diz que agora está se aproximando do centro de referências afro. Diz ser muito importante lutar contra o racismo, mas devido à falta de tempo e a sua profissão, não podia freqüentar tais reuniões.

Assinala que seu estilo de vida não mudou quando ele ascendeu econômica e socialmente, e que o preconceito racial continua ocorrendo mesmo com aqueles negros que ascendem para uma posição social mais elevada.

Quinta entrevista

Entrevista com o micro-empresário do comércio Edson, que tem por volta de 50 anos, é casado, possui 4 filhos e mora na cidade de Araraquara.

O depoente é um dos entrevistados que aparenta ter menor capital financeiro. Pudemos constatar isso a partir de seu estilo de vida e da entrevista como num todo.

Ele ressalta que teve uma infância feliz apesar dos problemas financeiros. Estudou em escolas públicas, até o ensino médio. Sempre foi um aluno quieto e se considerava um aluno mediano com notas não tão boas.

Seu pai era ferroviário e sua mãe era do lar. Ambos estudaram até o ensino fundamental, mas não o finalizaram.

Edson já trabalhou como frentista de posto de gasolina, como segurança e trabalhou em uma usina. Depois trabalhou 20 anos na ferrovia. Com o dinheiro que recebeu trabalhando na ferrovia pôde montar o seu próprio negócio.

Quanto ao preconceito racial ele diz que existe sim, e que quando ocorre com ele, costuma bater de frente. Em outro momento da entrevista, quando o preconceito é mencionado posteriormente, ele diz não dar bola para esta questão.

Identifica-se como negro e segundo os critérios do IBGE como preto, e acaba criticando a categoria pardo.

Quanto à participação em movimentos ou entidades voltadas para a questão racial o depoente diz observar de longe, mas não participa, pois acha errado trazer algo lá do passado para os dias atuais.

Diz continuar com os mesmos gostos e estilos de vida que tinha antes de ascender socialmente.

Apesar de Edson relatar situações de preconceito em sua família, principalmente no que diz respeito à ascensão social, parece ter uma postura um tanto quanto ambígua quando menciona o momento em que tem de lidar com o preconceito diariamente. Primeiramente diz que bate de frente, ou seja, faz algo para mudar a situação, e depois diz que não tem importância, ou melhor, não atribui um valor significativo para esta questão.

Sexta entrevista

A sexta entrevistada é a agente de viagens e empresária Marisa, que tem 51 anos é casada, possui filhos e mora na cidade de Araraquara.

A depoente conta que teve uma infância feliz apesar de ter sido repleta de pobreza e de uma grande luta. Seu pai era marceneiro e sua mãe costureira e ao todo eram quatro filhos.

Marisa estudou sempre em escolas públicas e atualmente acabou de completar o ensino superior. Ela relata que era uma boa aluna e tirava sempre boas notas. No ginásio tirava as melhores notas em Francês e ficava imaginando como seria

ir para a Europa. Pensava em fazer letras ou talvez psicologia, mas não podia, pois, tinha que trabalhar.

Na escola ela tinha muitos amigos, mas era uma pessoa mais reservada. Quanto aos momentos de rebeldia ela se lembra de não se adequar nem se conformar muito com a sua situação financeira. Todavia não enxergava a pobreza como um drama e tentava administrar as situações da melhor forma possível.

Começou trabalhando com 8 ou 9 anos vendendo revistas para as amigas. Logo depois trabalhou em casa de família como doméstica, trabalhou em uma loja de aviamentos no comércio, e diz que foi a primeira ou a segunda negra a trabalhar no comércio na cidade de Araraquara. Quando ela começou haviam poucos negros neste ramo.

Marisa não quis trabalhar em fábricas, pois dentro destas, ela sabia que estaria fadada a continuar neste ambiente para sempre sem ter outras perspectivas melhores de emprego.

Após uma viagem de férias para São Paulo, faz um curso voltado para viagens, volta para Araraquara e começa a trabalhar em uma agência de viagens. Trabalha neste ambiente profissional por 20 anos.

Num momento de crise mundial ela prefere trabalhar como *free lancer*, e desta forma consegue aos poucos abrir o seu próprio negócio com auxílio de amigos e de antigos clientes.

Marisa diz que não mudou o seu estilo de vida e continua gostando de ter uma vida simples, sem roupas de marca ou sem viver freqüentando clubes importantes da cidade.

Quando a questão do preconceito racial é mencionada, ela se retrai e responde que ele existe, mas que ela nunca sofreu. Como parte dos entrevistados conta histórias de racismo que aconteceram com membros de sua família.

No último momento ela fica mais a vontade para falar sobre a questão racial e conta situações que aconteceram com ela, com seu filho, sobrinho, e acaba mudando um pouco o discurso.

Ela conta que apesar de ter ascendido, de colocar seu filho em uma escola particular, o preconceito ainda existe e neste sentido ela tenta incentivar sua família a valorizar a cultura negra e sempre trabalhar com a auto-estima do negro.

Quando o gravador foi desligado a depoente relata que quis declarar nesta entrevista as suas vitórias. Seu objetivo não era ficar contando quantas vezes ela chorou por causa do racismo sofrido pelas pessoas.

Logo, podemos recorrer a algumas afirmações de Magnani (1986) quando este relata que devemos sempre desconfiar de nossos entrevistados. Muitas vezes eles encenam um personagem quando percebem intuitivamente o que o pesquisador deseja que ele seja ou diz o que acredita que o pesquisador gostaria de ouvir. Ou até mesmo mostra relatos sobre o que ele desejaria ser.

Tanto nesta entrevista como em outras, podemos perceber claramente essa relação que se desencadeia na “encenação de uma personagem”. Debaixo da máscara deste personagem percebemos muitas vezes um silenciamento e um desconforto em contar as situações de racismo vividas em suas trajetórias de vida.

Sétima entrevista

O sétimo entrevistado é Marcos, profissional liberal (advogado) nascido em Águas da Prata, casado, possui 48 anos, dois filhos, e mora atualmente em São Carlos.

O depoente afirma que não teve uma infância feliz, foi uma infância difícil, ele morava na roça, estudava em uma escola próxima a fazenda e sofria repressão por parte da professora.

Estudou em escolas públicas e possui ensino universitário completo. Na escola possuía muitos amigos, mesmos os falsos. Quando tinha 12 anos, no momento em que se passava a ditadura, era bastante rebelde, e tinha uma postura política anti-militar. Devido a este fato, também sofreu repressões na escola.

Considera seu pai e sua mãe como os chefes da família, sua mãe por ser mais brava. Ambos sempre trabalharam na lavoura e eram analfabetos.

Seu primeiro emprego foi na lavoura quando era muito pequeno, depois foi bóia-fria. Já no colegial começou a trabalhar em uma fábrica de pré-moldados. Trabalhou posteriormente com tipografia, depois em uma indústria e também em escritório.

Quando era pequeno já pensava em ser advogado e por este motivo recebia muitas gozações de familiares e colegas de trabalho. Sempre foi muito esforçado e sempre lutou para conquistar seus objetivos.

Quanto à questão do preconceito racial ressalta que quando uma pessoa tem cultura as coisas mudam um pouco, mas não deixou de sofrer preconceito racial e o considera um grande problema brasileiro. Ele conta algumas situações de preconceito e junto a elas explica que o preconceito no Brasil ocorre de forma mascarada.

Em um outro momento da entrevista menciona que a mistura entre as raças no Brasil é um privilégio. Ou seja, apesar de afirmar a existência do preconceito e levar em conta o seu caráter dissimulado, considera a mistura entre as raças algo bom.

Quanto à identificação de raça/cor, ele se define como negro, mas de acordo com o IBGE se caracteriza como pardo, (dado que está em seu documento de identidade).

Diz nunca ter participado de nenhum movimento ou entidade que se voltasse para as questões raciais. Não participa porque aponta situações de preconceito dentro dessas organizações.

Relata também que mudou seu estilo de vida e seus gostos depois que se tornou advogado. Pensa que isso é algo comum que acontece com qualquer ser humano que ascende independente da raça.

Ele assinala que passa a dar mais importância à questão racial depois que ascende socialmente. O entrevistado acaba entrando em conflito com a questão da classe em seu discurso. Diz que um bom profissional não é branco ou negro, mas aquele que sabe esperar o tempo certo para adquirir bens materiais.

Diz que quando a questão racial é colocada em voga as dificuldades aparecem, mas ressalta que quando ascende socialmente o preconceito diminuiu. Neste sentido sua resposta é bastante confusa.

Em um último momento, ele mostra um certo orgulho racial quando conta que repreendeu uma ex-namorada quando esta dizia que os “negros não conseguem vencer neste mundo”.

Neste momento ele mostra uma indignação muito grande por ouvir uma pessoa “rebaixar” a sua raça. Logo, as afirmações e considerações feitas pelo entrevistado no que se refere à questão racial são bastante ambíguas e conflitantes.

Oitava entrevista

O oitavo entrevistado é Célio, um profissional liberal (engenheiro) de 42 anos, casado, possui dois filhos e mora atualmente na cidade de São Carlos.

Diz que teve uma infância feliz, e que não percebia muitas dificuldades apesar de sua família ser muito simples.

Até o ginásio estudou em escolas públicas e no colegial estudou em escola particular. Atualmente possui ensino universitário completo e está fazendo mestrado. Na escola era um aluno mediano e possuía muitos amigos. Hoje em dia a maioria de seus amigos atuais são brancos.

Considera ser seu pai o chefe da família, já que este trabalhava como contador e posteriormente tornou-se funcionário público. Sua mãe era dona de casa, mas fazia alguns artesanatos e alimentos para vender. Seu pai possui ensino médio completo e sua mãe ensino fundamental incompleto.

Primeiramente o depoente trabalhou em uma concreteira e logo em seguida foi demitido. Para chegar a ter o seu próprio negócio Célio pesquisou muito, viajou para outras cidades para verificar como era o funcionamento das empresas que trabalhavam na área que ele pretendia adentrar.

Ficou muito tempo pesquisando para verificar o que estava em falta no mercado. Enquanto isto trabalhou em uma construtora, e infelizmente esta empresa faliu.

Teve que ir trabalhar em São Paulo em uma madeireira, não gostou de trabalhar lá. Voltou para São Carlos e teve a iniciativa de montar seu próprio negócio. O entrevistado assinala que o estudo foi muito importante para fazer com que ele conquistasse o que tem hoje.

No que diz respeito às dificuldades em seu cargo, ele diz que nunca sofreu preconceito no que diz respeito a sua profissão. Na escola, mesmo estudando em colégio particular e sendo o único negro, diz que todos o tratavam bem.

O preconceito para ele está mais relacionado ao modo como a pessoa se porta, ou seja, ao comportamento.

Menciona que seu pai nunca foi de freqüentar bar e nem e fazer confusão para que não fosse questionado por isso. Coloca em evidencia o preconceito contra o pobre (preconceito de classe) e ressalta que tudo se resume ao estudo, com ele você consegue chegar a qualquer lugar.

Ele critica a segregação que ocorre nos Estados Unidos e exalta a mistura de raças em nosso país. Quanto ao movimento negro ou entidades voltadas para a questão racial, afirma que estes pregam o racismo ao contrário.

Ressalta que as cotas devem ser fornecidas aos bons estudantes das escolas públicas. Assinala que em seu universo, considera os negros mais racistas do que os brancos.

Quanto aos gostos e estilos de vida diz que eles mudaram conforme o tempo e devido a sua formação universitária. Assinala que com a ascensão tudo muda.

Nona entrevista

A nova entrevistada é Ângela, profissional liberal (dentista) de 26 anos, solteira e mora na cidade de Araraquara.⁶²

A entrevistada relata que teve uma infância feliz e que não se lembra de ter passado nenhum momento ruim e nunca passou dificuldades financeiras. Estudou sempre em escolas particulares e seu pai pagou a sua faculdade.

. Atualmente ela terminou o ensino universitário completo. Nunca teve muitos amigos, sempre tinha uma amiga só. Assinala que sempre teve amigos brancos devido ao meio social em que convive.

Menciona que seu pai era o chefe da família, sempre foi gerente comercial e sua mãe era dona de casa. Seu pai possui ensino universitário completo e sua mãe ensino médio completo.

Ângela se formou em 2007 e logo em seguida conseguiu emprego em uma clínica onde trabalha com profissionais de diferentes áreas.

62 É importante ressaltar que encontramos um número maior de profissionais liberais mais novos, na faixa etária dos 25 aos 35 anos. Podemos perceber que atualmente os negros possuem mais abertura para cursar o ensino universitário do que nas décadas anteriores. Podemos visualizar bem este quadro quando nos voltamos para os estudos das ações afirmativas no Brasil em específico para as cotas nas universidades.

Ela relata que nunca sofreu preconceito racial em sua carreira. Comenta que isto ocorreu somente uma vez na escola quando um colega a chamou de “neguinha”.

A entrevistada acredita na existência do preconceito racial no Brasil. Todavia, pensa que o preconceito ocorre na maioria das vezes em forma de preconceito de classe social.

Ela ressalta que existe o preconceito com um negro bem sucedido, porém este tipo de preconceito ocorre mais freqüentemente com negros que ocupam classes sociais inferiores.

A depoente se identifica como negra e quanto aos critérios do IBGE se identifica como preta, mas não concorda com este tipo de classificação.

Ela não freqüenta nenhum tipo de movimento ou entidade voltada para a questão racial, pois considera que se existisse um movimento denominado movimento branco, os negros não iriam gostar.

Inferimos que ela não aceita quaisquer movimentos, entidades, ou mesmo atividades voltadas para a questão da cor/raça, já que, para a entrevistada somos todos iguais e o preconceito racial prevalece fortemente no que tange a questão da classe social.

A depoente menciona que não mudou o seu estilo de vida, pois sempre esteve na mesma condição, a de classe média. A única coisa que foi modificada é que agora ela trabalha e possui seus rendimentos próprios.

Finaliza a entrevista dizendo que nunca pensou as coisas através da perspectiva racial, pensa que todo mundo é igual, nunca sofreu preconceito e não continua sofrendo.

Décima entrevista

A última entrevistada é a Paola, profissional liberal (farmacêutica), tem 23 anos, é solteira e mora na cidade de Araraquara.

Ela menciona que teve uma infância feliz e que não se lembra de momentos ruins ou trágicos. Paola estudou em escolas públicas e no colegial em escolas privadas. Atualmente ela acabou de terminar o ensino universitário completo pago por seu pai.

Ela diz que seu pai era o chefe da família, era Bombeiro e depois abriu seu próprio negócio quando se aposentou. Sua mãe ajudava em casa vendendo produtos e teve também uma loja de roupas. Seu pai fez o ensino médio completo e sua mãe o ensino fundamental completo.

Sua adolescência foi tranqüila, sempre teve muitos amigos no bairro da ferroviária. Ela possui muitos amigos negros, mas a maioria de seus amigos são brancos.

As únicas queixas de sua adolescência são a respeito de sua estética, não gostava de usar aparelhos ortodônticos e se achava um pouco gordinha.

Depois de se formar trabalhou em farmácia, mas gostaria mesmo é de trabalhar em laboratórios farmacêuticos.

Ressalta que já sofreu preconceito racial tanto no decorrer de sua carreira como também em alguns momentos de sua vida cotidiana, tais como, na contratação para trabalhar em uma farmácia e quando foi acusada de roubo quando simplesmente estava em uma loja para fazer compras.

Ela pensa que o preconceito racial no Brasil se dá de uma forma velada, e a maioria das pessoas se sentem encabuladas por mencionar a palavra “negro”, e tentam disfarçar dizendo que a pessoa é morena e que tem o cabelo “ruim”.

A entrevistada se identifica como negra e segundo os critérios do IBGE como preta, mas não concorda com esse tipo de identificação, diz que preto é cor e não raça.

Quanto a sua participação em algum movimento ou entidade voltada para a questão racial, ela diz nunca ter participado e não ser atualmente quando começou a frequentar o centro de referências afro de Araraquara.

Ela não aceita algumas coisas que acontecem no movimento, como por exemplo, você não poder alisar o cabelo porque é negro, não gosta das pessoas que se vangloriam por serem negras e prejudicam os brancos.

Sobre seus gostos, eles não mudaram, seu estilo de vida mudou depois que sua mãe faleceu, ela lhe dava roupas e todos os adereços que as mulheres gostam de usar. Hoje em dia seu pai não entende que existem certas coisas que a mulher necessitam. Ele pensa nos adereços femininos como fruto de futilidades.

Finalmente ela acredita que deve existir uma luta em prol da questão racial, principalmente por parte das mulheres negras que são as maiores sofredoras.

Assinala que existem ainda muitas pessoas preconceituosas, este fato a entristece. Em contra partida, dá exemplos de mulheres negras bem sucedidas e diz ficar muito contente quando se depara com este tipo de notícia. A saber, uma perita criminal negra de São Paulo, que estudou e conseguiu chegar a um posto de destaque no mercado de trabalho.

Décima primeira

Evandro é casado, tem 33 anos e é empresário na cidade de São Carlos. Ele conta que teve uma infância feliz, porém teve que trabalhar muito cedo, mas assinala que não passou tantas dificuldades financeiras.

Estudou até a quinta série em escolas particulares e o restante em escolas do Estado. No geral tirava boas notas e tinha muitos amigos na escola. Teve uma adolescência tranqüila e sem problemas. Começou a fazer a faculdade de engenharia civil, mas não terminou.

Seu pai sempre foi o chefe da família, possuía uma empresa na área da construção civil e sua mãe era dona de casa. Sua mãe cursou até o ensino fundamental e seu pai o ensino universitário incompleto.

Começou a trabalhar cedo, mas diz que não foi por necessidade e sim por escolha. Carpiu terrenos com seus amigos, trabalhou como Office boy, trabalhou em supermercado, trabalhou com vendas de veículos e depois em uma empresa na área de construção. Saiu de lá, foi trabalhar com seu pai na empresa de gesso. Voltou a trabalhar na empresa anterior em obras grandes, foi ai que conseguiu capital para abrir a sua empresa.

No decorrer de sua carreira diz que a única dificuldade que passou foi financeira. Diz que não teve dificuldade com questões raciais. Logo em seguida se contradiz contando um episódio de racismo.

Diz que o preconceito é camuflado no Brasil, e logo em seguida conta outro episódio de preconceito em sua profissão. Diz que nunca participou de nenhuma entidade que se voltasse para a questão racial, mas acha que o papel delas é muito importante e que as conquistas adquiridas pelos negros nos dias atuais ocorrem em função da luta desses movimentos.

Quanto aos seus gostos e estilos de vida, ele diz que mudou a sua condição para melhor e que nas horas vagas pensa mesmo em descansar.

Por fim, ele relata que a sua opinião é a de que quando um negro ascende socialmente o preconceito racial diminui.

Quando desligo o gravador, o entrevistado se mostra preocupado com a entrevista. Diz que não sabe se suas opiniões estão corretas, pede para que eu possa lhe mostrar depois como ele se saiu (através da minha análise) e pede para que eu revele em quais momentos a opinião dele está equivocada.

Na sala de seu escritório visualizo uma máscara negra e ao lado a figura da entidade umbandista.

Décima segunda

Roberto é casado, possui x anos e é advogado. Nasceu em Itirapina e depois foi morar em São Carlos. Ele conta que teve uma infância feliz sem nenhum problema e que não teve problemas financeiros. Estudou sempre em escolas públicas e completou a faculdade em direito e depois fez mestrado em educação na UFSCar. Quando estava na escola tirava as notas necessárias para passar e tinha muitos amigos.

Seu pai era o chefe da família, trabalhava como eletricista na Fepasa e sua mãe era dona de casa. Seu pai cursou o ensino médio completo e sua mãe o fundamental.

Em sua adolescência era um pouco bagunceiro, mas nunca teve nenhum problema grave. Logo que saiu do Senai trabalhou em uma metalúrgica, depois nas lojas pernambucanas, posteriormente trabalhou em uma loja do comércio e por fim em uma fábrica de toalhas. Por último, foi fazer seu estágio na câmara municipal e conseguiu trabalhar no Procon. Nesta mesma época trabalhava no outro período num escritório de advocacia.

Sempre trabalhou para pagar os seus estudos na faculdade de direito. A maior dificuldade em sua profissão foi o pagamento da faculdade. Ele não menciona nada referente à questão racial.

Quando pergunto diretamente sobre a discriminação racial ele diz que já sofreu e conta um episódio no trabalho.

Ele diz já ter participado de uma entidade étnico-racial dentro da OAB, mas não era membro assíduo. Critica esta entidade, pois, muitos dos freqüentadores tratam as pessoas de outra raça com discriminação.

Quanto aos seus gostos e estilos de vida, ele diz ter mudado bastante. Quanto aos hábitos nas horas vagas, diz que hoje não tem mais tempo para nada.

Ele pensa que quando um negro ascende socialmente o preconceito diminui, e isto é o que aconteceu com ele.

Quando desligo o gravador, o entrevistado diz que conhece o NEAB (Núcleo de Estudos afro-brasileiros da UFSCar) e também conhece os professores membros do núcleo.

Décima terceira

Anderson possui 37 anos, é casado, mora em Araraquara e é empresário comercial. Ele conta que não teve uma infância ruim, mas passou por dificuldades financeiras. Estudou em escolas públicas e fez dois anos de engenharia mecatrônica na Unip (Universidade Paulista). Sempre teve amigos em sala de aula quando pequeno, mas não tirava as melhores notas.

Seu pai era o chefe de sua família, era militar e sua mãe trabalhava como dona de casa. Ambos cursaram o ensino fundamental incompleto.

Começou a trabalhar cedo como adolescente, mas diz que não foi por necessidade. Fazia e vendia pipas para os amigos, depois trabalhou na guarda-mirim (office-boy) e trabalhou dobrando jornais. Logo depois seu pai o apresentou ao dono de uma empresa, e este senhor lhe concedeu um emprego na fábrica. Trabalhou lá como faxineiro, assistente de produção e foi subindo de cargo.

Decidiu sair da fábrica, pois, dizia que tudo o que o patrão tinha conseguido (fazendas, estudos dos filhos, viagens) tinha sido através do suor de seu trabalho.

Um tempo depois resolve abrir o seu próprio negócio. Para isso teve a ajuda financeira de um amigo.

No que diz respeito às dificuldades em sua carreira ele conta uma situação de discriminação racial que ocorreu na fábrica depois dele ter ascendido para um bom cargo.

Quando pergunto diretamente sobre o preconceito, ou a discriminação racial, ele relata que seu filho está sofrendo preconceito na escola, mas que hoje esta situação é mais fácil de ser remediada. Ele pode denunciar a escola para a polícia caso eles não mudem sua metodologia educativa no que diz respeito à questão racial.

Diz que nunca participou de nenhuma entidade que se voltasse para a questão racial, pois essas não pagarão as suas contas. Ao mesmo tempo, durante a entrevista chegam pessoas da diretoria de uma associação de bairro que ele preside, e esses indivíduos são todos negros.

Dentro do escritório da associação eu vejo objetos africanos como estátuas negras e objetos afro-brasileiros.

Quanto aos seus gostos e estilos de vida, ele diz que vivia num meio onde tinha que dar valor as coisas materiais e que depois que abriu a sua empresa pôde ser ele mesmo e não atribuir valor à questões que a elite considera importantes. Diz que não possui horas vagas. Mas antes jogava bola e capoeira.

No que diz respeito ao preconceito racial, afirma que quando um negro ascende socialmente, todos os tratam bem. Anderson não consegue ver uma distinção de tratamento por parte de seus clientes e funcionários no que diz respeito a sua pessoa.

Quando desligo o gravador, todos os membros da associação começam a discutir as questões perguntadas na entrevista e dar suas opiniões a respeito da mestiçagem e das condições do negro no Brasil. O debate se aprofunda e fico bastante tempo por lá ouvindo muitas histórias.

4.4 Trabalhando com propriedades constitutivas da mobilidade social e da identidade: A negociação entre classe e raça

Através de alguns dados do relatório “Situação da infância e da adolescência brasileira” realizado pelo Fundo das Nações Unidas pela Infância (Unicef) podemos perceber que existe uma relação que conecta a raça e a classe quando nos referimos a infância.⁶³

De acordo com relatório desta instituição, sobre a “situação da infância e da adolescência brasileiras”, a desigualdade afeta as crianças antes mesmo delas nascerem. Se a criança for negra, os riscos sociais são ainda maiores do que sofre uma criança branca.

Logo, as crianças negras possuem duas vezes mais chances de estarem na linha da pobreza, de não freqüentarem escolas, e de viver em residências sem abastecimento de água.

Podemos perceber que as histórias de vida aqui relatadas correspondem exatamente a esta realidade mencionada pela Unicef, pois 10 dentre os 13 entrevistados mencionaram as dificuldades financeiras em suas infâncias. Podemos perceber este fato na fala dos entrevistados. A saber, Marcos relata que:

Tudo na minha vida foi com dificuldade. Sofrida sim (...) Na hora que chegava na leitura eu ia tomar água, porque eu ia tomar água? Porque não tinha torneira para tomar água, então eu tomava água do rio.

Outros como Marisa assinalam que:

Tive uma infância feliz. Dentro de uma família pobre, meu pai marceneiro e minha mãe costureira, quatro filhos, dava para sentir a luta deles. Talvez mais na adolescência dava para ter esse entendimento.

Outro fator importante relacionado à questão socioeconômica e a articulação desta com a infância negra é o fato de que essas crianças começam a trabalhar mais

⁶³ Este dado foi retirado de um texto de Sara Moitinho da Silva Professora do Instituto da Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (UERJ), cujo título do texto é: “Imagens e Narrativas jornalísticas no cotidiano das crianças negras na favela e nas ruas do Rio de Janeiro”.

cedo do que as crianças brancas. Esse dado advém de uma pesquisa realizada pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) e que abrange o período de 1992 até 2005.

Até os 13 anos de idade, faixa etária em que a legislação brasileira proíbe qualquer tipo de trabalho, 8,8% dos meninos negros trabalham, entre os brancos o índice é de 6%. Já entre as meninas negras a porcentagem é de 3,4% enquanto esta porcentagem entre as meninas brancas é de 2,4%.

Esses dados vão de encontro com a realidade de nossa pesquisa. Entre os 13 entrevistados, 10 deles dizem ter começado a trabalhar muito cedo, quando ainda eram crianças. Os únicos que não começaram a trabalhar na infância foram alguns entrevistados que tiveram a oportunidade de fazer um curso superior.

A marca do trabalho infantil pode ser visualizada na fala do empresário Márcio que assinala:

Aos 10 anos eu fui engraxate em Muarana, no Paraná. Depois eu fui sorveteiro. Aos 12 anos trabalhei em um posto de gasolina aqui em São Carlos.

Podemos inferir que de uma maneira geral, apesar da maioria dos depoentes afirmarem que tiveram uma infância feliz, as suas falas são marcadas pelos momentos de dificuldades financeiras na infância.

Nenhuma das falas dos entrevistados se remete a questão racial, ou sobre o preconceito racial na infância quando são questionados sobre quaisquer tipos de dificuldades ou tristezas vividas em suas infâncias.

O único momento em que relatam questões relacionadas ao preconceito racial na infância é o momento em que são indagados sobre o acontecimento de algum episódio de preconceito sofrido em suas vidas.

Esses momentos se remetem a situações escolares. Todavia somente 3 dos entrevistados mencionaram tais situações.

A primeira delas é mencionada pela Dentista Ângela de 26 anos que relata que uma vez no colégio, quando era pequena, um colega de sala a chamou de “neguinha”. Ela, que sempre teve o irmão por perto, pediu imediatamente para que ele resolvesse a questão.

O segundo entrevistado, o advogado Marcos de 48 anos relata que na escola deram o apelido de “Totó”, que era um macaquinho famoso da televisão. Todavia

Marcos o absorveu como um apelido carinhoso, apesar de saber que era um apelido racista.

A terceira entrevistada a empresária Marisa de 51 anos conta episódios de racismo que aconteceram com o filho e com o sobrinho, mas não menciona a sua própria infância.

Neste sentido podemos fazer uma inferência a partir de algumas reflexões de Waléria Menezes que por sua vez se respaldada por Vigotski (1984). Para o último, a mente humana se apropria dos códigos sociais. No que diz respeito à criança, isso ocorre quando ela internaliza e toma como se fossem seus alguns dados do ambiente cultural exterior a ela. Neste momento o discurso social passa a ter uma conotação individual.

No caso dos negros, as mensagens externas que são passadas para estes são dilacerantes, pois para que o negro exista como pessoa ele deve ser branco, para ser reconhecido como pessoa ele deve negar seu corpo, sua cultura e sua etnicidade.

O resultado desta penalização é o distanciamento de uma formação da identidade negra tanto individual como coletiva. O resultado é o silenciamento por parte da criança e do indivíduo negro em todas as esferas de sua vida.

Podemos dizer que este silenciamento está contido na ausência das falas dos entrevistados no que diz respeito ao preconceito racial em suas infâncias.

Quando mencionamos a questão da adolescência no questionário, fizemos perguntas bem gerais para tentar mapear como foi a adolescência do entrevistado, quais foram as dificuldades enfrentadas, e se o entrevistado passou por situações de desconforto consigo mesmo ou com o seu corpo.

Não os questionamos diretamente sobre a questão racial neste período de suas vidas, pois o intuito da pesquisa era fazer com que os depoentes mostrassem qual seria a identidade acionada em cada ocasião e circunstância vivida.

Sabemos que a adolescência é um momento complexo onde as representações negativas sobre os negros se tornam mais latentes em todas as esferas sociais, principalmente no que diz respeito à questão estética. O cabelo crespo e a cor de pele preta, e o próprio corpo negro podem carregar marcas de inferioridade.

A intenção da pergunta foi então buscar saber como eram vistos pelos adolescentes que os cercavam e também como eles próprios se viam naquele momento.⁶⁴

É importante destacar que em nossa pesquisa, apesar da insistência em discutir essas questões nas entrevistas, os depoentes de uma maneira geral não gostavam de tocar neste assunto, buscavam mudar o rumo da conversa, respondiam que não tiveram problemas em sua adolescência ou até mesmo se referiam a outras dificuldades que não fossem as relacionadas à questão racial ou a representação do corpo negro na adolescência.

Percebemos nas entrevistas que existe uma dificuldade gigantesca em construir uma identidade positiva sobre o negro, já que, vivemos em uma sociedade que historicamente ensina o negro que para que ele seja aceito, deve negar a si mesmo. Esta caracterização sobre o negro é construída muito cedo, tanto no seio de suas famílias como no ambiente escolar.

A primeira entrevistada menciona que se dava bem com sua aparência e nunca teve problemas com isso. A segunda se dizia muito vaidosa, mas seu pai não a deixava ter momentos de rebeldia. O terceiro entrevistado não teve problemas em sua adolescência, sempre foi tranqüilo. O quarto depoente busca falar mais de suas amizades e não menciona a questão da adolescência.

O quinto entrevistado se diz tranqüilo com relação às questões da adolescência. O sexta depoente faz considerações sobre a sua aparência, mas sem mencionar a raça. O sétimo entrevistado procura descrever o período da ditadura e não menciona demais questões. O oitavo diz nunca ter sido rebelde. O nono depoente não respondeu a estas questões. O décimo entrevistado se remete a dificuldades financeiras na adolescência.⁶⁵ O décimo primeiro e o décimo segundo mencionam questões relacionadas ao trabalho e o último fala da bagunça com os amigos.

64 Existem muitos trabalhos atuais que tratam da identidade e da estética negra. Nestes trabalhos, grande parte dos entrevistados conta quais os tipos de preconceito que sofreram em suas vidas no que se refere a questão do corpo negro. O trabalho de Nilma Lino Gomes é um deles. Através de entrevistas com negros e negras adolescentes ela tenta mapear a maneira como o olhar do outro se dirigia ao corpo negro e ao mesmo tempo como o detentor do corpo negro se identificava consigo mesmo.

65 Não podemos saber ao certo se isto ocorreu, pois não fizemos questões exatamente direcionadas à temática racial. Mas podemos dizer que de forma indireta, foram feitos todos os questionamentos possíveis para se chegar à discussão sobre o corpo negro, todavia, os entrevistados não se sentiram a vontade para abordar este tipo de questão.

Percebemos que estas memórias estão ausentes nas falas dos entrevistados. As dificuldades referentes à questão racial tanto na infância como na adolescência não foram acionadas pelos depoentes.

Os motivos pelos quais percebemos as falas vazias de quaisquer considerações referentes a estas questões podem ser diversos. Mas há indícios em outras falas dos entrevistados de que eles desejam transmitir ao entrevistador uma outra imagem sobre o negro. Este fato extremamente importante foi supracitado na descrição das entrevistas.

Nossos depoentes nos mostram que existe uma dificuldade em expressar tanto a positividade quanto a negatividade com relação ao negro, eles se mostram completamente silenciados.

4.4.1 A trajetória escolar

Sabemos que como foi discutido nos outros capítulos, a identidade é um processo contínuo. Este processo pode ser construído durante a trajetória escolar.

Neste sentido, a escola é um local onde o olhar lançado sobre o negro pode ser tanto positivo, valorizando sua identidade, como também pode se negativo, estigmatizando-os, segregando-os e negando-os.

Muitos trabalhos, como os de Elisângela Maria de Jesus (2006) que possuem o intuito de estudar a construção da identidade negra na escola nos mostram que a relação estabelecida entre crianças negras e brancas na escola pode ser tensa, segregando, excluindo e possibilitando que a criança assuma uma postura introvertida, por medo de ser rejeitada ou ridicularizada.⁶⁶

O discurso daquele que oprime pode ser interiorizado pela criança ou pelo adolescente e ele pode reconhecer dentro de si mesmo tudo o que lhe é dito. A saber, ele interioriza as características que lhe são passadas sobre os negros, tais como, “ feio, preto fedorento, cabelo duro”. (JESUS, 2006, p.2)

⁶⁶ Podemos citar outros trabalhos importantes que contém relatos de crianças, adolescente e adultos sobre o período escolar, como por exemplo, Cavalleiro, (2001), Frazzi (2004), Rodrigues (1988), Gomes (2004).

A criança dentro de um comportamento introvertido se recusa a participar de algumas atividades, tendo então de calar a sua voz e passa a viver sobre o mutismo e a invisibilidade na sala de aula.

Para sabermos como se dá este momento em sala de aula, e para absorvermos esse tipo de histórias nas falas de nossos entrevistados os questionamos sobre os seus amigos na escola, a sua vivência escolar, a sua relação com os professores e seu desempenho como alunos.

É interessante mencionar que mais uma vez encontramos o silenciamento com relação à questão racial. Além do mais, a maioria dos entrevistados expressam a sua interação com os outros alunos da escola. Três dos dez entrevistados dizem que não tinham muitos amigos⁶⁷, eram quietos, e viviam sozinhos, o que os aproxima da personalidade introvertida citada anteriormente.

Mas oito entrevistados dizem que tinham muitos amigos e se davam muito bem com eles. Muitos contam situações que comprovam este fato. Dois deles não falam sobre as suas relações com os amigos e preferem citar outras situações no ambiente escolar.

De acordo com os dados do censo de 2005 feito pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais) os rendimentos escolares entre negros e brancos estão em desequilíbrio. Existe uma desvantagem por parte dos negros e esta não se dá somente devido a situação sócio-econômica dos indivíduos.

Constata-se nesta pesquisa que os grupos que possuem maior nível de repetência de 4^a a 8^a série são os que se declaram negros. A experiência dos pais desses alunos também é caracterizada pela baixa escolaridade e repetência. Esse fato nos mostra claramente como a cor ou a raça do aluno influencia o menor rendimento dos negros.

Voltando para nossa pesquisa, podemos dizer que com relação ao desempenho escolar, quatro dos entrevistados afirmam que tiravam notas boas e eram inteligentes, quatro deles eram alunos medianos, e os outros cinco não comentaram nada sobre seus desempenhos escolares e notas e privilegiaram outras falas sobre a realidade escolar.

67 Apesar de um deles se dizer reservado.

É importante mencionar que todos os depoentes foram muito sucintos ao responderem essas questões, ou seja, por mais que fossem incentivados a falar, este assunto parecia não chamar muita atenção dos entrevistados. Diferente de outros momentos, como por exemplo, a ocasião em que foi pedido para que descrevessem a sua trajetória profissional.

Podemos perceber, portanto como a identidade negra é negada, ou silenciada nos discursos com relação à infância, a adolescência e dentro do ambiente escolar.

Se nos respaldarmos em Menezes (2002), podemos afirmar que o preconceito afeta não só o destino, mas também a própria consciência do sujeito que passa a ser visto dentro de uma imagem preconceituosa.

Muitos negros acreditam que as características inferiores atribuídas a eles são pessoais. Neste momento idealizam um mundo branco e desvalorizam o mundo negro, construindo a associação de que o que é branco é certo, e bonito, o que é negro é errado e feio.

Devido a estes processos há um distanciamento por parte dos negros das culturas de matriz africana, e muitos chegam a ponto de tratar com desprezo seus próprios atributos da raça negra. Esta postura pode se traduzir também através do não questionamento de situações preconceituosas e estereotipadas devido o receio de não serem aceitos dentro de seu grupo social.

Poderíamos acrescentar ao pensamento anterior da autora que o fato de muitos dos entrevistados terem silenciado suas vozes no que diz respeito à questão racial se dá exatamente pela imposição - colocada no parágrafo anterior - da cultura dominante sobre a dominada, o que acarretaria a dissimulação de momentos onde a questão racial estaria latente, por exemplo, momentos de sofrimento como aqueles em que são manifestados o racismo e discriminação racial.

Mesmo no século XXI por mais que tenha aumentado os níveis de escolaridade média dos brasileiros, os negros ainda mantêm cerca de dois anos de estudo a menos do que os brancos.

De acordo com o estudo do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais) denominado "Identidade Fragmentada – O negro e a educação no Brasil", as taxas de analfabetismo são menores para a população branca que perfaz 7,1% dos

analfabetos enquanto a população preta é de 16,9% e a população parda 16,8%, ou seja, mais do que o dobro observado para os brancos.

A distancia entre os analfabetos brancos e negros é maior no nordeste e perfaz 34%, no sudeste é de 16%, no norte e no sul é em torno de 18% e no centro-oeste é de 19%.

Se formos observar todo o processo de escolarização do indivíduo negro podemos perceber nitidamente a defasagem que este possui com relação aos indivíduos brancos.

Ainda de acordo com o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais), nas creches brasileiras, o total de crianças brancas é de 18,7% enquanto o de crianças negras é de 59,1% para crianças negras.

Estes números se modificam um pouco de acordo com as regiões brasileiras onde podemos observar maior número de crianças brancas em creches nas regiões sudeste e sul do que as crianças negras. Já na região centro-oeste observa-se um equilíbrio entre as porcentagens.

Na região norte a porcentagem de crianças negras é maior, porém elas ganham por poucos pontos percentuais de diferença.

Já na pré-escola as matrículas de crianças negras no período de 2002 a 2005 caiu de 48,4% para 42,3%. As matrículas das crianças brancas caíram de 51,5% para 40,1%.

No ensino fundamental, a taxa de crianças negras cresce, entretanto na medida em que se eleva o nível de escolarização a presença das populações negras diminuem.

No que se refere à expectativa da criança negra concluir o ensino fundamental, ela é de quase 70% no sudeste, no sul é de 64,1%, no centro-oeste e no nordeste é de 50% e no norte é de 37,8%.

Voltando para pesquisa do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais) percebemos que a taxa de eficiência (condições de permanência na escola e de aprendizagem) entre negros e brancos também é desigual. Os brancos registraram em 2003, 22,03 pontos percentuais a mais do que os negros no que diz respeito à taxa de eficiência no ensino fundamental.

Já no ensino médio as taxas que correspondem à eficiência e a escolaridade líquida⁶⁸ são bastante desfavoráveis para os negros.

De acordo com a pesquisa, a presença de negros aumentou no ensino médio de 2000 para 2003 e a taxa de eficiência dos negros aumentou 2,07% em relação aos brancos que possuem 1,03%.

Apesar disso os negros ainda continuam em desvantagem com relação aos brancos. As taxas de eficiência do ensino médio encontram-se abaixo da do ensino fundamental para os negros.

No que diz respeito ao ensino superior os dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais) apontam que a presença negra é a menor dentre todas as etapas educacionais.⁶⁹

Na síntese de indicadores do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) publicada no dia 24/09/2008, encontramos algumas referências percentuais aos negros e brancos no ensino superior.

No ano de 2007 os indivíduos formados em cursos superiores representavam 13,4% de brancos, e apenas 4% de negros e pardos. Dentre os que ainda estudam e encontram-se na faixa etária de 18 a 24 anos de idade 57,9% são brancos e 25% negros e pardos.

Após fazermos uma análise descritiva da situação educacional dos negros faz-se necessário observar a tabela abaixo que contém dados da presente pesquisa que serão descritos e analisados.

68 Esta mede a proporção da população matriculada no nível de ensino adequado à sua idade

69 O INEP não possui dados referentes às porcentagens de negros e brancos no ensino superior a não ser o número referente aos diversos cursos do ensino superior que foram adquiridos através do provão.

Ficha escolar dos entrevistados e de seus pais – Análise sobre a origem e destino

Nome do entrevistado	Escolaridade do entrevistado	Tipo de escola que estudou	Escolaridade do Pai	Escolaridade da mãe	Profissão
Rosa 45 anos	Ensino médio completo	Escolas públicas	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto	Empresária comercial São Carlos
Fábio 50 anos	Doutorado completo	Escolas públicas	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto	Empresário indústria/comércio São Carlos
Márcio 33 anos	Ensino médio completo	Escolas públicas	Não tem pai	Analfabeta	Empresário do comércio São Carlos
Robson 53 anos	Ensino universitário incompleto	Escolas Públicas	Ensino fundamental incompleto	Ensino Fundamental incompleto	Empresário do comércio Araraquara
Edson 50 anos	Ensino médio completo	Escolas públicas	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto	Empresário comercial Araraquara
Marisa 51 anos	Ensino universitário completo	Escolas públicas	Ensino fundamental completo	Ensino fundamental incompleto	Empresária Comercia Araraquara
Evandro 33 anos	Ensino universitário incompleto	Escolas privadas/públicas	Ensino universitário incompleto	Ensino fundamental completo	Empresário comercial São Carlos
Anderson 37 anos	Ensino universitário incompleto	Escolas públicas	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto	Empresário do comércio Araraquara
Marcos 48 anos	Ensino universitário completo	Escolas públicas	Analfabeto	Analfabeta	Advogado São Carlos
Célio 42 anos	Ensino universitário completo (mestrando)	Escolas públicas/privadas	Ensino médio completo	Ensino fundamental incompleto	Engenheiro São Carlos
Ângela 26 anos	Ensino universitário completo	Escolas privadas	Ensino universitário completo	Ensino médio completo	Dentista Araraquara
Paola 23 anos	Ensino universitário completo	Escolas públicas/privadas	Ensino médio completo	Ensino fundamental completo	Farmacêutica Araraquara
Roberto X anos	Ensino universitário completo	Escolas públicas	Ensino médio completo	Ensino fundamental incompleto	Advogado São Carlos

No que se refere aos dados obtidos nesta pesquisa podemos apontar que entre os 13 entrevistados, 3 deles completaram o ensino médio, 7 deles possuem ensino universitário completo, 2 deles o ensino universitário incompleto e 1 deles possui doutorado.

Todavia, se olharmos mais atentamente para os dados e separarmos os empresários dos profissionais liberais, obteremos os seguintes números:

Entre 8 empresários entrevistados, 3 concluíram o ensino médio, 1 o ensino universitário completo, 3 o ensino universitário incompleto e 1 o doutorado.

Entre os 5 profissionais liberais entrevistados, todos possuem ensino superior completo.

Podemos atentar para o fato de que parte dos empresários entrevistados possuem somente o ensino médio completo, e estes indivíduos negros representam os dados escolares supracitados.

Se olharmos bem para as histórias de vida dos outros 4 empresários que possuem ensino universitário⁷⁰, podemos perceber que um deles é a depoente Marisa, que só conseguiu fazer uma faculdade depois de ter adquirido meios econômicos para financiá-la, ou seja, depois de abrir a sua própria empresa. Marisa diz ter terminado a faculdade recentemente com 51 anos.

Os outros são os depoentes Robson, Evandro e Anderson que começaram a fazer faculdade, porém só cursaram até os dois primeiros anos da faculdade.⁷¹

Já entre os 5 profissionais liberais que possuem ensino superior, podemos relatar através de suas histórias de vida que 4 deles cursaram faculdades particulares da região, que muitas vezes são de fácil acesso financeiro, e apenas um deles cursou engenharia em uma universidade Federal a UFSCar (Universidade federal de São Carlos).

Neste contexto cabe lembrar que as cidades de São Carlos e Araraquara são muito próximas fisicamente e agregam três universidades públicas de grande renome, a Unesp (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), a Usp (Universidade Estadual de São Paulo) e a UFSCar (Universidade Federal de São Carlos).

Estas universidades possuem os cursos que duas das profissionais liberais entrevistadas fizeram, a saber, o curso de farmácia e o curso de odontologia.

A profissional formada em farmácia menciona (quando o gravador é desligado) que não passou na prova da Unesp, pois esta faculdade possui uma alta concorrência entre os candidatos. Seus pais a aconselharam pagar uma faculdade ao invés de ficar anos pagando um cursinho para entrar em uma faculdade Estadual.

70 É importante mencionar que eles cursaram faculdades particulares.

71 É interessante perceber que com a metodologia quantitativa não conseguiríamos obter esses dados tão importantes que dizem respeito a história de vida dos entrevistados e que nos mostram uma outra "moeda" da realidade estudada. Por isso, apesar de termos feito poucas entrevistas, elas foram entrevistas aprofundadas que conseguiram absorver importantes pontos de vista na trajetórias desses indivíduos).

De acordo com o jornal folha de São Paulo de 28/07/2006 o IBGE solta nota de uma pesquisa dizendo que um terço dos alunos de escolas particulares declaram-se negros. Já nas escolas públicas este índice chega a 56,4% de estudantes.⁷²

Este um terço não chega nem perto da população de crianças e jovens de 5 a 24 anos que se declaram como negras. De acordo com o instituto, 48% dos brasileiros nesta faixa etária se dizem pretos e pardos.

De acordo com o censo escolar de 2005 feito pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais), nas escolas particulares 34% dos alunos do fundamental se declaram pretos e pardos enquanto este número é de 30% para o ensino médio. Na rede pública o índice é de 60% e 57% respectivamente.⁷³

Outro ponto importante é o de que o fato da escola pública abrir suas portas para todos os alunos independente da cor/raça não significa que este aluno terá um grau elevado na taxa de eficiência⁷⁴ dentro da escola. Estas estatísticas nos mostram o abismo existente entre brancos e negros no que se refere as desigualdades sociais e também a discriminação racial.

Voltando para os dados da presente pesquisa observamos que dentre os 13 entrevistados, 9 estudaram em escolas públicas quando crianças e adolescentes, 1 delas estudou em escola privada e 3 dos entrevistados estudaram parte do tempo em escolas públicas e parte em escolas privadas.

Se dividirmos nossa amostra entre empresários e profissionais liberais obteremos que: dos 8 empresários entrevistados os 7 estudam em escolas públicas. Somente 1 dos empresários estudou parte de sua infância em uma escola particular.

Dentre os 4 profissionais liberais 1 estudou em escolas públicas, 1 estudou em escola privada, e 2 estudaram metade do tempo em escolas públicas e a outra metade em escolas privadas.

É de extrema importância caracterizarmos estes entrevistados, portanto, percebemos que a maioria dos profissionais liberais realizaram parte dos estudos

72 Utilizamos a terminologia do IBGE que conceitua "negros" como a somatória de pretos e pardos.

73 A diretora de estatísticas da educação básica do INEP, Maria Inês Gomes de Sá Pestana ressalta que o boicote aos questionários pode ter alterado as diferenças significativas entre o ensino fundamental e médio.

74 Esta caracteriza pela permanência e aprendizagem.

em escolas particulares. Isto significa que seus pais em algum momento tiveram meios para financiar os estudos nessas escolas. Logo em seguida, analisaremos qual a relação existente entre a escolaridade dos pais (origem) dos entrevistados e a escolaridade de seus filhos (destino).

Quando nos referimos aos pais dos 13 entrevistados podemos dizer que 5 deles cursaram o ensino fundamental, 3 cursaram o ensino médio, 2 cursaram o ensino universitário completo/incompleto, e 1 é analfabeto.

Já entre mães dos 13 entrevistados, 10 delas possui ensino fundamental, 1 possui o ensino médio e 2 são analfabetas.

Podemos visualizar claramente o fato de que a maior parte dos pais se escolarizaram até o ensino fundamental e a maior parte das mães dos entrevistados também.

Ao abordarmos a questão de gênero podemos nos remeter a um estudo recente do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica aplicada) que afirma que em todos os indicadores educacionais as mulheres apresentam melhores condições do que o grupo masculino.

Todavia, esta vantagem no campo educacional não se traduz em um resultado positivo no mercado de trabalho, ou seja, em postos de trabalho mais qualificados e em melhores salários.

De acordo com o censo do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais) de 2005 há a predominância de crianças do sexo masculino, sejam negros ou brancos e de quaisquer regiões, no ensino fundamental.

Esta tendência mostra uma alteração no que diz respeito aos anos anteriores a 2004. Como as mães dos entrevistados concluíram o ensino fundamental antes de 2004 elas se encontram dentro das estimativas anteriores, onde o número de mulheres era bem maior do que o de homens no ensino fundamental.

No que diz respeito ao ensino médio, de acordo com o Censo de 2005 do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais) 18,85% eram matrículas de mulheres brancas e 23,59% era as matrículas de mulheres negras. Isto mostra que o número de matrículas de mulheres negras é superior ao número de matrículas de mulheres brancas no ensino médio.

Os homens brancos matriculados correspondem a 15,83% e os homens negros a 19,77%. Logo, o número de mulheres negras ainda supera o número de homens negros matriculados no ensino médio.

Voltando para nossa análise, ao separarmos os pais dos entrevistados entre empresários e profissionais liberais visualizamos que, dos 8 pais dos empresários entrevistados 6 deles fizeram o até o ensino fundamental completo/incompleto.⁷⁵

Já entre os 5 pais dos profissionais liberais 3 fizeram ensino médio completo/incompleto, 1 deles o ensino universitário, e 1 deles era analfabeto.

Logo, podemos perceber que apesar do número de entrevistados empresários e profissionais liberais ser distinto, os pais dos profissionais liberais sempre possuem vantagens educacionais, ou seja, estão mais a frente nos níveis de escolaridade do que os pais dos empresários.

Com relação às mães dos 8 empresários entrevistados, 7 delas fez o ensino fundamental completo/incompleto e 1 delas era analfabeta.

Entre as mães dos 5 profissionais liberais entrevistados, 3 fizeram ensino fundamental, 1 o ensino médio, e 1 era analfabeta.

Se compararmos a situação dos pais dos profissionais liberais e de suas mães podemos divisar que os homens, pais dos entrevistados, possuem uma vantagem educacional com relação as mães, uma vez que, 3 deles cursaram o ensino médio e 1 deles o ensino universitário.

Mas se compararmos os pais e as mães dos empresários entrevistados visualizamos uma situação educacional equiparada.

Outro ponto importante que diz respeito a temática da escolarização é a influencia da classe de origem e da cor de pele na transição educacional.

No que diz respeito à origem e ao destino podemos nos remeter ao estudioso Carlos Antônio da Costa Ribeiro (2006) que possui algumas pesquisas muito interessante no que diz respeito a articulação entre as categorias classe e raça com a origem e o destino dos indivíduos brasileiros.

⁷⁵ O sexto pai não existe, nosso entrevistado não o conheceu.

O autor afirma que as pessoas que possuem pais que se encontram em classes sociais mais altas tem mais chance de ter sucesso nas transições educacionais do que os pais que estão situados nas classes mais baixas. Neste sentido, brancos tem mais chances do que não brancos neste tipo de transição, e o peso da classe de origem conta mais do que o peso da cor nestes casos.

No entanto nas últimas transições educacionais, a raça tem um peso semelhante ao da classe. Ou seja, as chances de entrar e terminar uma universidade são marcados por desigualdades em termo de raça e também de classe.

Um exemplo disso é que os filhos de profissionais tem 15 vezes mais chances de entrar na escola do que filho de trabalhadores rurais. Já os brancos tem 3 vezes mais chances do que os não brancos de entrar na escola.

Para ingressar na universidade os filhos de profissionais tem 4 vezes mais chances do que os filhos de trabalhadores rurais. Já os brancos possuem 2 vezes mais chances do que os não brancos de adentrarem a universidade.

Podemos dizer então que no início da carreira escolar a desigualdade de classe é muito mais forte do que a de cor. Porém, nos níveis educacionais mais elevados, os dois tipos de desigualdade diminuem em relação as primeiras transições e se tornam mais semelhantes. Ou seja, nas transições de níveis mais elevados tanto a classe como a raça possuem proporções semelhantes.

No caso da presente pesquisa, independente de haver uma transição de classe no caso dos profissionais liberais (pois nossos dados não permitem esta constatação) podemos concluir que a melhor chance de transição escolar alcançada pelos pais dos profissionais liberais influenciou diretamente no desempenho positivo nas transições escolares de seus filhos (dos profissionais liberais entrevistados).⁷⁶

Essa influencia pode ter sido posta em prática financeiramente. Devido ao fato de terem estudado mais esses pais obtiveram empregos melhores e rendas mais elevadas. Este fato concretizou-se nos casos em que os pais dos profissionais liberais entrevistados puderam pagar escolas particulares e mesmo as faculdades particulares para seus filhos.

76 Este fato ocorreu independente de sabermos qual era a classe social dos pais dos entrevistados anteriormente.

Trajetória Profissional

Entrevistado	Chefe da família	Profissão dos pais dos entrevistados	Incentivo financeiro/psicológico	Dificuldades trajetória	Ascendeu sentiu mais preconceito?
Rosa 45 anos	Mãe	Pai: fabricava vassouras Mãe: fabricava vassouras	Não teve	Pessoas negativas e invejosas.	Não foi feita a questão.
Fábio 50 anos	Pai	Pai: Empresário Mãe: do lar	Não teve.	Os sócios saíram da empresa mas ele continuou.	Nunca houve preconceito. Me chamam de Doutor.
Márcio 33 anos	Mãe	Pai: não tem Mãe: doméstica	Não teve.	Quando você tem carro importado te tratam bem.	Existe, é uma ignorância, mas é algo cultural.
Robson 53 anos	Pai	Pai: Ferroviário Mãe: do lar	Não. Mas o estudo foi importante.	Sempre fui promovido pelo mérito.	Negros que ascendem sofrem mais preconceito racial.
Edson 50 anos	Pai	Pai: Ferroviário Mãe: do lar	Não. Fez tudo sozinho.	Preconceito sempre tem mas bato de frente	Continua a mesma coisa.
Marisa 51 anos	Pai	Pai: marceneiro Mãe: costureira	Não.	Dificuldades na trajetória profissional, não menciona as de cunho racial.	Dá exemplo de preconceitos sofridos pelo filho. Tenta valorizar a cultura negra.
Evandro 33 anos	Pai	Pai: encarregado geral de obras Mãe: do lar	Não.	Dificuldades financeiras para abrir a empresa. Conta uma situação de racismo no trabalho.	Quando o negro assume uma posição de destaque o preconceito diminui.
Anderson 37 anos	Pai	Pai: militar Mãe: dona de casa	Ajuda de um amigo. Depois vem o FGTS.	Conta situação de preconceito na empresa quando subiu de cargo.	Eu acho que todos me tratam bem não existe preconceito.
Marcos 48 anos	Mãe	Pai: lavrador Mãe: lavradora	Não.	A cultura trás respeito e impede as pessoas de serem preconceituosas.	Negro ascende o preconceito diminui.
Roberto	Pai	Pai: eletricitista Mãe: do lar	Não.	Dificuldades financeiras para pagar a faculdade.	Acho que quando o negro ascende o preconceito diminui.
Célio 42 anos	Pai	Pai: contador/func. Público Mãe: do lar	Teve como herança os estudos.	Não sofreu preconceito em sua profissão	Se mudarmos nosso comportamento nos tratam sem preconceito.
Ângela 26 anos	Pai	Pai: Empresário Mãe: Empresária	Pai pagou a faculdade	Nunca sofreu preconceito	Não vê as coisas pela raça
Paola 23 anos	Pai	Pai: bombeiro/empresário Mãe: do lar/ loja de roupas	Seu pai pagou colégio e faculdade.	Conta situação de preconceito ao ser admitida em farmácia.	A questão não foi feita.

No que diz respeito a chefia, se averiguarmos os dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) que se denomina Retratos das desigualdades de gênero e raça do ano de 2008, verificamos que aumentou o número de mulheres que chefiam seus lares que passou de 19,7% em 1993 para 28,8% em 2006.

Todavia, 3 dos entrevistados consideram suas mães as chefes de suas famílias e o restante dos entrevistados consideram seus pais os chefes das famílias.⁷⁷

É importante mencionar que como a maioria deles considera o chefe de família o provedor econômico da casa está explicado o motivo pelo qual escolhem os seus pais.

No que diz respeito às mães, 9 delas são denominadas “do lar” ou seja, são donas de casa, enquanto as outras mães ocupam ocupações subalternas, ou posições de pouco prestígio no mercado de trabalho, como doméstica, lavradora, costureira, etc.

É importante lembrar que a maioria dessas mães possuem escolaridade até o ensino fundamental. De acordo com o trabalho de Gisele Pinto (2006) - que utiliza dados do IBGE do ano de 2002 - as maiores taxas de desemprego são registradas para as pessoas que possuem no máximo o ensino fundamental completo, seguidas pelas que não terminaram o fundamental.

Este pode ser o motivo pelo qual a maior parte das mães são donas de casa, ou até mesmo devido ao fato de que vivemos em uma sociedade que estereotipa a mulher e dita culturalmente o seu lugar, ou seja, a casa, a família, seu lar.

Além disso, um estudo da Fundação Carlos Chagas sobre as mulheres no mercado de trabalho (1976-2002) nos mostra que na década de 1970, somente 28 entre 100 mulheres adentravam o mercado de trabalho. Esta pode ser também uma das razões pelas quais a maior parte das mães de nossos entrevistados eram donas de casa.

Voltando aos dados nossa pesquisa, encontramos uma mãe doméstica. No que diz respeito as mulheres negras no trabalho doméstico de acordo com a pesquisa supracitada do IPEA, o total de mulheres negras que desempenha este tipo de serviço é 21,7% e a de mulheres brancas no mesmo serviço é de 12,6% no ano de 2006.

Os dados nos mostram que o número de mulheres negras é mais representativo nos trabalhos domésticos do que o número de mulheres brancas.

De acordo com Gisele Pinto (2006) elas também estão em maiores proporções nos subempregos, ou seja, nos setores menos dinâmicos da economia, e também estão situadas em postos de trabalhos precários e pouco qualificados.

⁷⁷ É importante ressaltar que não foi dado nenhum conceito de chefe de família para os entrevistados. Eles mesmos conceituaram para si próprios o que era um chefe de família e classificaram seus pais de acordo com o seu ponto de vista. A maioria dizia ser o chefe aquele que provia o sustento e um apenas mencionou o chefe da família atribuindo a ele características de mando, de correção maternal.

Se nos atentarmos para os pais dos entrevistados, podemos observar uma diferença entre os empregos dos pais dos empresários e o emprego dos pais dos profissionais liberais.⁷⁸

As profissões dos pais dos empresários são: fabricante de vassouras, dois ferroviários, um era marceneiro, 2 pequenos empresários, 1 era militar e o último desconhecemos a profissão.

As profissões dos pais dos profissionais liberais são: um contador/funcionário público, um bombeiro/empresário, um eletricitista chefe, e um empresário (área de transportes) e um lavrador.

Apesar de os pais dos profissionais ocuparem melhores postos no mercado (de uma forma geral), podemos perceber de acordo com o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais) que os negros no Brasil estão mais sujeitos ao desemprego, e quando trabalham ocupam postos de menor qualidade, menor *status*, e menor remuneração. Esta situação reflete uma dificuldade econômica aliada a mecanismos discriminatórios relacionados à questão racial.

⁷⁸ Apesar dos pais dos profissionais liberais possuírem empregos que culminam em melhores rendas não podemos dizer ao certo se eles se encontram em uma classe social distinta dos pais dos empresários entrevistados.

Profissão dos entrevistados

Entrevistados	Trajétoria profissional dos entrevistados
Rosa 45 anos	Fabricava vassouras, fez cursos (estudos) e se tornou podóloga (empresária)
Fábio 50 anos	Trabalhou como funcionário em algumas empresas. Voltou a estudar, fez universidade e pós-graduação e se tornou empresário.
Márcio 33 anos	Foi engraxate, sorveteiro, frentista de posto. Entra com vocação para as vendas e seu sócio com o capital financeiro, e torna-se empresário.
Robson 53 anos	Trabalhou em padaria, foi entregador de jornal, trabalhou em lanchonete. Estudou em colégio agrícola, estudou muito, entrou para a polícia militar, aposentou-se e abriu sua empresa de pintura.
Edson 50 anos	Foi frentista de posto de gasolina, foi segurança, trabalhou em usina, trabalhou 20 anos na ferrovia. Com o dinheiro do FGTS abriu sua empresa.
Marisa 51 anos	Vendeu revistas, foi doméstica, trabalhou no comércio. Parou para fazer cursos. Conseguiu trabalhar em agência de turismo. Abriu sua própria agência.
Evandro 33 anos	Carpuiu terrenos, foi office boy, trabalhou em supermercado, vendeu carros, trabalhou com obras (entrou na faculdade e engenharia civil buscando conhecimento na área), tornou-se empresário no ramo.
Anderson 37 anos	Vendeu pipas, foi office boy, trabalhou dobrando jornais, foi faxineiro de fábrica, encarregado de produção (enquanto isso entrou na faculdade buscando mais conhecimento na área) e depois abriu sua própria empresa.
Marcos 48 anos	Foi lavrador, bóia-fria, trabalhou em indústrias, foi tipógrafo. Pagou sua faculdade, e tornou-se advogado.
Célio 42 anos	Estudou em colégios particulares, fez um bom colegial, entrou na faculdade de engenharia.
Ângela 26 anos	Estudou na escola e na faculdade financiada pelo pai, e tornou-se dentista.
Paola 23 anos	Estudou em escola e faculdade financiada pelo pai e tornou-se farmacêutica.
Roberto X anos	Fez curso técnico, trabalhou no comércio em algumas lojas, fez a faculdade, estágio na câmara municipal, tornou-se advogado.

No quadro acima tentamos fazer uma relação das ocupações e das profissões de nossos entrevistados para melhor visualizar as suas trajetórias profissionais a fim de incorremos na descrição e análise dos dados.

Se atentarmos para o quadro anterior podemos perceber que mesmo no que diz respeito à carreira dos empresários, esses indivíduos tiveram que recorrer a algum grau de instrução maior para chegarem a ocupar os postos que ocupam atualmente.

Ou seja, 6 dos 8 empresários entrevistados (apesar da maioria deles possuir um nível de escolaridade baixo), buscaram aprimorar seus conhecimentos em cursos de nível técnico, ou tiveram que voltar a estudar. Este é o caso do empresário que trabalhava como funcionário e voltou a estudar (cursou universidade e uma pós-graduação) a fim de conseguir emprego melhor.

As únicas exceções foram dois empresários, o primeiro foi Edson, que usou o seu fundo de garantia depois de trabalhar vinte anos na mesma empresa para abrir seu próprio negócio.

O segundo foi Márcio que quando trabalhava como funcionário cativava seus clientes por sua empatia e pela facilidade que tinha em trabalhar com vendas. Logo, sua “vocação” para as vendas foi reconhecida por seus colegas, e um dia foi convidado a abrir uma empresa com um colega que por sua vez, entraria com o capital financeiro.

No que diz respeito aos 5 profissionais liberais entrevistados, 3 deles receberam respaldo financeiro dos pais para estudarem e se formarem em suas respectivas profissões. Todavia, ocorreram 2 exceções. No caso de Marcos e Roberto, eles trabalharam para pagar seus estudos, se esforçaram muito para pagar as faculdades e conseguiram se formar no curso de direito.⁷⁹

79 Neste caso, Marcos teve uma grande força de vontade, não desistiu de seu grande sonho de criança. Tinha um objetivo fez e tudo para poder alcançá-lo. Podemos observar que a maioria dos profissionais negros na cidade de São Carlos caminharam por esta mesma trajetória. A maioria deles são advogados. Não encontramos um dentista negro, um psicólogo, ou qualquer outro profissional liberal negro na cidade, somente advogados. Isto talvez se deva a facilidade de pagar as faculdades particulares da região. Em Araraquara ocorre o mesmo, a maioria são advogados.

4.4.2 Ascensão social e as dificuldades na Trajetória dos entrevistados

Quando realizamos as entrevistas questionamos os entrevistados sobre as dificuldades e os empecilhos em suas carreiras, dentre estas dificuldades citamos também o preconceito racial. As respostas dos entrevistados foram variadas, mas conseguimos agrupá-las em quatro tipos específicos de resposta.

Podemos dizer então que 4 entrevistados não mencionam dificuldades referentes a questão racial, 2 deles dizem não terem sofrido preconceito racial em suas carreiras, 3 deles mencionam algumas condições que podem suplantar a vivência do preconceito em suas vidas, a saber, condições econômicas, condições culturais, e condições relacionadas ao mérito pessoal.

Somente 4 deles contam situações sobre o preconceito racial.

De acordo com as informações acima podemos afirmar que a maior parte dos depoentes não dá prioridade a questão racial quando menciona as dificuldades vividas em suas trajetórias profissionais enquanto a outra parte conta situações de preconceito racial. Neste momento parte deles não aciona a questão da raça e a outra parte aciona contando situações de preconceito.

O que nos resta saber é se o fato de contarem as vivências e as situações de preconceito implicaria em alguma ação para sanar o preconceito racial ou se implicaria em uma comodidade por parte dos depoentes.

Se analisarmos bem os relatos de preconceito percebemos que 2 deles são coniventes com a existência do preconceito (só falam sobre a valorização da cultura negra entre seus familiares), e as outras 2 tentam refutar a situação através do diálogo ou de estratégias para deixar o “preconceituoso” em situação de vexativa.

Apesar disso foram relatadas outras situações de preconceito durante a entrevista como, por exemplo, apelidos pejorativos que foram absorvidos pelos depoentes como apelidos carinhosos. Lembramos de outra situação de preconceito onde a depoente chora e pede ajuda do pai. Duas situações onde os entrevistados são

chamados por xingamentos preconceituosos, mas eles não possuem nenhum tipo de reação adversa.

Ou seja, percebemos que diante de situações como estas não visualizamos uma ação efetiva contra o preconceito por parte dos entrevistados.

Em uma segunda questão perguntamos aos entrevistados se o fato de terem ascendido socialmente implicaria de alguma forma na maneira como as pessoas os tratavam. Neste caso eles sentiam com mais intensidade ou com menos intensidade o preconceito racial?

As respostas desta questão também foram diversificadas, contudo, também as agrupamos em diferentes grupos.

Dentre os 13 entrevistados 7 consideram o preconceito irrelevante nesta situação, ou seja, consideram que o preconceito diminui ou que ele não existe quando os negros ascendem socialmente. Já 3 deles dizem que o preconceito existe, 1 deles diz que existe e continua a mesma coisa, e 2 entrevistadas não foram contempladas com a questão.

Podemos observar nesta questão uma pré-disposição dos entrevistados a dizerem que o preconceito racial contra os negros é amenizado, não existe ou é substituído por outros tipos de discriminação que não a racial quando estes galgam cargos de alto prestígio.

De acordo com Carlos Antônio da Costa Ribeiro (2006) o que ocorre é o oposto. O autor ressalta que o preconceito racial é mais relevante conforme os indivíduos sobem na hierarquia de classes no Brasil. Sendo assim, pessoas cujas classes são mais baixas encontram dificuldade de mobilidade ascendente porque são de classes mais baixas e não por causa de sua raça.

Já as pessoas negras que tem origens nas classes mais altas, terão desvantagens, ou menos chance do que os brancos (desta mesma classe) de permanecer no topo e mais chances de mobilidade descendente.

Todavia, a maioria dos entrevistados dizem que não sentem o preconceito racial quando ascendem socialmente. Logo, podemos divisar uma contradição entre a teoria quantitativa e a qualitativa no que diz respeito a estes questionamentos.

Podemos inferir (nos baseando em todo o conteúdo das entrevistas) que o fato dos negros (as) entrevistados negarem o preconceito racial faz parte do discurso

cravado no mito da democracia racial fomentado por Gilberto Freyre em 1930 cuja máxima fundamental é a harmonia entre as raças brasileiras, a exaltação da mistura racial e conseqüentemente a negação do preconceito racial existente em nosso país.

Uma segunda inferência que podemos fazer é a de que quando os esses negros ascendem para a classe média eles buscam se distanciar da questão racial, isto se dá através da negação do preconceito racial vivido por eles mesmos quando adquirem um status social e econômico mais alto.

Para estes negros (as) que estão “fora do lugar”⁸⁰ o distanciamento da questão racial implica no ato de compactuarem com a ideologia nacional marcada pelo mito da democracia racial, este por sua vez cria uma redoma ao redor desses negros. Este tipo de escudo os impede de entrar diretamente em contato com situações que os levem a degradação humana.

Logo esta postura gera mais ganhos do que perdas para suas relações pessoais e sociais.

4.4.3 Um paralelo com as condições do negro no mercado de trabalho

De acordo com estudos de alguns institutos brasileiros podemos notar que a realidade atual dos entrevistados anteriores não representa a realidade nos negros brasileiros. Todavia as dificuldades observadas em suas vivências são traços que podemos constatar na vida de muitos negros brasileiros.⁸¹

De acordo com o Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil (2007-2008) do LAESER (Laboratório de Análises Estatísticas, econômicas e sociais das relações Raciais) o trabalho por conta própria é comum entre brancos (19,8%) e entre pretos e pardos (21,2%).

80 O conceito é melhor formulado por Ângela Figueiredo nos capítulos anteriores.

81 Queremos aqui constatar que existe uma diferença entre dois momentos vividos pelos entrevistados. Se nos voltarmos para suas posições atuais diremos que são bem sucedidos, todavia, se percorremos suas trajetórias poderíamos dizer que obtiveram entraves gigantescos para chegar a ocupar os postos que ocupam atualmente. Ou seja, esses negros que hoje constituem uma classe média nem sempre foram representantes de uma classe média brasileira.

Entretanto se avaliarmos os indivíduos com diploma de ensino superior percebe-se que este é cinco vezes mais provável entre os brancos (2%) do que entre os pretos e pardos (0,4%).

No que diz respeito aos empregadores que empregam até 5 pessoas, na PEA (População economicamente ativa) ocupada, é de 47,3% para os homens brancos e 20,8% para pretos e pardos.

Já entre os empregadores que possuem mais de 5 empregados, o número de empregadores brancos é de 58,8% e o de empregadores pretos e pardos é de 12,6%.

Ainda no que diz respeito aos empresários, uma pesquisa realizada pelo instituto Ethos (2003) sobre o perfil racial, social e de gênero das 500 maiores empresas brasileiras nos mostra que:

Postos executivos: 96,5% de brancos, 1,8% de negros, 1,7% de amarelos, 0% de indígenas. Em postos de chefia: 84,2% de brancos, 13,5% de negros, 2,2% de amarelos. Já no quadro funcional tem-se: 74,6% brancos, 23,4% negros, 1,8% amarelos, 0,2% indígenas.

Podemos perceber, portanto que há uma disparidade acentuada na representação dos indivíduos em postos hierarquicamente superiores dentro das maiores empresas brasileiras. Esta disparidade se apresenta também entre os indivíduos que conseguem fazer uma universidade e se tornarem profissionais liberais como foi mencionado nos parágrafos anteriores.

4.4.4 O preconceito racial e a discriminação nas trajetórias de vida dos entrevistados

Pode-se dizer que, quando um negro (a) ocupa a classe média brasileira, ele toma como vivência uma experiência fora do lugar. Isto significa que dentro de uma lógica histórica e social, ele ocupa lugares que habitualmente são ocupados por pessoas brancas. Esta visão situacional possui, portanto, algumas implicações significativas.

Já que o espaço do negro (a) é designado e naturalizado como um espaço de marginalidade e de exclusão, este negro (a) inserido na classe média elabora em seu estado inconsciente – ou elabora como habitus – alguns padrões de conduta, de comportamento, de atitudes e de ideologias que irão guiá-lo de forma a facilitar a sua trajetória.

A fim de evitar o racismo latente que vai acompanhá-lo mesmo em sua trajetória na classe média e a fim de evitar evidências que tragam a tona a sua condição de “sujeito fora do lugar” alguns negros irão evitar comportamentos que evidenciem o lugar designado a eles em toda a história da humanidade, a saber, bares, desemprego, o ato de não trabalhar, vestir-se mal, falta de etiqueta, dentre outros exemplos.⁸²

Concomitantemente a este fato, muitos negros (as) inseridos em cargos de prestígio, irão optar por se distinguir daqueles negros “não letrados”⁸³, marginalizados, e excluídos. Este fato muitas vezes implicaria no distanciamento de toda e qualquer referência que colocasse a raça negra como uma questão importante a ser discutida.

82 Muitos desses exemplos podem ser encontrados na obra de Fernandes (1978).

83 Conceito utilizado por Clóvis Moura (1994)

Pensamos que o distanciamento do movimento negro por parte de muitos desses negros (as) inseridos na classe média se conforma com os motivos anteriores. Entretanto, eles não são os únicos.

Em nossa pesquisa percebemos que os muitos dos entrevistados absorvem e interpretam a representação do movimento negro na sociedade como algo maléfico.

Nenhum dos 13 entrevistados se vincula ou já esteve vinculado a este tipo de movimento. Entre os depoentes, 5 dizem não participar pois ocorre um preconceito por parte desses movimentos. Outros 4 (uma delas faz parte dos três entrevistados supracitados) mencionam que não deve existir um movimento só para os negros e sim para todas as raças.

Outros possuem opiniões distintas: 1 diz que não é certo trazer fatos do passado para o presente (se refere a escravidão), 2 deles dizem não ter tempo para freqüentar o movimento, e o último deles teve sua resposta perdida por problemas técnicos no gravador.

A maior parte das respostas estão agrupadas na afirmação de que existe um preconceito que parte dos negros para com os brancos e também, na exigência de um movimento que uma todas as raças.

Acreditamos que a primeira posição esteja relacionada ao “radicalismo” associado aos movimentos que às vezes exige de seus membros posturas e condutas que se voltem exclusivamente para a construção de uma identidade negra. Esta posição segue em consonância com a fala de uma entrevistada que afirma que os grupos que cultivam uma identidade racial (como o movimento negro) criticam as mulheres que alisam o cabelo, este ato por sua vez, negaria o cabelo afro.

Muitas vezes, a representação do movimento negro absorvida por parte desses negros de classe média está pautada no desconhecimento, ou na desinformação que parte deles possui sobre a forma como os mesmos vivenciam suas experiências e trajetórias. Cabe questionarmos, portanto, qual seria a imagem que o movimento negro está transmitindo para a população e qual seria a imagem que eles realmente representam e que gostariam de disseminar.

A imagem do “radicalismo” citada indiretamente por grande parte dos entrevistados, não implica no fato de experienciar a ato de ser negro, antes, na essencialização do ato de ser negro.⁸⁴

Neste sentido seria importante questionar se o distanciamento do movimento negro por parte destes entrevistados se dá devido à compreensão e a interpretação de que o movimento negro é realmente radical ou ao fato de que existem alguns membros dentro desses movimentos que se mostram radicais.

Logo, seria interessante ponderarmos se este distanciamento e o não comprometimento com o movimento poderia ser traduzido como um modo de evitar o racismo, já que estariam assim, se distanciando de sua real identidade, ou melhor, se esquivando de ter que resolver ou solucionar o fato de estarem imbuídos de uma experiência “fora o lugar”.

Poderíamos pensar também, até que ponto estes negros (as) inseridos na classe média, não se associam aos movimentos negros para experienciar uma outra alternativa de vida que não a vivência intensa da sua raça.

Todas as alternativas dadas anteriormente podem ser realmente plausíveis.

Mas quantificar o número dos negros que optam ideologicamente por cada uma das alternativas de identificação anteriores não parece ser o melhor caminho.

O que podemos dizer ao certo é que distanciar-se ou não do movimento negro e vivenciar uma experiência negra é uma forma de mostrar a sua identidade, e de se identificar com algo. Neste caso é importante lembrar que a identidade, portanto, não é algo fixo e estático.

O processo de significação e resignificação identitário pode ser modificado, e estar em constante mudança, e transformação.

Por isso, permitimo-nos dizer que por mais que alguns dos entrevistados não se identifiquem com movimentos negros (não se filiem politicamente a eles), e planejem

84 O ato de fortalecer a identidade racial é realizado (através da criação dos movimentos negros e de uma identidade negra), pois há uma história que naturaliza o estigma de ser negro na sociedade. A contrapartida desta naturalização é exatamente a transformação da representação do negro na sociedade. Esta seria uma postura de conscientização e de luta contra o preconceito e a discriminação racial. Porém, pensamos que, quando a identidade negra é tomada como foco, ou como objetivo precípua na experiência vital, faz-se necessário repensar este tipo de proposta.

discursivamente suas falas indicando o distanciamento com experiências de vida repletas de uma certa negritude, eles podem se permitir viver individualmente a experiência de ser negro.

A percepção de um olhar agressivo, a luta individual e cotidiana contra experiências racistas, a vivência em religiões afro-brasileiras (mesmo quando são negadas), nos mostram que por trás das falas e dos discursos já moldados e construídos (respaldados por uma naturalização e por uma construção social) existe alguma identificação com a raça negra, afinal de contas (por vontade própria ou não) essas pessoas se assumem como negras.

É a partir desta “identificações fracas”⁸⁵ que conseguimos visualizar em boa parte dos entrevistados uma ação individual latente. Ou seja, eles possuem um vínculo com a sua raça (mesmo que discreto ou indireto). Ele pode mostrar isso em seus comportamentos, atitudes, e discursos. Este fato implica no ato de recorrer a uma parte do que você realmente é e do que você realmente se identifica.

Muitas vezes esta “identificações fracas” não se transformam em “identificações fortes”⁸⁶ devido exatamente as construções sociais direcionadas a toda a sociedade que atribui um lugar para o negro e ainda justifica (de maneiras diversas) os motivos pelos quais este deve continuar sendo o seu lugar.

Outras vezes, estas “identificações fracas” não se transformam em “identificações fortes”, pois o ato de experienciar o “ser negro” não é tido como primeira opção para os entrevistados.

Podemos perceber que apesar de grande parte dos entrevistados não fazerem parte de nenhum tipo de movimento negro, adquire-se individualmente formas próprias e particulares de combater o racismo.

Algumas teses e dissertações sobre os negros na Região de São Carlos e Araraquara, a saber, Donatoni (1998, p.114, grifo nosso), argumentam que o fato de algumas pessoas participarem do movimento negro as levam a mudar a sua concepção quanto a sua identidade étnica. Desta forma, as pessoas inseridas no movimento negro

85 Termo escolhido para explicar o mínimo possível de vínculo com a identidade negra, seja pelos traços culturais ou por vivenciar situações de preconceito que são vivenciadas por boa parte dos negros.

86 Este termo seria referente àqueles que se identificam fortemente com a identidade negra, vivenciam a cultura negra em suas vidas constantemente. Tanto no jeito de se vestir, na alimentação, na escolha das músicas, dos instrumentos musicais, das atividades culturais que praticam, etc.

“passam a valorizar a cultura negra [...] além de entender melhor a discriminação e enfrenta-la de forma a combatê-la.”

A afirmação anterior passa a ser refutada diante da presente pesquisa. Observamos que parte dos negros inseridos na classe média de ambas as cidades, que não se afiliam aos movimentos negros, entende muito bem o que é a discriminação e muitas vezes utilizam meios individuais para combatê-la.

Contudo, uma questão mais importante para esta pesquisa deve ser levada em conta. O momento das “identificações fracas” ou de “identificações fortes” vivenciado por muitos negros da classe média brasileira, não são fixos, estão em mudança constante. Logo, haverá ou não mudanças na representação e no processo de significação e resignificação que pode ocorrer em instituições concretas e nos níveis mais abstratos do pensamento (ideologias) em nossa estrutura societal.

4.5 Interpretando a interpretação da experiência negra no Brasil

No último capítulo da publicação de *As novas elites de cor*, Ângela Figueiredo faz uma crítica a generalização de muitos autores que estudam relações raciais. Sua crítica recai sobre a afirmação de que os negros (as) que ascendessem socialmente tenderiam a embranquecer. Neste aspecto, a autora ressalta que existe a necessidade de que seja examinada uma aparente oposição entre os termos ascensão e identidade negra.

Ela relata que quando o indivíduo negro ascende, ele pode passar a ser branco, pois o dinheiro consegue os benefícios que são comumente associados ao branco. Neste sentido, ser gente segundo Florestan Fernandes (1959) significava ser branco. Ou seja, tratava-se de oposições fundamentais dentro da estrutura social, o que impossibilitava uma compatibilidade entre o termo identidade e ascensão.

A autora ressalta que a cultura negra é caracterizada pela religião, pela culinária, pela música, dança, etc. Já a cultura branca é caracterizada pela educação formal, pela informação política, pela tecnologia, ou seja, por quase todos os aspectos

da vida social. Neste sentido, para a autora é impossível não se vivenciar cotidianamente os aspectos da cultura branca. Ou melhor, para Figueiredo (2002) embranquecer é aparentemente inevitável.

Ela ainda afirma que todos nós já nascemos embranquecidos, e só enegrecem e se tornam negros aqueles que optam por incluir em suas vidas os aspectos identificados com a cultura negra.

Neste sentido a autora critica os trabalhos que consideram que o embranquecimento seja intrínseco ao processo de ascensão. A característica fundamental destes trabalhos seria enfatizar os fundamentos étnicos dos estilos de vida e não a influência e a determinação de classe.

Figueiredo (2002) entende que ser negro é estar na base da estratificação social, por isso, podemos entender a acusação de que os negros que ascendem embranquecem, ou seja, a visão dos negros que ascendem seria menos legítima do que a dos negros criados ao redor de rodas de samba, por exemplo.

Logo a autora adota uma posição mais ampla sobre o conceito de cultura afirmando que o comportamento dos negros que ascendem não se reduz ao embranquecimento. Ela consolida sua afirmação através da fala de seus entrevistados dizendo que existe um discurso sobre raça negra, ou seja, “um discurso negro” que não está apenas vinculado ao meio negro. É exatamente no processo ascensional que os negros (as) redescobrem e tentam incorporar símbolos e costumes tidos como negros em seus estilos de vida.

Todavia, ela ressalta que se a dimensão discursiva não é relevante para compreender a identidade negra além da dimensão política contida na noção de etnicidade, ela propõe o uso do conceito negritude para interpretar a experiência da mobilidade social dos negros.

A negritude seria um discurso afirmativo que ressalta o orgulho da cor ou da raça em uma fala positiva sobre o negro; é um discurso negro individual que pode ser vivenciado sem que se participe de uma comunidade negra.

Por algum tempo nos vimos mergulhados nessas afirmações e tentados as verificar através de entrevistas (com negros (as) que ascendem para a classe média) se esse processo realmente ocorre nos municípios de São Carlos e Araraquara. Uma vez realizadas as entrevistas chegamos à constatações um pouco distintas das da autora.

Somente 2 dos entrevistados mencionam de alguma forma a sua identidade negra afirmada e construída a partir da cultura, a partir do orgulho negro, e da valorização da cultura negra. Os demais mostram em suas experiências cotidianas as suas lutas contra o racismo no Brasil, mas não possuem um discurso de negritude que incida na valorização da raça negra.

Quando questionamos os entrevistados diretamente sobre o preconceito racial no Brasil e sobre as suas experiências referentes a essas situações, as respostas foram diversas, mas para uma melhor compreensão agrupamos as respostas em grupos.

Entre os 13 entrevistados, 8 dizem ter sofrido preconceito e contam situações de preconceito em suas vidas tanto na carreira como no ambiente escolar.

Outros 3 disseram que o preconceito existe mas não o consideram somente de cunho racial. Dizem que ele é social, cultural, e que depende do comportamento da pessoa.

Por fim, 2 deles dizem que o preconceito existe mas que nunca sofreram. Um deles conta situações de preconceito com os amigos e parentes.

Podemos notar que 5 dos entrevistados possuem uma visão que não representa a realidade no que diz respeito ao preconceito racial no Brasil. Assinalam que o preconceito racial nunca foi percebido por eles e também negam a possibilidade de existir um forte preconceito racial, já que, consideram que outros tipos de “preconceitos” podem ser mais relevantes.

Os outros 8 entrevistados assinalam a existência do preconceito racial de forma acentuada. Dentre os entrevistados que descrevem situações de racismo nesta questão, Rosa é um deles:

Você não tem idéia do que me aconteceu esses dias, a última foi ridícula. Um cliente falou: “Poxa Rosa suas funcionárias são loiras né!” Mas eu nunca tinha percebido isso, foi coincidência porque aqui já passou japonesa, branca, negra, muitas negras, amigas minhas que saíram para montar seu próprio negócio, já saíram de tudo. Enfim, hoje, coincidentemente a Andressa que é loira, Jussara que é loira e a Jéssica que é loira. Ai o cliente falou: “puxa essas meninas são amorosas e tão educadas, e é difícil brancos que trabalham para negros, normalmente são os brancos que comandam os negros. Eu respondo a altura eu acabo com a pessoa quando isso acontece, tem que ser franca quem fala o que quer ouve o que não quer, a língua foi feita pra ficar dentro da boca. Claro, pelo amor de deus!!!! que existe preconceito no Brasil!

Podemos observar também a fala de Marcos quando o entrevistado reconhece a existência de um preconceito em vários momentos de suas experiências cotidianas e muitas vezes busca meios para contestá-los:

Existe no Brasil, sofri (...) tem um fato interessante, ainda na faculdade. Eu era o número 9, e toda vez que ele chegava no 9, o professor sempre perguntava: “quem é?”. Até que chegou um dia eu respondi, “o senhor já sabe, e eu também sei por que o senhor faz isso”. E aí era um preconceito claro (...) Depois no final do curso o professor tentou justificar comigo dizendo assim “Ah, eu queria fazer isso para você reagir”. Mas a diferença do preconceito no Brasil é que nem sempre ele é claro! Ninguém vai chegar e dizer “olha eu não gosto de você porque você é preto”. Ele é muito mascarado (...) Uma vez tinham duas vagas para trabalhar no escritório e a escola escolheu eu e mais três alunos. Tínhamos que fazer um teste. Fomos fazer o teste, era o seguinte, devíamos escrever uma carta pedindo o emprego. Eu fiz as minhas cartas e as dos meus colegas, na verdade procurei fazer um pouco a mais para mim e um dos dois foram escolhidos e eu não.

Assim como Ângela Figueiredo, conseguimos constatar que a maioria deles acredita na existência de um racismo no Brasil. A experiência de poucos deles nos mostram as suas lutas cotidianas e individuais e o sentimento e a vivência da negritude.

Como sociólogos, temos o dever de não parar a nossa análise por aí. Devemos ter consciência de que as experiências descritas pelos entrevistados são experiências já interpretadas e que necessitam da interpretação do sociólogo. Neste sentido Scott (1998) assinala que “Experiência é sempre e imediatamente algo interpretado e algo que precisa de interpretação”.

Sendo assim, concordamos com Ângela Figueiredo quando ela ressalta que a experiência dos negros que ascendem é uma experiência individual e discursiva, mas não podemos nos esquecer de que o social e o individual estão imbricados.

Neste sentido gostaríamos de lembrar que ainda existe um discurso da democracia racial que tem um peso muito grande nos discursos dos brasileiros atualmente.

Isso significa que não devemos ignorar o fato de que muitos discursos dos entrevistados que contém afirmações de uma “possível” negritude, como por exemplo, o ato de gostar de samba, de gostar de comida Baiana, e freqüentar religiões de matrizes afro-brasileiras podem não significar uma afinidade intrínseca com a identidade negra, mas uma exaltação da miscigenação.

Este fato pode ser confirmado quando visualizamos que juntamente a esses elementos discursivos de “negritude” existe no discurso dos entrevistados algumas falas que refletem a vivência de uma mescla de culturas, ou de uma mistura cultural e racial.

Quando Rosa menciona como ela se identifica quanto a sua cor ou raça, visualizamos um discurso repleto de controvérsias. Ao mesmo tempo em que ela afirma a existência de um preconceito racial, afirma também a beleza contida da mistura de raças:

Eu não preciso tomar sol pra pegar cor (Risos) eu sou marrom bombom (gargalhadas) puxado pro chocolate, eu amo todas as raças, eu casei com meu marido negro, só vou ter filhos negros, mas se eu pudesse adotaria um de cada raça, assim como eu gosto de todas as flores, de todos os animais (...) sabe, eu sou feliz! (risada). Pra você ter uma idéia na minha casa e na minha clínica não se faz piada de português, nem piada de loira, e se alguém me conta eu não rio. Pode me chamar de chata, mas eu não dou risada. Não rio de nada que for preconceito.

Outro reflexo da controvérsia pode ser encontrada na fala de Marcos. Em sua preleção anterior ele demonstra sua manifestação contra o racismo em sala de aula, mas em outros casos, não encontramos indignação em outra de suas falas quando o entrevistado se refere ao apelido que conferiram a ele em momentos anteriores:

E lá me fizeram uma homenagem. Então o “Totó” que todo mundo chamava passou a ser especial. Mas talvez os adultos que cometeram aquilo na sexta série resolveram me fazer a homenagem (...) e me tocou. O apelido era racista. A princípio ele era totalmente de cunho racista, eu apenas o absorvi e deixei ficar suave e gostoso. Na verdade tinha um seriado, ou uma coisa assim, que tinha dois macaquinhos, Judy e Totó, um outro colega não permitiu o apelido, mas eu gostava do som Totó, eu achava carinhoso.

Outro exemplo é que quando pergunto para Edson se ele sofreu algum tipo de preconceito racial ele assinala que: “não (...) isso sempre tem (...) mas quando acontece eu bato de frente, no bom sentido na brincadeira eu faço alguma coisa.”

Logo em seguida, no final da entrevista, quando o questiono sobre a existência de piadinhas de mal gosto por parte de seus amigos ele responde: “Não dou bola.”

A constatação mais importante que fizemos a esse respeito foi identificada em uma questão fechada. Dentro desta questão escolhemos algumas frases utilizadas pelo instituto data folha para observar um possível comportamento que se remetesse ao racismo. Para cada frase escolhida os depoentes deviam dizer se: concordam totalmente, concordam em parte, discordam em parte ou discorda totalmente.

A primeira frase era “Uma boa coisa do brasileiro é a mistura de raças”. As respostas foram as seguintes: 11 deles concordam totalmente, 2 concordam em parte, 0 discordam e parte, e 0 discordam totalmente.

Os comentários que se seguiram a esta questão fechada foram muito interessantes quando mencionamos esta frase. Alguns dos comentários em relação à afirmação foram: “Perfeito!”, “Ótimo”, “É um privilégio!”.

Neste sentido pudemos constatar uma forte predileção pela mistura de raças ou pela miscigenação. Se refletirmos bem sobre esta situação podemos afirmar que a defesa da miscigenação implica na história do Brasil em um processo de branquear ou clarear a população brasileira.⁸⁷

A segunda frase é “Negro bom é negro de alma branca”. Todos os entrevistados discordaram totalmente desta frase. A alguns ressaltaram: “Dói o ouvido”, “Não repita isso!”. E somente um deles não sabia o significado da frase.

A terceira era, “As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esporte”. As respostas forma: 2 concordaram totalmente, 1 discordou em parte, 9 discordaram totalmente, e 1 disse que não sabia. Uma das entrevistadas completa “Que ridículo”.

87 De acordo com Edward Telles (2003, p.18) “Os conceitos de mistura racial da América Latina sustentam que negros, indígenas e brancos se socializam, moram juntos e se misturam biologicamente a ponto das distinções raciais se tornarem irrelevantes. Mas se isso for verdade como pode haver exclusão e miscigenação ao mesmo tempo? É comum ouvir os brasileiros dizerem que seu país é o mais miscigenado e o mais desigual do mundo. Isto significa que por ter havido tanta mistura racial, somente a classe passa a ser importante, ao passo que a raça, passa a não fazer diferença? Ou será que a sociedade brasileira é racista e estratificada pela raça e a miscigenação é apenas uma característica ideológica do período anterior? Estudiosos contemporâneos parecem ter descartado a possibilidade da coexistência entre a mistura racial e a exclusão racial. Se os brancos brasileiros são tão racistas, porque se misturariam com os não brancos?”

A quarta frase é “Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor de pele”. As respostas foram: Os 12 entrevistados concordaram totalmente com a frase. Um deles concordou em parte.

A quinta frase é “Negro quando não faz besteira na entrada faz na saída” As respostas foram: 9 discordaram totalmente e 1 disse que não sabe.

A sexta “Se pudessem comer bem e estudar os negros teriam sucesso em qualquer profissão”.⁸⁸ As respostas foram: 6 concordam totalmente, 1 concorda em parte, 0 discordam em parte, e 3 discordam totalmente.

A última frase é “Se Deus fez raças diferentes é para que elas não se misturem”. As respostas foram: 12 disseram que discordam totalmente, 1 deles disse que não sabia.

Podemos inferir que a maioria dos entrevistados acha a mistura de raças algo positivo. Todavia todos discordam da segunda frase que é de cunho racista. A maioria discorda que os únicos afazeres dos negros são música e esporte.

Todos concordam que o caráter de um indivíduo não tem a ver com sua cor de pele. Quase todos discordam da quinta frase que é extremamente preconceituosa, mas um diz não saber responder. Já a sexta frase, que é ambígua, a maioria concorda totalmente com ela, todavia esta frase está equivocada, pois faz-se uma concessão, dizendo que “somente” se os negros comerem bem e estudar terão sucesso em suas vidas profissionais.

No geral, a maioria dos entrevistados conseguiu desviar-se das situações de preconceito nas frases, ou seja, conseguiram afirmar que não são preconceituosos. Mas poucos deles ficaram em dúvida, ou não refletiram sobre a ambigüidade que a última frase poderia causar.

Mas é interessante lembrar que todos eles estavam inseridos numa situação de pressão social onde o correto seria discordar das frases preconceituosas. Todavia, ao conversar informalmente com um dos funcionários de um dos empresários entrevistados, ele conta que o entrevistado é uma pessoa extremamente preconceituosa no que diz respeito às questões raciais. Faz muitas piadas com relação aos negros e os coloca em situações pejorativas.

⁸⁸ Esta frase é um pouco ambígua, porém ela faz uma concessão. “Se” e somente “se” comerem e estudarem, os negros se dariam bem em qualquer profissão. Portanto a frase está equivocada.

Esse tipo de comportamento pode não ter sido constatado com as frases anteriores. Podemos afirmar que alguns discursos podem ser modificados de acordo com as circunstâncias que envolvem a boa conduta do entrevistado, ou seja, uma conduta que exige que suas falas estejam repletas do discurso socialmente desejado.

Neste sentido, além de nos atentarmos para o discurso de uma negritude vivida no cotidiano desses negros que ascendem socialmente, devemos, portanto fazer um exame crítico de tudo o que se apresente como óbvio.

Concordamos com Scott (1998) quando a autora aponta que é importante lembrar que os sujeitos são constituídos discursivamente, mas há conflitos entre os sistemas discursivos, contradições dentro de cada um deles e significados múltiplos para os conceitos que eles utilizam.

É importante lembramos que neste presente trabalho foram utilizadas algumas bibliografias que assinalam os perigos da essencialização do conceito de identidade negra.

Mas é importante assinalar também que dar ênfase a um discurso político individual baseado nas experiências anti-racistas e a afirmação de uma negritude visível no cotidiano desses negros que ascendem pode muitas vezes, ser uma forma de banalizar ou atribuir um valor desconsiderável a um discurso ideológico e político que se pauta na busca de uma luta anti-racista, construído pelo movimento negro brasileiro.

Dito de outra forma devemos refletir sobre qual seria a interpretação da experiência que dirige esses discursos de negritude, ou seja, aos discursos que atribuem um valor positivo a cultura negra e o orgulho de sua cor ou raça.

Este fato implica diretamente em uma redefinição dos significados da interpretação da experiência de negros que ascendem socialmente. É neste contexto que podemos afirmar que “O que conta como experiência não é auto-evidente nem direto; é sempre contestado e, portanto sempre, político” (Scott, 1998, p.324)

4.6 Gostos e estilos de vida: Um modo de conceituar a classe social dos entrevistados

Nesta pesquisa utilizamos o conceito de classe social nos baseando nos escritos de Pierre Bourdieu. Apesar do fato de que suas idéias são passíveis de interpretações ambíguas e de que ele não deriva as categorias sociais a partir de axiomas bem definidos é possível perceber como ele aborda as teorias de estratificação da sociedade utilizando-se de características weberianas e lançando mão do uso do estilo de vida como uma forma de classificação social utilizado por Veblen. (Medeiros, 2003)

Para Bourdieu (2008) não existem fronteiras definidas de classe, a não ser aquelas que são definidas pelos grupos ocupacionais institucionalizados. Ou seja, os atributos pessoais definem o capital econômico e simbólico e os processos de transmissão intergeracional.

Ele estuda a relação entre as classes e os grupos de status baseando-se na afirmação de que as análises das relações econômicas (classe) requerem um estudo das relações simbólicas (status).

Sendo assim, uma classe não é definida apenas por seu posicionamento nas relações de produção, antes, ela pode ser identificada por índices (profissão, renda, nível de instrução, proporção de homens e mulheres, idade, etc) ou características auxiliares tácitas (etnia, gênero).

A importância desta análise consiste não na somatória destes índices ou dessas propriedades, mas na análise da relação existente entre essas propriedades. A saber, se nos prontificarmos a analisar e descrever somente o momento de ascensão dos entrevistados estaremos deixando de lado algumas características e algumas relações que poderíamos estabelecer entre as propriedades marcadas em cada trajetória de vida.

A partir da análise anterior podemos afirmar que a trajetória dos nossos sujeitos de estudo diferem da trajetória modal da maioria dos negros brasileiros. Pois, a maior parte deles não consegue ascender social e economicamente tendo que se estabelecer nas camadas mais baixas da população.

O que ocorre é que são poucos os negros que conseguem utilizar-se de estratégias de reconversão para modificarem o curso de suas trajetórias.⁸⁹ Bourdieu (2008) pontua que o lugar social onde mais ocorre esta dispersão dentro das trajetórias é dentro da classe média.

Apesar dos profissionais e empresários negros entrevistados terem modificado as suas trajetórias e conseqüentemente alcançarem a ascensão, suas trajetórias marcadas por um passado de pobreza muitas vezes influenciam nos posicionamentos, na aquisição de seus gostos e de seus estilos de vida atualmente.

Ou seja, este percurso no qual o capital é objetivado (propriedades) e incorporado (*habitus*)⁹⁰ e por sua vez, define a classe social e constitui as práticas distintivas é um itinerário um tanto quanto conturbado no que diz respeito ao processo de ascensão dos indivíduos negros brasileiros.

Veremos a seguir como a distinção não se dará de forma tão clara a fim de que possamos classificar os entrevistados como indivíduos de um status elevado. Pois ora as suas trajetórias de vida implicam em estilos de vida e gostos distintos dos obtidos após a ascensão, e ora implicam em gostos e práticas semelhantes aos momentos anteriores a ascensão.

89 No presente trabalho estas estratégias não aconteceram somente a partir da aquisição de diplomas mas da viabilização de cursos técnicos que pudessem aprimorar o conhecimento dos indivíduos.

90 Para Bourdieu (2008, p.162) o *habitus* é “ princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem, o *habitus*, ou seja capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (*gosto*), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, os espaços dos estilos de vida.”

O quadro abaixo nos fará entender melhor este processo:

Estilos de vida e ascensão social

Entrevistados	Estilo de vida mudou ou não depois da ascensão social
Rosa 45 anos (empresária)	Mudou, adquiri muitas coisas que não tinha. Mas continuo gostando de sertaneja, pagode, por exemplo.
Fábio 50 anos (empresária)	Mudou, antes eu tomava cerveja na praia, e agora escolho vinhos mais finos, carro melhor.
Márcio 33 anos (empresário)	Questão não foi feita. (problemas com gravador)
Robson 53 anos (empresária)	Continuei a mesma coisa, não mudei em nada.
Edson 50 anos (empresária)	Nunca tive tempo para o descanso. Continua a mesma coisa.
Marisa 51 anos (empresária)	Não mudou nada.
Evandro 33 anos	Mudou para melhor, para uma condição social melhor.
Anderson 37 anos	Mudei. Antes tinha gosto requintado por conta da empresa que trabalhava. Hoje não, faço o que eu quero.
Marcos 48 anos (prof. Liberal)	Qualquer um muda independente da raça. Mudei a maneira de vestir, alimentação, etc.
Célio 42 anos (prof. Liberal)	O estudo é que impulsiona a mudança de comportamento. (mudou seu estilo de vida)
Ângela 26 anos (prof. Liberal)	Não mudou nada.
Paola 23 anos (prof. Liberal)	Meus gostos nunca mudaram.
Roberto X anos	Mudei sim, você fica condicionado pelo meio.

De acordo com Bourdieu (2008) os gostos dependem do estado dos sistemas de bens, de forma que a mudança nos bens acarreta uma transformação nos campos de produção que por sua vez implicam diretamente nos sucessos e influencia também na transformação desses gostos.

Ao observarmos o quadro anterior que se refere as mudanças de gostos dos entrevistados que ascenderam social e economicamente podemos fazer as seguintes considerações: 5 deles dizem que não mudaram seus gostos, 7 deles dizem que mudaram e 1 deles não respondeu a questão.

A maioria deles relatam uma mudança em suas vidas devido à ascensão, esses estão em consonância com as afirmações de Bourdieu.

Todavia, parte dos entrevistados afirmam viver em situações similares as que viviam anteriormente ao processo de ascensão.

Podemos inferir pelas trajetórias anteriormente analisadas que a maioria dos entrevistados possui uma origem humilde e pobre e somente na idade adulta adquirem um *status* social e econômico mais elevado.

Isto implica em afirmarmos que hoje eles talvez representem uma classe média. Todavia, o fato de terem vivido suas trajetórias em uma situação econômica inferior implica diretamente na absorção e na vivência de muitos dos gostos ditos de “classe mais baixa” até os dias atuais.

Estilos de vida

Entrevistados	Atividades feitas nas horas vagas
Rosa 45 anos (empresária)	Nado (Natação).
Fábio 50 anos (empresária)	Antes eu tomava cerveja na praia, e agora o habito se refinou.
Márcio 33 anos (empresário)	Questão não foi feita. (problemas com gravador) – pratica futebol
Robson 53 anos (empresária)	Continuei a mesma coisa, não mudei em nada. (pratica futebol)
Edson 50 anos (empresária)	Nunca tive tempo para nada.
Marisa 51 anos (empresária)	Não menciona as atividades. (Está sempre viajando a trabalho)
Evandro 33 anos	Descançar.
Anderson 37 anos	Não tenho horas vagas. Antes praticava capoeira e jogava bola.
Marcos 48 anos (prof. Liberal)	Não menciona as atividades. (chopinho com os amigos)
Célio 42 anos (prof. Liberal)	Brinco com meu filho.
Ângela 26 anos (prof. Liberal)	Sapateado, dança, ginástica, depois academia.
Paola 23 anos (prof. Liberal)	As mesmas coisas que eu fazia antes. (Reclama que agora não tem mais dinheiro para gastar com coisas de “mulher”).
Roberto X anos	Anteriormente eu jogava bola, hoje não tenho mais tempo para nada.

Podemos observar de acordo com o quadro anterior que 7 dos entrevistados possuem hábitos de lazer durante as horas vagas. Alguns dentre os 7 relatam a prática esportiva. Entretanto, 4 deles não desfruta de momentos de lazer pois trabalham muito.

Neste sentido Bourdieu (2008) afirma que a pressa e a falta de tempo para o lazer implicam em práticas das classes ou frações de classes mais baixas.

As atividades mencionadas anteriormente como o chopp entre amigos e o tempo para brincar com os filhos são momentos de lazer. Em contrapartida existem as reclamações de quatro dos entrevistados que dizem não ter tempo para estas práticas.

Já as práticas dos esportes variam de acordo com as classes sociais. Por exemplo, as camadas mais elevadas como as camadas médias e a dos profissionais liberais são as maiores praticantes de esportes.

Existe uma oposição de classes que se cristaliza na oposição entre esportes destinados para as classes elevadas e esportes voltados para as classes mais populares.

O futebol - mencionado por dois dos entrevistados – de acordo com Bourdieu é uma prática das camadas populares. Ele é um esporte que passa a vulgarizar-se devido aos seus valores e exigência tal como, espírito de sacrifício, ou seja, é uma antítese aos esportes propriamente burgueses.⁹¹

Já a natação mencionada por uma das entrevistadas é tida como um esporte que se enquadra aos gostos da pequena burguesia e aos cargos privados.

A ginástica – academia - mencionada por uma das entrevistadas era uma prática popular (produção de um corpo forte) que tornou-se uma prática burguesa a partir do momento em que passa a se preocupar com a higiene e a liberação do corpo e passou a ser muito praticada pelas mulheres.

Quanto ao sapateado e a dança, eles se referem a práticas de cultuar o corpo (culto higienista e da saúde) e estão presentes nas classes médias.⁹²

91 Não podemos esquecer que o futebol é um esporte que se pratica muito no Brasil por todas as classes sociais.

92 Todavia Bourdieu não fala especificamente dessas práticas: sapateado e dança.

Gostos e estilos de vida dos empresários

Você...	Nunca	As vezes	Frequentemente
1. Costuma viajar nos feriados e finais de semana	2	5	1
2. Já foi ou é sócio de algum clube da cidade	1	2	5
3. Vai a centros culturais, como museus e exposições ou cinema	6	1	1
4. Possui ou já possuiu casa de veraneio	7	0	1
5. Lê revistas semanais como Caras, Contigo	7	1	0
6. Lê jornais impressos, como Folha de SP, O Estado de SP, ou telejornais	2	4	2
7. Lê revistas semanais de variedades, como Veja, Época,	2	3	3
8. Pratica esportes algum tipo de esporte	3	1	4
9. Freqüenta academia	4	2	2
10. Vai ao teatro	5	3	0
11. Acessa a internet (banda larga)	0	2	6
12. Freqüenta cerimônias religiosas	1	3	4
13. Assiste a programas televisivos de documentários/entrevistas	0	3	5
14. Assiste a programas de variedades como Faustão, Hebe, Gugu	3	4	1
15. Costuma comer alimentos sofisticados	4	3	1
16. Freqüenta festas na casa de amigos	5	3	0
17. Costuma usar vestimentas sofisticadas (sociais, grife)	6	1	1
18. Você possui televisão a cabo (canais não convencionais)	3	0	5
19. Possui trabalhadores domésticos em casa	5	0	3

O quadro acima foi pensado de acordo com alguns conceitos importantes. As opções dos entrevistados são: “nunca” se refere a algo que o indivíduo nunca fez, não costuma e nem costumava fazer ou obter; “as vezes” se refere a uma pratica que não seja habitual, ou a algo que a pessoa já obteve mas não com assiduidade. A opção “frequentemente” se refere à práticas cotidianas, ou algo obtido por elas diariamente.⁹³

Existem algumas frases que tem a incumbência de verificar qual o capital econômico dos entrevistados, pois, Bourdieu (2008) aponta que os empresários são os grandes detentores do capital econômico e muitas vezes relegam investimentos culturais e educativos.

93 Algumas afirmações não coincidem com as respostas (nunca, às vezes, frequentemente), mas fizemos um esforço de enquadrar essas respostas dentro destas três opções a fim de que o entrevistado não se confundisse tanto caso acrescentássemos mais opções de resposta. Quando perguntamos ao entrevistado se ele possui casa de veraneio, ele pode responder (não, nunca tive), (tinha anteriormente, mas não tenho mais – às vezes) ou (tenho atualmente ou sempre tive-frequentemente). É importante mencionar que atribuímos significados mais amplos para os três tipos de resposta. Todavia, buscamos explicitar isso muito bem tanto na hora de fazer os questionamentos como também na hora de analisar os dados.

As questões referentes a este tipo de capital supracitado são referentes à viagem, a associação a clubes, obtenção de casa de veraneio, a internet, alimentação sofisticada, a vestimenta sofisticada, a televisão a cabo e os trabalhadores domésticos.

94

Com relação a estes quesitos relacionados ao capital econômico Bourdieu (2008) destaca que os indivíduos de alto capital econômico possuem aquisições como mobiliários, propriedades rurais ou urbanas.

No que diz respeito à alimentação os gastos são menores, mas preferem consumir alimentos requintados e o abandono às satisfações mediatas como, por exemplo, os alimentos baratos e nutritivos consumidos pelas classes populares.

Já no que se refere às vestimentas os indivíduos que ascendem hierarquicamente se preocupam com a boa apresentação ao se vestir, a beleza é levada mais em conta pelas mulheres que estão em posições elevadas, ao contrário das camadas populares que procuram comprar roupas que durem bastante tempo e que não se preocupam tanto com a beleza e a apresentação externa.

Já as viagens, a contratação de trabalhadores domésticos, o uso de internet banda larga e de televisão a cabo no Brasil implicam em altos custos econômicos e refletem bem a realidade de consumo de nosso país, por isso também são contempladas em nossas questões.

Já a associação aos clubes apesar de implicar em uma despesa financeira, de acordo com Bourdieu (2008) implica na aceitação de alguns indivíduos dentro de um ciclo de amizades que escolhe “a dedo” os seus participantes.

Após descrevermos cada um dos itens utilizados na questão e o motivo pelo qual os utilizamos podemos recorrer aos dados obtidos nas entrevistas.

Os nossos dados apontam que maioria dos empresários viaja às vezes, são associados a clubes em suas cidades, possuem internet banda larga, e possuem televisão a cabo.

Mas no que diz respeito aos outros dados relacionados ao capital econômico possuímos algumas controvérsias e desencontros que apontam para uma duplicidade de posturas e comportamentos.

94 Utilizamos também alguns itens utilizados para medir o capital econômico em pesquisas de institutos de pesquisa brasileiros, a saber, o instituto Ipsys: internet, televisão a cabo, trabalhadores domésticos. Outros exemplos como alimentação vestimenta, propriedade, clubes, viagens são visualizados nas pesquisas de Bourdieu.

Sobre as casas de veraneio, nenhum deles as possui, quanto aos alimentos, 4 dizem nunca comer alimentos sofisticadas e os outros 3 dizem comer as vezes e 1 diz comer frequentemente.

No que diz respeito às vestimentas 6 deles diz não usar roupas de grife ou mais sofisticadas.

Por último, 5 dizem nunca ter recorrido a contratação de trabalhadores domésticos, e 3 dizem que possuem esses serviços frequentemente.

Em um outro momento do quadro pretendíamos observar o capital cultural dos entrevistados. Pegamos alguns exemplos de Bourdieu (2008), como os centros culturais, cinema, teatro, jornais, revistas, documentários, e acrescentamos alguns hábitos culturais brasileiros, a saber, algumas revistas como veja e época, os jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, que são buscados por aqueles que possuem o hábito da leitura e gostam de ficar informados.

Estes contrastam por sua vez com revistas como caras e contigo, que são lidas por pessoas que se preocupam com a aparência, com a vida dos artistas e não visam uma perspectiva da leitura informativa e às vezes formadora do indivíduo.⁹⁵

Por último contrastamos os documentários com programas de auditório como Hebe, Gugu, e Faustão. Assim, podemos saber se os gostos são mais formativos e informativos ou são gostos para o entretenimento possivelmente escolhidos pelas classes mais populares.

As respostas dos empresários entrevistados foram que a maioria deles não freqüenta centros culturais, museus ou cinemas, Já com relação ao teatro eles se dividem, metade deles diz ir ao teatro às vezes e a outra metade diz nunca ir ao teatro.⁹⁶

A metade deles lê jornais impressos como Folha de São Paulo e Estado de São Paulo às vezes, já as revistas veja e época são lidas pela metade deles frequentemente.

As revistas como caras e contigo são recusadas por 7 dos 8 entrevistados. Mais da metade deles assiste a documentários frequentemente, e os programas de

95 Sabemos que talvez os jornais e os programas televisivos escolhidos possam não ser os melhores, mas segundo coordenadores de institutos de pesquisa esses são os programas, jornais e revistas mais lidos pelo povo brasileiro, e através deles podemos ter uma noção de seus capitais culturais. As outras revistas como caros amigos e carta capital são mais escolhidas por intelectuais por isso não as incluímos. Mas de qualquer forma, nenhum dos entrevistados as citou na entrevista, já que, as questões davam abertura para que eles mencionassem outras opções.

96 Alguns entrevistados São Carlenses dizem ir ao teatro às vezes mas no período da entrevista o teatro da cidade estava fechado para a reforma durante o período de cinco anos.

auditório como Hebe e Fustão são vistos às vezes pela metade dos depoentes, a outra parte dos depoentes diz nunca assistir esses programas.

Os dados se apresentam bastante divididos, mas podemos concluir que a maioria deles não costuma freqüentar centros de cultura, entretanto assistem a documentários e entrevistas, mas renegam a leitura das revistas de conteúdo popular, como *Caras* e *Contigo*.

Após ser feita esta descrição podemos passar para a tabela seguinte e verificar quais são os dados referentes aos profissionais liberais entrevistados.

Gostos e estilos de vida dos Profissionais liberais⁹⁷

Você...	Nunca	As vezes	Frequentemente
1. Costuma viajar nos feriados e finais de semana	0	4	1
2. Já foi ou é sócio de algum clube da cidade	0	1	4
3. Vai a centros culturais, como museus e exposições ou cinema	0	5	0
4. Possui ou já possuiu casa de veraneio	4	0	0
5. Lê revistas semanais como <i>Caras</i> , <i>Contigo</i>	3	1	1
6. Lê jornais impressos, como <i>Folha de SP</i> , <i>O Estado de SP</i> , ou telejornais	0	1	4
7. Lê revistas semanais de variedades, como <i>Veja</i> , <i>Época</i> ,	0	4	1
8. Pratica esportes algum tipo de esporte	5	0	0
9. Freqüenta academia	2	1	2
10. Vai ao teatro	2	3	0
11. Acessa a internet (banda larga)	0	1	4
12. Freqüenta cerimônias religiosas	1	2	2
13. Assiste a programas televisivos de documentários/entrevistas	0	1	4
14. Assiste a programas de variedades como <i>Faustão</i> , <i>Hebe</i> , <i>Gugu</i>	2	3	0
15. Costuma comer alimentos sofisticados	2	1	1
16. Freqüenta festas na casa de amigos	1	3	1
17. Costuma usar vestimentas sofisticadas (sociais, grife)	0	1	3
18. Você possui televisão a cabo (canais não convencionais)	1	1	2
19. Possui trabalhadores domésticos em casa	1	1	2

⁹⁷ É importante lembrar que para a primeira entrevistada o quadro de questões era diferenciado. Posteriormente foram acrescentadas novas opções a fim de obtermos um complexidade maior de respostas que pudessem ser analisadas.

Bourdieu (2008) menciona alguns gostos relacionados aos profissionais liberais. Estes por obterem um nível maior de instrução possuem um capital cultural maior do que os empresários.⁹⁸

Todavia o profissional liberal se preocupa mais com a aparência do que os empresários comerciantes. No que diz respeito à alimentação eles preferem comidas saborosas, porém leves, ou seja, aquelas que fazem bem a saúde.

No tocante ao capital econômico dos nossos entrevistados podemos relatar que: eles costumam viajar de vez em quando, a maioria frequenta clubes nas cidades estudadas, eles não possuem casa de veraneio, a maioria utiliza internet banda larga.

Quanto aos outros quesitos como televisão a cabo e a contratação de trabalhadores domésticos somente a metade requisitam esses serviços.

Quanto às vestimentas sofisticadas ou de grife, elas são utilizadas pela maioria deles. Mas quanto aos alimentos, pelo menos metade dos entrevistados diz não se preocupar com comidas mais sofisticadas.

No que se refere ao capital cultural Bourdieu assinala que, à medida que se obtêm maior instrução busca-se leituras mais raras, busca-se também ir ao teatro (apesar de que o teatro não depende somente do nível de instrução mas do de remuneração), a ida a museus, cinemas, a apreciação da arte, e afastamento de tudo o que é caracterizado como gosto popular, como alimentos mais pesados, como programas televisivos de entretenimento direcionados as classes mais baixas, etc.

Após ter sido feita a caracterização dos indivíduos de maior instrução, como é o caso dos profissionais liberais podemos recorrer aos nossos dados.

Dentre os profissionais liberais entrevistados podemos dizer que todos eles costumam frequentar centros culturais de vez em quando, vão ao teatro esporadicamente, lêem jornais impressos frequentemente, a maioria lê revistas informativas como veja e época e assistem a documentários na televisão frequentemente.

No que diz respeito às práticas mais populares, eles se dividem: a maior parte dos entrevistados assiste a programas de entretenimento popular como Hebe, Faustão e dois deles nunca assistem. A maior parte deles nunca lêem revistas como caras e contigo e dois deles compartilham deste hábito.

98 Muitos deles, devido ao fato de possuírem boas formações possuem também um capital econômico elevado.

Podemos inferir que os profissionais liberais se aproximam mais dos quesitos culturais do que os empresários entrevistados. Porém existem alguns (a minoria) deles que fogem aos ditames de distinção colocados por Bourdieu (2008) no que diz respeito a aceitação de práticas populares voltadas para o entretenimento.

Já os empresários, se afastam mais das práticas culturais. Mas a maioria deles possui o hábito de assistir programas mais intelectualizados como documentários e entrevistas.

No que diz respeito à situação econômica ambos possuem gostos e hábitos que se assemelham. Tanto os empresários como os profissionais liberais entrevistados criam controvérsias sobre suas aquisições relacionadas ao capital econômico. Eles se dividem, ou seja, alguns compactuam com alguns gostos referentes ao capital econômico elevado, mas a outra metade não compactua com estes gostos.

O que ocorre com os dois grupos estudados é que ambos saem do padrão e do modelo de gostos e estilos de vida conceituados por Bourdieu (2008).⁹⁹ Os empresários que deveriam veicular uma postura voltada para o capital econômico, gosta de assistir programas mais intelectualizados na televisão.

No entanto é importante lembramos que entre os empresários, um possui doutorado, um o ensino superior completo, e três deles o ensino universitário incompleto. Ou seja, parte deles pelo menos começou o ensino superior. Este fato pode ter sido um dos incentivadores para que eles voltassem os seus gostos para programas esses programas mais intelectualizados.¹⁰⁰

O profissional liberal, que por possuir um nível de estudos mais elevado, portanto deveria relacionar-se mais com o capital cultural. Todavia nossos depoentes mostram que possuem a prática de assistirem programas de entretenimento que são voltados para o gosto popular.

99 Este fato pode nos mostrar que o modelo descrito por Bourdieu (2008) para mapear os gostos relacionados às respectivas classes sociais não pode ser utilizado com a mesma eficácia para todas as sociedades. Pensamos que a sociedade brasileira é marcada por uma complexidade distinta das condições estruturais que caracterizam a sociedade francesa no que diz respeito a utilização deste modelo para mapear os gostos e estilos de vida da população negra.

100 Outro fato importante é lembrar que aqueles que possuem televisão a cabo terão outras opções de entretenimento além dos canais convencionais (que proporciona um entretenimento mais popularizado como o que foi mencionado anteriormente). Todavia, os dados nos mostram que tanto os empresários quanto os profissionais liberais entrevistados possuem acesso à televisão a cabo ou a televisão paga. Este fato proporciona a eles o mesmo padrão de programação na televisão, por isso, podemos voltar a afirmar que diante desta programação seus gostos são um pouco diferenciados do que é previsto conceitualmente por Pierre Bourdieu (2008).

Neste caso, eles mostram que ainda possuem uma conexão com as suas “raízes populares”. Pois a maioria deles não possui em suas infâncias o capital cultural que foram adquirindo conforme foram crescendo intelectualmente.

Essas instabilidades nos gostos tanto dos empresários como dos profissionais liberais nos remetem a uma afirmação importante de Bourdieu.

Ele relata que as classes médias são contidas de uma grande instabilidade em seus gostos e estilos de vida. Desse modo percebemos que estamos lidando diretamente com este tipo de classe social.

Outro fato importante é que ao percebermos a existência dessas instabilidades dentro da aquisição dos gostos e dos estilos de vida validamos mais uma vez o nosso conteúdo teórico descrito no início da dissertação.

Ou seja, a partir do fato supracitado, podemos afirmar que os gostos não são estáticos, eles se modificam durante as trajetórias de vida, por exemplo, quando abdicamos de alguns gostos em prol de outros, ou quando adquirimos novos gostos.

Esses gostos e estilos de vida que se não são fixos e que se modificam constantemente dão vida as nossas formas identitárias, as constituem e são constituídos por elas durante as trajetórias dos indivíduos.

4.7 Considerações finais

Primeiramente faz-se necessário discorrer sobre algumas considerações teóricas. É importante levar em consideração que nossa primeira hipótese para o presente trabalho era de que os negros (as) empresários (as) e profissionais liberais fazem parte de um grupo que localiza as suas ações prioritárias através do distanciamento das questões raciais, ou seja, do movimento negro, de entidades que discutem a questão racial, etc.

Este posicionamento seria respaldado pelas teorias que dizem respeito à viabilização de uma modernidade tardia que se caracteriza fundamentalmente por múltiplas identidades inseridas em um espaço onde apresentam-se múltiplas escolhas e

onde os indivíduos desenham suas próprias biografias e seus estilos de vida mediante a este leque de opções que a eles se apresenta.

Com o decorrer das entrevistas e com o desenvolvimento do trabalho pudemos perceber que o posicionamento diante desta modernidade tardia não é o único processo que ocorre com esses indivíduos.

Lembramos também que estes indivíduos estão imersos em um momento contextual em nosso país. Por isso faz-se necessário atentarmos para dois fatos importantes.

O primeiro deles é que os negros (as) que ascendem econômica e socialmente no Brasil estão fora do lugar. Podemos perceber com o desenvolvimento deste trabalho que os lugares que representam o negro em nossa sociedade são lugares repletos de marginalidade, de racismo e de inferioridade.

Todavia, percebemos com as falas de nossos entrevistados que todos eles não querem fazer parte de um grupo que está “fora do lugar”.¹⁰¹ Eles não querem ser constantemente lembrados de que o lugar ao qual pertence a maior parte dos indivíduos negros neste país é outro.

Para eles, assumir o compromisso de estar “fora do lugar” é um fardo muito pesado a se carregar. Portanto é mais proveitoso e mais interessante o distanciamento das questões de cunho racial, pois este posicionamento nada mais é do que uma forma de esquecer e de se distanciar do fato explícito de estar “fora do jogo”.

Logo, os negros (as) entrevistados apropriam-se de algumas motivações e abandonam outras, o que implica diretamente na construção de vínculos filiativos com grupos que os favorecem (na maioria das vezes são indivíduos brancos).

É importante mencionar que este processo nos é apresentado como uma negociação, ou seja, uma redefinição e resignificação de suas identidades. O momento da entrevista se nos apresenta como um momento onde os entrevistados querem mostrar as suas vitórias, seus ganhos, não as suas perdas.

Por este e por outros fatos não é interessante que nos sejam revelados os momentos de sofrimento, de racismo e de inferioridade que já passaram em suas vidas. O distanciamento da questão racial implica, portanto em mostrar apenas os seus ganhos e não suas perdas.

101 Esta metáfora usada por Ângela Figueiredo é a que melhor representa a situação descrita neste parágrafo.

Ser negro é algo que eles não podem esconder, mas se posicionar como negros (as) brasileiros implica em levar em conta todo um passado de lutas, um presente de preconceitos e um futuro de incertezas e indefinições.

Por isso percebemos que eles silenciam suas falas no que diz respeito à questão racial durante todas as suas trajetórias.

Um exemplo disto é que em suas infâncias, suas adolescências e na fase adulta percebemos nitidamente o silenciamento em suas falas no que diz respeito à questão racial, ao preconceito, e a comportamentos voltados para estas questões.

A maior parte dos entrevistados não menciona situações de preconceito racial e ainda afirmam que quando um indivíduo negro ascende socialmente o preconceito racial para com este indivíduo diminui. Esta afirmação contraria a literatura sociológica no que diz respeito a estas questões¹⁰² mas evidencia o receio e a dificuldade dos entrevistados lidarem com a questão do preconceito racial.

A maior parte dos entrevistados menciona também o preconceito dos negros contra os brancos e se distanciam de movimentos que dão prioridade ao negro. Ainda ressaltam que o ideal seria um movimento que agrupasse todos os grupos raciais.

Por esta e por outras afirmações vemos a solidificação do segundo aspecto importante na fala desses entrevistados: a exaltação de uma democracia racial.

A mistura de raças é vista como um ponto positivo em nosso país, e não é mencionado o fato de que esta mistura poderia implicar em um mascaramento do preconceito racial em nosso país.

É importante mencionar também que a maioria dos entrevistados não possui um discurso de “negritude” ou de valorização da raça negra. Todavia isto ocorre na pesquisa de Ângela Figueiredo quando ela entrevista profissionais liberais negros na Bahia.

Esta situação nos remete a reflexão sobre o conceito de regionalidade. As entrevistas realizadas nas regiões de São Carlos e Araraquara (interior do Estado de São Paulo) possuem um conteúdo que se distingue das entrevistas realizadas na Bahia. Este fato nos evidencia que o peso da região está diretamente relacionado aos comportamentos e posicionamentos desses grupos.

102 Afirmações de Carlos Antônio Costa Ribeiro.

A Bahia é uma região que possui um percentual muito maior de empresários e profissionais liberais negros do que o interior do Estado de São Paulo. A vivência da “negritude” pode ser muito mais intensificada nesta região do que na região do Estado de São Paulo.

No que diz respeito ao aspecto da escolaridade e da profissão dos entrevistados também temos algo importante a destacar.

Quanto à escolaridade de nossos empresários entrevistados, constata-se que a maioria deles se divide entre o ensino médio completo e o ensino universitário incompleto. A maior parte deles fez cursos técnicos ou outros tipos de curso para antes de ascenderem até a posição ocupada atualmente.

Já os nossos entrevistados profissionais liberais possuem o ensino superior completo.

No que diz respeito aos pais e mães dos empresários entrevistados a maioria possui o ensino fundamental completo. Já os pais e mães dos profissionais liberais acabam tendo mais vantagens no nível de escolaridade do que os pais e mães dos empresários. Os pais desses entrevistados conseguiram completar o ensino médio. As mães completaram somente o ensino fundamental.

Quanto à profissão dos pais dos entrevistados, pudemos observar também que os pais dos profissionais liberais acabam levando vantagens nesse aspecto.

De uma maneira geral os pais dos profissionais liberais enquadram-se em postos profissionais mais bem remunerados do que os pais dos empresários entrevistados.

Outro aspecto importante é sobre a ascensão dos entrevistados. Tanto o fator social quanto o psicológico foram verdadeiras influências para a ascensão dos empresários (as) e profissionais liberais entrevistados.

Logo, as benesses do milagre econômico e o fenômeno do empreendedorismo foram os grandes destaques que influenciaram diretamente a ascensão dos entrevistados.

Ao refletirmos sobre este aspecto podemos dizer que um período histórico mais propício economicamente para os indivíduos poderia os levar a ascensão. Todavia não temos como adequar os estilos de vida dos indivíduos brasileiros a estas benesses, pois estas não são tão facilmente previstas e são efêmeras.

Mas no que diz respeito ao empreendedorismo podemos dizer que são poucos os indivíduos negros (as) que desenvolvem dentro de si armas de reconversão e de superação dos obstáculos, pois a maior porcentagem deles encontra-se em situação de marginalidade no Brasil e acabam interiorizando atributos clássicos de inferioridade em suas vidas e nos seus cotidianos.

Contudo é importante pensar o quão tamanha é a importância do desenvolvimento do empreendedorismo na vida de um indivíduo. Suas conseqüências podem ser providenciais no que diz respeito a todos e quaisquer mecanismos de reconversão¹⁰³ individual ou coletiva.

Faz-se necessário compreender, portanto o quão importante são as influências de uma família bem estruturada e de amigos presentes que por sua vez acabam por construir um ambiente propício para que o empreendedorismo seja desenvolvida na vida dos indivíduos.

Quando passamos para o tópico gostos e estilos de vida utilizamos muito a teoria de Bourdieu (2008) e seu modelo que enquadra às diferentes profissões um determinado gosto e estilo de vida.

Percebemos ao final deste trabalho que o modelo de Bourdieu não se enquadra totalmente a realidade brasileira no que diz respeito aos negros (as) que ascenderam economicamente e socialmente.

Isto ocorre, pois grande parte dos empresários e profissionais liberais vieram de classes sociais mais baixas e possuíam profissões de menor prestígio social. O fato de ascenderem e adquirirem outro status social não fez com que a maior parte desses indivíduos se desvinculassem de seus gostos e estilos de vida anteriores a ascensão.

A maioria dos entrevistados assumem terem ocorrido muitas mudanças devido as suas ascensões, mas alguns deles continuam ligados as práticas sociais anteriores a esta ascensão.

No caso dos empresários entrevistados, de acordo com Bourdieu (2008) deveriam apresentar o capital econômico mais elevado do que o dos profissionais liberais e deveriam possuir um capital cultural menor do que o desses profissionais.

103 Termo usado por Bourdieu (2008) quando indica o fenômeno em que os indivíduos superam suas próprias capacidades e desviam seus caminhos de uma trajetória modal de inferioridade por exemplo.

Todavia, os empresários demonstram possuir um capital econômico semelhante aos dos profissionais liberais. Não possuem bens materiais como casa de veraneio entre outros, e assistem documentários de teor mais intelectualizado na televisão.

Já os profissionais liberais que deveriam ter um nível de instrução mais elevado, o que possivelmente os encaminharia para a aquisição de gostos mais intelectualizados assistem aos programas televisivos de baixo teor intelectual e que se destinam as classes mais populares.

Constata-se, portanto que os gostos dos entrevistados se mesclam com gostos típicos de outras classes e de indivíduos com outras referências profissionais.

Neste aspecto podemos nos remeter mais uma vez a Anselm Strauss quando o mesmo argumenta sobre uma identidade que não é fixa, uma identidade negociada que muda de acordo com diferentes momentos de posicionamento, em diferentes tempos e espaços sociais.

Para finalizarmos as considerações devemos mencionar algumas indicações importantes.

Percebemos claramente o distanciamento e o silenciamento dos entrevistados no que diz respeito às questões de cunho racial e ao preconceito racial.

Este posicionamento, ou esta negociação se dá pelo fato de que esses indivíduos não querem assumir o fato de eu se encontram fora do lugar. Esse movimento não deixa de ser um ciclo vicioso. Eles silenciam-se porque se sentem fora do lugar e estão fora do lugar, pois se silenciam.

Mas no fundo de suas falas percebemos que esses entrevistados possuem conhecimento sobre a realidade do negro (a) no Brasil. Contudo é importante lembrar que seus posicionamentos ainda estão repletos da ideologia da democracia racial.

Faz-se necessário, portanto não concentrarmos as discussões sobre a temática racial somente dentro das universidades e no mundo acadêmico. Existem outros grupos sociais carentes deste tipo discussão e conscientização.

Em grande parte desses grupos ainda reinam as ideologias dos anos 1930 e posicionamentos relacionados a este período. Por isso é importante que a temática racial seja discutida e direcionada para a sociedade civil, local onde ainda existe uma

grande desinformação e desinteresse pelos problemas sociais brasileiros e local onde emergem e se cristalizam tais problemas.

Outro aspecto que pudemos perceber é de fundo teórico. Quando entramos em contato com a teoria de Bourdieu (2002) em sua obra “La Noblesse d’Etat: Grandes écoles et esprit de corps.” percebe-se que o autor se preocupa com o estudo de cursos superiores de elite.

Neste contexto ele afirma que: existe uma ação de consagração e um rito que produz um grupo separado e sagrado (neste caso representado pelas elites) que se dá de forma mascarada e é desta forma que a nobreza se produz e reproduz.

A partir disto, são as atividades praticadas pela elite que tem o papel fundamental de produzir a distinção social (afinidades de estilos; relações familiares e de negócios). Neste caso, a força da tradição tem um papel de impor uma percepção do presente organizado conforme categorias propostas pelas representações dos antigos.

A partir do que foi dito acima, surge um encantamento afetivo que nasce do poder de amar e admirar a si mesmo (isto ocorre com os agentes inseridos neste processo). Este poder que fortalece o indivíduo no grupo ao qual ele pertence é um dos fundamentos ligados à lógica que homogeniza as estruturas mentais e a qual Bourdieu (2002) denomina espírito dos corpos.

Lembramos que as minorias não possuem esta auto-estima, estímulos para o empreendedorismo e perspectiva de sucesso, pois não estão inseridos dentro desta lógica social que é restrita às elites.

Observamos este processo a partir do momento em que constatamos que nossos entrevistados negro (as) que ascenderam economicamente possuem um comportamento diferenciado com relação aos estudos psicologizantes que trabalham com a ação e o comportamento de indivíduos negros que se encontram marginalizados socialmente.

Logo, a fração dominante além de possuir dentro de seus corpos a admiração por si mesmo¹⁰⁴ oscila entre a solidariedade positiva (afinidades e interesses de habitus) e as solidariedades negativas contra as outras classes.

¹⁰⁴ Denominamos este mecanismo de auto-estima.

A última solidariedade cria uma barreira para que as outras classes se posicionem fora do jogo, fora da luta dos dominantes, e fora do campo de atuação das elites.

É como se existisse uma força simbólica que garante às elites a crença em si mesma. Esta crença em si, quase inexistente entre os indivíduos das camadas inferiores pode ser um dos aspectos que restringe a inserção das minorias em meios sociais elitizados que estão respaldados pela ação do poder simbólico de um grupo e dos capitais destinados a eles (principalmente conectados ao capital hereditário).

Verificamos que o processo de ascensão e mobilidade social boa parte dos negros (as) entrevistados não alteraram seus gostos e estilos de vida a fim de viver o capital social destinado às classes mais altas. Este fato deixa claro que a ascensão destes indivíduos não se dá de forma completa no tocante à teoria das classes sociais de Bourdieu. (2002).

Ele também fundamenta a lógica de que esses negros (as) podem ser olhados como inferiores por parte de uma elite branca, pois não detêm o capital social e a distinção social que são intrínsecas às classes sociais superiores.

Pode-se perceber então que tanto a classe como a raça são clivagens que direcionam e modelam um olhar preconceituoso e posicionalmente cindido de diversos grupos sociais para com o negro (a) que ascende socialmente.

Neste caso, ascender significa adquirir bens materiais e culturais mais conviver constantemente com o olhar de estranhamento.

Ao mesmo tempo, ascender socialmente pode ser tornar um sinônimo de luta contra o fato já estabelecido de que a maior parte dos negros (as) brasileiros situa-se à margem da sociedade.

Com esta pesquisa verificou-se que, para que ocorra este momento de reconversão social entre os negros (as) brasileiros é necessário empreendedorismo (auto-estima) – ação que está relacionada à questão da aceitação do seu próprio eu, ou seja, de uma questão de cunho psicológico – um momento histórico e políticas que viabilizem o crescimento econômico da população (período do milagre econômico) e

principalmente mecanismos que insiram o negro (a) no processo de crescimento educacional¹⁰⁵.

Constata-se que o processo ascensional por parte dos indivíduos negros não se dá por meios de hereditariedade (no atual momento), não cristaliza uma distinção social por parte dos que ascendem, e fundamentalmente não viabiliza a reparação do preconceito. Ou seja, a mobilidade social do indivíduo negro não é um mecanismo que sana o preconceito, mas pode mexer e criar uma transformação na ordem estabelecida que dita qual deve ser o lugar do negro no Brasil.

Para que esta ordem seja quebrada, ou para que possamos modificar os acontecimentos atuais, mesmo os que se voltam para discutir as questões do negro no mercado de trabalho, conclui-se que a educação e as políticas públicas educacionais são as ações que poderiam transformar a realidade do negro (a) brasileiro.

¹⁰⁵ Todos os entrevistados tiveram a educação como chave para a ascensão, por mais que fizessem cursos profissionalizantes. O aprendizado estava diretamente ligado as suas trajetórias ascensionais.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **Origem do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- AZEVEDO, T. **As elites de cor numa cidade brasileira**: um estudo de ascensão social, classes sociais e grupos de prestígio. Salvador: EDUFBA, 1996.
- BARBI, D. ; FERNANDES, N. Classe média na raça. **Revista época**, São Paulo, 4 dez. 2003. Disponível em: <www.revistaepoca.globo.com> Acesso em: 14 dez. 2008.
- BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BASTIDE, R.; FERNANDES, F. **Branco e negro em São Paulo**. São Paulo: Gaia, 1959.
- BASTOS, E.R. Um debate sobre a questão do negro no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.2, n. 2, p. 20-26, abr./jun.1988.
- BERTRAUX, D. **L'approche biographique**: sa valité méthodologique ses potentialités. Paris: Cahiers int Sociol, 1980.
- BENTO SILVA, M. P. **Ação afirmativa e diversidade no trabalho**: desafios e possibilidades. São Paulo: Casa do psicólogo, 2000.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 95-127, jan./jun. 2006.
- BOURDIEU, P. **La distinction**: critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979.
- BOURDIEU, P.; SAINT MARTIN, M. Anatomie du goût, **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. v.2, n. 5, p. 2-82, 89-112, out.1976.
- CARDOSO, F. H.; IANNI, O. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- CASTRO, F. **Almanach álbum de São Carlos**. São Carlos: Tipografia artística, 1916-1917.
- CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- CIPRIANI, R; POZZI, E; CORRADI, C. **Histoires devie familiale dans un contexte urbain**. Paris: Cahiersint sociol, 1983.
- CONSTANTINO, L. Negros são apenas 33% em escola privada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jul.2006. Disponível em: < www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18838.shtml> Acesso em: 10 out. 2008.
- CONVERSE, J.M; PRESSER, S. **Survey questions**: handcrafting the Stardardized Questionnaire. Beverly Hills: Sage publications, 1986.
- COSTA PINTO, L. A. **O negro no Rio de Janeiro**: relações de raças numa sociedade em mudança. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.
- COSTA, S. **Dois Atlânticos**: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

D'EPINAY, C. L. **La vie quotidienne**: essai de construction d'un concept sociologique et anthropologique. Paris: Cahiers int sociol, 1983.

DONATONI, S. **A discriminação étnico-racial na voz dos negros em São Carlos**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1998.

DUBAR, C. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.19, n.62, abr.1998.

DUMONT, L. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **Circuito fechado**. São Paulo: Hucitec, 1976.

FIGUEIREDO, A. **Novas elites de cor**: estudos sobre a mobilidade social dos negros brasileiros. São Paulo: Annablume, 2002.

_____. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.23, p.199-228, jul./dez. 2004.

FOLHA de São Paulo. **Folha Online**, São Paulo, 30 de mar. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2008.

FOWLER, F.J. Some general rules to designing good survey instruments. In: _____ **Improving survey questions**: design and evaluation. Thousand Okas: Sage Publications, 1995. p.73-90.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala**. São Paulo: Anita, 1995.

_____. Democracia racial: a atitude brasileira. **Quilombo**, Rio de Janeiro, n.1, p.8, dez.1948.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética da orem social moderna. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

GILROY, P. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo Editora 34, 1999.

_____. **Tirando a máscara**: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. A questão da identidade cultural. **Textos didáticos**, Campinas, n.18, dez. 1995.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução de A.L.G Resende. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

HANCHARD, M. **Orfeu e o poder**: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988). Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

HASENBALG, C; SILVA, N. V. (Ed.). **Estrutura social, mobilidade e raça**. Rio de Janeiro: IUPERJ/Vértice, 1988.

_____. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Tradução de Patrick Burglin. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HOFBAUER, A. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

IANNI, O. **As metamorfoses do escravo**. São Paulo: Scientia et Labor, 1961.

INDICADORES sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: < www.ibge.gov.br>. Acesso em: 24 set. 2008.

JESUS, E. M. **Escola: espaço para a construção da identidade da criança negra**. 2006. Disponível em: < www.paralerepensar.com.br> Acesso em: 29 out. 2008.

LOPES, A. **Além da memória: Vila Xavier diálogo entre os diferentes elementos de sociabilidade**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. **Escola socialização e cidadania: um estudo da criança negra em uma escola pública de São Carlos**. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 1994.

MARTINS, T. J. **Relações raciais e pluralidade identitária no Brasil contemporâneo: o caso de negros inseridos na classe média brasileira** In: SEMANA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UNESP, 5., 2007, Araraquara. **Anais...** Araraquara: UNESP, 2007. CD-ROM.

MENEZES, W. O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola. **Fundação Joaquim Nabuco**, Recife, n. 147, 2002. Disponível em: < www.fundaj.gov.br> Acesso em: 25 out. 2008.

MESSIAS, R.C. **O cultivo do café nas bocas do sertão: mercado interno e mão-de-obra no período de transição 1830-1888**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

MISKOLCI, R. Reflexões sobre a normalidade e desvio social. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, n.13/14, p. 109-126, 2002/2003.

MOURA, C. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: Editora Anita, 1994.

_____. **A sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

MULHERES no mercado de trabalho. **Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, 2002. Disponível em: < www.fcc.or.br/mulher/series_historicas/mmt.html> Acesso em: 21 nov. 2008.

MUNANGA, K. **Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil**. **Resgate**. Campinas, n.6, p.17-24, dez.1996.

NOGUEIRA, O. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: EDUSP, 1998.

NORBERT, E. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

OSÓRIO, R.G. **A mobilidade social dos negros brasileiros**. Brasília: IPEA, 2003. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 2 abr. 2008 .

PACHECO, C. A. **Café e cidades em São Paulo: um estudo de caso da urbanização na região de Araraquara e São Carlos 1880-1930**. 1998. Dissertação (Mestrado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 198

PASTORE, J. **Desigualdade social e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz editor, 1979.

PERFIL social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas. **Instituto Ethos**, São Paulo, 2003. Disponível em: < www.uniethos.org.br>. Acesso em: 24 out. 2008.

PIERSON, D. **Branços e pretos na Bahia**: estudo de contato racial. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p.3-15, 1989.

RELATÓRIO anual das desigualdades raciais no Brasil, 2007-2008, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007-2008. Disponível em: <www.laeser.ie.ufrj.br>. Acesso em: 4 nov. 2008.

REZENDE, C. B. Identidade e contexto: algumas questões da teoria social. **BIB**, São Paulo, n.64, p. 29-41, 2007.

RIBEIRO, C. A. C. Classe, raça e mobilidade social no Brasil. **Revista Dados**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 4, p. 833 – 873, 2006.

SANTOS, B. S. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 7., 1995, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

SANTOS, G. A. **A invenção do ser negro**. São Paulo: EDUC, 2002.

SCHWARCZ, L.K.M. Questão racial e etnicidade. In: MICELI, S. (Org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Editora Sumaré/AMPOCS/CAPES, 1999. (Antropologia, 1).

_____. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, J. A invisibilidade da experiência. **Projeto história São Paulo**, São Paulo, n.16, p. 297-325, fev. 1998.

SETTON, M.G.J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu; uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n.20, maio/ago. 2002. Disponível em:<<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 5 mar. 2008.

SILVA. S. M. Imagens e narrativas jornalísticas no/do cotidiano das crianças negras na favela e nas ruas do Rio de Janeiro. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL AS REDES DE CONHECIMENTO E A TECNOLOGIA, 3., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: < www.lab-eduimagem.pro.br> Acesso em: 9 out.2008.

SIMÕES, S.; PEREIRA, M. P. A arte e a ciência de fazer perguntas. In: AGUIAR, N. (Ed.). **Desigualdades sociais redes de socialidade e participação política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p.249-269.

SILVÉRIO, V.R. **O movimento negro e os novos contornos do debate brasileiro sobre raça, etnia e democracia**. In: CONGRESSO LUSO-AFROBRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8. 2004. **Anais...** Portugal: Universidade de Coimbra, 2004.

SOARES da SILVA, R. **Negros na classe média em São Paulo**: estilos de vida e identidade negra. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOARES, S. **O perfil da discriminação no mercado de trabalho:** homens negros, mulheres brancas e mulheres negras. Brasília: IPEA, 2000. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 2 abr. 2008.

SOUZA, J. **A construção social da subcidadania:** para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

STEFANONI, L.F. **Racismo na família ferroviária:** brancos e negros na companhia Paulista em São Carlos. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

STRAUSS, A. **Espelhos e máscaras:** a busca de identidade. São Paulo: EDUSP, 1999.

SUDMAN, S.; BRADBUM, N. M.; SCHWARCZ, N. Autobiographical memory an validity of retrospective reports. In: _____ **Thinking about answers:** the application of cognitive processes to survey methodology. San Francisco: Jossey-Bass, 1996. p.163-183.

TELLES, E. **Racismo à brasileira.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

TENÓRIO, V. P. **Uma interpretação do Baile do Carmo:** memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2004.

TRUZZI, O. **Café e indústria no interior do Estado de São Paulo:** o caso de São Carlos - São Paulo.1985. Dissertação (Mestrado em Administração de empresas) - EAESP/FCL, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1985.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Pesquisa

Identidade e mercado de trabalho

Número Quest: |__| |__| |__| (CONTROLE – NÃO PREENCHER)

Data: ___ / ___ / ___

A. Nome/Pseudônimo:	
B. Empresa/cargo/profissão:	
C. Endereço:	D. Tel:
E. Cidade de origem/cidade atual:	
F. Estado:	
G. Sexo: 1 - Feminino 2- Masculino	H. Idade: __ __ anos
I. Estado Civil: 1- Solteiro(a) 2- Casado(a)/ companheiro(a) 3- Viúvo(a) 4- Desquitado(a)/Divorciado(a) 5- Separado(a)	
J. Tem filhos? 1 – Sim 2 – Não	K. SE SIM, Quantos? (nfilh) __ __

Questões referentes à entrevista de história de vida

Algumas destas questões possuem o caráter quantitativo para que os dados sejam armazenados e operacionalizados de forma mais organizada

Trajectoria Familiar

Vamos voltar um pouco para sua infância e tentar lembrar os bons momentos e também alguns momentos de dificuldade:

Q1) Quando o senhor (a) se lembra de sua infância, consegue defini-la como uma infância feliz?

1	Sim
2	Não

Q2) Consegue lembrar-se dos bons momentos, você pode citar alguns exemplos? E dos momentos ruins, consegue se lembrar de momentos de dificuldade, quais são os que mais o marcaram?

Q3) Você estudou em escolas públicas ou privadas?

Q4) Qual é a sua escolaridade?

	Escolaridade do entrevistado(a)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1 ^a . A 8 ^a . série)	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1 ^a . A 8 ^a . série)	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>

Q5) Como era sua vida escolar, você tinha muitos amigos, tirava notas boas, gostava de seus professores?

Q6) Você nasceu em São Carlos/Araraquara? Se não, há quanto tempo se encontra na cidade? Quais foram os motivos que o trouxeram a cidade?

Q7) Quando você era pequeno, quem era o chefe de sua família? Você possui lembranças positivas com relação a ele (ela)? Qual era o trabalho (ocupação) de seus pais? Você se lembra de ter passado dificuldades financeiras em sua infância?

Q8. Qual a escolaridade de seu pai?

Q9. Qual a escolaridade de sua mãe?

	Escolaridade pai (ou responsável)	Escolaridade mãe (ou responsável)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1 ^a . A 8 ^a . série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1 ^a . A 8 ^a . série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Vamos falar sobre a sua adolescência

Q10) Você tinha muitos amigos na escola? Como era sua convivência com os outros alunos? Você gostava de sua aparência? Teve crise de identidade, ou alguma atitude rebelde típica dos adolescentes?

Trajatória profissional

Vamos falar um pouco sobre a sua profissão:

Q11) Que idade você tinha quando arranhou seu primeiro emprego? Qual emprego era? Conte um pouco sobre sua vida profissional, quais foram os caminhos que você percorreu?

Q12) Para chegar ao cargo que você ocupa atualmente, alguém o incentivou financeiramente ou psicologicamente? Qual foi o papel da sua família, (quais as influências) dela, para a obtenção deste cargo?

Q13) Você gosta da sua profissão? Você identifica com ela, ou gostaria de ter outra profissão?

Vamos falar um pouco da profissão e das dificuldades implicadas na profissão:

Q14) Quais foram as dificuldades que você encontrou para adquirir este cargo? Você sofreu algum tipo de preconceito no decorrer de sua carreira? Você se lembra de alguém tê-lo tratado mal ou com indiferença dentro da sua profissão, ou mesmo em sua vida cotidiana?

Q15) Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação racial? Você acha que existe preconceito racial no Brasil?

Q16) As afirmações abaixo correspondem a frases que as pessoas costumam falar. Por favor, diga se você concorda ou discorda (totalmente ou em parte) com cada uma das idéias:

		Concorda totalmente	Concorda em parte	Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sei
A	Uma boa coisa do povo brasileiro é a mistura de raças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
B	Negro bom é negro de alma branca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
C	As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D	Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor da pele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E	Negro quando não faz besteira na entrada, faz na saída	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
F	Se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
G	Se deus fez raças diferentes é para que elas não se misturem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Q17) como você se define segundo seus próprios critérios, como você se vê, no que diz respeito a cor?

Q18) Como você se define em termos de cor ou raça seguindo os critérios do IBGE?

<input type="checkbox"/>	Amarela
<input type="checkbox"/>	Branca
<input type="checkbox"/>	Indígena
<input type="checkbox"/>	Parda
<input type="checkbox"/>	Preta

Q19) Caso se defina ou não como negro, você participa do movimento negro da cidade ou de algo semelhante? O que você acha sobre o movimento negro de sua cidade? Você é afiliado a algum outro movimento na cidade? Algum movimento político, cultural, etc?

Q20) Como seus colegas de trabalho o vêem diante dos outros? O tratam com respeito, costumam fazer piadinhas de mau gosto, alguma referente a sua cor? Como os funcionários os chamam, pelo nome, ou por apelido?

Q21) Depois que você adquiriu um certo status social, você percebeu que seus gostos e seu estilo de vida mudou? Como por exemplo, o estilo de roupa, sua alimentação, mudou de casa, de bairro, mudou seu gosto musical?

Vamos falar um pouco dos seus momentos de lazer:

Q22) Que tipo de atividades você costuma fazer/fazia (antes de obter este cargo) nas horas vagas?

Q23) Quando sai entre amigos, sai com os amigos da empresa ou amigos de fora da empresa? Se são de fora, você os conhece de onde? Que profissões eles possuem? (se fazem parte do movimento negro da cidade) Com quem saia antes?

Q24) Você possui alguma religião, é praticante, ou já foi praticante antes?

Q25) Para cada uma das atividades abaixo assinale se as faz e com que frequência as faz.

Você...	Nunca	As vezes	Frequentemente
1. Costuma viajar nos feriados e finais de semana	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Já foi ou é sócio de algum clube da cidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Vai a centros culturais, como museus e exposições ou cinema	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Possui ou já possuiu casa de veraneio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Lê revistas semanais como Caras, Contigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Lê jornais impressos, como Folha de SP, O Estado de SP, ou telejornais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Lê revistas semanais de variedades, como Veja, Época,	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Pratica esportes algum tipo de esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Freqüenta academia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Vai ao teatro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Acessa a internet (banda larga)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Freqüenta cerimônias religiosas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Assiste a programas televisivos de documentários/entrevistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Assiste a programas de variedades como Faustão, Hebe, Gugu	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Costuma comer alimentos sofisticados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Freqüenta festas na casa de amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Você costuma usar vestimentas sofisticadas (grife, social)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Você possui televisão a cabo (canais não convencionais)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Possui trabalhadores domésticos em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Q26) Após ascender socialmente você passou a dar menos importância para a questão racial? Quando você ascendeu o preconceito diminuiu?

Q27) Você é casado, ou já foi casado? Caso seja/foi casado, seu casamento foi um interracional (misto), com uma pessoa de outra raça/cor? Como foi essa experiência? Você é contra o casamento misto?

APÊNDICE B – ENTREVISTAS

Entrevista com empresária de 45 anos que mora na cidade de São Carlos. Ela é casada e possui três filhos:

Pesquisador: Quando o senhor (a) se lembra de sua infância, consegue defini-la como uma infância feliz?

	Sim
X	Não

Pesquisador: Consegue lembrar-se dos bons momentos, você pode citar alguns exemplos? E dos momentos ruins, consegue se lembrar de momentos de dificuldade, quais são os que mais o marcaram?

Entrevistado: Foi meio a meio, se dizer que foi só felicidade não foi, teve lá os problemas separação de pais e brigas dos pais, essas coisas.

Pesquisador: Você estudou em escolas públicas ou privadas?

Entrevistado: Escolas públicas.

Pesquisador: Qual é a sua escolaridade?

	Escolaridade do entrevistado(a)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input checked="" type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>

Entrevistado: cursos técnicos também.

Pesquisador: Como era sua vida escolar, você tinha muitos amigos, tirava notas boas, gostava de seus professores?

Entrevistado: Eu tinha amigos, mas eu sempre fui quieta, eu sempre tive depressão desde pequena, é algo genético na família toda. Ainda tenho hoje, mas sei conviver muito bem com ela. Eu era uma aluna média, não era a melhor aluna da sala porque tinha problemas. Não tinha condições de estudar, eu trabalhava muito eu tinha seis irmãos e eram muitas dificuldades, não é que nem agora que os pais mimam muito as crianças que acabam prejudicando os filhos e muitas vezes eles se tornam vagabundos.

Pesquisador: Você nasceu em São Carlos/Araraquara? Se não, há quanto tempo se encontra na cidade? Quais foram os motivos que o trouxeram a cidade?

Entrevistada:

São Carlos.

Pesquisador: Quando você era pequeno, quem era o chefe de sua família? Você possui lembranças positivas com relação a ele (ela)? Qual era o trabalho (ocupação) de seus pais? Você se lembra de ter passado dificuldades financeiras em sua infância?

Entrevistado: Ôh, tive muitas dificuldades financeiras. Meus pais trabalhavam fabricando vassouras. O chefe da família era para ser meu pai, em casa é meu marido, mas infelizmente foi a minha mãe. Digo infelizmente porque o chefe da casa é o marido. Ela que mandava em tudo. Tanto é que quem terminou com o casamento foi ela, porque ela era ignorante, ela foi embora e deixou todos os filhos com meu pai. Ela queria ter uma vida de boemia.

Pesquisador: Qual a escolaridade de seu pai? Qual a escolaridade de sua mãe?

	Escolaridade pai (ou responsável)	Escolaridade mãe (ou responsável)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Pesquisador: Você tinha muitos amigos na escola? Como era sua convivência com os outros alunos? Você gostava de sua aparência? Teve crise de identidade, ou alguma atitude rebelde típica dos adolescentes?

Entrevistado: Muito bem comigo mesma, sempre fui cabeça feita, eu nunca acho, sempre tenho certeza, eu sempre tive responsabilidade desde pequena. Nunca tive problemas com aparência, não, não.

Pesquisador: Que idade você tinha quando arranhou seu primeiro emprego? Qual emprego era? Conte um pouco sobre sua vida profissional, quais foram os caminhos que você percorreu?

Entrevistado: Eu não repeti os erros dos meus pais. Eu trabalhei o tempo todo com eles e nunca me registraram. Só tive registro quando me casei. Minhas filhas começaram a trabalhar aqui e já tiveram registro. Depois me casei muito nova, sempre trabalhei, nunca fiquei sem trabalhar. Fui fazer curso técnico no SENAC de cabeleireira e manicure. Depois fui trabalhar em uma casa de ortopedia aqui em São Carlos, depois voltei a trabalhar com uma cabeleireira, a Regia e lá conheci a Cristina. E ela disse que eu tinha muita habilidade com as mãos e perguntou por que você não trabalha como calista (que tira calos)¹⁰⁶? Eu não sabia o que era calista. E ela disse que qualquer dia segunda-feira quando você vier ao trabalho eu vou te mostrar o que é calista. Na segunda-feira nos vamos para Campinas e eu te mostro. Chegando em Campinas nos fomos em um centro de ortopedia que se chamava Mathias, e lá eu conheci o Valter, meu grande amigo Valter. E o Valter me apresentou a "cholita" e ali eu comecei minha trajetória de trabalho. Ai eu ficava lá fim de semana estudando, e morava aqui. Meu marido ficava com as crianças, com meus dois filhos, naquela época. Eu ia e voltava e todo o final de semana eu estava aqui. Eu trabalhava segunda, terça, quarta, quinta e

¹⁰⁶ Coloco entre parênteses as minhas colocações e comentários.

sexta-feira eu vinha embora, assim eu pagava meu curso. Ai eu vim trabalhar com esta Cristina na ortopedia. Depois eu preferi mudar e tal, e resolvi trabalhar com outra pessoa, com o Rui da funerária Rosângela. Daí passei a fazer o curso de podologia, da UERJ, biomecânica, no Rio de Janeiro. Eu ia de segunda e voltava na sexta à noite. Trabalhava sempre com podologia. Ai vim pra São Carlos e montei a empresa há 15 anos. Sempre trabalhei, e juntei dinheiro para abrir, meu marido era marceneiro, ele ajudou e colaborou bastante, fomos economizando e fomos montando junto, ai meus filhos vieram trabalhar junto. Eu voltei pra cá sabe por quê? Aqui não tinha ninguém (...) ninguém era podólogo em São Carlos! Não tinha clínica, no Senac não tinha curso, ninguém sabia o que era podólogo. Daí fomos trabalhando, montando a divulgação, e até hoje não tem concorrentes para isso. Daí eu fui para a Alemanha (...) "ortobosley" se chama lá. Ai eu fui pro Chile fazer curso no Chile, pra argentina, pra Barcelona, pra Montevideú no Uruguai, foi assim. Sempre meu marido me deu oportunidade e confiança porque não tinha como pagar para os dois a viagem. E ele tem pressão alta e não pode viajar de avião.

Pesquisador: Para chegar ao cargo que você ocupa atualmente, alguém o incentivou financeiramente ou psicologicamente? Qual foi o papel da sua família, (quais as influências) dela, para a obtenção deste cargo?

Entrevistada: Sempre trabalhei, e juntei dinheiro para abrir, meu marido era marceneiro, ele ajudou e colaborou bastante, fomos economizando e fomos montando juntos, ai meus filhos vieram trabalhar junto.

Pesquisador: Você gosta da sua profissão? Você identifica com ela, ou gostaria de ter outra profissão?

Entrevistada: Sim, é legal trabalhar todos em família, tal (...)

Pesquisador: Quais foram as dificuldades que você encontrou para adquirir este cargo? Você sofreu algum tipo de preconceito no decorrer de sua carreira? Você se lembra de alguém tê-lo tratado mal ou com indiferença dentro da sua profissão, ou mesmo em sua vida cotidiana?

Entrevistada: Sim as pessoas são negativas, tem gente boa e gente má, eu sei que no fundo é uma inveja, mas acaba ajudando porque quanto mais a pessoa é pessimista nos comentários mais te da força para você batalhar e correr atrás senão a gente fica acomodado, parado no tempo.

Pesquisador: Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação racial? Você acha que existe preconceito racial no Brasil?

Entrevistada: Você não tem idéia do que me aconteceu esses dias, a última foi ridícula. Um cliente falou: "Poxa Rosária suas funcionárias são loiras né!" Mas eu nunca tinha percebido isso, foi coincidência porque aqui já passou japonesa, branca, negra, muitas negras, amigas minhas que saíram para montar seu próprio negócio, já saíram de tudo. Enfim, hoje, coincidentemente a Andressa que é loira, Jussara que é loira e a Jéssica que é loira. Ai o cliente falou: "puxa essas meninas são amorosas e tão educadas, e é difícil brancos que trabalham para negros, normalmente são os brancos que comandam os negros. Eu respondo a altura eu acabo com a pessoa quando isso acontece, tem que ser franca quem fala o que quer ouve o que não quer, a língua foi feita pra ficar dentro da boca. Claro, pelo amor de deus!!!! que existe preconceito no Brasil!

Pesquisador: As afirmações abaixo correspondem a frases que as pessoas costumam falar. Por favor, diga se você concorda ou discorda (totalmente ou em parte) com cada uma das idéias:¹⁰⁷

		Concorda totalmente	Concorda em parte	Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sei
A	Uma boa coisa do povo brasileiro é a mistura de raças	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
B	Negro bom é negro de alma branca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
C	As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
D	Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor da pele.	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E	Negro quando não faz besteira na entrada, faz na saída	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
F	Se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
G	Se deus fez raças diferentes é para que elas não se misturem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>

Comentários da Entrevistada: Eu não vejo a pessoa pela pele, ou inteligência, vejo pelo coração (...)

A - Perfeito!

B - Uh, Deus que me perdoe, não repita isso, pelo amor de Deus...

C - Gente (...) não (...) ridículo (...)

D - Ótimo, concordo!

E - Minha pressão ta subindo!

F - Se não tivesse no passado, nós estaríamos muito mais a frente do que agora. Não, não é estar na frente (...) teríamos respeito (...) o homem que é podre, eu não vejo as pessoas pela pele, pelos olhos puxados ou pela inteligência (...) eu vejo pelo coração.

G - Não concordo. Eu sei por que foi. Biblicamente foi por causa da torre de Babel (...) Nabuco Donosor fez as línguas para que eles se confundissem (...)

Pesquisador: Como você se define segundo seus próprios critérios, como você se vê, no que diz respeito a cor?

Entrevistada: Eu não preciso tomar sol pra pegar cor (Risos) eu sou marrom bombom (gargalhadas) puxado pro chocolate, eu amo todas as raças, eu casei com meu marido negro, só vou ter filhos negros, mas se eu pudesse adotaria um de cada raça, assim como eu gosto de todas as flores, de todos os animais (...) sabe, eu sou feliz! (risada). Pra você ter uma idéia na minha casa e na minha clínica não se faz piada de português, nem piada de loira, e se alguém me conta eu não rio. Pode me chamar de chata mas eu não dou risada. Não rio de nada que for preconceito.

107 Esta tabela surgiu de uma pesquisa realizada no data folha. De acordo com os críticos em metodologia, a pesquisa não foi muito bem sucedida, ou seja, não atingiu os objetivos que estavam traçados. Todavia, utilizei algumas frases que denotam o preconceito das pessoas. Este é apresentado em forma de frases populares escutadas e repetidas por muitos brasileiros.

Pesquisador: Como você se define em termos de cor ou raça seguindo os critérios do IBGE?

<input type="checkbox"/>	Amarela
<input type="checkbox"/>	Branca
<input type="checkbox"/>	Indígena
<input type="checkbox"/>	Parda
<input checked="" type="checkbox"/>	Preta

Comentário da entrevistada: Como tem o branco, tem também o preto, eu sou negra, sou preta.

Pesquisador: Caso se defina ou não como negro, você participa do movimento negro da cidade ou de algo semelhante? O que você acha sobre o movimento negro de sua cidade? Você é filiado a algum outro movimento na cidade? Algum movimento político, cultural, etc?

Entrevistada: Já participei, não sei se foi do movimento já participei de homenagens independente da raça (...) pra mim é tão comum, o dia da consciência negra pra mim é comum, assim como tem o Flor de Maio o Ítalo brasileiro, o clube dos japoneses, o São Carlos clube, a Abasc, não tenho preferência vou em todas (...) Eu acho ótimo o movimento, mas tem que tomar cuidado pra não agir com preconceito, de não ser só de negros, os brancos, japoneses ruivos, os outros devem participar (...) se tiver coisas, só para brancos, e só para negros, só pra japoneses, é preconceito.

Pesquisador: Como seus colegas de trabalho o vêem diante dos outros? O tratam com respeito, costumam fazer piadinhas de mau gosto, alguma referente à sua cor? Como os funcionários os chamam, pelo nome, ou por apelido?

Entrevistada: Na minha casa e na minha clínica não se faz piada de português, nem piada de loira, e se alguém me conta eu não rio.

Pesquisador: Depois que você adquiriu um certo status social, você percebeu que seus gostos e seu estilo de vida mudou? Como por exemplo, o estilo de roupa, sua alimentação, mudou de casa, de bairro, mudou seu gosto musical?

Entrevistada: Ah, sinceramente, eu adquiri coisas que antes eu não tinha, eu melhorei em tudo, mudou, mudou sim!! Mas eu não me preocupo com roupas, eu gosto de branco, preto, azul marinho e marrom. Eu gosto de pagode, de romântica, musica sertaneja, mas nada de creu e garrafinha, pelo amor de Deus (...)

Pesquisador: Que tipo de atividades culturais, esportivas você costuma fazer/fazia (antes de obter este cargo) nas horas vagas?

Entrevistada: Nado.

Pesquisadora: Quando sai entre amigos, sai com os amigos da empresa ou amigos de fora da empresa? Se forem de fora, você os conhece de onde? Que profissões eles possuem? (se fazem parte do movimento negro da cidade) Com quem saía antes?

Entrevistado: Tenho amigos de São Paulo, da cidade, meus clientes, do trabalho, os da igreja porque eu sou testemunha de Jeová, tem os meus parentes que não são da minha igreja, minha casa é cheia eu tiro muitas fotos, a minha chácara é o refúgio dos amigos, dos parentes da família.

Pesquisador: Você possui alguma religião, é praticante, ou já foi praticante antes?

Entrevistado: Testemunha de Jeová.

Pesquisador: Para cada uma das atividades abaixo assinale se as faz e com que frequência as faz.

Você...	Nunca	As vezes	Frequentemente
20. Costuma viajar nos feriados e finais de semana	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Já foi ou é sócio de algum clube da cidade	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Vai a centros culturais, como museus e exposições ou cinema	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
23. Possui ou já possuiu casa de veraneio	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Lê revistas semanais como Caras, Contigo	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Lê jornais impressos, como Folha de SP, O Estado de SP, ou telejornais	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Lê revistas semanais de variedades, como Veja, Época,	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
27. Pratica esportes algum tipo de esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
28. Freqüenta academia	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Vai ao teatro	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Acessa a internet (banda larga)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
31. Freqüenta cerimônias religiosas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
32. Assiste a programas televisivos de documentários/entrevistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
33. Assiste a programas de variedades como Faustão, Hebe, Gugu	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Costuma comer alimentos sofisticados	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Freqüenta festas na casa de amigos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Costuma usar vestimentas sofisticadas (sociais, grife)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
37. Você possui televisão a cabo (canais não convencionais)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
38. Possui trabalhadores domésticos em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

- 1- Eu era do Country Clube, mas hoje tenho chácara.
- 2- Sempre gostei, sempre, sempre.
- 3- Tenho minha casa que é meu sonho de consumo.
- 4- Não compro.
- 5- Pego dos meus clientes, nem compro.
- 6- Fui assinante muitos anos.
- 7- Eu nado sempre.
- 8- Parei há seis meses atrás, não suporto.
- 9- Vou ao Sesc, tem coisas boas
- 10- Aqui na clínica sim.
- 11- Paixão adoro!
- 12- Ah Hebe, às vezes.
- 13- Gosto de comida caseira, caipira. Mas como comidas dos países quando estou lá. Eu gosto muito de Paella. Eu descobri que é comida de pobre, mas todo mundo fala que é *chick*. Mas a nossa comida é maravilhosa.
- 14- Amigos sim, não vou em festas, sou rural.
- 15- Depende da situação fico de branco, mas a noite é social..mais recatado..eu não uso esporte.
- 16- No trabalho sim, na minha casa não tem (...) é rural.
- 17- Tenho (voz triste), é ruim, eu nunca tinha pensado nisso..eu tenho (...) um senhor que cuida da minha chácara (tom triste).

Entrevista com profissional liberal (dentista) de 26 anos, solteira e mora na cidade de Araraquara.

Pesquisador: Quando o senhor (a) se lembra de sua infância, consegue defini-la como uma infância feliz?

X	Sim
	Não

Pesquisador: Consegue lembrar-se dos bons momentos, você pode citar alguns exemplos? E dos momentos ruins, consegue se lembrar de momentos de dificuldade, quais são os que mais o marcaram?

Entrevistada: Para falar a verdade não tive momentos ruins.

Pesquisador: Você estudou em escolas públicas ou privadas?

Entrevistador: Estudei em escolas privadas.

Pesquisador: Qual é a sua escolaridade?

	Escolaridade do entrevistado(a)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input checked="" type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>

Comentário da entrevistada: Fiz um curso de fisioterapia, mas não era o que eu queria, transferi para odonto.

Pesquisadora: Como era sua vida escolar, você tinha muitos amigos, tirava notas boas, gostava de seus professores?

Entrevistada: Eu nunca fui de ter muitos amigos eu sempre tive uma amiga (...) eu era uma boa aluna, meus pais me cobravam muito nesta parte.

Pesquisador: Você nasceu em São Carlos/Araraquara? Se não, há quanto tempo se encontra na cidade? Quais foram os motivos que o trouxeram a cidade?

Entrevistada: Nasci em Araraquara.

Pesquisador: Quando você era pequeno, quem era o chefe de sua família? Você possui lembranças positivas com relação a ele (ela)? Qual era o trabalho (ocupação) de seus pais? Você se lembra de ter passado dificuldades financeiras em sua infância?

Entrevistado: Meu pai era o chefe. Minha mãe sempre foi do lar. Meu pai sempre foi gerente comercial. Eu nunca passei dificuldades financeiras. Meu irmão se formou em direito, mas ele não gosta de trabalhar com isso, ele trabalha no comércio.

Pesquisador: Qual a escolaridade de seu pai? Qual a escolaridade de sua mãe?

	Escolaridade pai (ou responsável)	Escolaridade mãe (ou responsável)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Você tinha muitos amigos na escola? Como era sua convivência com os outros alunos? Você gostava de sua aparência? Teve crise de identidade, ou alguma atitude rebelde típica dos adolescentes?

Entrevistada: Não eu sempre fui sossegada, sempre fui vaidosa (...) mas nunca tive momentos de rebeldia, mesmo porque meu pai não deixava ter isso dentro de casa.

Pesquisadora: Que idade você tinha quando arranhou seu primeiro emprego? Qual emprego era? Conte um pouco sobre sua vida profissional, quais foram os caminhos que você percorreu?

Entrevistada: Me formei no ano passado e já consegui um emprego direto. Eu trabalho em uma clínica lá com profissionais de várias áreas. E aqui eu pretendo montar o meu escritório depois da minha especialização em orto (...) aparelhos (...) é uma forma mais fácil de ter um retorno nesta área. Me formei trabalhei em Franca, mas não gostei do sistema deles de clínica popular, eu não gosto. Mande o currículo para Campinas e deu certo lá. Me chamaram para trabalhar em Ibitinga, mas eu também não gostei da proposta.

Pesquisador: Para chegar ao cargo que você ocupa atualmente, alguém o incentivou financeiramente ou psicologicamente? Qual foi o papel da sua família, (quais as influências) dela, para a obtenção deste cargo?

Entrevistada: Meu pai sempre pagou a escola e a faculdade. Mas odonto sempre foi o meu sonho desde pequena.

Pesquisador: Você gosta da sua profissão? Você identifica com ela, ou gostaria de ter outra profissão?

Entrevistada: Odonto sempre foi meu sonho desde pequena.

Pesquisador: Quais foram as dificuldades que você encontrou para adquirir este cargo? Você sofreu algum tipo de preconceito no decorrer de sua carreira? Você se lembra de alguém tê-lo tratado mal ou com indiferença dentro da sua profissão, ou mesmo em sua vida cotidiana?

Entrevistada: Olha ainda não (...) por enquanto não (...) Preconceito, acho que só uma vez no colégio, eu era pequena, teve um episódio de um menino falar, "olha aquela neguinha", eu não fiz nada, sempre tive meu irmão por perto, mas eu falei pro meu irmão na hora já foi lá resolver.

Pesquisadora: Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação racial? Você acha que existe preconceito racial no Brasil?

Entrevistada: Olha, até existe mas (...) Eu acho que é mais o preconceito de classe social (...) e o negro bem sucedido é, ele é menos do que com um negro menos sucedido, existe o preconceito ele é camuflado mas é mais o preconceito de classe social (...) Existe o preconceito com um negro bem sucedido (...) mas é menos (...)

Pesquisador: As afirmações abaixo correspondem a frases que as pessoas costumam falar. Por favor, diga se você concorda ou discorda (totalmente ou em parte) com cada uma das idéias:

		Concorda totalmente	Concorda em parte	Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sei
A	Uma boa coisa do povo brasileiro é a mistura de raças	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
B	Negro bom é negro de alma branca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
C	As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D	Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor da pele.	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E	Negro quando não faz besteira na entrada, faz na saída	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
F	Se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
G	Se deus fez raças diferentes é para que elas não se misturem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Como você se define segundo seus próprios critérios, como você se vê, no que diz respeito a cor?

Entrevistada: Sou negra.

Pesquisadora: Como você se define em termos de cor ou raça seguindo os critérios do IBGE?

<input type="checkbox"/>	Amarela
<input type="checkbox"/>	Branca
<input type="checkbox"/>	Indígena
<input type="checkbox"/>	Parda
X	Preta

Comentário da entrevistada: Mas eu não concordo pois preto é cor e não raça.

Pesquisadora: Caso se defina ou não como negro, você participa do movimento negro da cidade ou de algo semelhante? O que você acha sobre o movimento negro de sua cidade? Você é filiado a algum outro movimento na cidade? Algum movimento político, cultural, etc?

Entrevistada: Não, olha eu até entendo muito sobre movimento, mas não concordo muito pois se tivesse o movimento branco por exemplo, alguns negros não iriam gostar(...)

Pesquisadora: Como seus colegas de trabalho o vêem diante dos outros? O tratam com respeito, costumam fazer piadinhas de mau gosto, alguma referente a sua cor? Como os funcionários os chamam, pelo nome, ou por apelido?

Entrevistada: Não, não. (impaciente)

Pesquisadora: Depois que você adquiriu um certo status social, você percebeu que seus gostos e seu estilo de vida mudou? Como por exemplo, o estilo de roupa, sua alimentação, mudou de casa, de bairro, mudou seu gosto musical?

Entrevistada: Continua a mesma coisa. A única coisa que mudou é que eu comecei a trabalhar. Sempre gostei de reage, forró universitário e samba.

Pesquisadora: Que tipo de atividades você costuma fazer/fazia (antes de obter este cargo) nas horas vagas?

Entrevistada: Eu fazia balé, sapateado, dança, ginástica olímpica, depois desta fase eu passei para a fase de modelo (...) eu hoje eu faço academia.

Pesquisadora: Quando sai entre amigos, sai com os amigos da empresa ou amigos de fora da empresa? Se são de fora, você os conhece de onde? Que profissões eles possuem?

(se fazem parte do movimento negro da cidade) Com quem saia antes?

Entrevistada: Eu não me importo com isso, mas a maioria são brancos. Sempre tive amigos brancos por causa do meio de convivência.

Pesquisadora: Você possui alguma religião, é praticante, ou já foi praticante antes?

Entrevistada: Sou espírita, sou médium, faz uns 6 anos. Na verdade é umbanda. Eu frequento a católica também, mas é umbanda. Minha vó já praticava, e eu frequento por causa dela. Não acho que a umbanda é uma religião negra, não vejo assim. Mas tem mais negros do que brancos. Mas eu não acho que seja uma religião negra.

Pesquisadora: Para cada uma das atividades abaixo assinale se as faz e com que frequência as faz.

Você...	Nunca	As vezes	Frequentemente
1. Costuma viajar nos feriados e finais de semana	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Já foi ou é sócio de algum clube da cidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
3. Vai a centros culturais, como museus e exposições ou cinema	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Possui ou já possuiu casa de veraneio	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Lê revistas semanais como Caras, Contigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
6. Lê jornais impressos, como Folha de SP, O Estado de SP, ou telejornais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
7. Lê revistas semanais de variedades, como Veja, Época,	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
8. Pratica esportes algum tipo de esporte	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Frequenta academia	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Vai ao teatro	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Acessa a internet (banda larga)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
12. Frequenta cerimônias religiosas	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Assiste a programas televisivos de documentários/entrevistas	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Assiste a programas de variedades como Faustão, Hebe, Gugu	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Costuma comer alimentos sofisticados	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Frequenta festas na casa de amigos	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Costuma usar vestimentas sofisticadas (sociais, grife)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
18. Você possui televisão a cabo (canais não convencionais)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
19. Possui trabalhadores domésticos em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Comentário da entrevistada: 15- Gosto de comida Baiana!

Pesquisadora: Após ascender socialmente você passou a dar menos importância para a questão racial? Quando você ascendeu o preconceito diminuiu?

Entrevistada: Eu nunca vi pela raça. Eu acho todo mundo igual. Nunca existiu o preconceito para mim e não continua hoje também.

Pesquisadora: Você é casado, ou já foi casado? Caso seja/foi casado, seu casamento foi um interracional (misto), com uma pessoa de outra raça/cor? Como foi essa experiência? Você é contra o casamento misto?

Entrevistada: Não me preocupo com isso, eu acho que não depende da raça.

Entrevista com empresário que tem por volta de cinquenta anos, casado, possui 4 filhos e mora na cidade de Araraquara.

Pesquisadora: Quando o senhor (a) se lembra de sua infância, consegue defini-la como uma infância feliz?

X	Sim
	Não

Pesquisadora: Consegue lembrar-se dos bons momentos, você pode citar alguns exemplos? E dos momentos ruins, consegue se lembrar de momentos de dificuldade, quais são os que mais o marcaram?

Entrevistado: Tive uma infância boa. Problemas financeiros normal, sempre teve.

Pesquisadora: Você estudou em escolas públicas ou privadas?

Entrevistado: Privada, ou melhor, do Estado. Escolas públicas. (ficou na dúvida entre o que era uma escola pública e uma escola privada)

Pesquisadora: Qual é a sua escolaridade?

	Escolaridade do entrevistado(a)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input checked="" type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Como era sua vida escolar, você tinha muitos amigos, tirava notas boas, gostava de seus professores?

Entrevistado: Sempre fui quieto, sossegado. Era um aluno de médio para ruim.

Pesquisadora: Você nasceu em São Carlos/Araraquara? Se não, há quanto tempo se encontra na cidade? Quais foram os motivos que o trouxeram a cidade?

Entrevistado: Em Araraquara.

Pesquisadora: Quando você era pequeno, quem era o chefe de sua família? Você possui lembranças positivas com relação a ele (ela)? Qual era o trabalho (ocupação) de seus pais? Você se lembra de ter passado dificuldades financeiras em sua infância?

Entrevistado: Meu pai sempre foi ferroviário, e minha mãe do lar.

Pesquisadora: Qual a escolaridade de seu pai? Qual a escolaridade de sua mãe?

	Escolaridade pai (ou responsável)	Escolaridade mãe (ou responsável)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	X	X
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Você tinha muitos amigos na escola? Como era sua convivência com os outros alunos? Você gostava de sua aparência? Teve crise de identidade, ou alguma atitude rebelde típica dos adolescentes?

Entrevistado: Tive muitos amigos, mas eu andava sempre sozinho. Não tive problema com a aparência, sempre fui sossegado.

Pesquisadora: Que idade você tinha quando arranhou seu primeiro emprego? Qual emprego era? Conte um pouco sobre sua vida profissional, quais foram os caminhos que você percorreu?

Entrevistado: Eu trabalhei seis meses como frentista de posto de gasolina (...) depois mais 4 anos e meio de auxiliar de faxineiro, aí trabalhei em usina e depois trabalhei como segurança. Depois entrei na ferrovia também, e fiquei lá há 20 anos e agora sai de lá a montei aqui. O acerto que eu tive na empresa fez eu abrir aqui.

Pesquisadora: Para chegar ao cargo que você ocupa atualmente, alguém o incentivou financeiramente ou psicologicamente? Qual foi o papel da sua família, (quais as influências) dela, para a obtenção deste cargo?

Entrevistado: Não eu fiz tudo sozinho.

Pesquisadora: Você gosta da sua profissão? Você identifica com ela, ou gostaria de ter outra profissão?

Entrevistado: Eu até gosto do que eu faço. Eu sempre quis trabalhar com comida. Minha esposa sempre trabalhou com lanchonete na Unesp..aí eu resolvi abrir aqui porque eu já estava no ramo.

Pesquisadora: Quais foram as dificuldades que você encontrou para adquirir este cargo? Você sofreu algum tipo de preconceito no decorrer de sua carreira? Você se lembra de alguém tê-lo tratado mal ou com indiferença dentro da sua profissão, ou mesmo em sua vida cotidiana?

Entrevistada: não (...) isso sempre tem (...) mas quando acontece eu bato de frente, no bom sentido na brincadeira eu faço alguma coisa.

Pesquisadora: Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação racial? Você acha que existe preconceito racial no Brasil?

Entrevistado: Com certeza existe preconceito no Brasil, muito.

Pesquisadora: As afirmações abaixo correspondem a frases que as pessoas costumam falar. Por favor, diga se você concorda ou discorda (totalmente ou em parte) com cada uma das idéias:

		Concorda totalmente	Concorda em parte	Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sei
A	Uma boa coisa do povo brasileiro é a mistura de raças	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
B	Negro bom é negro de alma branca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
C	As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
D	Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor da pele.	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E	Negro quando não faz besteira na entrada, faz na saída	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
F	Se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
G	Se deus fez raças diferentes é para que elas não se misturem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X

Comentários do entrevistado:

A -Ótimo.

G- Você pode ter estudo e boa alimentação e ser barrado pelo preconceito. Meu irmão advogado prestou concurso e na última fase foi barrado.

Pesquisadora: como você se define segundo seus próprios critérios, como você se vê, no que diz respeito à cor?

Entrevistado: Sou negro.

Pesquisadora: Como você se define em termos de cor ou raça seguindo os critérios do IBGE?

<input type="checkbox"/>	Amarela
<input type="checkbox"/>	Branca
<input type="checkbox"/>	Indígena
<input type="checkbox"/>	Parda
X	Preta

Comentário do entrevistado: Sou contra, ninguém fala que é pardo...(risos)

Pesquisadora: Caso se defina ou não como negro, você participa do movimento negro da cidade ou de algo semelhante? O que você acha sobre o movimento negro de sua cidade? Você é filiado a algum outro movimento na cidade? Algum movimento político, cultural, etc?

Entrevistado: Não. Eu observo de longe. Olha tem seus lados negativos (...) pegar uma coisa lá do passado é errado, tem que pegar do presente.

Pesquisadora: Como seus colegas de trabalho o vêem diante dos outros? O tratam com respeito, costumam fazer piadinhas de mau gosto, alguma referente à sua cor? Como os funcionários os chamam, pelo nome, ou por apelido?

Entrevistado: Não dou bola.

Pesquisadora: Depois que você adquiriu um certo status social, você percebeu que seus gostos e seu estilo de vida mudou? Como por exemplo, o estilo de roupa, sua alimentação, mudou de casa, de bairro, mudou seu gosto musical?

Entrevistado: Não, continua a mesma coisa, como eu era.

Pesquisadora: Que tipo de atividades você costuma fazer/fazia (antes de obter este cargo) nas horas vagas?

Entrevistado: Não. Eu não tenho mais tempo pra nada.

Pesquisadora: Quando sai entre amigos, sai com os amigos da empresa ou amigos de fora da empresa? São negros ou brancos? Se forem de fora, você os conhece de onde? Que profissões eles possuem?(se fazem parte do movimento negro da cidade) Com quem saía antes?

Entrevistado: Tem amigos meus dos outros trabalhos, tenho amigos da cidade inteira é bem diversificado.

Pesquisadora: Você possui alguma religião, é praticante, ou já foi praticante antes?

Entrevistado: Católica, vou todo domingo.

Pesquisadora: Para cada uma das atividades abaixo assinale se as faz e com que frequência as faz.

Você...	Nunca	As vezes	Frequentemente
1. Costuma viajar nos feriados e finais de semana	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Já foi ou é sócio de algum clube da cidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
3. Vai a centros culturais, como museus e exposições ou cinema	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Possui ou já possuiu casa de veraneio	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Lê revistas semanais como Caras, Contigo	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Lê jornais impressos, como Folha de SP, O Estado de SP, ou telejornais	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Lê revistas semanais de variedades, como Veja, Época,	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Pratica esportes algum tipo de esporte	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Freqüenta academia	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Vai ao teatro	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Acessa a internet (banda larga)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
12. Freqüenta cerimônias religiosas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
13. Assiste a programas televisivos de documentários/entrevistas	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
14. Assiste a programas de variedades como Faustão, Hebe, Gugu	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
15. Costuma comer alimentos sofisticados	X <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Freqüenta festas na casa de amigos	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Costuma usar vestimentas sofisticadas (sociais, grife)	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Você possui televisão a cabo (canais não convencionais)	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Possui trabalhadores domésticos em casa	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Comentários do entrevistado: 3- Não tenho mais tempo

15- O mais simples possível

Pesquisadora: Após ascender socialmente você passou a dar menos importância para a questão racial? Quando você ascendeu o preconceito diminuiu?

Entrevistado: Continua a mesma coisa. Não mudei nada. O preconceito continua a mesma coisa.

Pesquisadora: Você é casado, ou já foi casado? Caso seja/foi casado, seu casamento foi um interacial (misto), com uma pessoa de outra raça/cor? Como foi essa experiência? Você é contra o casamento misto?

Entrevistado: Eu acho que não tem nada a ver, eu tive uma filha com uma moça branca.

Entrevista com empresário com formação superior (Químico) nascido em Uberlândia e casado. Mora atualmente em São Carlos tem por volta de 50 anos e possui 2 filhos.

Pesquisadora: Quando o senhor (a) se lembra de sua infância, consegue defini-la como uma infância feliz?

X	Sim
	Não

Pesquisadora: Consegue lembrar-se dos bons momentos, você pode citar alguns exemplos? E dos momentos ruins, consegue se lembrar de momentos de dificuldade, quais são os que mais o marcaram?

Entrevistado: Teve e ainda tem contratemplos, mas faz parte de um processo que se chama vida. Cada experiência que você tem você cresce. Por exemplo, minha mulher está sofrendo um tratamento de câncer, e nesses três anos, foram os momentos que eu mais cresci.

Pesquisadora: Você estudou em escolas públicas ou privadas?

Entrevistado: Escola estadual, nada particular

Pesquisadora: Qual é a sua escolaridade?

	Escolaridade do entrevistado(a)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	X
Não sei	<input type="checkbox"/>

Comentário do entrevistado: Fiz MBA recentemente, e mestrado e doutorado.

Pesquisadora: Como era sua vida escolar, você tinha muitos amigos, tirava notas boas, gostava de seus professores?

Entrevistado: Eu tinha muitos amigos, na rua onde eu morava se eu não era o dono da bola eu era o dono da bombinha de encher a bola.

Pesquisadora: Você nasceu em São Carlos/Araraquara? Se não, há quanto tempo se encontra na cidade? Quais foram os motivos que o trouxeram a cidade?

Entrevistado: Nasci em Uberlândia e quando tinha uns 25 anos, quando terminei a graduação eu vim para cá.

Pesquisadora: Quando você era pequeno, quem era o chefe de sua família? Você possui lembranças positivas com relação a ele (ela)? Qual era o trabalho (ocupação) de seus pais? Você se lembra de ter passado dificuldades financeiras em sua infância?

Entrevistado: Meu pai era empresário e minha mãe do lar.

Pesquisadora: Qual a escolaridade de seu pai? Qual a escolaridade de sua mãe?

	Escolaridade pai (ou responsável)	Escolaridade mãe (ou responsável)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Você tinha muitos amigos na escola? Como era sua convivência com os outros alunos? Você gostava de sua aparência? Teve crise de identidade, ou alguma atitude rebelde típica dos adolescentes?

Entrevistado: Ah (...) na adolescência eu já escolhia com que eu ia sair, eu não saía com qualquer pessoa, eu não namorava qualquer garota. Diziam que eu era metido mas eu selecionava. E hoje mais ainda, eu posso escolher o que eu quero conversar (...) hoje eu gosto de tratar assuntos filosóficos, tomando um bom vinho, só converso assuntos que podem me melhorar e melhorar o outro.

Pesquisadora: Que idade você tinha quando arranhou seu primeiro emprego? Qual emprego era? Conte um pouco sobre sua vida profissional, quais foram os caminhos que você percorreu?

Entrevistado: Comecei a trabalhar com onze anos por necessidade do meu pai e comecei a estudar a noite, e trabalhei com meu pai até os dezesseis anos e depois fui trabalhar em uma empresa. Para mim foi uma escola da vida que me mostrou pontos que não poderiam ser feitos. Eu até falei quando eu sai da empresa que ela não iria para frente. Fiquei observando como funcionava, quais os interesses de cada um, etc. Você pode saber o fim disso através de uma questão matemática. Sempre trabalhei por conta, mas cresci não querendo um emprego com carteira assinada. Eu trabalhei um ano e sete meses com a carteira assinada e não gostei. Ai eu voltei para a universidade, estudei e me formei. Depois eu vim fazer Pós-graduação e na Pós-graduação eu descobri os meus talentos. Desenvolvi as minhas pesquisas particulares. Ai a empresa cresceu, meu padrão de vida melhorou muito. Éramos sócios, todos químicos, mas eu deixei de lado a minha carreira acadêmica e cheguei aqui. Mas o meu conhecimento acadêmico foi fundamental para que eu chegasse até aqui. Eu adquiri liberdade para trabalhar. Mas isso não é uma liberdade que o dinheiro dá, é uma liberdade de ser e o dinheiro te dá uma liberdade de estar.

Pesquisadora: Para chegar ao cargo que você ocupa atualmente, alguém o incentivou financeiramente ou psicologicamente? Qual foi o papel da sua família, (quais as influências) dela, para a obtenção deste cargo?

Entrevistado: O apoio do meu pai foi o contrário, eu não era o filho que meu pai mais gostava. Mas se tivesse sido diferente eu seria como meus irmãos que trabalham com meu pai até hoje. Eu não partilhava de todas as opiniões dele e da turma dele. Mas a mola que fez eu chegar aonde cheguei foi esta.

Pesquisadora: Você gosta da sua profissão? Você identifica com ela, ou gostaria de ter outra profissão?

Entrevistado: Gosto sim. Tudo é muito mais do que a gente pensa que é. Aquelas coisas que podem existir (...) coisas que você quer às vezes não existem porque você não acredita. A vida tem o tamanho que você deseja que ela tenha. O mundo tem um Deus muito poderoso. O Deus dinheiro (...) por trás deste Deus se escondem as religiões, que alienam as pessoas. Cada um pega parte de uma verdade e se matam por isso. E através desse poder você destrói até o planeta (...) tudo isso em função de um Deus. Para você ter alegria na vida, e prazer, você precisa parar de ser servo dele (...) Na hora que você dá utilidade para ele, ele corre atrás de você. Ai você pode ganhar o tanto que você quiser. Eu sempre falei desde criança que meu objetivo era assinar um cheque e não me preocupar com o canhoto.(risos)

Pesquisadora: Quais foram as dificuldades que você encontrou para adquirir este cargo? Você sofreu algum tipo de preconceito no decorrer de sua carreira? Você se lembra de alguém tê-lo tratado mal ou com indiferença dentro da sua profissão, ou mesmo em sua vida cotidiana?

Entrevistado: Quem tiver o mesmo objetivo que eu, é meu amigo. De repente vi meus sócios saindo da empresa e eu comprando a parte deles e a empresa ficando comigo (...) e eu não briguei com eles. Eu sabia que isso ia dar certo daqui para frente. E eu passava isso para eles. Eles não acreditaram mas saíram.

Pesquisadora: Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação racial? Você acha que existe preconceito racial no Brasil?

Entrevistado: Nunca sofri. Mas existe preconceito racial no Brasil.

Pesquisadora: As afirmações abaixo correspondem a frases que as pessoas costumam falar. Por favor, diga se você concorda ou discorda (totalmente ou em parte) com cada uma das idéias:

		Concorda totalmente	Concorda em parte	Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sei
A	Uma boa coisa do povo brasileiro é a mistura de raças	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
B	Negro bom é negro de alma branca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
C	As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
D	Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor da pele.	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E	Negro quando não faz besteira na entrada, faz na saída	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
F	Se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
G	Se deus fez raças diferentes é para que elas não se misturem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>

Comentários do entrevistado:

A- Isso é um preconceito. Eu escuto isso.

C - Eu falo para as pessoas: “faça um serviço de negro”. As pessoas olham e eu digo: “serviço de negro é algo digno.” Eu uso o significado desta frase ao contrário.

Pesquisadora: como você se define segundo seus próprios critérios, como você se vê, no que diz respeito a cor?

Entrevistado: Sou negro.

Pesquisadora: Como você se define em termos de cor ou raça seguindo os critérios do IBGE?

<input type="checkbox"/>	Amarela
<input type="checkbox"/>	Branca
<input type="checkbox"/>	Indígena
<input checked="" type="checkbox"/>	Parda
<input type="checkbox"/>	Preta

Comentário do Entrevistado: É o que está na minha reservista. Até então para mim era mulato e não pardo.

Pesquisadora: Caso se defina ou não como negro, você participa do movimento negro da cidade ou de algo semelhante? O que você acha sobre o movimento negro de sua cidade? Você é filiado a algum outro movimento na cidade? Algum movimento político, cultural, etc?

Entrevistado: Não eu não freqüento nem freqüentei. Não gosto do tipo de movimento que dividi as pessoas, que as separa, e dá prioridades para brancos ou para negros. Acho que ser humano deve ser visto de forma geral.

Pesquisadora: Como seus colegas de trabalho o vêem diante dos outros? O tratam com respeito, costumam fazer piadinhas de mau gosto, alguma referente a sua cor? Como os funcionários os chamam, pelo nome, ou por apelido?

Entrevistado: Não¹⁰⁸

Pesquisadora: Depois que você adquiriu um certo status social, você percebeu que seus gostos e seu estilo de vida mudou? Como por exemplo, o estilo de roupa, sua alimentação, mudou de casa, de bairro, mudou seu gosto musical?

Entrevistado: Mudaram completamente, mas isso é algo que é natural não só da ascensão financeira, isso acontece em vários momentos. Quando você tem 20 pensa de um jeito quando tem 40 pensa de outro, você vai ampliando. Você compra um carro mil, depois compra um 1.0 (...) e aí você vai se refinando. Quando você não tem condições qualquer vinho serve, mas depois você toma um vinho Chileno, do Vale do São Francisco e vê que é do mesmo Padrão e aquele vinho pior de cinco litros (não vou falar a marca) atende outras classes na sociedade. Você vê jovens que participam do Big Brother, eles se destroem, porque para você ter dinheiro você precisa ter condições. Este refinamento faz parte do seu crescimento. Todo final de semana eu ia pra paria, bebia cerveja. Eu fui melhorando, e pensando no que as pessoas pensam, conhecer melhor as pessoas, olhar apara os outros e ver o que ele pensa. Aí meus hábitos foram se refinando.

Pesquisadora: Que tipo de atividades você costuma fazer/fazia (antes de obter este cargo) nas horas vagas?

Entrevistado: Este refinamento faz parte do seu crescimento. Todo final de semana eu ia pra paria, bebia cerveja. Eu fui melhorando, e pensando no que as pessoas pensam, conhecer melhor as pessoas, olhar apara os outros e ver o que ele pensa. Aí meus hábitos foram se refinando.

Pesquisadora: Quando sai entre amigos, sai com os amigos da empresa ou amigos de fora da empresa? Se são de fora, você os conhece de onde? Que profissões eles possuem? (se fazem parte do movimento negro da cidade) Com quem saia antes?

108 A resposta do entrevistado foi negativa, porém o gravador não funcionou neste momento da entrevista. Não foi possível captar a resposta completa do entrevistado.

Entrevistado: Meus amigos são do mundo todo. Aqui no Brasil nem se fala.

Pesquisadora: Você possui alguma religião, é praticante, ou já foi praticante antes?

Entrevistado: Não tenho religião, mas acredito em Deus.

Pesquisadora: Para cada uma das atividades abaixo assinale se as faz e com que frequência as faz.

Você...	Nunca	As vezes	Frequentemente
1. Costuma viajar nos feriados e finais de semana	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
2. Já foi ou é sócio de algum clube da cidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
3. Vai a centros culturais, como museus e exposições ou cinema	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Possui ou já possuiu casa de veraneio	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Lê revistas semanais como Caras, Contigo	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Lê jornais impressos, como Folha de SP, O Estado de SP, ou telejornais	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
7. Lê revistas semanais de variedades, como Veja, Época,	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
8. Pratica esportes algum tipo de esporte	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Freqüenta academia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
10. Vai ao teatro	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Acessa a internet (banda larga)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
12. Freqüenta cerimônias religiosas	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Assiste a programas televisivos de documentários/entrevistas	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
14. Assiste a programas de variedades como Faustão, Hebe, Gugu	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Costuma comer alimentos sofisticados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Freqüenta festas na casa de amigos	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
17. Costuma usar vestimentas sofisticadas (sociais, grife)	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
18. Você possui televisão a cabo (canais não convencionais)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
19. Possui trabalhadores domésticos em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X

Pesquisadora: Após ascender socialmente você passou a dar menos importância para a questão racial? Quando você ascendeu o preconceito diminuiu?

Entrevistado: É (...) eu nunca fui racista e nunca tive problemas, eu nunca me coloquei em posição inferior, não que eu seja arrogante, mas por isso sempre me chamavam de negro de alma branca. Eu sempre competi de igual para igual. A partir do momento que fui ascendendo como ser. Existe racial e regional. Qualquer local que eu vou me chamam de doutor e nem sabem que eu sou doutor. Comigo nunca houve preconceito.

Pesquisadora: Você é casado, ou já foi casado? Caso seja/foi casado, seu casamento foi um interacial (misto), com uma pessoa de outra raça/cor? Como foi essa experiência? Você é contra o casamento misto?

Entrevistado: A maioria das minhas namoradas eram brancas. Acho que não tem nada a ver porque o casamento envolve pessoas e não cor de pele.

Entrevista com profissional liberal (engenheiro) de 42 anos, casado, possui dois filhos e mora na cidade de São Carlos:

Pesquisadora: Quando o senhor (a) se lembra de sua infância, consegue defini-la como uma infância feliz?

X	Sim
	Não

Pesquisadora: Consegue lembrar-se dos bons momentos, você pode citar alguns exemplos? E dos momentos ruins, consegue se lembrar de momentos de dificuldade, quais são os que mais o marcaram?

Entrevistado: Ruins só relacionados à morte de algum parente, pessoas da família ligadas da gente. Eu não percebia dificuldades financeiras, mas era uma vida muito simples.

Pesquisadora: você estudou em escolas públicas ou privadas?

Entrevistado: Até o ginásio era pública e no colegial era particular.

Pesquisadora: Qual é a sua escolaridade?

	Escolaridade do entrevistado(a)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input checked="" type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>

Comentário do Entrevistado: Está fazendo o mestrado.

Pesquisadora: Como era sua vida escolar, você tinha muitos amigos, tirava notas boas, gostava de seus professores?

Entrevistado: Sempre, bastante amigos. Eu era um aluno médio.

Pesquisadora: Você nasceu em São Carlos/Araraquara? Se não, há quanto tempo se encontra na cidade? Quais foram os motivos que o trouxeram a cidade?

Entrevistado: São Carlos.

Pesquisadora: Quando você era pequeno, quem era o chefe de sua família? Você possui lembranças positivas com relação a ele (ela)? Qual era o trabalho (ocupação) de seus pais? Você se lembra de ter passado dificuldades financeiras em sua infância?

Entrevistado: Meu pai era o chefe, ele era contador antes e hoje funcionário público e minha mãe era do lar. Ela fazia algumas coisas para vender, bala de coco, ela era florista, fazia bijuterias.

Pesquisadora: Qual a escolaridade de seu pai? Qual a escolaridade de sua mãe?

	Escolaridade pai (ou responsável)	Escolaridade mãe (ou responsável)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	X
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	X	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Você tinha muitos amigos na escola? Como era sua convivência com os outros alunos? Você gostava de sua aparência? Teve crise de identidade, ou alguma atitude rebelde típica dos adolescentes?

Entrevistado: Eu sempre viajei, morei em várias cidades, São Carlos, Marília, e Ribeirão Preto. Então você faz um grupo de amizades e depois perde. Mas eu sempre fui muito tranquilo.

Pesquisadora: Que idade você tinha quando arranhou seu primeiro emprego? Qual emprego era? Conte um pouco sobre sua vida profissional, quais foram os caminhos que você percorreu?

Entrevistado: Foi numa (...) eu só trabalhei depois que me formei. Foi uma concreteira em São João do Rio Pardo. Me especializei em concreto e argamassa. Fui gerente de produção em uma concreteira. Fui demitido. E entrei em contato com um professor, meu atual orientador hoje. Ele tinha um projeto que percebia que faltava uma profissionalização na área de manutenção. Ele pesquisou mais de 40 prédios na cidade. A área dele era de patologias nas construções. Eu percebi que aqui em São Carlos quem fazia essa área era contador e faltava engenheiro, percebi que aqui tinha área para isso, para manutenção preventiva (...) Tinha algumas empresas assim em São Paulo, eu selecionei 4 dessas e fui para lá ver como funcionava. Consegui conversar com dois. Eu não tinha capital mas a idéia era boa. Fui nos prédios da pesquisa do meu orientador, visitá-los (...) fui buscar as normas técnicas para saber melhor e este engenheiro que me deu as normas me chamou para trabalhar com ele. Eu fui, disse que queria, era mais ou menos a minha área. Ele trabalhava com "cade", fazer desenho em computador. Fiquei quatro anos neste escritório. A Encol, empresa que a gente trabalhava, quebrou. Nosso faturamento caiu violentamente. Ai apareceu uma oportunidade de uma empresa de formas de madeira. Acabou não dando certo lá e voltei para cá. Mas antes eu trabalhei a noite com alguns projetos de outro amigo meu lá, projetos de instalações. Comecei a pegar algumas coisas aqui com amigos que me procuravam então eu já cheguei aqui com serviço. Ai o Kalaus me chamou e eu abri uma salinha para trabalhar por lá. E ai eu comecei desse jeito. Comecei a trabalhar como autônomo, ai chegou num ponto em que fechamos um contrato grande e abri a empresa juridicamente.

Pesquisadora: Para chegar ao cargo que você ocupa atualmente, alguém o incentivou financeiramente ou psicologicamente? Qual foi o papel da sua família, (quais as influências) dela, para a obtenção deste cargo?

Entrevistado: A grande herança que ele me deixou foi a possibilidade de estudo. Eu escolhi o que eu quis fazer, todas as opções foram minhas.

Pesquisadora: Você gosta da sua profissão? Você identifica com ela, ou gostaria de ter outra profissão?

Entrevistado: Sim.

Pesquisadora: Quais foram as dificuldades que você encontrou para adquirir este cargo? Você sofreu algum tipo de preconceito no decorrer de sua carreira? Você se lembra de alguém tê-lo tratado mal ou com indiferença dentro da sua profissão, ou mesmo em sua vida cotidiana?

Entrevistado: Isso é uma coisa que a gente conversa bastante em casa, porque minha mulher é branca e não negra. Mas eu acho que isso não é uma questão de raça, eu sou contra essa coisa de cotas, não autorizei minha filha a fazer a opção por cotas na UFSCar. Profissionalmente nunca senti nada. No colegial meu pai me colocou em escola particular e eu era o único negro. Mas eu fui muito bem recebido, me tratavam muito bem. Agora discriminação não sei se é uma coisa que acontece ou coisa da cabeça da pessoa. Na universidade também. Os negros na maioria das vezes eram africanos ou da América do sul, mas eram pouquíssimos. Agora fora, profissionalmente não.

Pesquisadora: Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação racial? Você acha que existe preconceito racial no Brasil?

Entrevistado: Eu acho que existe, mas a questão é muito de como a pessoa se porta. Se houver ou você não percebe ou não vai dar chances para as pessoas falarem. Um exemplo é meu pai adorava beber cerveja, mas nunca vi ele bebendo em bar. Ele ensinava pra gente que não era por aí. Confusão também nenhuma. E ele procurou ensinar para a gente a importância de estar estudando. Com meu pai os irmãos mais velhos trabalhavam e criaram condições para meu pai que era mais novo estudar. Hoje eu acho que a coisa está invertendo, acaba uns tendo mais espaço que outros, isso por tonalidade de pele e não de raça. A minha filha se você ver é branca, mas ela é afro-descendente. Esta discussão de tonalidade de pele eu não concordo. Existe preconceito com o pobre. Mercado de trabalho é mais complicado sim, mas pense no seguinte, é uma questão de estudo. Mas por exemplo concurso público, você não depende de nada. Tem que estudar muito. É fácil você falar que é preconceito, mas então estuda! Eu não sou diferente de ninguém, mas eu me esforço muito.

Pesquisadora: As afirmações abaixo correspondem a frases que as pessoas costumam falar. Por favor, diga se você concorda ou discorda (totalmente ou em parte) com cada uma das idéias:

		Concorda totalmente	Concorda em parte	Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sei
A	Uma boa coisa do povo brasileiro é a mistura de raças	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
B	Negro bom é negro de alma branca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
C	As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esporte	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D	Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor da pele.	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E	Negro quando não faz besteira na entrada, faz na saída	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
F	Se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
G	Se deus fez raças diferentes é para que elas não se misturem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>

Comentários Entrevistado:

A- A coisa mais fantástica é isso. Minha prima fez farmácia e conseguiu um cargo de gerencia viajava o Brasil todo e conseguiu uma promoção nos Estados Unidos. O americano é assim, trabalho, trabalho, separado da vida pessoal. Lá tem preconceito. No Brasil, o melhor é mistura de raças.

B- Dói no ouvido.

E- Acho que é racista esta frase. O negro tem um biótipo de se destacar nos esportes. Isto foi cientificamente comprovado. Negro tem no Brasil, na Europa não tem.

F- Comer bem é importante, mas na média, não acho que é falta de comida o problema. Estudo é questão de educação. Existe o problema da falta de educação. Do pai não passar para os filhos os problemas de estudo (...) a maioria não estuda, então não é uma questão de acesso.

Pesquisadora: Como você se define segundo seus próprios critérios, como você se vê, no que diz respeito a cor?

Entrevistado: Sou negro.

Pesquisadora: Como você se define em termos de cor ou raça seguindo os critérios do IBGE?

<input type="checkbox"/>	Amarela
<input type="checkbox"/>	Branca
<input type="checkbox"/>	Indígena
<input checked="" type="checkbox"/>	Parda
<input type="checkbox"/>	Preta

Comentário do entrevistado: Deveria ser negro ou branco.

Pesquisadora: Caso se defina ou não como negro, se participa do movimento negro da cidade ou de algo semelhante? O que você acha sobre o movimento negro de sua cidade? Você é filiado a algum outro movimento na cidade? Algum movimento político, cultural, etc?

Entrevistado: São movimentos que pregam o racismo ao contrário. Todo movimento deve ter uma finalidade. Mas a forma que eles fazem prega o racismo ao contrário. Tem que dar cotas para quem estuda na escola pública e tem nota.

Pesquisadora: Como seus colegas de trabalho o vêem diante dos outros? O tratam com respeito, costumam fazer piadinhas de mau gosto, alguma referente a sua cor? Como os funcionários os chamam, pelo nome, ou por apelido?¹⁰⁹

Pesquisadora: Depois que você adquiriu um certo status social, você percebeu que seus gostos e seu estilo de vida mudou? Como por exemplo, o estilo de roupa, sua alimentação, mudou de casa, de bairro, mudou seu gosto musical?

Entrevistado: Ah sim na medida que o tempo vai passando isso vai (...) uma das coisas foi o acesso a universidade. Eu falo isso para a minha filha. A minha formação como pessoa, essa é a importância, e isso te possibilita uma mudança de comportamento também. E a ascensão também muda.

Pesquisadora: Que tipo de atividades você costuma fazer/fazia (antes de obter este cargo) nas horas vagas?

Entrevistado: Qual lazer, na verdade eu posso dizer que meu lazer é brincar com meu filho.

Pesquisadora: Quando sai entre amigos, sai com os amigos da empresa ou amigos de fora da empresa? Se são de fora, você os conhece de onde? Que profissões eles possuem? (se fazem parte do movimento negro da cidade) Com quem saia antes?

Entrevistado: A maioria deles são brancos, mas são clientes, pessoas da cidade, etc

109 Por circunstâncias momentâneas esta questão não foi feita.

Pesquisadora: Você possui alguma religião, é praticante, ou já foi praticante antes?

Entrevistado: Espírita.

Pesquisadora: Para cada uma das atividades abaixo assinale se as faz e com que frequência as faz.

Você...	Nunca	As vezes	Frequentemente
1. Costuma viajar nos feriados e finais de semana	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Já foi ou é sócio de algum clube da cidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
3. Vai a centros culturais, como museus e exposições ou cinema	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Possui ou já possuiu casa de veraneio	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Lê revistas semanais como Caras, Contigo	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Lê jornais impressos, como Folha de SP, O Estado de SP, ou telejornais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
7. Lê revistas semanais de variedades, como Veja, Época,	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Pratica esportes algum tipo de esporte	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Freqüenta academia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
10. Vai ao teatro	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Acessa a internet (banda larga)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
12. Freqüenta cerimônias religiosas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
13. Assiste a programas televisivos de documentários/entrevistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
14. Assiste a programas de variedades como Faustão, Hebe, Gugu	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Costuma comer alimentos sofisticados	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Freqüenta festas na casa de amigos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Costuma usar vestimentas sofisticadas (sociais, grife)	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Você possui televisão a cabo (canais não convencionais)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Possui trabalhadores domésticos em casa	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Comentários do Entrevistado:

15- Comidas brasileiras, arroz, feijão.

Pesquisadora: Após ascender socialmente você passou a dar menos importância para a questão racial? Quando você ascendeu o preconceito diminuiu?

Entrevistado: Ah eu acho que há um debate maior sobre isso. Eu acho que meus filhos devem compreender isso melhor. Eu tenho muitas dúvidas se isso (...) tenho dúvida não, eu acho que pode ser uma coisa da cabeça das pessoas. A pessoa que tem preconceito não vai melhorar, mas dependendo do meu comportamento, você pode dar margem ou não para comentários, entendeu, se você sabe se portar conversar e agir em determinadas situações você não vai dar margem para a pessoa dizer as coisas. Ai você estigmatiza, negro fica no bar bebendo cerveja, é vagabundo, etc. O maior problema hoje no Brasil é a falta de educação.

Pesquisadora: Você é casado, ou já foi casado? Caso seja/foi casado, seu casamento foi um interacial (misto), com uma pessoa de outra raça/cor? Como foi essa experiência? Você é contra o casamento misto?

Entrevistado: Qual dos dois você acha que sofreu mais preconceito racial eu ou ela. Ela sofreu infinitamente mais preconceito da minha família. Existe um movimento e da forma que ele se porta, a questão está sendo tratada de forma

inversa. Por isso que eu não concordo com o que eles pregam. No meu universo o negro hoje é muito mais racista do que o branco, infelizmente.

Entrevista com uma profissional liberal (farmacêutica) de 23 anos e Solteira. Atualmente ela mora na cidade de Araraquara.

Pesquisadora: Quando o senhor (a) se lembra de sua infância, consegue defini-la como uma infância feliz?

A minha infância foi feliz, não me lembro de nenhum momento trágico.

x	Sim
	Não

Pesquisadora: Consegue lembrar-se dos bons momentos, você pode citar alguns exemplos? E dos momentos ruins, consegue se lembrar de momentos de dificuldade, quais são os que mais o marcaram?

Entrevistada: Um momento não, mas me geral quando a família se reunia, todos os netos, em épocas de férias a família vinha almoçar, dormia na casa da minha avó, eram momentos bons e marcantes. Os ruins foi quando perdi meu avô.

Pesquisadora: Você estudou em escolas públicas ou privadas?

Entrevistada: Escola pública, no colegial foi privada, no primeiro e segundo colegial.

Pesquisadora: Qual é a sua escolaridade?

	Escolaridade do entrevistado(a)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input checked="" type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Como era sua vida escolar, você tinha muitos amigos, tirava notas boas, gostava de seus professores?

Entrevistada: Tinha muitos amigos, como dizia minha mãe era a gangue, (risos). A maioria morava na vila Ferroviária, estudava no João Manuel, almoçava e já brincava, alguns professores eu gostava mais do que outros.

Pesquisadora: Você nasceu em São Carlos/Araraquara? Se não, há quanto tempo se encontra na cidade? Quais foram os motivos que o trouxeram a cidade?

Entrevistada: Sou de Araraquara, minha mãe é de Cordeirópolis, e meu pai é daqui. Minha mãe nasceu e já veio para cá. A família do meu pai a maioria é de Taquaritinga.

Pesquisadora: Quando você era pequeno, quem era o chefe de sua família? Você possui lembranças positivas com relação a ele (ela)? Qual era o trabalho (ocupação) de seus pais? Você se lembra de ter passado dificuldades financeiras em sua infância?

Entrevistada: Meu pai, mas minha mãe sempre ajudava no possível. Eram os dois na verdade. Ele tem salário fixo, mas ela vendia as coisas (...)Tenho lembranças positivas sobre meu pai ele era meu espelho.Meu pai abriu uma firma mas ele era bombeiro. Ele fazia bicos de pintura e abriu a firma. Faz uns cinco anos que ele possui esta firma. Lembro de uma época que meu pai ia para o Paraguai e a mercadoria queimou e eu sabia que estava acontecendo algo de errado. Minha mãe perdeu a mãe cedo, começou a trabalhar em casa de família. Ela fazia balé, mas teve que parar porque meu avô não aceitava. Ela recebeu proposta par dançar fora. Ela teve que parar. Ele tinha uma cabeça dos antigos dos antiga, não aceitava. Seis filhos a única mulher, protegida (...)Foi uma revolução na vida dela, era uma menininha ajudava a mãe, perdeu a mãe, teve que cuidar de cinco irmãos mais velhos que ela, e do pai. Ai meu avô teve outro relacionamento mais três filhos, ele se casou nova e começou a trabalhar. Ela casou começou a vender as coisas, produtos, depois abriu uma loja em sociedade com uma amiga, depois ela fechou a loja e continuou vendendo as coisas.

Pesquisadora: Qual a escolaridade de seu pai?Qual a escolaridade de sua mãe?

	Escolaridade pai (ou responsável)	Escolaridade mãe (ou responsável)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Você tinha muitos amigos na escola? Como era sua convivência com os outros alunos? Você gostava de sua aparência? Teve crise de identidade, ou alguma atitude rebelde típica dos adolescentes?

Entrevistada: Era tranqüila, meus amigos de infância continuam até hoje. Foram embora mas quando eles voltam a gente sempre se liga e conversa. Sempre impliquei com o fato de ser gordinha. A fase que tive que colocar aparelho também, tive problemas com espinhas, essas coisas.

Pesquisadora: Que idade você tinha quando arranjou seu primeiro emprego? Qual emprego era? Conte um pouco sobre sua vida profissional, quais foram os caminhos que você percorreu?

Entrevistada: Eu trabalhei numa farmácia mas fiquei pouco tempo, foi em Americana. Eu tinha acabado de perder a minha mãe no final da faculdade e estava desanimada. Conheci a Márcia e fiquei sabendo sobre o projeto de anemia falciforme. Foram aparecendo outros serviços e eu fui recusando. Em farmácia, mas não é o que eu quero, eu quero laboratório. Gostaria de procurar em indústrias porque a chance de ser contratada é maior. Só que a verba do projeto demorou pra sair, fiquei amarrada e recusando outras propostas. Mas agora eu pretendo trabalhar em São Paulo em uma farmácia. Já passei no processo seletivo. Mesmo que o projeto saia até junho eu to indo embora. A verba do projeto é maior, mas é uma questão complicada, a questão financeira o projeto seria legal, os dois são na área da saúde, mas trabalhar com anemia falciforme eu gostei, mas de qualquer forma eu tenho que trabalhar.

Pesquisadora: Para chegar ao cargo que você ocupa atualmente, alguém o incentivou financeiramente ou psicologicamente? Qual foi o papel da sua família, (quais as influências) dela, para a obtenção deste cargo?

Entrevistada: Meu pai pagou a faculdade para mim e estágio não era remunerado. Não minha mãe queria que eu fizesse direito e meu pai teve uma época que queria que eu fizesse Barro branco, eu acho interessante mas não me

identifico. Eu queria medicina, terminei o terceiro e fiz cursinho, mas não levava a sério. Minha mãe achou que eu ia perder tempo pagando cursinho. No cursinho eu conheci uma farmacêutica que me mostrou que não era só ficar em balcão de farmácia. Escolhi isso por ser mais fácil passar.

Pesquisadora: Você gosta da sua profissão? Você identifica com ela, ou gostaria de ter outra profissão?

Entrevistada: Eu gosto da área da saúde.

Pesquisadora: Quais foram as dificuldades que você encontrou para adquirir este cargo? Você sofreu algum tipo de preconceito no decorrer de sua carreira? Você se lembra de alguém tê-lo tratado mal ou com indiferença dentro da sua profissão, ou mesmo em sua vida cotidiana?

Entrevistada: Já. Eu tava em São Paulo fazendo processo seletivo e uma farmácia daqui me ligou. Me disseram que meu currículo era bom que e gostou porque eu morava perto e tal, estava praticamente certo. Eu fui bem arrumada estava de social, na hora que eu cheguei ele me olhou e tratou super bem. Mas disse que tinha outras pessoas pra entrevistar e depois em ligava. Ele não ligou. No dia seguinte meu pai passou lá e uma pessoa de Ribeirão Preto estava trabalhando lá, tanto que ele queria uma pessoa daqui para não pagar a viagem. E essa pessoa era branca. A cidade de Araraquara é bastante preconceituosa. Eu sofri preconceito no comércio, era uma pessoa negra. Eu tava conversando com a minha irmã e escolhendo um esmalte na loja, e tinha um cara olhando eu achei que estava me paquerando, eu não ando mal arrumada para ele achar que eu tava roubando. Comentei com a minha irmã que ele estava olhando. Quando estava pagando no caixa as coisas, ele falou: “nunca faça nada que envergonhe a sua raça”. Perguntei: “Porque você falou isso, achou que eu estava roubando?” Fiquei nervosa deixei a mercadoria lá, e comecei a chorar dizendo que não ia entrar mais na loja. Cheguei em casa minha mãe avisou meu pai e meu pai foi de resgate no meio da rua dois parou e levou três tios. A dona mandou falar baixo, mas meu pai não ficou quieto, dizendo que minha filha é uma pessoa estudada. A dona foi em casa levou o kit de coisas para mim, mas até hoje esta pessoa não olha na minha cara.

Pesquisadora: Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação racial? Você acha que existe preconceito racial no Brasil?

Entrevistada: Existe, é uma coisa velada. Existe a dificuldade de uma pessoa assumir que a outra é negra. As pessoas tentam disfarçar dizendo que você é morena ou que seu cabelo não é ruim.

Pesquisadora: As afirmações abaixo correspondem a frases que as pessoas costumam falar. Por favor, diga se você concorda ou discorda (totalmente ou em parte) com cada uma das idéias:

		Concorda totalmente	Concorda em parte	Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sei
A	Uma boa coisa do povo brasileiro é a mistura de raças	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
B	Negro bom é negro de alma branca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
C	As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D	Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor da pele.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E	Negro quando não faz besteira na entrada, faz na saída	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
F	Se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
G	Se deus fez raças diferentes é para que elas não se misturem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Comentários da entrevistada: O negro e o branco têm oportunidades eu acho que é igual, mas o preconceito é uma barreira.

Pesquisadora: Como você se define segundo seus próprios critérios, como você se vê, no que diz respeito a cor?

Entrevistada: Sou negra. Cor preta eu acho que é pejorativo, eu prefiro raça negra.

Pesquisadora: Como você se define em termos de cor ou raça seguindo os critérios do IBGE?

<input type="checkbox"/>	Amarela
<input type="checkbox"/>	Branca
<input type="checkbox"/>	Indígena
<input type="checkbox"/>	Parda
<input checked="" type="checkbox"/>	Preta

Pesquisadora: Caso se defina ou não como negro, você participa do movimento negro da cidade ou de algo semelhante?

Entrevistada: Não. Eu venho ao centro de referências só. Eu conheço muito pouco do movimento negro. Fui apresentada há pouco tempo. Tem pessoas e pessoas no movimento negro. Lutar pelos seus direitos sem querer prejudicar o branco e sem se vangloriar por ser negro é válido. Eu acho ruim você também se rebaixar por ser negro, por exemplo, não vou trabalhar no shopping porque lá não vão me contratar. Eu conheço uma amiga da minha mãe que achava o cúmulo minha mãe alisar o cabelo. Alisar é um gosto, não é questão de moda. Eu sempre gostei de cacheado, mas já alisei algumas vezes. Nessa moda de escolha e chapinha eu uso. Toda vez que eu vou procurar um serviço ou fazer entrevista eu tiro a trança e deixo liso. Mas como eu dependo disso preciso alisar. Aqui em Araraquara qualquer farmácia eu tiro as tranças na entrevista.

Pesquisadora: Como seus colegas de trabalho o vêem diante dos outros? O tratam com respeito, costumam fazer piadinhas de mau gosto, alguma referente a sua cor? Como os funcionários os chamam, pelo nome, ou por apelido?

Entrevistada: Me lembro só no primário que um menino me chamava de neguinha de macaquinha e eu quase bati em um menino. Sem ser esse menino não tive apelidos.

Pesquisadora: Que tipo de atividades você costuma fazer/fazia – como hábitos de consumo (antes de obter este cargo) nas horas vagas?

Entrevistada: Agora é mais difícil, antes minha mãe me dava dinheiro, hoje eu tenho que me virar. Mudou para pior. Não que meu pai seja pão duro, mas ele não entende o que a mulher precisa. Meus gostos sempre foram assim, uma coisa que não foi estimulada foi a parte da leitura, meu pai gostava de ler muito, minha mãe não.

Pesquisadora: Quando sai entre amigos, sai com os amigos da empresa ou amigos de fora da empresa? Se forem de fora, você os conhece de onde? Que profissões eles possuem? (se fazem parte do movimento negro da cidade) Com quem saía antes?

Entrevistada: São brancos. Nas escolas que eu estudava a maioria era branca. Na faculdade na minha turma eu era a única negra, mas nunca tive problemas de preconceito. Eu tenho muitos amigos negros, mas a maioria é branca.

Pesquisadora: Você possui alguma religião, é praticante, ou já foi praticante antes?

Entrevistada: Era. Era praticante, sempre católica, sempre ia na missa, crisma, grupo de jovens. Parei grupo de jovens e quando perdi minha mãe não fui mais. Comecei a ir em uma casa espírita. Foi um lugar onde me senti bem. Fui uma época no budismo para entender melhor sobre a morte. E depois fui na umbanda. De vez em quando eu vou, pois minha tia tem um centro. No terreiro da minha tia não tem muito negro não. Os médiuns são brancos. Eu vou lá, mas

tenho medo. Se me perguntarem eu estou mais pra espírita. Eu tenho um pouco de preconceito de falar que sou umbandista.

Pesquisadora: Para cada uma das atividades abaixo assinale se as faz e com que frequência as faz.

Você...	Nunca	As vezes	Frequentemente
1. Costuma viajar nos feriados e finais de semana	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Já foi ou é sócio de algum clube da cidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
3. Vai a centros culturais, como museus e exposições e outros	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Vai ao cinema	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Lê revistas semanais como Caras, Contigo	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Lê jornais impressos, como Folha de SP, O Estado de SP	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
7. Lê revistas semanais de variedades, como Veja, Época,	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Pratica esportes algum tipo de esporte	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Freqüenta academia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
10. Vai ao teatro	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Acessa a internet	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
12. Freqüenta cerimônias religiosas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
13. Assiste a programas televisivos de documentários/entrevistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
14. Assiste a programas de variedades como Faustão, Hebe, Gugu ou programas de entretenimento	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Assiste a telejornais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
16. Freqüenta festas na casa de amigos	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Você é casado, ou já foi casado? Caso seja/foi casado, seu casamento foi um interracial (misto), com uma pessoa de outra raça/cor? Como foi essa experiência? Você é contra o casamento misto?

Entrevistada: Sou a favor. É aquela coisa né, um do lado da família sente mais preconceito. Eu tava conversando com um menino esses dias, e minha tia disse para ele que, um cara que namora com uma branca, a primeira briga que eles tiveram iriam chamar ele de macaco. Ai o moço disse você tinha razão, ela me chamou de gorila.

Pesquisadora: Você se preocupa com a questão da raça depois que ascendeu ou acha que não tem importância para você? E o preconceito racial se modifica quando você ascende? ¹¹⁰

Entrevistada: Me preocupo acho que as pessoas tem que lutar principalmente as mulheres negras tem que lutar por uma posição maior. Eu fico triste de ver meninas que não querem estudar que só pensam em namorado. Minha mãe sempre me ensinou a ser independente, independente de homem nenhum. Existem pessoas que continuam com o preconceito. A pessoa vai ter que me engolir. Li uma matéria e vi que a presidente dos peritos criminais em São Paulo é uma negra, eu vi isso e fiquei muito feliz.

¹¹⁰ Esta foi a primeira entrevista realizada. A partir dela fiz algumas modificações nos outros questionários. Realizei anteriormente uma entrevista como pré-teste, mas ela não foi suficiente para que fossem visualizados todos os erros do questionário inicial.

Entrevista com um profissional liberal de 48 anos, casado e com dois filhos. Nasceu em Águas da Prata, mas mora em São Carlos atualmente.

Pesquisadora: Quando o senhor (a) se lembra de sua infância, consegue defini-la como uma infância feliz?

	Sim
x	Não

Pesquisadora: Consegue lembrar-se dos bons momentos, você pode citar alguns exemplos? E dos momentos ruins, consegue se lembrar de momentos de dificuldade, quais são os que mais o marcaram?

Entrevistado: Tudo na minha vida foi com dificuldade. Sofrida sim (...) Na hora que chegava na leitura eu ia tomar água, porque eu ia tomar água? Porque não tinha torneira para tomar água, então eu tomava água do rio (...) Depois um dia me pegaram. A professora desconfiou. Naquela época estava todo mundo dentro da sala me procurando, e eu achei que já era intervalo né para voltar (...) na hora que eu voltei a professora pediu para um mais fortinho, quebrar um ganho de árvore e naturalmente eu apanhei bastante da professora deste dia. Naquela época ainda havia isto, repressão. E eu pensava, um dia eu mudo isto (...) isto não vai ficar assim. Foi nesta época apanhando que eu descobri o que era a mentira. A minha mãe foi me levar para a escola e perguntou para a professora o que tinha acontecido. A professora perguntou para a classe toda se tinha acontecido alguma coisa, e eles responderam que não. Aí eu descobri o que era a mentira.

Pesquisadora: você estudou em escolas públicas ou privadas?

Entrevistado: Até a quarta série escola rural publica. E aquilo que eu havia falado, não havia banheiro não havia água para tomar. A escola era em uma fazenda que eu morava, inclusive não tinha banheiro até as necessidades dos dia a dia (...) não tinha papel higiênico, era folha mesmo. Naquela época nos anos 70 não havia transporte publico para os jovens da fazenda. Portanto só estudavam os filhos de fazendeiro e sitiantes. Filhos de lavrador, não de um braçal, não podia. Ai um professora da quarta serie me incentivou bastante, incentivou o marido dela que era um delegado, a pagar metade da perua taxia. Ai eu me mudei para a cidade, e fiz uma escola de bairro bastante pobre. Só o colégio que foi técnico.

Pesquisadora: Qual é a sua escolaridade?

	Escolaridade do entrevistado(a)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input checked="" type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Como era sua vida escolar, você tinha muitos amigos, tirava notas boas, gostava de seus professores?

Entrevistado: Muitos amigos! Mesmo os bons os falsos amigos, mas eu tive muitos.

Pesquisadora: Você nasceu em São Carlos/Araraquara? Se não, há quanto tempo se encontra na cidade? Quais foram os motivos que o trouxeram a cidade?

Entrevistado: Águas da prata.

Pesquisadora: Quando você era pequeno, quem era o chefe de sua família? Você possui lembranças positivas com relação a ele (ela)? Qual era o trabalho (ocupação) de seus pais? Você se lembra de ter passado dificuldades financeiras em sua infância?

Entrevistado: Os dois, minha mãe por mais braveza. Até o meu primário meu pai trabalhava com lavoura de café e minha mãe também, ajudando ele, os dois trabalhavam. Desde que eu me conheço por gente a diferença era o tamanho da enxada, quando você é pequeno é um enxadinha bem estreitinha (...)

Pesquisadora: Qual a escolaridade de seu pai? Qual a escolaridade de sua mãe?

	Escolaridade pai (ou responsável)	Escolaridade mãe (ou responsável)
Analfabeto	X	X
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Você tinha muitos amigos na escola? Como era sua convivência com os outros alunos? Você gostava de sua aparência? Teve crise de identidade, ou alguma atitude rebelde típica dos adolescentes?

Entrevistado: Agitado na sexta serie com 12 anos de idade nos anos 70 foi um dos piores anos da ditadura militar. Eu tinha uma noção da política através de um membro da família (...). E professor falou literalmente que os comunistas comiam criançinha, e eu interrompi e falei, eu discordo, naturalmente em menos de 2 ou três minutos a aula encerrou, eu fui levado para uma diretoria, resumindo, eu passei momentos assim, terríveis, por falar o que eu pensava. Ai eu aprendi que o ser humano tem que medir o que fala e onde fala e que também não poderia confiar naqueles que deveria confiar. Depois disso eu passei a ser aquele aluno exemplar.

Pesquisadora: Que idade você tinha quando arranjou seu primeiro emprego? Qual emprego era? Conte um pouco sobre sua vida profissional, quais foram os caminhos que você percorreu?

Entrevistado: Meu primeiro trabalho foi na lavoura, desde que eu em conheço por gente eu sempre trabalhei. Depois eu fui bóia-fria, morava na cidade e trabalhava na lavoura de café. No ginásio o que acontecia, eu estudei no período da manhã, minha mãe também trabalhava na lavoura então, no sábado ou nos feriados, eu ia no lugar dela, ela ficava em casa trabalhando. No primeiro colegial eu estava em meu primeiro trabalho em uma fábrica de pré-moldados, e o meu patrão falou que eu não precisava mais vir, era para eu comparecer na escola Padre Josué, é para você estar lá tal hora (...) e tal. E lá me fizeram uma homenagem. Então o "totó" que todo mundo chamava passou a ser especial. Mas talvez os adultos que cometeram aquilo na sexta série resolveram me fazer a homenagem (...) e me tocou. O apelido era racista. A princípio ele era totalmente de cunho racista, eu apenas o absorvi e deixei ficar suave e gostoso. Na verdade tinha um seriado, ou uma coisa assim, que tinha dois macaquinhos, Judy e Totó, um outro colega não permitiu o apelido, mas eu gostava do som totó, eu achava carinhoso.

Depois eu aprendia a trabalhar com tipografia, foi uma maravilha sair do pesado para a tipografia, ai eu trabalhei na indústria, na produção, trabalhei em escritório. A primeira vez que o direito surgiu na minha vida eu tinha por volta de uns cinco ou seis anos de idade. Eu estava carpindo na plantação de feijão. Eu estava segurando o cabo da enxada ai meu pai comentou comigo que quando eu crescesse eu iria mudar para a cidade e ser mecânico de automóvel, e foi o

primeiro momento que eu disse que não seria, que eu seria advogado. E ele dizia: “para com isso, não tem condição nenhuma”. E eu respondia: “eu vou ser”. Este foi meu primeiro momento da advocacia. Quando eu estava em um caminhão de bóia-fria por volta dos 12 anos, o famoso pau de Arara que as vezes nem tinha banco para sentar. Ai passava um carro bonito, eu olhava e dizia para os meus colegas:” ta vendo este carro, daqui alguns anos eu vou ser advogado e vou com pressa porque não vou ter tempo de ficar atrás de caminhão de bóia-fria”. O pessoal sorria e falava: “você é um sonhador!” Mas tinha dia que eu estava mais inspirado e falava: “Detalhe, ainda vou tirar umas belas férias na Itália.” Os caras falavam: “você não é sonhador, você é louco” Isso era muito divertido (...) Então a advocacia em mim (...) já estava impregnada.

Pesquisadora: Para chegar ao cargo que você ocupa atualmente, alguém o incentivou financeiramente ou psicologicamente? Qual foi o papel da sua família, (quais as influências) dela, para a obtenção deste cargo? ¹¹¹

Pesquisadora: Você gosta da sua profissão? Você identifica com ela, ou gostaria de ter outra profissão?

Entrevistado: Eu amo.

Pesquisadora: Quais foram as dificuldades que você encontrou para adquirir este cargo? Você sofreu algum tipo de preconceito no decorrer de sua carreira? Você se lembra de alguém tê-lo tratado mal ou com indiferença dentro da sua profissão, ou mesmo em sua vida cotidiana?

Entrevistado: Sim. Vários. Quando você vive um momento de dificuldade na vida, a cultura ela te traz respeito. Não estou dizendo que eu seja culto em hipótese alguma, mas me considero esforçado. Com o passar do tempo, seja na profissão, seja no dia a dia, na escola, conforme ocorriam os fatos, “o orador da turma”, “o representante de classe”, ou qualquer coisa neste sentido o preconceito diminui. Mas se a pessoa está agindo com preconceito eu chego e falo, mas falo assim com carinho não com revolta. Eu pensava assim: “se você não gostar de mim por este motivo, você ainda vai me amar”. E esta regra sempre funcionou.

Pesquisadora: Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação racial? Você acha que existe preconceito racial no Brasil?

Entrevistado: Existe no Brasil, sofri (...) tem um fato interessante, ainda na faculdade. Eu era o número 9, e toda vez que ele chegava no 9, o professor sempre perguntava: “quem é?”. Até que chegou um dia eu respondi, “o senhor já sabe, e eu também sei por que o senhor faz isso”. E ai era um preconceito claro (...) Depois no final do curso o professor tentou justificar comigo dizendo assim “Ah, eu queria fazer isso para você reagir”. Mas a diferença do preconceito no Brasil é que nem sempre ele é claro! Ninguém vai chegar e dizer “olha eu não gosto de você porque você é preto”. Ele é muito mascarado (...) Uma vez tinham duas vagas para trabalhar no escritório e a escola escolheu eu e mais três alunos. Tínhamos que fazer um teste. Fomos fazer o teste, era o seguinte, devíamos escrever uma carta pedindo o emprego. Eu fiz as minhas cartas, as dos meus colegas, na verdade procurei fazer um pouco a mais para mim e um dos dois foram escolhidos e eu não.

111 Esta questão não foi perguntada pois as outras questões já deram conta da resposta.

Pesquisadora: As afirmações abaixo correspondem a frases que as pessoas costumam falar. Por favor, diga se você concorda ou discorda (totalmente ou em parte) com cada uma das idéias:

		Concorda totalmente	Concorda em parte	Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sei
A	Uma boa coisa do povo brasileiro é a mistura de raças	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
B	Negro bom é negro de alma branca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
C	As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
D	Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor da pele.	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
E	Negro quando não faz besteira na entrada, faz na saída	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
F	Se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
G	Se deus fez raças diferentes é para que elas não se misturem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>

Comentário do Entrevistado:

A- É um privilégio

Pesquisadora: como você se define segundo seus próprios critérios, como você se vê, no que diz respeito a cor?

Entrevistado: Negro. Nos meus documentos está pardo.

Pesquisadora: Como você se define em termos de cor ou raça seguindo os critérios do IBGE?

<input type="checkbox"/>	Amarela
<input type="checkbox"/>	Branca
<input type="checkbox"/>	Indígena
x	Parda
<input type="checkbox"/>	Preta

Comentário do entrevistado: Na visão deles e não na minha sou pardo.

Pesquisadora: Caso se defina ou não como negro, você participa do movimento negro da cidade ou de algo semelhante? O que você acha sobre o movimento negro de sua cidade? Você é filiado a algum outro movimento na cidade? Algum movimento político, cultural, etc?

Entrevistado: Eu nunca participei. Mas acho que são importantes. Mas não participo porque já vi preconceito. E eu não tolero preconceito nem de um lado nem de outro. Eu tenho amigos mas não participei diretamente por causa do preconceito. Talvez com o tempo eu possa absorver isso para participar, posso até ajudar. Eu não tenho preconceito porque minha mãe era de pele clara e meu pai era mais negro. Eu não tenho o preconceito como aquela coisa de Estados Unidos (...) mas que merece o movimento por suas conquistas, etc, etc, está corretíssimo.

Pesquisadora: Como seus colegas de trabalho o vêem diante dos outros? O tratam com respeito, costumam fazer piadinhas de mau gosto, alguma referente a sua cor? Como os funcionários os chamam, pelo nome, ou por apelido?¹¹²

Pesquisadora: Depois que você adquiriu um certo status social, você percebeu que seus gostos e seu estilo de vida mudou? Como por exemplo, o estilo de roupa, sua alimentação, mudou de casa, de bairro, mudou seu gosto musical?

Entrevistado: Mudar gosto, qualquer ser humano independente de raça. Melhorar a alimentação, o vestir. Quando eu era bóia-fria eu pensava em um advogado bem vestido, não pensava em um pobre miserável. Para poder curtir o que tinha de melhor (...) Então a mudança social, a qualidade de vida é normal em todo o ser humano. O que não pode mudar é o caráter, é não esquecer da sua própria história. O que não pode mudar é o amor, é o respeito, é a luta pelas conquistas e pela melhora de vida. Uma casa melhor, um carro melhor, isto é natural de todo o ser humano.

Pesquisadora: Que tipo de atividades você costuma fazer/fazia (antes de obter este cargo) nas horas vagas?¹¹³

Pesquisadora: Quando sai entre amigos, sai com os amigos da empresa ou amigos de fora da empresa? Se são de fora, você os conhece de onde? Que profissões eles possuem?(se fazem parte do movimento negro da cidade) Com quem saia antes?

Entrevistado: Eu sou amigo de muitas e muitas pessoas. Agora quando você fala “amigo” mesmo, amigo é muito forte, é uma das coisas mais raras. Então eu diria para você que eu tenho dois amigos. Um tem um nível social privilegiado, é uma autoridade. E outro é bem humilde. São aquelas pessoas que posso conversar. São pessoas que nos momentos difíceis de outros preconceitos, conhece você (...) Mas devido ao meio social a maioria são claras, mas se apertar ai sempre tem outras pessoas, assim como é o povo brasileiro né a mistura (...)

Pesquisadora: Você possui alguma religião, é praticante, ou já foi praticante antes?

Entrevistado: Nasci na católica e pretendo morrer na católica (...)

112 O entrevistado respondeu esta pergunta em outra questão.

113 Esta pergunta não foi feita.

Pesquisadora: Para cada uma das atividades abaixo assinale se as faz e com que frequência as faz.

Você...	Nunca	As vezes	Frequentemente
1. Costuma viajar nos feriados e finais de semana	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
2. Já foi ou é sócio de algum clube da cidade	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
3. Vai a centros culturais, como museus e exposições ou cinema	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
4. Possui ou já possuiu casa de veraneio	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Lê revistas semanais como Caras, Contigo	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Lê jornais impressos, como Folha de SP, O Estado de SP, ou telejornais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
7. Lê revistas semanais de variedades, como Veja, Época,	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
8. Pratica esportes algum tipo de esporte	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Frequenta academia	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Vai ao teatro	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
11. Acessa a internet (banda larga)	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
12. Frequenta cerimônias religiosas	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
13. Assiste a programas televisivos de documentários/entrevistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
14. Assiste a programas de variedades como Faustão, Hebe, Gugu	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
15. Costuma comer alimentos sofisticados (mineira)	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Frequenta festas na casa de amigos	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
17. Costuma usar vestimentas sofisticadas (sociais, grife)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
18. Você possui televisão a cabo (canais não convencionais)	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
19. Possui trabalhadores domésticos em casa	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Após ascender socialmente você passou a dar menos importância para a questão racial? Quando você ascendeu o preconceito diminuiu?

Entrevistado: Muito mais importante. O negro precisa ser consciente de que é necessário se dedicar. A educação é a mais coisa mais importante, e o comprometimento social. Eu escolhi trabalhar com a parte dos empregadores para estar mais próximo a minha realidade. Ser um bom profissional, não branco e não tem negro, não tem amarelo e não tem nada, ou você é ou não é. Um bom profissional não quer dizer no meu caso conhecer lei de cor e salteado. Você tem que conhecer lei, processo e o ser humano. Para ter um diferencial é importante aprender a renunciar coisas. Você entra na faculdade, quer ter um carro, uma moto, e você faz dívidas, ai você perde o conhecimento, ao invés de crescer você está caminhando para trás. Você deve esperar o tempo certo para as coisas. Cada coisa tem seu tempo. Eu nunca tive pressa para ter o meu primeiro carro. Eu só fui tê-lo no momento certo. Eu nunca tive pressa para ter uma casa melhor (...) o vencedor independente de raça deve saber respeitar as coisas no tempo certo. Quem faz isso, sabe dosar os passos, não tem como dar errado. Ou talvez pela razão racial tem mais dificuldade, mas quando ele ascende o preconceito diminui. Tem o respeito natural das pessoas e tem também o lado que impede que é uma barreira.

Pesquisadora: Você é casado, ou já foi casado? Caso seja/foi casado, seu casamento foi um interacial (misto), com uma pessoa de outra raça/cor? Como foi essa experiência? Você é contra o casamento misto?

Entrevistado: O que eu mais lutava (...) quando eu estava na faculdade tinha uma namorada negra. Saí da faculdade na sexta, fomos tomar um Chopinho (...) Ela disse para mim "olha eu acho que não vai dar certo não, nós somos dois negros, para nós vencermos neste mundo, nós estamos fritos!" Eu olhei para ela e disse "você pensa desta forma?", ela disse "penso", então eu falei: "É realmente não dá, porque o que você está pensando é a ultima coisa, eu não vejo, a

dificuldade”. Em 1907, na Alemanha, um alemão perguntou para ele se na terra dele todos eram iguais a ele. (falou bem no sentido pejorativo), e ele respondeu, “Na minha terra se mede o homem da cabeça para cima” então esta frase que é do Rui, ou não sei se é exatamente dele, não tenho certeza, tem muito a ver. Então nunca deixe medir o ser humano (...) eu nunca medi o ser humano por sexo, feminino ou masculino. Esta namorada minha fala para mim hoje: “como eu errei”. Ai eu tive uma outra namorada negra um pouco mais velha, sofisticada! Nós trabalhávamos em uma empresa e ela disse (...) As vezes eu guardo esses dois episódios, mas a minha tristeza de não ter dado certo. Eu achava muito lindo os negros, o casal (...) eu achava bonito, a minha caminhada poderia ter tomado outro rumo. De junto conquistar o mundo, sem inferioridade, sem medo (...)eu achava muito bonito a caminhada, mas também porque dentro da família eu ouvi alguém dizer “vê se trás um branco para não escurecer mais a raça”, e eu vi um preconceito horrroso nisso.

Entrevista com empresário do comércio de 33 anos é solteiro, possui um filho e mora atualmente na cidade de São Carlos.

Pesquisadora: Quando o senhor (a) se lembra de sua infância, consegue defini-la como uma infância feliz?

X	Sim
	Não

Pesquisadora: Consegue lembrar-se dos bons momentos, você pode citar alguns exemplos? E dos momentos ruins, consegue se lembrar de momentos de dificuldade, quais são os que mais o marcaram?

Entrevistado: Eu Acho que todo o ser humano na verdade para valorizar o lado humano, todo mundo deveria trabalhar desde cedo. Este é o grande problema que diferencia o vitorioso do perdedor.

Pesquisadora: Você estudou em escolas públicas ou privadas?

Entrevistado: Escolas públicas.

Pesquisadora: Qual é a sua escolaridade?

	Escolaridade do entrevistado(a)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. Série)	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input checked="" type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Como era sua vida escolar, você tinha muitos amigos, tirava notas boas, gostava de seus professores?

Entrevistado: Graças a Deus, sempre tive, maravilhoso. Sempre tirei boas notas.

Pesquisadora: Você nasceu em São Carlos/Araraquara? Se não, há quanto tempo se encontra na cidade? Quais foram os motivos que o trouxeram a cidade?

Entrevistado: Nasci em Muarana, Paraná.

Pesquisadora: Quando você era pequeno, quem era o chefe de sua família? Você possui lembranças positivas com relação a ele (ela)? Qual era o trabalho (ocupação) de seus pais? Você se lembra de ter passado dificuldades financeiras em sua infância?

Entrevistado: Eu não tenho pai, sempre sonhei em ser motivo da minha mãe se orgulhar. Minha mãe era doméstica. O que me ajudou assim foi minha mãe.

Pesquisadora: Qual a escolaridade de seu pai? Qual a escolaridade de sua mãe?

	Escolaridade pai (ou responsável) ¹¹⁴	Escolaridade mãe (ou responsável)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. Série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Você tinha muitos amigos na escola? Como era sua convivência com os outros alunos? Você gostava de sua aparência? Teve crise de identidade, ou alguma atitude rebelde típica dos adolescentes?

Entrevistado: Eu sempre tive muita personalidade mas nunca rebelde.

Pesquisadora: Que idade você tinha quando arranhou seu primeiro emprego? Qual emprego era? Conte um pouco sobre sua vida profissional, quais foram os caminhos que você percorreu?

Entrevistado: Aos 10 anos eu fui engraxate em Muarana, no Paraná. Depois eu fui sorveteiro. Aos 12 anos trabalhei em um posto de gasolina aqui em São Carlos. Ai fui convidado para trabalhar no Andreoli. Depois trabalhei 18 anos no Fernandes e graças a Deus chegou num ponto que eu era maior que a loja. Muitas pessoas iam lá só para conversar comigo. Ai eu resolvi sair e abri a loja com um sócio, com 60 mil reais. Na verdade ele que deu o dinheiro.

Pesquisadora: Para chegar ao cargo que você ocupa atualmente, alguém o incentivou financeiramente ou psicologicamente? Qual foi o papel da sua família, (quais as influências) dela, para a obtenção deste cargo?

Entrevistado: Não foi fácil, eu faço porque eu gosto.

Pesquisadora: Você gosta da sua profissão? Você identifica com ela, ou gostaria de ter outra profissão?

Entrevistado: Adoro e faço com carinho.

Pesquisadora: Quais foram as dificuldades que você encontrou para adquirir este cargo? Você sofreu algum tipo de preconceito no decorrer de sua carreira? Você se lembra de alguém tê-lo tratado mal ou com indiferença dentro da sua profissão, ou mesmo em sua vida cotidiana?

Entrevistada: Não (...) Já cheguei a jogar bola e o cara dizer: “Eu não gosto de negro”, eu digo: “ Bacana”. Preconceito na verdade é um problema cultural. Mas realmente chegar até onde eu cheguei e ser negro, é preciso se esforçar um pouco mais. Hoje você chega na loja com carro importado, vão te tratar bem.

Pesquisadora: Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação racial? Você acha que existe preconceito racial no Brasil?

Entrevistado: Que existe, existe. Mas é um problema cultural.

¹¹⁴ O entrevistado não tem pai.

Pesquisadora: As afirmações abaixo correspondem a frases que as pessoas costumam falar. Por favor, diga se você concorda ou discorda (totalmente ou em parte) com cada uma das idéias:

		Concorda totalmente	Concorda em parte	Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sei
A	Uma boa coisa do povo brasileiro é a mistura de raças	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
B	Negro bom é negro de alma branca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
C	As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esporte	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D	Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor da pele.	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E	Negro quando não faz besteira na entrada, faz na saída	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
F	Se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão	x	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
G	Se deus fez raças diferentes é para que elas não se misturem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: como você se define segundo seus próprios critérios, como você se vê, no que diz respeito à cor?

Entrevistado: Sou negro.

Pesquisadora: Como você se define em termos de cor ou raça seguindo os critérios do IBGE?

<input type="checkbox"/>	Amarela
<input type="checkbox"/>	Branca
<input type="checkbox"/>	Indígena
<input type="checkbox"/>	Parda
X	Preta

Comentário do entrevistado: Ta errado, preto não existe, é negro.¹¹⁵

Pesquisadora: Você possui alguma religião, é praticante, ou já foi praticante antes?

Entrevistado: Católica.

Pesquisadora: Para cada uma das atividades abaixo assinale se as faz e com que frequência as faz.

¹¹⁵ A partir deste ponto da entrevista, ocorreu algum problema técnico com o gravador e ele voltou a funcionar na questão seguinte.

Você...	Nunca	As vezes	Frequentemente
1. Costuma viajar nos feriados e finais de semana		X	<input type="checkbox"/>
2. Já foi ou é sócio de algum clube da cidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
3. Vai a centros culturais, como museus e exposições ou cinema	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Possui ou já possuiu casa de veraneio	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Lê revistas semanais como Caras, Contigo	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
6. Lê jornais impressos, como Folha de SP, O Estado de SP, ou telejornais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x
7. Lê revistas semanais de variedades, como Veja, Época,	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x
8. Pratica esportes algum tipo de esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x
9. Freqüenta academia	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Vai ao teatro	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
11. Acessa a internet (banda larga)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X
12. Freqüenta cerimônias religiosas	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
13. Assiste a programas televisivos de documentários/entrevistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x
14. Assiste a programas de variedades como Faustão, Hebe, Gugu	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
15. Costuma comer alimentos sofisticados	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Freqüenta festas na casa de amigos	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Costuma usar vestimentas sofisticadas (sociais, grife)	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Você possui televisão a cabo (canais não convencionais)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x
19. Possui trabalhadores domésticos em casa	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Após ascender socialmente você passou a dar menos importância para a questão racial? Quando você ascendeu o preconceito diminuiu?

Entrevistado: Eu tenho muito orgulho de ser negro, eu não vejo diferença, o preconceito é quando alguém se acha melhor. Na verdade o preconceito é um problema de ignorância, a gente tenta mostrar isso. Mas eu não vou falar que não existe. Eu sou humilde, mas eu sou sempre mais eu em qualquer situação.

Pesquisadora: Você é casado, ou já foi casado? Caso seja/foi casado, seu casamento foi um interacial (misto), com uma pessoa de outra raça/cor? Como foi essa experiência? Você é contra o casamento misto?

Entrevistado: Então eu acho assim, que somos raças humanas. Existe o preconceito de pessoas mais antigas, que acham que o negro é ladrão. A gente está sempre em busca de uma coisa que a gente não tem. Se seu cabelo é liso, você vai querer o cabelo encaracolado, é a mesma coisa no casamento. Então na verdade é um problema cultural. Em relação ao preconceito eu vejo tudo com relação ao problema cultural. O pai ensina que negro é ladrão.

Entrevista com Robson, tenente da polícia militar e micro-empresário do comércio de 53 anos, viúvo, possui duas filhas e mora atualmente na cidade Araraquara.

Pesquisador: Quando o senhor (a) se lembra de sua infância, consegue defini-la como uma infância feliz?

x	Sim
	Não

Pesquisador: Consegue lembrar-se dos bons momentos, você pode citar alguns exemplos? E dos momentos ruins, consegue se lembrar de momentos de dificuldade, quais são os que mais o marcaram?

Entrevistada: Consigo lembrar de uma infância muito feliz. Não foi uma infância de luxo e em roupas boas, mas pelo menos na alimentação era , meu pai era ferroviário, então a gente era bem ser servido. Ele tinha o armazém dele, na época era uma profissão bem reconhecida. Teve poucos momentos ruins. Teve tão pouco que eu nem me lembro.

Pesquisador: Você estudou em escolas públicas ou privadas?

Entrevistador: Estudei em escolas públicas, no EEBA, era uma boa escola, tinha até que prestar vestibulinho.

Pesquisador: Qual é a sua escolaridade?

	Escolaridade do entrevistado(a)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário incompleto	<input checked="" type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Como era sua vida escolar, você tinha muitos amigos, tirava notas boas, gostava de seus professores?

Entrevistada: Sempre fui inteligente principalmente em matemática, sempre tive muitos amigos e encontro eles até hoje. Naquela época não era tão divulgado o preconceito, não tinha tanta ênfase o racismo. Sempre aquele negócio, ô negrinho aqui e negrinho ali, mas não tinha ênfase no preconceito.

Pesquisador: Você nasceu em São Carlos/Araraquara? Se não, há quanto tempo se encontra na cidade? Quais foram os motivos que o trouxeram a cidade?

Entrevistada: Nasci em Araraquara, mas morei em outras cidades.

Pesquisador: Quando você era pequeno, quem era o chefe de sua família? Você possui lembranças positivas com relação a ele (ela)? Qual era o trabalho (ocupação) de seus pais? Você se lembra de ter passado dificuldades financeiras em sua infância?

Entrevistado: Meu pai era o chefe da família, até hoje. Meu pai era ferroviário, nasceu em Taquaritinga e sempre foi motorista de trem. Olha, até 10 ou 11 anos a gente não tem dificuldade financeira, mas a partir dos 13 anos comecei a trabalhar, para ajudar a família.

Pesquisador: Qual a escolaridade de seu pai? Qual a escolaridade de sua mãe?

	Escolaridade pai (ou responsável)	Escolaridade mãe (ou responsável)
Analfabeto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto (1ª. A 8ª. série)	X	X
Ensino fundamental completo (1ª. A 8ª. série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>	
Ensino universitário incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino universitário completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Você tinha muitos amigos na escola? Como era sua convivência com os outros alunos? Você gostava de sua aparência? Teve crise de identidade, ou alguma atitude rebelde típica dos adolescentes?

Entrevistada:

Pesquisadora: Que idade você tinha quando arranhou seu primeiro emprego? Qual emprego era? Conte um pouco sobre sua vida profissional, quais foram os caminhos que você percorreu?

Entrevistada: Trabalhei em padaria paulista, entreguei jornal, trabalhei no kib lanches, depois eu fui estudar em uma escola agrícola em Jaboticabal em três anos, é um curso técnico, ai voltei pra Araraquara, terminei os meus estudos. Ai eu resolvi fazer a escola de novo, porque a escola agrícola era muito prática. Quando voltei achei que eu deveria estudar o ginásio de novo. Ai naquela época eu trabalhava na eletro tamoio que hoje é o Magazine Luíza, a gente comandava Bauru, São Carlos e Ribeirão, isso foi 1978. Mandaram todos embora nesta época, eu tinha 3 meses de casado. Em março de 1979 eu entrei na polícia. Foi difícil entrar, tinha 260 candidatos e passaram só 12. Existe o teste físico, psicológico, o social. Mas eu tinha uma base porque estudei o ginásio 2 vezes. Ai dia 3 de maio de 79 foi a ultima prova em São Paulo. O Sargento foi chamando os classificados. E eu fui o último a ser chamado. Ai eu fiz uma festa de São Paulo até aqui. Ai eu fui pra Rio Preto fazer a escola de Soldado, fiz bastante amigos, e passei no primeiro lugar na escola. Ai eu tinha três opções de lugar pra escolher. Me mandaram pra Americana e como eu era bom de bola joguei no time da segunda divisão. Ai não gostava de lá, comecei a estudar e me mudei pra cá. Mas antes eu fiz o curso de cabo em São Paulo. E lá por causa da bola também os caras me seguraram pra jogar. De lá eu fiz o curso de sargento e fiquei quase um ano lá. Ai minha mulher ficou grávida de gêmeos, perdeu os bebês e nós resolvemos voltar pra cá. Só tinha vaga em Ribeirão, fiquei 5 anos lá e depois vim para o bombeiro em Araraquara.

Pesquisador: Para chegar ao cargo que você ocupa atualmente, alguém o incentivou financeiramente ou psicologicamente? Qual foi o papel da sua família, (quais as influências) dela, para a obtenção deste cargo?

Entrevistada: Meu pai nunca interferiu em nada, fiz tudo por mim mesmo. O estudo foi muito importante para eu chegar até aqui hoje.

Pesquisador: Você gosta da sua profissão? Você identifica com ela, ou gostaria de ter outra profissão?

Entrevistada: Adoro e adorava o bombeiro. Gosto agora da atual, mas é mais por necessidade.

Pesquisador: Quais foram as dificuldades que você encontrou para adquirir este cargo? Você sofreu algum tipo de preconceito no decorrer de sua carreira? Você se lembra de alguém tê-lo tratado mal ou com indiferença dentro da sua profissão, ou mesmo em sua vida cotidiana?

Entrevistada: A promoção na polícia é feita ou por merecimento ou por antiguidade. A polícia tem 20 promoções 10 por merecimento e 10 por antiguidades. O meu irmão entrou antes que mim e para ser sargento eu passei junto com ele. Depende de você, é pelo mérito. Nunca tive problemas com isso.

Pesquisadora: Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação racial? Você acha que existe preconceito racial no Brasil?

Entrevistada: Como policial já. Já cheguei na ocorrência, e por ser negro as pessoas não dão atenção. Isso já aconteceu várias vezes. Eu aqui já cheguei a comandar, mas mesmo assim acontece discriminação.

Pesquisador: As afirmações abaixo correspondem a frases que as pessoas costumam falar. Por favor, diga se você concorda ou discorda (totalmente ou em parte) com cada uma das idéias:

		Concorda totalmente	Concorda em parte	Discorda em parte	Discorda totalmente	Não sei
A	Uma boa coisa do povo brasileiro é a mistura de raças	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
B	Negro bom é negro de alma branca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
C	As únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
D	Toda raça tem gente boa e gente ruim, isso não depende da cor da pele.	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E	Negro quando não faz besteira na entrada, faz na saída	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>
F	Se pudessem comer bem e estudar, os negros teriam sucesso em qualquer profissão	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
G	Se deus fez raças diferentes é para que elas não se misturem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Como você se define segundo seus próprios critérios, como você se vê, no que diz respeito a cor?

Entrevistada: A minha cor é preta e minha raça é negra.

Pesquisadora: Como você se define em termos de cor ou raça seguindo os critérios do IBGE?

<input type="checkbox"/>	Amarela
<input type="checkbox"/>	Branca
<input type="checkbox"/>	Indígena
<input type="checkbox"/>	Parda
X	Preta

Pesquisadora: Caso se defina ou não como negro, você participa do movimento negro da cidade ou de algo semelhante? O que você acha sobre o movimento negro de sua cidade? Você é filiado a algum outro movimento na cidade? Algum movimento político, cultural, etc?

Entrevistada: Não participei. Eu acho interessante. Agora de um ano pra cá que eu to freqüentando o centro afro. Mas é mais pelo tempo, pela minha profissão. Mas acho importante lutar contra os preconceitos.

Pesquisadora: Como seus colegas de trabalho o vêem diante dos outros? O tratam com respeito, costumam fazer piadinhas de mau gosto, alguma referente a sua cor? Como os funcionários os chamam, pelo nome, ou por apelido?

Entrevistada: Sempre me trataram muito bem. Sempre tive um bom relacionamento com chefia e com os outros.

Pesquisadora: Depois que você adquiriu um certo status social, você percebeu que seus gostos e seu estilo de vida mudou? Como por exemplo, o estilo de roupa, sua alimentação, mudou de casa, de bairro, mudou seu gosto musical?

Entrevistada: Eu continuei o mesmo e não mudei em nada, continuo o mesmo.

Pesquisadora: Que tipo de atividades você costuma fazer/fazia (antes de obter este cargo) nas horas vagas?

Entrevistada: Não tem não.

Pesquisadora: Quando sai entre amigos, sai com os amigos da empresa ou amigos de fora da empresa? Se são de fora, você os conhece de onde? Que profissões eles possuem? (se fazem parte do movimento negro da cidade) Com quem saia antes?

Entrevistada: Eu saio pouco, mas tenho bastante amigos. Não gosto de freqüentar buteco.

Pesquisadora: Você possui alguma religião, é praticante, ou já foi praticante antes?

Entrevistada: Tenho a católica, mas não sou participante. Casa de umbanda eu também vou, mas não é sempre, só quando eu tenho problemas.

Pesquisadora: Para cada uma das atividades abaixo assinale se as faz e com que freqüência as faz.

Você...	Nunca	As vezes	Frequentemente
20. Costuma viajar nos feriados e finais de semana	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Já foi ou é sócio de algum clube da cidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
22. Vai a centros culturais, como museus e exposições ou cinema	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Possui ou já possuiu casa de veraneio	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Lê revistas semanais como Caras, Contigo	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Lê jornais impressos, como Folha de SP, O Estado de SP, ou telejornais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
26. Lê revistas semanais de variedades, como Veja, Época,	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Pratica esportes algum tipo de esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
28. Freqüenta academia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
29. Vai ao teatro	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Acessa a internet (banda larga)	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Freqüenta cerimônias religiosas	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Assiste a programas televisivos de documentários/entrevistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
33. Assiste a programas de variedades como Faustão, Hebe, Gugu	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Costuma comer alimentos sofisticados	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Freqüenta festas na casa de amigos	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Costuma usar vestimentas sofisticadas (sociais, grife)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
37. Você possui televisão a cabo (canais não convencionais)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
38. Possui trabalhadores domésticos em casa	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Pesquisadora: Após ascender socialmente você passou a dar menos importância para a questão racial? Quando você ascendeu o preconceito diminuiu?

Entrevistada: Eu sempre dei importância para a questão racial, mas sempre fiz pouco para resolver as coisas. Eu acho que quando os negros ascendem, eles sofrem mais preconceito racial, sofrem sim.

Pesquisadora: Você é casado, ou já foi casado? Caso seja/foi casado, seu casamento foi um inter-racial (misto), com uma pessoa de outra raça/cor? Como foi essa experiência? Você é contra o casamento misto?

Entrevistada: Não tem jeito de dar opinião, porque dizem que quando o negro está bem ele procura uma branca, eu não vejo problema, mas o povo pensa assim. Quando o negro está bem socialmente ai aparece esta questão. Mas vai fazer o povo entender isso.

Perfil dos(as) Empresários(as)

Nome	Cor/raça	Idade/ Nascimento	Estado civil	Escolaridade	Ocupação (setor)	Escolaridade Do pai	Profissão da mãe	Profissão do pai	Profissão da mãe	Cidade
Rosa	Marrom bom bom meio chocolate (negra)	45 anos/ 1963	Casada	Ensino médio completo	Empresária comercial	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto	Fabricava vassouras	Fabricava Vassouras	São Carlos
Fábio	Negro	50 anos/1958	Casado	Doutorado	Empresário industrial/comercial	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto	Empresário comercial	Do lar	São Carlos
Márcio	Negro	33 anos/1975	Solteiro	Ensino médio completo	Empresário Comercial	Não tem pai	Analfabeta	Não tem pai	doméstica	São Carlos
Robson	Negro	53 anos/1955	Viúvo	Ensino universitário incompleto	Empresário Comercial	Ensino fundamental incompleto	Ensino Fundamental incompleto	Ferroviário	Do lar	Araraquara
Edson	Negro	50 anos/1958	Casado	Ensino médio completo	Empresário Comercial	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto	Ferroviário	Do lar	Araraquara
Marisa	Negra	51 anos/1957	Casada	Ensino universitário completo	Empresária Comercial	Ensino fundamental completo	Ensino fundamental incompleto	Marceneiro	Costureira	Araraquara
Evandro	Negro	33 anos/1975	Casado	Ensino universitário incompleto	Empresário Comercial	Ensino universitário incompleto	Ensino fundamental completo	Encarregado geral de obras	Do lar	São Carlos
Anderson	Negro	37 anos/1971	Casado	Ensino universitário incompleto	Empresário comercial	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto	Militar	Do lar	Araraquara

Perfil dos(as) Profissionais liberais

Nome	Cor/raça	Idade/nascimento	Estado civil	Escolaridade	Profissão	Escolaridade Do pai	Escolaridade Da mãe	Profissão/ Ocupação do pai	Profissão/ Ocupação da mãe	Cidade
Marcos	negro	48 anos/ 1960	Casado	Ensino universitário completo	Advogado	Analfabeto	Analfabeta	Lavrador	Lavadora	São Carlos
Roberto	negro	X anos/	Casado	Ensino universitário completo	Advogado	Ensino médio completo	Ensino fundamental incompleto	Eletricista chefe	Do lar	São Carlos
Célio	negro	42 anos/ 1966	Casado	Ensino universitário completo	Engenheiro Civil	Ensino universitário completo	Ensino médio completo	Contador/ Funcionário público	Do lar	São Carlos
Ângela	negra	26 anos/ 1982	Solteira	Ensino universitário completo	Dentista	Ensino médio completo	Ensino fundamental completo	Gerente comercial	Gerente comercial	Araraquara
Paola	negra	23 anos/ 1985	Solteira	Ensino universitário completo	Farmacêutica	Ensino médio completo	Ensino fundamental incompleto	Bombeiro/ Empresário	Do lar/loja de roupas	Araraquara